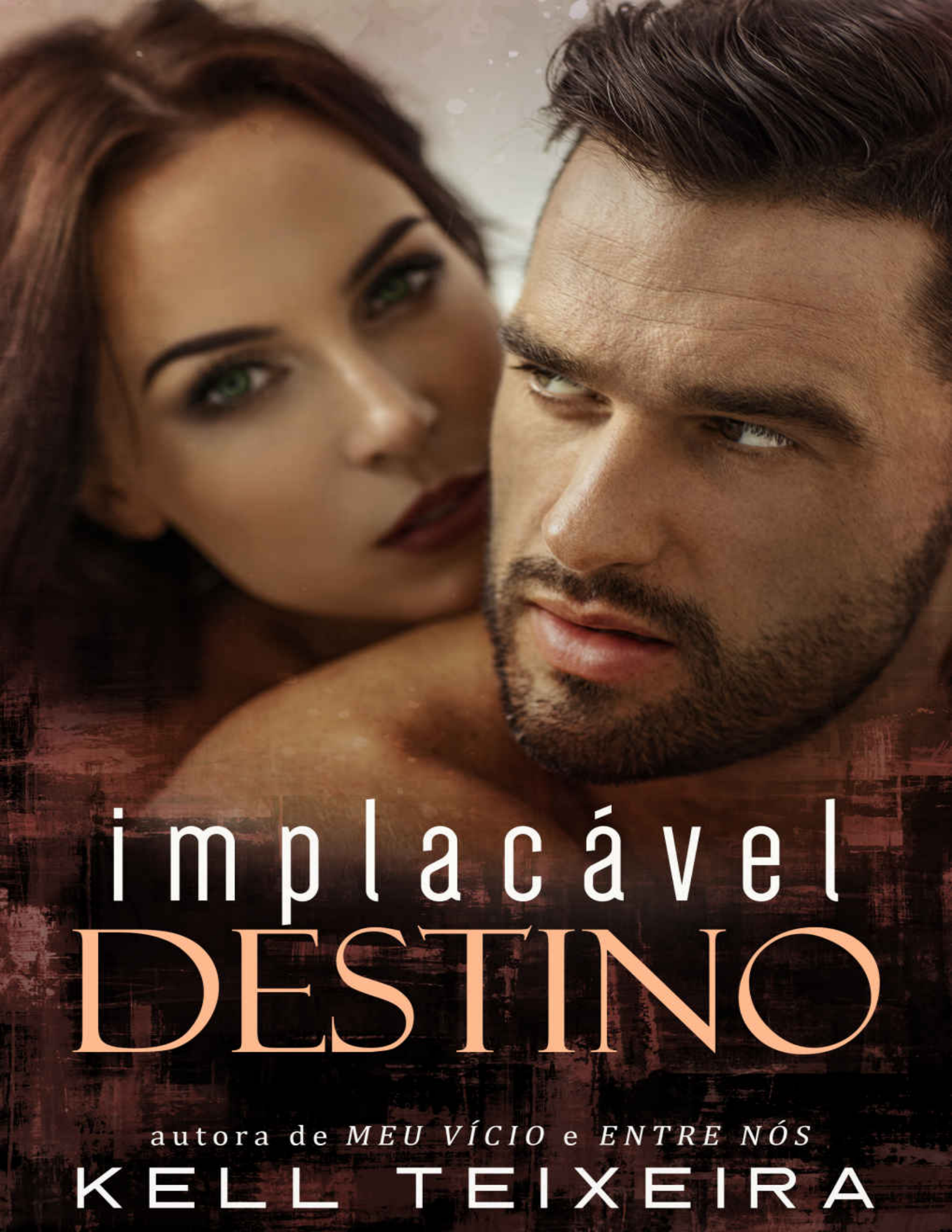


implacável DESTINO

autora de *MEU VÍCIO* e *ENTRE NÓS*

KELL TEIXEIRA

implacável DESTINO

autora de *MEU VÍCIO* e *ENTRE NÓS*

KELL TEIXEIRA

Copyright © 2021 by Kell Teixeira

Capa: One Minute Design

Preparação e Revisão de Texto: Andrea Moreira

Diagramação Digital: April Kroes

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora. Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Sumário

Sinopse

Nota da autora

Agradecimentos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Outras obras

Sinopse

Um amor esquecido no tempo.

Um intenso desejo por vingança.

Um casamento por contrato.

Quando Bryan viu Angelina pela primeira vez, soube que ela seria a única dona do seu coração. Ainda muito jovens, eles se entregarem a esse amor jurando que seria eterno. Todavia, o destino pode ser implacável, e, por vezes, transforma o sentimento mais puro em ressentimento e mágoa. E o felizes para sempre acaba em uma promessa de nunca mais.

Bryan se sentiu traído, passando a ver Angelina como uma megera fria e egoísta, enquanto ela sofreu calada, carregando o seu segredo trancado a sete chaves e odiando aquele homem que um dia prometeu amar.

Ela jurou vingança.

Ele prometeu nunca mais deixar alguém se aproximar.

Após anos espinhosos, o destino traiçoeiro os coloca em um casamento forçado, e essa parece ser a chance que esperavam para deixar

claro o quanto se odeiam.

Entretanto, quando ódio e amor duelam no mesmo patamar de força, há vencedores?

P.S.: Os acontecimentos deste livro sucedem os do livro Trapaças do Destino, sendo lá o gancho inicial para os demais acontecimentos aqui, portanto é extremamente necessário que o leitor leia o primeiro para que entenda o segundo.

Nota da autora

Implacável Destino é um livro que aborda um relacionamento muito complexo, retratando gatilhos e traumas de seus personagens, que podem provocar a sensibilidade de algumas pessoas. A história do Bryan e da Angelina não é construída a partir de um relacionamento saudável, e em determinados momentos a história pode revelar atitudes tóxicas de seus personagens. É um livro que fala sobre dor, amor, traumas (pesados) e como esses traumas são capazes de nos machucar, mas, acima de tudo, fala sobre redenção e perdão (pilares do amor). Em alguns momentos o livro pode se tornar pesado e algumas cenas até mesmo difíceis de ler. No entanto, como em todos os meus outros livros, dou aos personagens a chance de remissão, entretanto, são eles que ditam a própria história e permito, como tal, que ela seja contada fielmente.

Esta é uma obra de ficção que retrata sexo, linguagem obscena e violência em alguns trechos. Se você não se sente à vontade com esse tema e fica incomodado com a descrição de cenas de sexo, este livro não irá te agradar.

Caso, caro leitor, este não seja seu primeiro contato com a minha escrita, todos os meus avisos já lhe são familiares; todavia, caso seja, espero que mergulhe na história e se permita sentir as emoções sob a perspectiva de cada um dos personagens, que se emocione com seus erros e acertos.

Ressalto que se trata de uma obra de FICÇÃO, e, assim sendo, me permiti usar de licença poética para compor as tramas aqui descritas. Lembrando que em nenhum momento estou deixando explícito que concordo ou quero trazer esse relacionamento para a realidade de nossas vidas.

Se após os avisos você deseja continuar, espero que tenha uma experiência prazerosa.

Este livro é o segundo da série Destinos, sendo cada livro voltado para a história de um casal.

Livro recomendado para maiores de 18 anos.

Boa leitura!

Agradecimentos

Um agradecimento especial as minhas betas, Patrícia Souza, Adriana Melo e Cristiane Fernandes, que me ajudaram com conselhos preciosíssimos. Este livro em especial foi uma montanha-russa de emoções, surtos coletivos e individuais. Sou eternamente grata a vocês.

Um agradecimento também a Keila Teixeira, Pricilla Silva e Thales Amaral pela leitura final.

E a você, caro leitor, um eterno agradecimento por embarcar novamente comigo em mais uma leitura, espero que Bryan e Angelina possam te conquistar.

Você poderia ter me perguntado por que eu parti seu coração

Você poderia ter me dito que desabou

Mas você passou por mim como se eu não estivesse ali

E simplesmente fingiu que não se importava



The Weeknd



Capítulo 1

Bryan

Abri os olhos vagarosamente, e antes mesmo de ter a minha visão preenchida pela claridade da manhã, aquele incômodo na região craniana começou a ganhar intensidade, então me lembrei exatamente por que em manhãs como essa eu sempre prometia nunca mais beber.

Garrafas vazias espalhadas pelo chão, corpo dolorosamente pesado, roupas jogadas pelos cantos e uma Sabrina completamente nua em minha cama indicavam que sim, apesar de só ter vagas lembranças e uma dor persistente em minha cabeça, mais uma vez eu extrapolei.

Cambaleante, fui ao banheiro tentando não fazer barulho e me joguei debaixo de uma ducha fria com a esperança de ter uma trégua da enxaqueca que parecia disposta a persistir por todo o dia. Água fria ajudava, mas não trazia o alívio que no momento eu rogava os céus para alcançar.

Ainda com cara de ressaca, me enxuguei de frente para o espelho, ciente que era apenas mais uma segunda-feira com a manhã ensolarada que eu precisava encarar. Me vesti rapidamente e, depois de deixar Sabrina desmaiada em minha cama, com um trânsito lento de merda pela frente, segui para editora. Quando finalmente estacionei meu carro, mentalizei que era só mais um dia, e, como todos os outros, ao final dele eu estaria bem novamente.

Respirei fundo e me esquivei das promessas que fiz em não exagerar aos domingos, mas, como em todas as outras vezes, sempre as quebrava. Como dizia Erika, eu era movido por motivos, não por promessas, porque, segundo meus amigos, não era capaz de cumprir nenhuma delas. E eles tinham razão. E por isso, antes de perder tempo fazendo outra, saí do carro ciente de que aquele dia, mais do que qualquer outro, eu precisava de um café forte para tentar aplacar a dor incômoda na minha cabeça.

Um novo mês se iniciava, novos projetos para analisar e eu, novamente, de ressaca. Uma realidade tão batida que se tornou ultrapassada, em se tratando das segundas. Mas ao contrário da maioria das

pessoas, eu gostava de previsibilidade. Após um breve sorriso para Cibelly, minha recepcionista que conhecia bem essa minha cara, cheguei à minha sala. Mas naquele dia, além do copo com o líquido que se tornava mágico em manhãs como aquela, me deparei com a última edição da revista Focco em cima da minha mesa, que trazia novamente a Angelina Paytron como matéria de capa.

O nó na garganta se formou antes mesmo de qualquer pensamento. Respirando fundo, eu me perguntei se um dia seria agraciado ao olhar para uma foto dela e não sentir nada.

Nada.

Uma palavra que representava bem o que significávamos na vida um do outro.

Relaxe, Bryan, tem dois meses. O jogo acabou, ela novamente conseguiu o que queria. Venceu e não vai mais voltar.

A frase girava por minha cabeça, mais como uma prece do que um mantra, enquanto meu olhar traidor se mantinha fixo em sua foto de capa. Maquiagem marcante, uma pose sensual exibida em um *look* tão atrevido quanto convidativo. Se eu já não conhecesse bem a pessoa por trás daquele rosto estupidamente perfeito, teria sentimentos bem mais generosos e sexuais ao me deparar com cada nova foto exposta nas páginas da revista.

Mas eu sabia como ela era, e por esse motivo lamentava por um dia tê-la conhecido, enquanto meus olhos vagavam por páginas que exaltavam seus grandes feitos na carreira e por ganhar novamente o título de modelo do ano. Eu sabia e parecia estúpido admitir naquele momento, sendo que, há apenas alguns meses, minha boca estava na dela. E indo além, teria bem menos arrependimento se fosse só a boca, mas eu merecia passar por tudo isso. Porque depois de tudo, de todas as merdas, ainda fui capaz de permitir que ela se aproximasse novamente.

O preço é alto quando apostamos na ilusão. E em se tratando de Angelina, meu coração parecia quase implorar para se iludir.

Continuei a folhear a matéria sem me render, tudo que meu cérebro processava era que eu precisava manter uma distância segura. Porque ela era boa, não só em foder na cama, mas com a porra da minha vida também.

Entre páginas e goles de café, tudo parecia seguir seu curso. Talvez fosse a porra da enxaqueca, mas sorri de canto ao me certificar que finalmente Evelyn, minha nova assistente, havia acertado na escolha do *machiado* — cinquenta por cento café com uma mancha de leite cremoso no topo. Mesmo sem entender o porquê de a revista estar em minha mesa e ignorando essa contradição de sentimentos — a bagunça que ela sempre deixava para trás —, continuei, sabe-se lá por que diabos, até chegar à foto

que prendeu minha atenção. Nós dois juntos no evento de lançamento do livro.

Merda!

Como ela pôde?

Angelina Paytron anuncia pausa na carreira para se dedicar aos preparativos do casamento. Apesar de o mundo da moda ser pego de surpresa, a modelo mais bem paga do ramo se diz realizada, não apenas na carreira, mas em tudo que conquistou, e mediante a isso, agora quer cuidar do coração. Confessando inclusive, que ela e seu noivo, Bryan Martin Claret, muito apaixonados, acreditam ser esse o momento certo para a união.

DOIS MESES!

Dois meses sem a porra de uma notícia, uma única satisfação ou um mero pedido de desculpas. Dois meses sem uma tentativa de contato, sem explicações, saudades, brigas, nada... dois meses sem uma palavra dela. Depois de tudo, ela faz uma merda dessa?

Precisei ler três vezes para ter certeza de que era o meu nome escrito ali. Antes que eu pudesse assimilar a notícia, meu celular chamou a minha atenção ao vibrar no bolso, só então notei que ele estava no silencioso e eu

tinha várias chamadas perdidas. Fui direto às mensagens, e ao ver a última senti o coração bater descontroladamente.

Parabéns, bebê, espero que esteja tão feliz quanto eu pelo nosso casamento.

É assim que você passa a viver no inferno, ou, no meu caso, volta a ele? Que porra essa louca estava armando agora?

Puto, peguei o telefone e liguei para Angelina, mas caiu direto na caixa postal. Em seguida, tentei de novo, e de novo e de novo, mas nada, sempre caixa postal.

Alguns minutos depois, Evelyn entrou toda sorridente na minha sala e me olhou de um jeito que beirava à bizarrice.

— Parabéns pelo casamento com a srta. Paytron. Sou uma grande fã dela, ela é magnifica, sem contar como é linda... — Devo ter feito uma cara tão feia, que minha assistente tentou se justificar rapidamente. — Desculpe, não queria parecer invasiva, mas o senhor está em vários sites de fofocas e...

— O quê? — praticamente gritei. — Como assim?

Ela se aproximou e me mostrou a tela do celular, e lá estavam fotos minha ao lado de Angelina no lançamento do livro. Vários sites anunciando o suposto casamento.

— Evelyn, isso é mentira!

— Não é não, a assessoria dela confirmou, está tudo aqui. — Minha assistente apontou para a matéria.

— É mentira, estou dizendo que é mentira.

Um tanto constrangida e confusa, ela me encarou.

— Me desculpe, senhor, mas está em todos os sites, então achei que fosse verd...

Antes que ela pudesse terminar a frase, levantei minha mão para atender meu telefone que começou a vibrar. Era Mike.

— Como que o "bem-sucedido empresário" do ramo literário vai se casar e não comunicou aos amigos? — Ele frisou o bem-sucedido empresário, claramente debochando.

De todos os caras da turma, eu era considerado o menos bem-sucedido, e não era mentira, mas eu pouco me importava com isso. A maioria deles priorizava dinheiro, enquanto eu apenas queria viver, aproveitar o presente.

— O quê?

— Abri o *Celebridades* e o vi na primeira página com a manchete: *Angelina Paytron comunica seu casamento com o bem-sucedido empresário do ramo literário, Bryan Martin Claret. Apaixonados, eles não querem*

mais adiar. — Ele continuou lendo a matéria e cada vez que mencionava o bem-sucedido empresário, Mike caía na risada. Merda!

— Vai à merda, Mike. Você sabe que isso é mentira, não perca seu tempo com isso.

Estava para encerrar a ligação quando sua voz soou do outro lado da linha.

— Não é, não. Além de vocês estarem em primeiro lugar no *trending topics* do Twitter, a assessoria dela está confirmando tudo, cara.

— Foda-se a assessoria dela, ou o Twitter eu estou dizendo que é mentira! — afirmei em um tom tão alterado, que Evelyn pareceu se assustar.

— Cara, saiu na Focco, a maior revista de moda, e sei que ela tem credibilidade no mercado. Amigo, entre a Focco e você... sinto muito, meu caro, mas acredito neles — provocou e caiu na gargalhada.

— É problema seu, então, Mike. Agora não posso mais perder tempo com isso, tenho problemas de verdade para resolver. Preciso desligar — disse, irritado.

Antes de encerrar a ligação, o nome de Adryan apareceu na tela em outra chamada.

Puta que pariu! Merda dupla!

— Ainda somos amigos? — ele perguntou em seu habitual tom sério, enquanto eu pensava em como justificar essa mentira. — Cara, você está na Focco, virou celebridade agora.

Então ouvi ao fundo a risada de Mike e Priscila, ou melhor, a gargalhada deles.

— Está faltando serviço aí, hein? — pontuei, me sentindo sufocado.

— Não, Bryan, agora é sério. O almoço ainda está de pé ou temos que confirmar com a sua assessoria? — ele insistiu, arrancando novas gargalhadas.

— Dá um tempo, vai — disse, mais frustrado ainda.

— Ei, cara, que isso? Mas, me diz uma coisa, agora é sério. — Ele fez uma pausa. — Quando o empresário bem-sucedido do ramo literário vai se casar? Não somos celebridades, mas somos seus amigos e queremos estar presentes — concluiu e caiu na gargalhada. Os idiotas pareciam estar se divertindo a minha custa.

— Adryan, pare de andar com o Mike. Você costumava ser o chato da turma, não o palhaço. E só para te lembrar, Amy se apaixonou pelo chato, e só tem uns dez por cento dessa cara aí em você, então, para o bem do seu casamento, volte a ser ele.

Ao perceber o quanto eu estava irritado, ele parou de rir.

— Okay. Chega de brincadeira. Mike e Priscila, podem voltar a trabalhar — Adryan disse e logo voltou a sua atenção para a ligação. — Agora me fala, você sabe por que ela fez isso? A Focco é uma revista renomada, de credibilidade, ela não ia inventar uma história dessas. Vocês estão juntos? — Havia curiosidade em seu tom, diria até certa malícia.

— Não, e fico surpreso por você achar isso. — Ele não disse nada, então concluí: — A última vez que a vi foi no evento de lançamento do livro. Não sei o que esse demônio pretende com isso, ou aonde quer chegar. Fiquei sabendo dessa loucura como todos vocês, pela revista. Tentei ligar para aquela maluca, mas só deu caixa postal, também estou no escuro, sem entender nada.

— Bryan, Angie sempre foi muito dedicada ao trabalho, ela não usaria uma matéria de uma revista importante para disseminar mentiras. Pode ser só uma jogada de marketing com o lançamento do livro... expandir os negócios, dar visibilidade — ele sugeriu, parecendo chegar a essa conclusão.

— Adryan, em se tratando da Angelina está perguntando para a pessoa errada. Eu não sei nada sobre ela, não sei o porquê ou qual a intenção dela com essa merda. Mas, cá entre nós, ela nunca foi muito racional, então não me surpreende essa loucura, seja lá o motivo.

— Se quiser, posso te passar o telefone do empresário dela, assim vocês podem conversar e tirar essa história a limpo, já que seu nome está envolvido.

— Me envie por mensagem, mais tarde eu ligo para ele ou, pensando bem, você poderia ligar, já que se preocupa e tem mais intimidade que eu. — Soou ríspido, eu sabia, mas queria deixar claro que queria encerrar o assunto, e tinha certeza de que ele percebeu.

— Entendo, depois nos falamos.

Um dia de merda, foi isso que eu tive. Com essa mentira, Angelina conseguiu fazer o meu dia na editora ser a porra de uma confusão. Telefone tocando a cada segundo, revistas de fofoca querendo fazer entrevistas, ou apenas uma confirmação. De repente, meu mundo virou do avesso por conta de uma mentira publicada em uma revista.

Até Sabrina me ligou indignada, gritando que eu era um filho da puta, safado. Pensei em protestar, mas quando ela disse que estava tudo acabado entre nós, decidi ficar quieto, os nossos encontros estavam começando a ficar recorrentes, então aproveitei a oportunidade para colocar um fim em algo que estava começando só na cabeça dela, pois sempre deixei claro que era somente sexo.

No almoço, encontrei com Mike e Adryan e, obviamente, as piadas continuaram. Quando finalmente encerrei o expediente, passei na casa dos meus pais e fiquei grato por eles não acompanharem esse mundo de celebridades. Agora eles vinham se dedicando à jardinagem, isso estava ajudando bastante na terapia da minha mãe contra a depressão.

Estava tão dominado pelo ódio, que se Angelina aparecesse na minha frente, eu nem saberia dizer o que seria capaz de fazer com ela.

Antes de chegar à minha casa, Erika me ligou, mas diferente de Adryan, Mike e todos os outros desocupados que se intitulavam meus amigos que tiraram uma com a minha cara o dia todo, ela não fez nenhuma piada. Eu só tinha duas pessoas que poderia conversar e realmente me abrir — ela e Amy —, no entanto, Amy estava na reta final da gestação e seu foco era o nascimento da Bia, então achei melhor não a preocupar com mais esse problema.

— Bryan, por que ela fez isso? — Erika e seu imediatismo nato.

— Não sei. E eu tinha a esperança de que essa desgraçada havia me esquecido.

— E o que pretende fazer?

— Desmentir.

— Mas é uma mentira mundial, sabe que será mais complicado.

— Erika, você é a única dos meus amigos que sabe como Angelina foi um demônio comigo, infernizou a minha vida. Não sei como ela vai fazer, mas ela vai ter que acabar com essa merda!

— Por que ela fez isso? Caramba, essa mulher é uma pessoa pública, uma celebridade. Notícia falsa não é algo bom para alguém com a credibilidade dela. Então, por que agora?

— Não faço a mínima ideia. Passei o dia questionando a sua sanidade, tentei entrar em contato com ela, mas não consegui. Tentei o empresário, mas ele não me atendeu. Sinceramente, não estou entendendo nada. Ela é assessorada, e muito bem, para deixarem que merdas como essa criem asas. Então, por que eles não fazem nada?

— Bryan, será que tem alguma coisa a ver com aquela cláusula do contrato? — ela perguntou com receio.

— Não — respirei fundo, derrotado —, quer dizer, é a porra de uma multa milionária, não um casamento.

— Sim. Mas se ela decidir cobrar, o que você vai fazer?

Agora o ar pareceu ficar preso nos meus pulmões.

— Vou ficar na merda — finalmente confessei. — Me diz por que fui assinar aquela porra de contrato?

— O problema é que você confiou na Amy, o que não te exime da culpa, claro. Você deveria ter lido, no entanto, sabemos que estava ocupado demais comendo a modelo para notar isso. — Ela jogou essa verdade na minha cara.

Algo ruim de alguém saber tudo sobre você é justamente poder jogar na cara as merdas que faz.

— Erika, só pra saber, você está do meu lado?

— Claro que estou, mas pensar com o pau só te mete em confusão. Sabrina é outra que anda fazendo planos para se casar com você.

— Alguma coisa me diz que ela já desistiu. — Nós dois rimos. — Merda, que estresse arrumei para a minha vida.

Apesar de tudo, Erika tinha razão, sempre teve. E se eu a tivesse escutado antes, não teria me metido em um problema desses.

Sem ter o que questionar e com a cabeça fervendo, me despedi dela e acabei desligando. Abri o portão e estranhei ao ver uma luz acesa na casa. Devo ter esquecido, provavelmente.

Assim que entrei em casa, levei um susto do caralho. O demônio estava sentado no meu sofá. Acho que demorei alguns minutos para me recuperar. Me questionei como ela conseguiu entrar, uma vez que troquei a

porra da senha de acesso, mas entre todos os meus problemas, esse era o menor deles.

Precisando de respostas, corri em sua direção e a puxei pelo braço.

— É com você mesmo que eu quero falar. Que porra é essa, Angelina? Que merda está aprontando?

Seu sorriso surgiu, e ainda que eu estivesse claramente puto, ele continuou intacto em seus lábios.

— Bebê, eu também estava com saudade, mas não precisa ser tão viril. Você está me machucando. — Olhei para ela, mal acreditando em suas palavras. — Pode me soltar? Precisamos conversar.

Soltei-a, mesmo sem querer.

— Angelina, por que inventou aquela mentira? — perguntei, irritado.

— Qual? — Ela deu uma de desentendida. — Se está falando do nosso casamento... Vai ser um grande evento, merece toda essa atenção.

— Você é louca?! — gritei. — Que porra de casamento?

— Ah, bebê, você sabe que somos destinados a ficar juntos. Eu te amo e você me ama. Você me prometeu isso quando me entreguei a você, eu acreditei em cada palavra. Com o passar dos anos achei que isso nunca aconteceria, mas bastou uma noite juntos para que eu percebesse que você

só precisava de uma ajudinha para cumprir a sua promessa. Amor, estou mais do que disposta a te ajudar.

Porra, ela estava louca, não tinha outra explicação. Angelina continuou sorrindo, e esse sorriso me irritava pra caralho. Tentando manter o controle, apontei para a porta.

— Angelina, isso não vai acontecer nunca. Saia daqui e chame a sua assessoria para desmentir essa merda.

Aquele sorriso endiabrado apareceu novamente em seu rosto, como um exímio jogador que sabia que a porra do jogo já estava ganho.

— Ah vai, vai sim. E vou te contar um segredinho — sussurrou ao se aproximar do meu ouvido. — Em menos de um mês, vamos estar casados. Desculpa, Bryan, eu também achei que tinha te superado — ela tocou o meu rosto —, mas descobri que quero te dar outra chance, sei que só seremos felizes juntos — ela disse com tanta convicção, que acabei rindo.

— Vai me dar uma chance? Em que mundo você vive para achar que eu, depois de toda a merda que você fez naquele evento, que gerou consequências graves, iria me casar com você? Angelina, você expôs Amy, Adryan e eu de uma forma mesquinha e vil. Fez da vida da Amy um inferno, quase a perdemos e...

— Ah, por favor, querido, por acaso era eu quem estava dirigindo o carro que a atropelou? Ou a empurrei? Não seja ridículo. O acidente aconteceu bem depois e, querido, se acha que podemos culpar os outros pelos nossos erros, está enganado. Mas olhe pelo lado bom, era amor verdadeiro, afinal, estão juntos e felizes, como nós também iremos ficar.

— Deus, você é perturbada mesmo. E o pior é que fez merda e sequer é capaz de admitir. Para não continuar alimentando essa loucura, vou ser bem sincero com você. Não vai acontecer nem aqui nem no inferno, eu te garanto. Agora vá embora e me esqueça.

— Vai sim, bebê. — Ela riu novamente e desviou o olhar. — Some o valor de mercado da *sua* editora, mais a sua casa, a dos seus pais e a casa de campo. — Angelina agora ria com soberba, revelando suas cartas. E para a minha merda de sorte, eu sabia exatamente aonde ela queria chegar. E ficou evidente pelo meu olhar assustado. — Então, some tudo, tudinho, pode incluir os carros também, vai ajudar. E, adivinha? Esse valor não paga a multa da cláusula penal. — Ela voltou a rir.

Frustrado, desviei o olhar.

Que merda!

Porra!

Caralho!

Eu não conseguia acreditar que tinha escutado isso.

— Você jogou sujo, Angelina. Falou para a Amy que todos os seus contratos eram celebrados daquela forma...

Ela riu, agora com mais malícia.

— Eu não menti. No entanto, todos com quem costumo negociar, além de terem como arcar, sabem cumprir o contrato.

— Pelo amor de Deus, Angelina, isso é ridículo. Não está fazendo isso por tiragem de livros. Você garantiu que era o suficiente.

— Essa garantia está no contrato? Acho que não. — Sorriu novamente. — Bryan, o plano é observar esses pequenos detalhes, porque uma coisa que você precisa aprender é que a vitória está neles.

— Não tenho que pagar de uma só vez, posso fazer isso aos...

Ela levantou o dedo indicador e o moveu de um lado para o outro, negando, enquanto continuava com aquele mesmo olhar endiabrado.

— Cláusula penal é para que nenhuma parte saia lesada. E como eu sou a parte que está sendo lesada, enquanto aguardo meus advogados, vim aqui te notificar pessoalmente. Normalmente, dá-se um prazo improrrogável para o cumprimento, sob pena de medidas judiciais, ou seja, se não cumpriu, eu vou entrar com a ação. E meus advogados vão fungar no

seu cangote, todos atrás dos seus bens. E não pague para ver, porque ao contrário de mim, eles não são bonzinhos.

Respirei fundo, agora mais do que nunca ciente da merda que fiz.

— Isso é ridículo, uma nova tiragem já está em produção e deve...

Angelina riu.

— Depois de dois meses? Acho que nenhum juiz vai levar em consideração.

— Merda! Angelina, por que está fazendo isso? São meus pais, sabe que não tenho condições de pagar a multa, não de uma vez. Mas olha, a nova tiragem sai em um mês, e se quiser paro com todas as outras publicações e todo o investimento da editora será direcionado apenas para o seu livro, eu...

— Não, bebê, calma. Eu não quero fazer isso com você ou com os seus pais. Não, isso seria demais para eles. Seria horrível que eles vissem que você perdeu tudo o que *eles* construíram — ela falou com deboche, e eu odiei ouvir as palavras dessa mulher. — Por isso que estou aqui, aceitando me casar com você.

— O quê?! — disse, me afastando para não fazer merda. — Por que quer se casar comigo? Angelina, se está assim por Adryan ter se casado, ou, sei lá, porque eles vão ter um bebê... eu entendo. Entendo mesmo, mas não

precisa ir por esse lado. Essas coisas acontecem, dá para superar sem agir feito louca, entende?

— Ah, querido, acha mesmo que isso é pelo Adryan, ou que me importo com ele e com a sonsa? — Ela tocou meu rosto. — Eu já disse, isso é sobre nós dois. Fico emocionada ao ver o seu entusiasmo. — Ela mordeu os lábios, segurando o riso.

Definitivamente, eu odiava essa mulher.

— Merda! Você não pode querer se casar comigo, eu te odeio — afirmei, olhando em seus olhos verdes intensos.

— Tudo bem, eu aceito isso. Eu sei que o ódio nada mais é do que o amor mal correspondido, carente de atenção. Eu estou aqui para corresponder, consertar isso, sei que vamos ser muito felizes juntos.

— Angelina — respirei fundo, querendo controlar a raiva —, eu vou te pagar. Vou vender essa casa, meu carro, pego o que tenho no banco e...

Ela me encarou de maneira maldosa.

— Você não tem nada no banco. Na verdade, você não tem nada. No mundo em que vivo, o seu dinheiro não é nada. Mas não se preocupe, eu vou te fazer chegar lá. Bryan, eu vou te mostrar o que é fazer dinheiro, sua conta bancária vai ter tantos dígitos, que até mesmo seus amigos vão ter inveja de você.

— Puta que pariu, você realmente é louca!

Naquele momento, eu sentia ódio dela e de mim. Que merda eu fiz com a minha vida ao jogar com esse demônio. Me sentei no sofá, minha cabeça agora explodia, pensamento acelerado, sangue quente, mãos trêmulas, a razão me implorando para manter a calma.

— Amorzinho, eu comprei a nossa casa, sei que você vai amar. Estou sabendo dos problemas que está passando com a sua mãe, acho que um cruzeiro pela Grécia irá fazer bem aos dois, até comprei as passagens e...

— Você o quê?! — perguntei, não querendo acreditar nas palavras dela.

Adryan tinha razão, uma pessoa em seu estado normal não agiria dessa maneira.

— Comprei, bebê. Vai ser logo depois do nosso casamento. Você vai querer uma cerimônia mais íntima na Itália, ou Paris? O que acha? Tem algo em mente?

Levei as mãos à cabeça e apoiei os cotovelos nas pernas. Frustração era pouco para o que eu sentia no momento.

— Eu não entendo... por que está fazendo isso? Angelina, não precisa ser assim. Se acha que temos uma chance, vamos pelo caminho certo.

— Bryan, não. — Arqueou a sobrancelha, provocando. — Eu sei como funciona o jeito certo para você e, adivinha, não funciona porra nenhuma! Já nos conhecemos há tempos, nos amamos e vamos nos casar. Chega! Acabou a discussão. O mais difícil você já conseguiu, eu aceito.

Ela me fez rir. Merda. Me fez gargalhar a ponto de quase chorar. Angelina não ia desistir, não importava que porra eu falasse, ela não abandonaria essa ideia. Ela se aproximou, se agachando à minha frente.

— Confie em mim, você precisa de mim. E isso não é ego, bebê. — Ela sorriu. — Você vai ser muito grande, farei isso acontecer. — Acabei rindo. — Por que você acha que todos enlouquecem para fechar contratos comigo? Vou te introduzir no mercado, e os grandes escritores irão correr para publicar livros com você.

— Meu Deus, o pior é que você acredita nessa loucura, não é?

— O amor nos torna um pouco loucos, pode acreditar. Vou te enlouquecer também.

— Já faz isso na força do ódio — desabafei. — Você claramente não está bem, Angelina, esse casamento não tem chance alguma de dar certo.

— Interessante... Acha mesmo que tem a possibilidade de não sermos felizes juntos? Você tem pouca fé no amor, precisa melhorar isso.

— Não, eu não acho, estou apenas englobando as possibilidades, afinal, somos apaixonados, não é? — ironizei.

— Vamos nos casar em um mês. — Ela me deu um sorriso vitorioso. — Está decidido.

— Angelina, você realmente não está bem. Não sei se está fazendo tratamento com um psiquiatra, mas precisa. Ter uma transa boa, ou no nosso caso, algumas, não significa que temos que nos casar, caso contrário, eu estaria casado há anos. — Sua expressão se tornou séria ao me escutar. — Não estou falando do passado, aquilo acabou há muito tempo, falo da última vez que ficamos. Foi bom, muito bom, admito, mas não passa disso. Eu nem mesmo sou um cara fiel, e você merece bem mais do que alguém como eu — disse, tentando de alguma forma fazê-la raciocinar.

— Eu sei que no início pode ser complicado para você, mas estou disposta a lutar por nós. Não se preocupe, eu não vou desistir, não importa o que você faça. Vai dar certo, eu te prometo.

— Você não está sendo racional, isso nunca vai dar certo. Casamento algum pode ficar bem se uma das partes está sendo forçada.

— Bryan, eu já decidi. Só precisamos de uma chance, e eu vou te dar...

— QUE PORRA, ANGELINA! — gritei. — É loucura! Não vamos ser felizes juntos, não vamos voltar no tempo em que fomos apaixonados. Aquilo que vivemos morreu lá, entende? Você seguiu a sua vida, eu segui a minha. Esquece essa merda e vá viver, porra! — O mais louco era que ela parecia fascinada por me ver perder a cabeça.

— Bebê, bebê... Okay, eu já disse que aceito me casar com você. Estou decidida a não deixar nada nos atrapalhar, nada me fará desistir de nós.

— Se você me obrigar a entrar nessa merda, eu juro que vou fazer da sua vida um inferno — ameacei com grosseria, e a praga riu. Somente riu.

— Já é sem você, por isso estou nos dando uma chance. Quero sair dele e só você pode fazer isso por mim.

— Eu não vou mudar a minha vida por sua causa.

— Vai querer mudar, tenho certeza disso. Agora eu preciso ir, tenho um casamento para organizar, que por acaso é o nosso. Você pode até opinar se quiser, estou aberta a sugestões.

Eu permaneci em silêncio, apenas esperando acordar desse pesadelo, ciente de que tudo não passava disso. Um pesadelo.

Angelina se levantou, soprou um beijo para mim e simplesmente saiu.

Minha noite foi uma merda.

No dia seguinte, cheguei à editora às seis e fui direto pegar o contrato. Ao ler a cláusula novamente, dei um murro em minha mesa. Respirei fundo e liguei para Erika, como boa advogada que ela era, apesar de já ter deixado claro que me meti em problemas, poderia me ajudar. Ela conseguiria uma saída provisória, talvez recorrer... não sabia. Mas Erika me ajudaria.

Falei com ela e contei tudo que Angelina tinha me falado na noite anterior, até sobre as ameaças. Como estava de saída para uma audiência, Erika sugeriu que almoçássemos juntos e que eu levasse a merda do contrato para que ela pudesse analisar melhor as possibilidades.

Estava decidido, se Angelina queria fazer da minha vida um inferno, eu também estava disposto a fazer o mesmo com a dela.



Capítulo 2

Bryan

Enquanto observava a chuva forte na rua, perdido em pensamento, me questionava como não vi nas entrelinhas. Eu estava extremamente apreensivo, que jamais teria notado os quinze minutos de atraso de Erika se não estivesse tão fodido.

Quando ela finalmente se sentou à minha frente, antes mesmo de me cumprimentar ou se justificar, coloquei o contrato à sua frente. Notando a minha ansiedade, minha amiga se apressou em ler, apesar de essa não ser a primeira vez que o fazia.

— Bryan, é complicado. A cláusula penal deveria ter sido contestada antes de assinarem o contrato de publicação do livro, e como você não o fez, o juiz certamente vai entender que ambas as partes estavam de comum acordo. A modelo não está apenas se valendo do seu direito, é a parte lesada e pode exigir o pagamento em dinheiro ou entrega de um bem, e nesse caso, como ameaçou, todos os bens da editora e dos sócios podem responder por esta dívida.

— Puta que pariu! Eu tenho chance de recorrer? — Ela negou com aquela cara de sim, você fez merda e sinto muito por isso. — Então a solução é me casar com ela? — perguntei, me sentindo sem saída.

— Por que não cumpriu o contrato e fez a nova tiragem assim que a primeira esgotou?

— Esgotou no segundo dia. Fora que a editora estava em um momento complicado, usei o dinheiro para cobrir algumas dívidas e manter outros contratos. Merda, depois do que houve no evento, eu achei que ela ter aceitado publicar com a editora foi apenas para sacanear a Amy e eu. Sabe, com aquela cena ridícula no lançamento do livro, eu jamais imaginei a possiblidade de ela voltar e fazer toda essa merda. — Desviei o olhar. — O que eu faço agora, Erika?

— Talvez pagar pra ver. Existe a possibilidade de ela estar blefando para sei lá, provocar o Adryan?

— Ainda que seja para provocá-lo, se armou isso tudo não acho que esteja blefando e vai levar essa merda de casamento até o fim. que porra! Como eu fui cair nessa!? — disse, irritado comigo mesmo.

Erika desviou o olhar e eu já sabia o que ela iria falar, nós dois sabíamos como caí nessa — sexo e a merda do meu coração crédulo.

— Bom, talvez você possa exigir algumas coisas que a façam voltar atrás.

— Tipo?

— Sei lá, seja irracional como ela é. Diga que já que está sendo obrigado a entrar nessa loucura, vai querer todos os lucros referente às vendas dos livros, ou uma quantia que seja suficiente para quitar o valor da cláusula penal, caso haja um processo. Mediante as circunstâncias, provavelmente a modelo irá recusar e...

— E se ela recusar, eu não me caso e ela não me processa? Seria simples assim? — questionei.

Erika levou a mão ao queixo, pensativa.

— Talvez...

— Você não conhece a Angelina. Com ela nada é simples. Ela é tão ardilosa, que as pessoas só conhecem da vida dela o que ela permite conhecer, e por isso que a acham uma santa...

— Talvez esteja aí a solução, jogue sujo como ela. Tem algo sobre a modelo que você sabe e que pode usar para ameaçá-la? — Erika me encarou em expectativa.

— Erika, eu não sou esse tipo de cara — afirmei, mesmo sabendo de tanta merda da vida dela.

— É por saber disso que a modelo leva vantagem sobre você, afinal, ela arquitetou toda essa merda para te ter nas mãos, e como sabe que você não irá revidar à altura, está certa de que venceu.

— Não é bem assim, eu...

— Bryan — ela me interrompeu —, você me disse que a modelo nunca foi boazinha com você, que sempre te humilhou, menosprezou, e que você nunca entendeu o motivo de tanto ódio. Agora a louca ainda age como se tivesse razão? Ela é realmente perturbada, ou está escondendo algo nessa história toda, afinal, qual o motivo para tanto ódio? — Erika parecia tão irritada, que sequer me deixou responder. — Você me disse que ela sabia que você a amava, e mesmo assim fazia questão de te incluir nos programas com Adryan só para te machucar. Ela tentava te seduzir e depois testava a

sua lealdade ao Adryan, tentando foder com a amizade de vocês. Tudo o que pode fazer para atrasar a sua vida, ela faz. Então me diz, por qual motivo? Agora essa louca volta e quer se casar? Ou melhor, te obrigar a casar. E você simplesmente aceita por não querer jogar sujo? — Erika cuspia cada verdade que um dia eu lhe confessei na minha cara. Sinceramente, a sua irritação não estava ajudando em nada.

— Erika, é óbvio que não estou aceitando. E não precisava me lembrar de algo que nunca esqueci. Eu, melhor do que ninguém, sei do que a Angelina é capaz. Mas se me rebaixar ao mesmo nível que ela, se eu descer a esse ponto, em que serei melhor do que ela, entende? Como eu posso fazer o mesmo que alguém que eu desprezo tanto faz? — perguntei, alterado.

— Despreza mesmo, Bryan? Não dormimos com quem desprezamos. — Minha vontade agora era de mandá-la para puta que pariu. Encarei-a irritado. — Mas a questão aqui é a sua liberdade. Ela já te tirou muita coisa, você vai deixar que te tire isso também? — Erika questionou, magoada.

— Não — respirei fundo —, e estou aqui para tentar resolver essa merda toda, porque confio em você — disse, tentando me controlar, mas odiando a forma como era questionado.

— Você me contou toda a história de vocês, e quando admitiu que depois de tudo ainda dormiu com ela, eu fiquei chocada, para não dizer decepcionada. Eu sei que você é um cafajeste, como também sei que ela foi seu primeiro amor, que realmente a amava, mas querer relembrar disso depois de tudo o que ela te fez!? É uma forma deturpada de amor. É por saber que ela ainda exerce essa influência sobre você que estou preocupada.

— Erika, dá um tempo, porra! Eu não sou imbecil.

— Diz o cara que assinou esse contrato por estar comendo a modelo! — Ela jogou mais essa verdade. Erika estava tão irritada, que mal a reconhecia. Ela estava me deixando perdido e sem saber que merda estava acontecendo.

Me levantei, peguei o contrato e, apesar de ouvir seu pedido de desculpas, ignorei-a e saí na chuva fria, sem almoço, sem ânimo e tentando de alguma forma entender por que Angelina estava fazendo isso.

Voltei para a editora, mas como a chuva estava forte, o estrago já havia sido feito. Encharcado, avisei a minha assistente que não voltaria. Fui até meu carro, e depois de um trânsito lento, entrei na minha casa. E para a minha merda de sorte, não demorou para eu começar a tossir.

Tomei um banho quente, porque conhecia bem as consequências de ter saído na chuva. Minha cabeça estava explodindo e, pelo visto, isso seria

uma constante. Após o banho, tomei um remédio e, enrolado em duas cobertas, desliguei meu telefone e me joguei na cama.



Escutei a campainha tocando, desci a escada rapidamente, apesar de Angie não ter respondido minha mensagem, estava ciente que ela tinha lido. E saber disso me fez manter a esperança de que viesse me ver. E pude confirmar que tinha razão ao abrir a porta e me deparar com ela à minha frente. E, porra, juro que como em todas as outras vezes, senti meu coração falhar algumas batidas. Mesmo depois de todo esse tempo, sua beleza me deixava de boca aberta. Eu sei, eu parecia um idiota quando estava perto dela.

— Entre — disse, sendo atropelado por uma tosse que persistia desde que voltei do hospital. E, claro, que ter descido a escada às pressas foi uma ideia estúpida que contribuiu também.

— Você tem certeza disso? — questionou com voz vacilante, desconfiada.

Era a primeira vez que Angie entrava na minha casa. Desviei meus olhos dos dela. Foram quatro dias desde aquela merda de sexta, e apesar de ter meus motivos, e talvez o pior seja eu ter faltado em seu aniversário no sábado e ter me mantido distante desde então, entendia a razão da sua desconfiança e relutância em entrar. Mas, poxa, eu estava doente, ainda que ela não soubesse, doía sentir a sua frieza.

— Que viagem é essa? Claro que eu tenho certeza. — Forcei um sorriso, esticando meu braço para tocar sua mão e quebrar esse gelo.

Eu estava sem graça e torcia para que a nossa desastrosa primeira vez não fosse o verdadeiro motivo para ela agir assim. Mas acreditava que tudo que tinha acontecido contribuiu para estarmos nessa agora. Foi péssimo para nós dois, ainda que eu não fosse admitir nunca.

— Seus pais não estão? — perguntou, me deixando constrangido com a sua relutância.

— Devem chegar agora à tarde. — Angie pareceu ainda mais desconfortável. — Eles revezaram para ficar comigo no hospital e acumularam serviço na editora. — Olhei diretamente em seus olhos, que agora encarava meu braço, precisamente, as marcas roxas deixadas pelo acesso venoso.

Angelina era linda. Com os cabelos presos em um rabo de cavalo, uma calça de montaria, botas e blusa jeans, me fazia parecer um trapo com meu pijama velho.

— Veio com a Cristal? — perguntei, me referindo a sua égua e tentando talvez melhorar o clima.

— Sim. Minha mãe acha que estou dando uma volta. Se não se importa, eu a deixei perto da garagem.

Neguei com a cabeça. Cristal era um puro-sangue, de pelos negros, olhos azuis e uma mancha branca na testa. E foi após uma semana de aula, que a vi pela primeira vez montando. Angelina chegou ao colégio assim, e enquanto os outros acharam aquilo uma bizarrice sem tamanho, eu achei interessante, principalmente quanto notei como ela e a égua eram amigas. Semanas depois, passei a ajudar meu tio com o jardim em sua casa, e à medida que íamos nos aproximando, percebi que Angie tinha razão sobre o quanto Cristal era inteligente. A égua foi presente de seu pai, e por ele estar sempre viajando, Angelina se apegou muito ao animal.

Ela deu mais alguns passos, ainda relutante, e aquilo me pareceu estranho. E doeu, porque estranho não era uma palavra comum para nos definir.

— Você me parece bem para alguém doente. — E novamente a desconfiança estava ali.

— Tomei algumas injeções no hospital. Oxigênio e nebulização surtiram efeito. — Fechei a porta, em seguida, me aproximei.

Ela desviou o olhar para o chão, então, atrevidamente, toquei seu rosto e beijei sua boca. O fato de ela não corresponder me fez dar um passo atrás, formando um nó na garganta. E foi justamente o meu receio que fez com que eu me afastasse dela, uma distância pequena demais para quem quer que fosse, mas um abismo em se tratando de nós. Eu não entendia por que toda essa indiferença.

— Ainda somos namorados, certo? — perguntei, me sentindo idiota.

Angie suspirou e doeu presenciar a sua indiferença, me deixando paralisado. Que porra eu fiz para ela parecer me detestar agora?

— Eu não sei, Bryan, me diz você? Achei que era aqui que você assumiria que era um jogo estúpido e se gabaria com os seus amiguinhos idiotas de ter tirado a minha virgindade — ela disse de um jeito tão rude, que machucou e me deixou ainda mais confuso.

— Eu não estou entendendo. Se está assim pelo sábado, eu não fui te ver porqu...

— Apesar de termos combinado — ela ressaltou ao me interromper.

— Apesar de termos combinado! Mas quando me mandou embora na sexta, deu merda pra mim. Foram exatamente duas horas debaixo daquela chuva congelante, Angie, depois disso, crise de asma e hospital já era esperado. Poxa, se não queria, poderia ter sido específica e não precisava ter me mandado embora, não daquele jeito, poderíamos ter conversado...

— Não sabe como eu me senti, Bryan...

— E como acha que eu me senti, Angie? Foi a nossa primeira vez e eu achei que nós dois estávamos gostando, mas, do nada, você começou a chorar, não me explicou o que estava acontecendo, e depois simplesmente gritou para que eu fosse embora.

— Me chamou aqui para isso? — Arqueou a sobrancelha. — Para terminar o serviço? Não seja patético, Bryan, tirou minha virgindade. Eu não ter te deixado terminar não significa que não conseguiu isso.

Fiquei segundos encarando seu olhar, me achando um estúpido por ter sentido sua falta quando, claramente, não era recíproco.

— Qual o seu problema? — perguntei, magoado.

— Você! Você é meu problema! — Ela mordeu os lábios, se esforçando para não chorar. E eu não sabia o que dizer, porque eu também estava me sentindo um merda. — Minha mãe me disse que garotos como você só querem isso. Contam algumas mentiras, conquistam e depois de

transarem com garotas bobas como eu, se gabam para todos os amigos. Isso está acabando comigo. Pensar que você vai para a próxima conquista, mesmo me vendo em lágrimas e sofrendo por você!

— Estamos juntos há um ano, e você ainda acredita nas merdas que sua mãe fala sobre mim?

— Bom, você não me deu escolha, já que depois de sexta não voltou a falar comigo. A não ser hoje, com essa mensagem. — Ela mostrou o celular.

— Desculpa, Angie, mas parece que não está na prescrição médica um telefonema para a namorada quando se está quatro dias internado tentando respirar.

— Perguntei para a Sabrina, e tudo o que ela fez foi rir. Ela e a Gessy, que, aliás, foi outra que me alertou sobre você.

— Sério? Sabrina e Gessy? Está brava comigo por isso? Quando eu cheguei a minha casa, a primeira coisa que fiz foi te ligar. Mas por que veio se não acredita em mim?

— Porque, no fundo, eu quero acreditar. Mas é coincidência você passar mal justo no sábado que tinha uma festa para ir, a festa da Sabrina, não acha? Afinal, vocês são amigos.

— Angie, pare! — Ergui o braço, evidenciando as várias marcas do acesso venoso. — Eu estou com meu braço todo furado e roxo, mais pálido que um fantasma, cansado, e você ainda duvida de mim? — perguntei, ressentido.

— Mas ela é sua amiga, e era o aniversário dela. Você poderia ter saído do hospital, ou talvez pedido aos seus pais para avisarem.

— Como se eles tivessem me dado razão por andar na chuva. Eu não entendo... você é minha namorada, deveria confiar em mim.

— É, mas ninguém sabe que eu sou.

— Porque você disse que seu pai não aceitaria. E outra, mesmo que não quisesse falar comigo depois de sexta, se eu realmente estivesse em casa, teria ido ficar com você no sábado — disse, ainda chateado.

Segundos depois ela finalmente cedeu.

— Desculpa, eu fiquei com medo de todos eles terem razão, você só ter... me usado — disse, receosa.

— Eu não sou como eles, Angie, e me magoa pra caralho que depois de um ano juntos, você ainda pense tão pouco de mim.

— Eu sinto muito, me desculpe. É difícil acreditar que alguém como você tenha sentimentos verdadeiros por mim. — Ela desviou o olhar, que era sempre tão triste como naquele momento.

Não vou mentir que sua desconfiança não magoava, magoava muito, mas eu a conhecia bem o suficiente para saber como sua mãe era ótima em se tratando de colocá-la para baixo. E isso fez com que eu deixasse todas essas merdas de lado e a abraçasse, querendo protegê-la de todas as suas tristezas.

— Tudo bem. Você quer subir? — Apesar do estrago, eu sentia muita falta dela. Eu precisava de um tempo com ela, sentir sua pele na minha, sentir o calor do seu corpo junto ao meu, o gosto do seu beijo. Um de verdade, não como o último que demos.

— Ainda vai querer que eu suba? Mesmo se eu não transar com você de novo?

Suspirei, magoado, odiando ouvir isso depois de tudo.

— Eu ainda estou te chamando, e não acho que pode acontecer algo depois disso aqui — disse, me referindo a essa merda. — Vamos? — perguntei e ela concordou. Comecei a subir a escada e ouvi seus passos logo atrás.

Eu sabia que sempre ter pessoas te colocando para baixo te deixava pessimista, mas às vezes era difícil lidar com esse lado dela. Quando a conheci foi uma conexão surreal. Mesmo não acreditando muito nisso, não podia negar como ficava hipnotizado ao olhar para ela. Angelina era mais

alta que as meninas da sua sala, achei que já tivesse seus quinze anos, e alguns meses de diferença de idade não me pareceu empecilho. Isso junto ao fato de ela ter entrado na classe de Sabrina corroborou para esse meu pensamento. Depois soube por Sabrina que ela nunca havia frequentado a escola, que foi educada em casa. E foi uma pena que em seu primeiro ano no colégio ela tenha se deparado com tanto bullying de pessoas idiotas.

Às vezes, eu achava que ela teria desistido se nós não tivéssemos nos apaixonado. Com o passar do tempo, acabei descobrindo que ela ainda tinha quatorze anos, e apesar de querermos muito, esperamos que ela completasse quinze antes de ter nossa primeira vez. Foi um azar ter sido oposto a tudo que planejamos e queríamos.

— Entra. — Forcei um sorriso.

Ainda desconfiada, ela entrou no meu quarto e ficou olhando para o quadro na parede — uma pintura antiga, comigo, meus pais e avós. Ela deu um sorriso tímido. Diferente de mim, Angelina não sabia como era ter uma família que se importava. Sua mãe era uma cobra e só sabia menosprezá-la, apesar de ela não notar isso, e seu pai, mesmo parecendo amá-la, nunca estava em casa.

Talvez por isso ela tivesse se apegado tão fácil a mim. Nos aproximamos e unimos nossas necessidades — eu, com a minha estúpida

vontade de estar com ela, e ela, com uma proposta ridícula pedindo que eu a ensinasse a beijar.

Sim, nossos motivos não eram tão nobres, para dizer a verdade, eram bem idiotas. Mas foi a chance de nos aproximarmos, e depois que a aluna superou o professor, tudo o que restou foram os nossos sentimentos e o que sentíamos quando estávamos juntos. Nenhum dos dois queria terminar o que tínhamos e nos afastar, e o que começou pelos motivos errados, passou a ser certo, tão bom, tão único que mesmo que quiséssemos nos afastar, parecia que nossas vidas estavam definitivamente atreladas, pois toda a mágoa e incertezas eram esquecidas quando voltávamos a estar juntos.

O relógio marcava seis e quinze da tarde, e como antes eu estava estudando, havia livros sobre a mesa. Angelina olhou para a cama desarrumada, os livros, a estante, e mesmo com pouca claridade, ela adentrou mais o quarto e, timidamente, sentou-se na cama, tirando as botas.

— Por que ainda está insistindo nisso, Bryan? Foi horrível, quer dizer, eu fui e sou horrível. Aquelas meninas têm razão, eu não tenho graça nenhuma. Não sou bonita, sequer interessante, então, não sei por que está perdendo seu tempo comigo — ela falou, ressentida, com a voz já embargada, segurando o choro. E o que mais doía era que ela acreditava naquelas palavras.

— As pessoas só falam essas merdas para que você não enxergue quem realmente é. Porque quando acontecer, vai descobrir que é superior a todas elas, e todas essas mentiras vão ser minúsculas perto da sua grandeza.

— Acredita mesmo nisso?

Eu já imaginava que sua mãe tinha falado muita merda para ela estar assim, então me aproximei e me sentei ao seu lado.

— Não só acredito, como tenho certeza — disse, com um sorriso no rosto. — Contou para a sua mãe sobre nós? — Ela confirmou. — Angie, sua mãe não é a melhor pessoa quando o assunto sou eu, sabe disso.

— Mas ela não mentiu. Ela me disse que você não iria me procurar mais, e, de fato, você não me procurou no meu aniversário. Isso só aconteceu hoje, quatro dias depois...

Respirei fundo, ela já sabia o motivo.

— Seu pai veio para o seu aniversário? — Mudei de assunto.

— Não — ela desviou o olhar —, mas prometeu estar aqui quando eu fizer quinze — disse, para no minuto seguinte arregalar os olhos, assustada.

— Você fez quinze — falei, sem entender. Ao me deparar com seu olhar assombrado, percebi que havia mentido. — Mas você estuda com

Sabrina e... Ah, merda, não vai me dizer que é adiantada?

— Um ano só, eu fiz quatorze. — Ficamos olhando para o chão.

— Por que mentiu?

— Porque nós dois queríamos, e você achou que quinze era a idade certa. Eu não menti, só não desmenti quando você disse. Vai terminar comigo por isso?

— Não — olhei em seus olhos —, não vamos terminar, mas... poxa, por que nunca confia em mim?

— Eu confio. — Ela tocou meu rosto. Suspirei, desviando o olhar. — Bryan, o problema é que...

— A maioria das pessoas naquele colégio é idiota. A sua mãe é idiota, e você está se deixando influenciar pela idiotice deles. Eu já disse que você é linda, e a verdade é que todas aquelas garotas se sentem intimidadas pela sua beleza e pela sua inteligência. E o principal, por sua personalidade única. Eu estive no hospital durante todos esses dias, e em cada segundo pensei em você, em te tocar, em te implorar perdão, porque apesar de não saber que merda eu fiz de errado naquele dia, eu devo ter errado, e tudo que eu queria era a chance de consertar para poder estar com você de novo, Angie. Porque tudo que eu quero é estar com você. Mas,

droga, quando finalmente consigo te ver, você parece sequer ter sentido a minha falta — falei, magoado.

— Sério que você acha isso? Procuro mil maneiras de enganar minha mãe para estar com você, corro feito louca toda vez que recebo uma mensagem sua, e você acha que eu não senti sua falta? — ela disse, emocionada. — Desde o nosso primeiro beijo, tudo o que eu sei fazer quando não estou perto de você é sentir a sua falta.

— Se isso é verdade, então você já deveria saber que agora não é a parte em que eu me gabo ou faço qualquer outra imbecilidade que a sua mãe mencionou — eu disse, magoado.

— E qual é a parte, então? — Ela me encarou com seus grandes olhos verdes, ansiosa por uma resposta.

Me aproximei a ponto de sentir sua respiração quente tocar o meu rosto, que começava a oscilar pela minha proximidade. Toquei seu rosto delicadamente, envolvendo-o com minhas mãos.

— Essa é a parte em que eu digo que não importa o que a gente faça, que não tem mais como fugir disso. Sabe por quê?

Ela balançou a cabeça em uma suave negativa.

— Porque é nessa hora em que eu te confesso que não consigo mais me afastar de você, porque eu te amo — admito, assustado com a dimensão

das minhas palavras. Mas, porra, era verdade. Eu a amava e ela sabia disso.

— Não pode dizer isso, Bryan. Não se não for verdade. — Angelina agora chorava, e sentindo a urgente necessidade de tê-la perto de mim, eu a fiz se sentar em meu colo, virada de frente para mim, encarando meus olhos.

— Mas essa é a verdade, a única verdade que sempre vai existir entre nós, e por toda a minha vida.

— Bryan, existem milhões de garotas mais interessantes e mais bonitas do que eu. Como pode dizer que vou ser a única?

— Não existe, não pra mim. Você é única — disse, e antes que ela pudesse retrucar, eu a beijei, e ela, timidamente, começou a retribuir, bagunçando todos os meus hormônios, mandando embora todas as incertezas.

Ela não sabia, mas Angelina tinha o poder de me fazer sentir no céu. Ao seu lado, tudo se intensificava, e tudo que eu queria era continuar com ela, perdidos um no outro, para nunca mais sermos encontrados. Continuei a beijá-la, e era apenas o prelúdio, nosso prelúdio de felicidade.

— Angie, minha linda Angie — sussurrei enquanto roçava minha boca na dela. — Me desculpe por aquele dia, eu deveria ter te passado

mais confiança, fui egoísta e eu...

— Bryan, não é você. Eu queria, mas depois me senti insegura e com essa insegurança veio o medo de...

— Angie, não deixe esses idiotas influenciarem você. Eu te amo.

Ela não protestou, eu me deitei e a levei comigo. Angelina se deitou ao meu lado, ficando debaixo da coberta comigo. Eu poderia ficar toda uma vida apenas olhando cada pequeno detalhe do seu rosto, era tudo tão perfeito que parecia irreal. Eu não queria só beijá-la, queria bem mais que isso, e percebendo meu desejo refletido em meus olhos, como uma forma de quebrar a magia, Angie desviou o olhar.

— Seu quarto é minúsculo, acho que do tamanho do meu banheiro. — Sua observação me fez rir, era apenas uma desculpa para quebrar o clima.

— A maioria das casas é assim, e não como a sua — expliquei.

Ela mordeu os lábios, contornando-os logo em seguida com a língua, e esses pequenos gestos me excitavam, tudo nela me excitava e, no fundo, eu tinha medo de onde todo esse sentimento nos levaria.

Nosso amor era um barco à deriva, buscando abrigo, mas temendo que na busca ele não resistisse às tempestades.

Ela ergueu seu braço e eu fiz o mesmo, conectando nossas mãos.

— Acredita em promessas, Bryan?

— Acredito, e todas as minhas são destinadas a você.

— Promete ser meu único, assim como eu serei sua única?

— Prometo — disse, olhando para as nossas mãos iluminadas pela pouca claridade que entrava pela janela.

— Não importa o que aconteça, Bryan, eu vou ser sempre só sua. E nunca, em hipótese alguma, se esqueça de que eu sempre vou te esperar.

— Me espera mesmo, Angie, porque quando eu voltar, prometo que nunca mais vamos nos afastar.

— Mas, e se conhecer outra garota? Só tem dezesseis anos, isso pode acontecer!

— Não vai acontecer. Esperei cinco meses para ter um beijo seu, um de verdade, e agora estamos aqui, juntos. Sei que não quero outra além de você.

— E demorou apenas mais alguns para você conseguir me fazer sua. E não valeu a pena, porque foi horrível. — Desviou o olhar e nós dois rimos.

— Não foi horrível, não é por que não saiu como planejamos que foi ruim. Nós estamos só começando, e vamos ter a vida toda para aprender sobre isso.

— Você nem chegou lá, nem te dei tempo para isso — lamentou, envergonhada.

— Sabe, você convive com tanto pessimismo que sua mãe impõe a você, que não consegue mais enxergar o quão perfeita é.

— Eu não sou perfeita, Bryan.

— Você é, sim — disse, novamente aproximando nossas bocas. — Mas eu vou mudar isso. Cada vez que alguém falar alguma merda para você, eu vou dizer dez qualidades suas, e, adivinha só? São só suas, tipo, muito exclusivas mesmo.

Ela riu e eu passei a beijar seu pescoço.

— Bryan — ela sussurrou, tentando me afastar.

Angie não era idiota, sabia que eu estava excitado. Me afastei, ela então sorriu e voltou a me beijar. Minhas mãos atrevidas foram para debaixo da sua blusa e soltaram seu sutiã. Angelina tirou sua jaqueta e blusa, depois o sutiã de renda, e era tão hipnotizante como na primeira vez em que a vi assim. Fiz o mesmo com minha blusa e ela tocou meu peitoral.

— Você é tão lindo, às vezes acho que minha mãe tem razão. Não existe motivo para alguém como você se apaixonar por mim.

— Desculpa te dizer isso, mas sua mãe só fala merdas — falei antes de beijá-la novamente. Quando a abracei sentindo seus seios em minha

pele, gemi.

— Merdas? — ela repetiu, sorrindo.

E eu amava ver seu sorriso. Voltei minha atenção para a sua boca. Mordiscando seu lábio inferior, sentindo seu sorriso pelo meu atrevimento, ouvindo um leve gemido de prazer como resposta. A respiração ofegante em seus lábios me estimulava a continuar beijando sua boca, enquanto sentia seu sopro quente.

— O que eu faço, estou me perdendo em você. — Inclinei levemente sua cabeça, roçando meus lábios nos dela, contornando sua boca com minha língua atrevida, chupando a dela. Os olhos abertos me indicavam que, assim como eu, ela guardava cada momento nosso, eternizando tudo.

— Eu também estou me perdendo em você a cada segundo que passo ao seu lado, e quando estou sozinha, todas as partes minhas que deixo em você me fazem sentir incompleta. — Ela respirou profundamente, antecipando a tempestade que estava prestes a explodir em nós. Eu a queria, e a queria para sempre. — Mas, Bryan, isso significa que não importa o quão longe estaremos um do outro, a dor que sua falta irá provocar em meu peito só me dirá uma verdade, que somos um do outro e só estaremos completos juntos.

— Angie, minha Angie. Eu juro, por tudo que é mais sagrado, meu coração é seu e nunca, nem em mil anos, voltará a ser meu — sussurrei, e o beijo antes delicado e lento se tornou profundo. Entre gemidos abafados, nossas línguas se entrelaçavam urgentes, desejando loucamente um ao outro. Sua boca quente e molhada trazia sensações únicas, prazeres intensos naquele momento sendo loucamente saciados. Nós dois já sabíamos que apenas um beijo seria pouco para saciar nossos desejos secretos.

Intensifiquei nosso beijo, se é que isso era possível. Tudo em mim a queria, suas mãos desenhavam delicadamente nossas emoções em minhas costas, a todo momento mudávamos a posição. Quando me coloquei entre suas pernas, já sem roupa alguma, ela gemeu baixinho, arfou. A respiração oscilou quando me sentiu tão excitado entre suas coxas, querendo loucamente estar nela.

— Angie, se não quiser eu...

— Eu quero — ela falou, com suas mãos agora em meu rosto.

E em movimentos delicados, unindo ainda mais nossos corpos, eu a penetrei, loucos um pelo outro. Beijei-a e a senti corresponder com uma necessidade ainda maior. Mordi seu lábio e bastou apenas isso para em

segundos estarmos em chamas, querendo desesperadamente se encontrar no outro. Ela tinha razão, só seríamos completos juntos.

— Eu amo você — ela sussurrou e eu continuei a beijá-la. — Promete pra mim que nunca vai existir outra em seu coração?

— Nunca — sussurrei.

E em um misto de vai e vem e gemidos, me lembrei da camisinha quando estava quase gozando. Eu a afastei rapidamente e deslizei o preservativo em meu membro, e só então voltei a penetrá-la de novo. E foi tão perfeito quando entendemos que estávamos fazendo amor.

— Eu amo você — Angelina disse assim que me deitei ao seu lado e a puxei para os meus braços.

Antes de que pudéssemos nos acalmar, ainda beijando suas costas nua, ouvimos barulho no andar de baixo. Merda! Meus pais.

— Quer que eu me esconda? — ela perguntou, assustada.

— Não, está tudo bem.

— Bebê, está tudo bem aí? Chegamos. Vou preparar algo para você comer. Tudo bem, querido?

Que droga! Minha mãe tinha mesmo que me chamar assim? Angelina me encarou e começou a rir.

— Bebê? — Voltou a rir. — Sua mãe te chamou de bebê?

— Mãe, eu já vou descer, e eu já pedi para não me chamar mais assim — protestei e Angelina riu mais uma vez.

— Eu gostei. Vou te chamar assim agora, bebê.

— Para com isso, vai.

— Be-bê, eu gostei, gostei mesmo. Mas agora eu tenho que ir, como vamos fazer?

— Seu pai virá por esses dias?

— Não, acho que ele não vem mais esse mês.

— Que pena — disse, sorrindo.

Ela arqueou a sobrancelha. Sem o soberbo John por perto, tínhamos mais tempo juntos.

— Pode dizer isso como se realmente se importasse? — ela pediu.

— Poxa, Angie, que pena — falei, debochando, fingindo estar triste. Ela sorriu, me repreendendo. — Vou te levar embora.

— Bebê, não precisa, estou com a Cristal.

Revirei os olhos por sua insistência em me chamar assim.

— Tudo bem. Vou pegar o carro do meu pai e apostamos corrida. Se eu vencer, você não me chama mais assim.

— Coitado de você, bebê, vai perder feio — ela debochou, e eu mordi seu lábio.

— Tem sorte, porque eu nunca me importo de perder pra você. — Beijei-a. — Angie, eu te amo mesmo, por favor, não me machuque.

— Eu é que tenho que te pedir isso, não você. — Ela me beijou, em seguida, acariciou meu rosto — Sempre vou amar você, será para sempre, só nós dois.

Voltamos a nos beijar, e não existia lugar melhor que estar assim com ela.

— Bebê, desce para comer alguma coisa — minha mãe voltou a gritar. — Bryan, está estudando? — ela insistiu.

— Sim, já vou descer — respondi alto e bom tom.

— Mentiroso — Angelina sussurrou, sorrindo. Desci minha boca até seus pequenos seios e mordi seu mamilo.

— Aí — ela gemeu.

— Não sou mentiroso, estou estudando mil maneiras de me apaixonar por você.

— Além de um bebê mentiroso é um conquistador.

— Vamos descer. Comemos alguma coisa e eu te levo.

— Bryan, eu não tenho coragem.

— Angie, anjo, anjinho, eles provavelmente viram a Cristal, e outra, eu já falei sobre nós.

— Contou o quê? — perguntou, preocupada.

— Que depois da universidade vamos nos casar.

Ao me ouvir, seu sorriso ganhou vida.

— É sério? E o que eles falaram?

— Pediram para eu ir com calma para não me machucar e, claro, agora focar nos estudos. E para usarmos camisinha. — Acabei rindo e ela fez o mesmo. — Agora vamos, veste sua roupa — disse, já vestindo a minha.

Ela então se vestiu e, no minuto seguinte, me beijou novamente, se jogando comigo na cama. Aproveitei para pegar seu presente de aniversário — uma gargantilha prata, com um pingente com a letra B. Ela sorriu, entendendo o significado. De frente para o espelho, eu a coloquei em seu pescoço e seu sorriso foi tão genuíno.

— A partir de agora, eu só vou acreditar em você.

— Promete? — perguntei e ela confirmou.

— Então, anote no seu diário. Vamos ter esse ano todo juntos, e depois que eu for embora e me formar na universidade, nós vamos nos casar. Eu prometo. Feliz aniversário atrasado, eu te amo, Angie, muito...

— Eu também, bebê.



Acordei com o barulho de um trovão no quarto, que estava um breu. Assim que me acostumei com a escuridão, o barulho vindo da minha sala me assustou. Me levantei e, silenciosamente, segui até o cômodo, só então percebi que uma das janelas estava aberta. Ainda sonolento, eu a fechei e me sentei logo em seguida no sofá.

Prendi os lábios com a ansiedade correndo por minhas veias. Estava tenso em saber que ela estava fazendo isso de novo — entrando em minha mente — e que se eu permitisse, Angelina foderia com tudo novamente. Só que dessa vez eu não sobreviveria.

Apesar da tosse persistente, estranhamente, mesmo não tendo comido nada, não sentia fome. Meu corpo estava quente, cansado, com a respiração ofegante. Liguei o telefone para pedir uma pizza, e assim que a tela

acendeu, vi várias chamadas perdidas de Adryan. Quando abri as mensagens, encontrei uma dele avisando que sua filha tinha nascido.

Entre todos os meus amigos, Adryan e Amy eram os primeiros a se tornarem pais, e ao ver as fotos me senti feliz por eles. Respondi que iria visitá-los em breve para conhecer minha afilhada e desejei toda a felicidade na nova fase.

Desistindo da pizza, voltei para o quarto e peguei minha bombinha — três jatos com intervalos de dez segundos. E como a garganta começava a arranhar, tomei um antialérgico. Me sentei na cama e tentei limpar minha mente ainda presa às últimas lembranças. Eu era estupidamente apaixonado por Angelina, tão apaixonado que ignorei os sinais, a maldade, os traços de John ali. Assim como o pai, um dia ela se tornaria a pessoa soberba e amarga que era agora.

Não perca seu tempo admirando as estrelas, nunca irá alcançá-las. Ela pertence aos céus e você, à terra.

Se me esforçasse um pouco mais, quase podia ouvir a voz de John Paytron em minha cabeça. E se eu fosse um pouco mais inteligente, teria escutado o seu pai e me poupado de sofrer.

Eu odiava Angelina, odiava por ter me entregado tão fácil, por ter me feito acreditar que era real, e, principalmente, por ter me feito acreditar em

uma mentira.

Sim, era mentira, uma grande mentira. Assim como tudo sobre nós. Agora vejo para onde todas essas mentiras nos levaram.

Ainda doía, doía tanto que por segundos parecia que essa dor faria meu coração parar.

Queimávamos juntos, e agora eu queimava sozinho, lamentando por todas as partes minhas que deixei nela, odiando amá-la e continuar me sentindo tão incompleto.

As lembranças da nossa última noite juntos, ela chorando querendo que fugíssemos e eu tentando fazê-la entender que depois que eu me formasse nós iríamos nos casar para ficarmos sempre juntos, me sufocavam.

E quanto mais a data de eu ir se aproximava, as brigas, assim como seu ciúme, se intensificaram. Semanas depois de eu estar na faculdade, depois da última briga, ainda não tínhamos nos falado. E apesar de eu ligar, continuar insistindo e ela não me atender, não acreditava que esse era o nosso fim. E foi exatamente o tempo que ela levou para correr para o Adryan, mas ele nunca soube sobre nós. Ao contrário de mim, Adryan não precisava esconder seu relacionamento com Angelina, ainda que o tenha feito depois que ela se tornou famosa.

Eram coisas estúpidas como essas que nunca saíam da minha mente. Adryan me contou sobre os dois, que tinham transado e que, segundo ele, foi sua melhor transa. Fui idiota a ponto de duvidar que realmente era Angelina, acho que perguntei umas cinco vezes se era mesmo ela, mesmo que estivesse com o coração em pedaços, acreditei no que ele dizia. Foi então que eu tive que encarar que era tudo mentira, e demorou muito para o meu coração idiota entender que só ele havia amado.

É dessa maneira que alguém consegue te destruir em um segundo. Era previsível que em algum momento isso aconteceria, nosso relacionamento se manteve de pé sustentado por mentiras, e quando a verdade veio destruiu tudo.

Naquela época, eu queria entender, mas desisti da ideia quando descobri que, por trás de todo aquele caos entre nós, Angelina passou a me odiar. Sem entender seus motivos e ainda preso ao que tínhamos, demorei um bom tempo para me acostumar a vê-la com ele. Mesmo agora, depois de tantos anos, machucava me lembrar de como ela jogou sujo.

Então, a pergunta que não saía da minha mente era como fui cair nessa novamente?

Talvez Erika tivesse razão, talvez eu fosse mesmo um filha da puta que não sabia se valorizar. Mas achava que, no fundo, eu queria respostas.

Imbecil, eu tinha certeza de que era um, mas o pior não era ter tido o coração partido por quem amava, mas sim quando ele estava viciado nesse tipo de dor. E em se tratando de Angelina, eu era viciado. Ela se entregou como um anjo, e desgraçou a minha vida como um demônio.

Me joguei na cama, cansado desse sentimento estúpido. Cansado das lembranças que nunca foram ofuscadas por toda a sua maldade, e nessa depressão do caralho, derramar algumas lágrimas já era comum.

Angelina nunca teve a ousadia de escancarar sua vida com Adryan, e agora se achava no direito de fazer isso com a minha. E pior, me usar de uma forma tão vil. A lembrança do seu sorriso tão inocente se misturava com a mágoa plantada por sua perversidade. Passado e presente se chocavam, despertando batidas frenéticas em meu peito, e eu estava novamente com todas as partes inacabadas de nós em mim. Sentia a dor crua de amá-la, ciente de que esse seria o meu eterno castigo por ter me feito cego a todos os sinais, e não ter tido resistência alguma antes de entregar meu coração a alguém como ela.

A chuva persistia, e preso a essas lembranças, fechei os olhos esperando essa confusão dentro de mim se acalmar. Lembrando de todas as vezes que Angelina fugia para se encontrar comigo, lembranças essas que só surgiam para me enlouquecer. Quase pude sentir seu gosto na minha boca quando alguém tocou o meu rosto. Abri os olhos e ela estava ali, à

minha frente. Toquei seu rosto e o acariciei, puxando-a para perto para sentir seu corpo junto ao meu. Tentando matar a saudade do que tínhamos, beijei sua boca e foi horrível perceber que esses sonhos estavam se tornando cada vez mais reais.

Louco! Sim, não tinha outra explicação para isso. Abracei-a com força, e como em todas as outras vezes seu sorriso surgiu, e foi aí que um frio percorreu a minha espinha ao notar que era real.

Assustado, afastei-me rapidamente.

— O que está fazendo aqui?! — perguntei e, em seguida, tive uma crise de tosse. — Como conseguiu entrar? Eu mudei a porra da senha.

— Ei, calma, soube que não estava bem, e como sua noiva, vim te ajudar.

Caralho, essa mulher estava mesmo querendo me enlouquecer.

— Eu não preciso da sua ajuda, vá embora agora! — Exclamei.

— Você está com febre — ela se aproximou —, e precisa tomar um antitérmico. E pela forma como ofega ao respirar, está em crise.

— Para o inferno você e sua ajuda. Desapareça da minha casa.

— Bebê, pare com isso, me deixe te ajudar.

— Me ajudar? — Comecei a gargalhar. — Depois de todo esse tempo, acha que sou idiota? Você só está tentando acabar com o casamento do Adryan.

— Me casando com você?

— Angelina, eu te conheço. Sempre arma todo um plano, como fez da última vez, me deixando mal com todos. Depois sumiu por dois meses sem se explicar, dar satisfação ou qualquer merda. Agora volta como se nada tivesse acontecido, e com uma proposta ridícula. Agora diz que quer me ajudar? Ótimo! Me ajude sumindo da minha vida e me deixando em paz.

— Bryan, só quero te ajudar, não precisa ser grosso.

— Vai pra puta que te pariu. Se quer me ajudar, comece me deixando em paz. Eu te odeio. Odeio ter me envolvido com você, odeio o dia que te conheci. Você é uma desgraça na minha vida, Angelina, só se aproxima para foder comigo. Para ser bem sincero, você é a última mulher com quem eu me casaria no mundo. — Voltei a tossir e respirar com mais dificuldade que antes. O ódio me consumiu quando ela se aproximou para me tocar. — Você ferrou com a minha vida e ainda se acha no direito de continuar ferrando.

— Bryan, não, eu não...

— Cala a boca, porra! — Me levantei. Quando ela tentou me segurar, sendo dominado pelo ódio que corria em minhas veias, eu a pressionei contra a parede, segurando seu pescoço.

Ela ficou me encarando, perplexa.

— Vai em frente. Se vai se sentir melhor, aperte.

A intenção inicial era essa, mas suas palavras me fizeram recobrar a razão.

Soltei-a, assustado por minha atitude enquanto ela continuava a me intimidar com o olhar.

— É assim que me sinto quando estou com você, sem saída, então pega a porra da sua ajuda e dê o fora — falei, sentindo-me sem ar. Mesmo quando eu estava no meu limite, Angelina me fazia ir além.

— Eu só vim porque fiquei preocupada. Diferente de todas as outras vezes, eu estava aqui para cuidar de você.

— Devia ter cuidado de mim quando eu chorava feito um idiota por você, enquanto meu melhor amigo te comia. Devia ter me ajudado quando eu passava mal de tanto que sentia a sua falta, e você estava lá, esfregando isso na minha cara. Devia ter me ajudado quando fiquei sabendo que estava com Adryan, me deixando arruinado completamente. Talvez lá eu precisasse da sua ajuda, hoje não.

— Bryan, você não sabe como ou por que aconteceu...

— Cala a boca, porra! Eu não terminei — gritei. Lembrar-me de tudo que essa mulher me fez passar fazia com que eu tirasse forças nem sabia de onde. — Era lá que eu precisava ser cuidado, não agora. Vá pra puta que pariu. Eu nunca, em hipótese alguma, iria querer me casar com alguém tão sem graça como você, só tenho a te agradecer por ter me mostrado isso. Naquela época, eu era iludido, jovem, bobo e apaixonado demais, hoje não sou mais. Você destruiu aquela pessoa. Sabe o que tudo aquilo significa agora pra mim? Nada, Angelina. Você não é nada. Então, quer me ajudar? Desapareça da minha vida, porra.

Ela se reergueu, realmente abalada e espantada.

— Vai se arrepender por isso, eu juro. E escreva o que eu estou te falando: em duas semanas você vai enfiar o rabinho entre as pernas e me pedir para reconsiderar a proposta. Pedir não, vai ter que implorar, e muito, para eu me casar com você.

— Não vai acontecer nem no seu sonho.

Angelina riu, ainda abalada.

— É o que veremos. — Jogou uma sacola com o logo de uma farmácia no meu rosto e saiu.



Capítulo 3

Bryan

Inferno! Era o que eu vivia e merecia, por ter deixado Angelina se aproximar novamente. Duas semanas se passaram desde o nosso último encontro, e eu ainda me sentia péssimo por ter colocado minhas mãos nela. Me sentia dilacerado. E o meu sentimento de culpa e arrependimento me corroía. E doía pra porra. Doía saber que fui capaz disso, apesar de tantos e tão confusos meus sentimentos por Angelina, esse não era o caminho.

Depois do que houve, a louca não voltou a me procurar, e apesar de querer muito pedir desculpas, não o fiz. Se isso a manteria distante de mim,

o melhor era deixar as coisas assim, talvez acabasse entendendo que era uma loucura, um absurdo esse casamento.

No entanto, para a minha merda de sorte, como ninguém ainda não havia acabado com essa armação, os gestos obscenos para alguma câmera que era apontada em minha direção se tornaram inevitáveis.

Quase tão arrependido quanto eu estava, Erika achava que minha mágoa era pelo nosso último encontro, mal sabendo que o motivo continuava sendo Angelina. Depois daquela merda de noite, eu tive certeza de que nós, debaixo do mesmo teto, não era apenas uma péssima ideia, isso poderia nos arruinar. E não apenas emocionalmente.

Para acabar com essa desconfiança da Erika, que há duas semanas me mandava um pedido de desculpas todos os dias, eu a convidei para ir comigo conhecer a Bia.

— Não acha um momento reservado demais para eu ir?

— Sim. E isso é tudo que eu preciso evitar no momento, se é que me entende.

— Tudo bem, vai passar aqui que horas?

— Às sete, pode ser?

— Que no seu relógio significa oito. — Nós dois rimos. — Sabe quem anda falando de você? — Ela sequer me deixou tentar responder. —

Sabrina.

— Não me conte, chega de problema. — Ela riu novamente. — Combinado então, às nove nos vemos.

— Não era sete?

— Sim, sete. Beijo! — Tentei desligar.

— Bryan, por que está evitando ficar sozinho com eles? São seus amigos, não?

— São, mas, como sempre, Angelina complica tudo. Ela e Adryan estiveram juntos por dez anos, e não quero dar brecha para qualquer assunto relacionado a merda que ela falou na revista, principalmente depois de tudo que ela aprontou com os dois.

— É só isso mesmo? Ela voltou a te procurar?

— Não — menti.

— Então, talvez signifique que não vai levar adiante a cobrança da cláusula penal.

— Estou torcendo para isso. Até mais tarde.

À tarde, antes de voltar para a casa, passei nos meus pais e fugi de ter que encarar minha mãe. Ela, melhor que ninguém, conhecia bem toda essa

tristeza refletida em mim. E no momento, tudo que eles não precisavam era de mais um drama.

Pode parecer estúpido, mas uma grande parte em mim queria ligar e pedir desculpas a Angelina, no entanto, o orgulho somado ao ego ferido me dizia que era ridículo dar sequência a isso. E como ela não se deu o trabalho de desmentir e eu não queria pagar para ver, me mantive afastado.

Sem ter muito o que fazer, depois de um banho e algumas doses de uísque, às oito da noite eu estava em frente ao prédio da Erika. Enviei uma mensagem que foi prontamente respondida.

Cheguei.

Estou descendo.

Ela entrou no carro e sorriu ao ver um embrulho de presente.

— Um livro? — perguntou.

— Se puxar o padrinho ou a mãe — acenei, sorrindo —, irá gostar — completei com certo orgulho.

Liguei o som, e ao me notar impaciente Erika iniciou o seu interrogatório.

— O que está acontecendo, Bryan?

— Nada — disse, atento ao trânsito.

— Resposta convincente se eu não te conhecesse. É a modelo, não é?

— Por que não fala Angelina? — perguntei e ela desviou o olhar.

— Nada em particular. É a profissão dela, afinal. — E pela forma como disse isso, eu sabia que tinha algo, sim. Mas não insisti.

Depois de algumas ruas ao som de *The Weeknd*, adentramos o condomínio assim que me identifiquei.

— É lindo aqui!

— Lar dos milionários — brinquei e ela riu, concordando.

Quando estacionei em frente ao portão do Adryan, fiquei impressionado com a mansão, apesar de já a conhecer.

Fomos recepcionados por Mag, que depois de um boa-noite, nos disse que Adryan e Amy estavam na sala. Erika não conseguia disfarçar a admiração.

Assim que entramos na casa, para a minha má sorte, Lizzie foi a primeira que eu vi. Ela estava com o bebê no colo, Adryan e Amy sentados no sofá, e Ben próximo a Lizzie.

— Bryan — Amy foi a primeira a dizer, me dando um sorriso. — Como vai?

— Sem roubar minhas perguntas, por favor — disse, ao me aproximar. Abracei-a e, em seguida, fiz o mesmo com Adryan, parabenizando-o. Depois cumprimentei Ben e Lizzie, torcendo para a sem noção não me fazer perguntas.

Erika os cumprimentou e entregou o livro para Amy, que sorriu quando deduziu o que era.

— Olha, Bryan, como ela é linda — Adryan disse ao pegar a bebê do colo da irmã, que agora me encarava com curiosidade. Pelo jeito, seu ele a alertou, provavelmente.

— Ah meu Deus, que linda! — Erika foi a primeira a dizer, com aquela voz geralmente usada para animais e bebês na fase fofos.

— Anjinho, este é o seu padrinho Bryan — Adryan falou, todo babão.

Olhei para a bebê que estava com os olhinhos arregalados, atenta a todo o barulho. Ela era tão pequena, que quando ele foi colocar em meu colo, eu recusei.

— Não, cara, nessa idade eu não me arrisco, deixa isso pra quando Bia estiver andando.

Ele riu, e mesmo com todos os elogios voltados para a bebê, tudo que eu via era um joelho com olhos e boca, e, claro, bem enrugado. Erika

rapidamente pediu para pegá-la, achei que Adryan seria mais neurótico, no entanto, estava até tranquilo. Sentei-me perto de Amy que sorriu.

— Estava com saudades de você — sussurrou. Só então notei seu rosto cansado. — Sei que não é o melhor momento, mas o que aconteceu entre você e Angelina? Que loucura é aquela na Focco?

Mordi o lábio inferior, era dessa pergunta que eu queria fugir.

— Loucura, só isso. — Forcei um sorriso.

Adryan então se aproximou, sentando-se ao lado dela. O assunto girou em torno da bebê, e mesmo não estando interessado, eles falaram sobre o parto, com Amy elogiando Adryan sobre ele ter feito tudo certinho. Ele deu um sorrisão e beijou seu rosto. A olheira de ambos me deu a certeza do quanto estavam cansados. Mike já havia adiantado que agora o assunto com eles era bebê, fraldas, arrotos e mamadas, mas estando tão perto do casal, apesar de me cativar pela felicidade e empolgação dos dois, estava claro que eu não tinha interesse algum nisso.

— Vamos tomar uma? — Adryan perguntou, após um generoso tempo.

Olhei para Amy e ela sorriu, me dando um claro aviso do que viria a seguir. Bia chorou e, pelo visto, minha afilhada também queria tomar uma, mas de leite. Erika se aproximou com a bebê, e mesmo Adryan lhe

estendendo o convite, minha amiga parecia mais interessada na criança, então passou a fazer todas as perguntas possíveis sobre maternidade a Amy, e essa foi a minha deixa com Adryan.

— É sério que quer ter mais? — perguntei quando nos sentamos no bar.

— A verdade é que desde que Bia nasceu, eu e Amy não dormimos à noite. E não é apenas o fato de ela não dormir à noite, nossa princesinha vai além, não é fã do silêncio, e claro, com isso, basta acabar o barulho que ela providencia o seu, que inclui um intenso e exagerado choro, mas eu acho lindo. Eu olho para aquelas mãozinhas, aqueles pezinhos e acho a coisa mais linda do mundo. Ela é tão perfeita e, cara, eu e Amy fizemos isso, entende? — disse, orgulhoso. — Eu até gravei o seu choro. — Ao ver meu espanto, ele completou: — Mas acho que só vai entender quando se tornar pai. — Adryan sorriu.

— O que talvez nem aconteça — retruquei, rapidamente.

— Não é difícil. Aqui revezamos, não pedimos, mas Liz praticamente passou a morar aqui e tem ajudado também. Durante o dia, quando Bia dorme, Mag fica com ela para Amy dormir também, já que está relutante quanto a contratar uma babá. E quando eu chego do trabalho, começa meu segundo turno. — Adryan me fez rir com o comentário, em seguida, abriu

uma garrafa de uísque e serviu a nós dois. Ele estava relaxado, de camisa, bermuda e chinelo, feliz, realmente feliz e isso me deixava feliz também.

— Então, já voltou a trabalhar?

— Essa semana. Agora me fala que loucura é aquela com Angelina?

Dei um sorriso sem graça, e ali estava novamente a pergunta que eu mais queria evitar.

— Como sugeriu, marketing talvez, eu não sei. Não conversamos a respeito.

Ele me encarou, surpreso.

— Depois de toda aquela confusão, no dia seguinte, Angie foi à empresa e deu a entender que vocês tinham algo, ou tiveram, não entendi ao certo...

— Adryan, não perca seu tempo falando dela, não vale a pena...

— Mas já tiveram alguma coisa, Bryan?

Sua pergunta me fez paralisar, eu sabia aonde ele queria chegar.

— Depois que vocês terminaram?

— Antes disso.

— Na adolescência, mas nada significativo, nada relevante.

Ele tomou seu uísque, e apesar de implorar para o assunto morrer, não me pareceu isso.

— Eu sei que parece loucura, mas Angelina foi a única pessoa que me ajudou quando eu precisei. Ela é complicada, eu sei, mas acreditou em mim quando nem mesmo eu acreditava. Desejo mesmo que seja feliz. Até porque me sinto em dívida com ela. — Ele tomou outro gole. — Toda vez que eu olho para Bia, eu não consigo deixar de pensar no aborto e... — Ele suspirou, embargado. Eu sempre soube que esse era o assunto proibido, o elefante branco na sala em se tratando dos dois. — Eu não consigo ter raiva, entende? Fui imbecil de achar que Angelina levaria numa boa, e mesmo não concordando com o que fez, no fim sempre acho que meus erros com ela pesam mais. — Não revidei — Então eu desejo que seja feliz, desejo muito.

— Angelina chegou a te pedir desculpas pelo que fez? — perguntei.

— Depois do casamento, ela me enviou um cartão desejando felicidades e um pedido de desculpas, bem no estilo dela. E eu aceitei. Eu sei que pode não acreditar, mas Angie é uma pessoa muito machucada e... — Acabei rindo e depois tentei disfarçar. Ela conseguia essa façanha, sempre saía como a coitada. — É sério, Amy a odeia, e se eu falar dá briga, porque minha mulher tem ciúmes da Angelina. Mas a verdade é que Angie não é um monstro, Bryan, acho que depois do aborto, ela não ficou bem, sabe, e todos esses anos contribuíram para que se fechasse cada vez mais.

Eu não sei, estou preocupado. Mesmo dizendo te odiar, Angelina ficou com você e agora contou essa mentira sobre se casarem.

Olhei para Adryan. Assim como a maioria, ele achava que Angelina Paytron sempre merecia o melhor e eu não me enquadrava nesse melhor, claro. Deixei meus ressentimentos de lado, afinal ele não tinha culpa e sequer conheceu nossa história. Se realmente tivesse sido importante, ela teria mencionado para ele.

— Complicado. — Apesar do nó na garganta, tentei fingir não me importar ou que falar sobre isso não me machucava. Depois de tantos anos, eu deveria estar calejado, mas nunca era realmente fácil.

— Mas se foi marketing, pode ser uma boa jogada. Ela é boa nisso e, provavelmente, você vai sair ganhando. Angie é inteligente, faz grana como ninguém, e vai ser um bom negócio pra você ter seu nome atrelado ao dela — ele constatou, me encarando.

Eu odiei cada palavra, mas não contrariei, somente voltei a minha atenção ao uísque.

— Erika também é ótima — ele continuou —, quer dizer, acho que precisa disso. Sossegar, Bryan. Quando você e Angelina finalizarem esse negócio, talvez você... — ele sugeriu, com certa malícia, arqueando a sobrancelha.

— Só porque eu te casei, você quer dar o troco e me casar também? Tem o Mike antes. Ele e a Priscila, esqueceu? — brinquei, tentando não deixar nada disso me atingir.

Ele sorriu e era sincero. Adryan sempre foi sincero comigo, e por esse motivo não deixei Angelina destruir a nossa amizade. Não foram as escolhas dele, foram as dela que nos separaram e colocou um fim em nossa história.

— Já desisti daqueles dois.

Enquanto terminávamos o uísque, era palpável o quanto Angelina conseguia se fazer presente, mesmo estando tão distante. Ela minou toda a minha naturalidade com o meu melhor amigo. Apesar de estar feliz pelo Adryan, Amy e a bebê, eu não conseguia mais ter uma conversa real com ele, não sem deixar transparecer toda a confusão de sentimentos e desencontros que foi a minha vida com a Angelina. Então, foi um alívio quando Erika me chamou dizendo que precisava ir embora. Nos despedimos, e quando entrei no carro com ela, meu suspiro a fez rir.

— Quer que eu te deixe na sua casa ou quer ir para a minha casa? Você que manda.

— Aceito ir para a sua casa — ela disse, enquanto eu dava a partida.

Foram uns trinta minutos com Erika falando sobre a bebê, enquanto eu apenas fingia estar ali, quando, na verdade, estava longe o suficiente para sequer opinar.

— Está me ouvindo?

— Não — falei e ela riu.

— Imaginei.

Estacionei o carro, desci e Erika fez o mesmo. Não era a primeira vez que estava ali, longe disso, ela conhecia cada parte da minha casa. Peguei duas cervejas e depois de lhe entregar uma, fui para o quarto e ela fez o mesmo. Liguei a televisão, e ciente de que nada ali chamaria a minha atenção, fiquei zapeando pelos canais. Tirei meu sapato, e assim como eu, Erika tirou os dela e se deitou ao meu lado, um pouco inclinada para tomar a cerveja.

— Ela te procurou, não foi?

— Não. — Fingi naturalidade.

— Você mente, mas não deixo isso definir você. — Sua voz oscilou um pouco ao dizer.

— Procurou — admiti, envergonhado. — Nós discutimos, eu fiquei muito puto, falei e fiz coisas que não deveria, mas aconteceu e... — Erika ficou me encarando, e pelo seu olhar decepcionado eu sabia que achava que

se tratava de sexo. — Não é o que está pensando. Eu coloquei a mão no pescoço dela e...

— Meu Deus Bryan, eu... — Ela arregalou os olhos, o choque era visível.

— Eu sei, fiz merda — disse, ressentido comigo mesmo.

— E isso aconteceu quando?

— Há duas semanas. Depois disso Angelina não voltou a me procurar.

— Bryan, ela pode te denunciar, e isso vai acabar com a sua vida. Independentemente de todas as merdas que ela fale e faça, nunca, em hipótese alguma, você tem o direito de colocar a mão nela. Você enlouqueceu?

— Eu sei, eu errei. Isso está acabando comigo. Sinceramente, eu agradeceria se ela me denunciasse, desde que na porra da cadeia esse demônio não me atormentasse mais — retruquei. Não sabia se era a porra do álcool, mas fiquei me segurando para não chorar. Erika deixou a cerveja de lado, se aproximou e me abraçou. — Eu não aguento mais, Erika — desabafei, com nó na garganta. — Eu queria ter uma única chance de esquecer toda essa merda, de olhar para aquela mulher e não sentir nada. Mas ela é tão boa em me fazer sentir culpa, que agora eu me sinto um lixo

por ter feito aquilo. Estou enlouquecendo a ponto de eu mesmo querer me denunciar.

— Isso não é amor, Bryan, é doença o que sente por ela.

Acabei rindo da sua dedução. Olhei em seus olhos, próximos o suficiente para sentir sua respiração se misturar com a minha.

— Então me mostra a cura — pedi. Apesar do desespero e ter seu olhar fixo no meu, no minuto seguinte me afundei em seu abraço, apoiando minha cabeça em seu ombro. — Quer saber, esquece isso. Vamos encher a cara e esquecer essa merda toda — disse, me afastando e desligando a televisão.

Liguei o som e, em seguida, fui para a cozinha buscar mais cerveja. Virei umas duas antes de voltar ao quarto com uísque. Erika continuava deitada, olhando para o teto. A entreguei outra cerveja, que ela colocou de lado.

— Por isso não se envolve de verdade em relacionamentos? Tem medo de sofrer o mesmo que...

— Não vale a pena falar sobre isso — eu a cortei —, no fim, a outra pessoa vai me magoar, eu vou magoá-la. Se posso me poupar dessa merda, eu o farei.

— Mas isso é seguir em frente. Existem pessoas fantásticas ao seu redor, apenas esperando uma oportunidade — ela disse e me fez rir. Erika pegou meu celular, virou a tela para eu digitar a senha, então continuou: — Tem mensagens da Sabrina. — Balancei a cabeça e comecei a beber o uísque direto da garrafa.

— Não abra. Se você abrir, Sabrina vai pensar que eu li, então vai ligar na hora — adverti.

— Tem da Amy. — Ela riu. — "*Bryan, toma juízo e se afasta da Angelina, você merece alguém bem melhor, essa mulher é louca."* — Nós dois rimos. — Concordo com a Amy.

— Sei que concorda, mas do jeito que falam, parece que sou eu que me aproximo.

— Talvez facilite a aproximação — fez uma careta —, mas não gosta de admitir. — Debochou. Se era verdade ou não, eu odiei ouvir essas palavras. — Bryan, se você quiser pode amar de novo, basta... — Erika insistiu.

— Eu não estou interessado — falei, tomando mais um gole. — Você não acredita nessas merdas até acontecer com você. E aconteceu comigo, desde o momento em que eu a vi, soube que era ela. — Dei outro gole. — Hoje as pessoas banalizam o amor, Erika, mas quando é verdadeiro, quando

o “eu te amo” é sentindo antes de ser pronunciado, quando todos os planos começam e terminam na mesma pessoa, não tem volta. Você vive isso e está ferrado se der errado. Nós éramos jovens, eu era inocente demais para entender como aquele sentimento iria me arruinar. — Pressionei meus lábios, sentindo o gosto do uísque na boca. — Deveria ter percebido, mas como não se tem manual, você não sabe quando isso vai se tornar ruim. — Tomei outra dose, quase finalizando a garrafa.

— À medida que as férias de verão iam terminando as brigas foram intensificando e eu achava que era ciúme, apenas isso. A supermodelo era insegura demais naquela época. Eu estava para ir para a universidade, como todos os outros da minha sala, e ela estava enlouquecendo com isso. Angelina passou a chorar diariamente, mas não dizia o motivo, enquanto eu tentava entender que merda estava acontecendo. E juro que eu tentei mostrá-la que essa separação doía tanto em mim quanto nela, mas que seria por pouco tempo. Que depois nós ficaríamos bem, não nos afastaríamos mais. Cheguei a conversar com meus pais para adiar um pouco para que nós dois pudéssemos ir juntos. E foi então que ouvi o primeiro não deles. Foi foda. Eles economizaram muito para que eu tivesse um diploma, e eu entendo, meus pais estavam me oferecendo o que não tiveram. E a possibilidade de adiar não existia para os dois.

Respirei fundo, encontrando força para continuar a falar sobre isso. Erika continuou atenta a cada movimento.

— Uma semana antes de eu ir, Adryan estava na cidade, há muito tempo não nos víamos, então combinamos de nos encontrar na boate. Acho que foi a briga mais intensa que eu e Angelina tivemos desde então. Ela enlouqueceu e eu não entendia que merda tinha feito para deixá-la tão brava. Mas agora está claro para mim, nós já estávamos desmoronando. Passei rápido pela boate, os resquícios da briga, assim como o peso de cada palavra, ainda estavam pulsando em nossas veias. Eu os apresentei e Angelina mal cumprimentou o Adryan, e foi por isso que não ficamos por muito tempo.

Pressionei os lábios, me questionando por que continuar com essas lembranças, porém mais que todas as outras vezes, eu precisava para não enlouquecer de vez,

— Eu estava chateado, porque apesar de não nos vermos com frequência, ela não me deixou contar a Adryan sobre nós. Angelina sabia que ele era o meu melhor amigo, que eu o chamaria para ser nosso padrinho de casamento e, poxa, deveria ter mais consideração. Ela estava chateada comigo e eu nem sabia o motivo, sem contar que suas mudanças de humor começavam a me irritar também. Era a porra da pressão dos meus pais, que enfatizavam que Angelina era milionária, enquanto eu deveria me agarrar a

chance única de estudo. Eles diziam que se tivéssemos que ficar juntos, o tempo que eu ficasse na universidade não arruinaria isso. E foi isso que tentei explicar a Angelina, mas cada tentativa nos colocava mais no abismo, e naquela noite em particular, já quase na rua da casa dela, Angelina puxou meu braço e me chamou para fugir.

Erika parecia surpresa.

— Fiquei assustado, claro, mas Angie insistiu, me disse que tinha um plano, mas a porra do plano não era nada crível. Eu tentei mostrar os furos, tentei mostrar que só colocar as roupas em uma mochila e sair sem grana alguma não daria certo. Eu tinha dezessete e ela acabado de fazer quinze, eu não poderia fazer isso com meus pais. E quando viu que eu não cederia, Angelina tentou me convencer a levá-la comigo para a universidade. Cacete, como eu a esconderia no campus? Novamente discutimos e ela ficou muito puta. Começou a dizer que eu não a amava, que iria esquecê-la, então eu respondi que não seria difícil, já que ultimamente ela andava insuportável. Pra que fui falar aquela merda? Ela desabou, começou a chorar como uma louca, e mesmo depois de me ajoelhar implorando perdão, foi como se não me ouvisse mais. Eu já estava achando que ela terminaria comigo naquele momento, mas fiquei surpreso quando se ajoelhou a minha frente e me beijou. E tinha tanto amor e intensidade naquele beijo, que eu realmente acreditei que ficaríamos bem no final. Mas

sem dizer mais nada, Angelina se levantou, virou as costas, e foi embora. Aquele foi o nosso último beijo, sem um adeus, sem uma despedida. Nada.

— E não voltou a falar com ela depois? — Erika perguntou, com voz embargada.

— Tentei falar com ela um milhão de vezes, mas todas as chamadas caíam na caixa postal. Depois, Adryan me contou que estavam juntos. Eu era tão idiota, que continuei tentando falar com ela, cheguei a ligar para a cobra da sua mãe, mas Dayse me disse que eu deveria perguntar a Adryan, o namorado de Angelina. Eu deveria ter parado de insistir naquele momento, mas não. Apaixonado e idiota demais, eu perguntei a Adryan com uma desculpa idiota de que precisava falar com ela. Então ele me disse que Angelina estava na França, fazendo algumas fotos, que tinha conseguido um contrato com um cara do ramo, e que estava sem telefone no momento, tinha cancelado, algo assim. Ele me prometeu que passaria o número novo quando ela entrasse em contato e passasse para ele, nem ele tinha. Eu contei os dias, cada um deles, porque não conseguia acreditar, preferi continuar fingindo que tudo aquilo não passava de um grande mal-entendido. Mas meses depois, no Feriado de Independência, Adryan me chamou para ir com eles a um acampamento, e o idiota aqui, com a esperança de se encontrar com ela, aceitou.

— E conseguiu falar com ela?

— Consegui vê-la, mas ela não era mais a mesma. Angelina parecia ser outra pessoa, era totalmente diferente da garota que eu conheci. Ela passou a fumar e sequer me encarava. E se tudo era muito confuso antes, depois de vê-los juntos é que não entendi porra nenhuma, eles não tinham conexão alguma. Na verdade, eles eram péssimos juntos, e como nessa época Adryan bebia demais, as brigas aconteciam na minha frente e eu não entendia por que estavam juntos. Eu não via mais a menina carinhosa e cheia de sentimentos que eu conhecia, Angie parecia indiferente a tudo e a todos. À noite, quando ele apagou na barraca de tão bêbado que estava, vi Angelina sozinha, fumando um cigarro atrás do outro. Ela ficou viciada em algo que me fazia muito mal. Eu ignorei os sinais de que algo muito errado havia acontecido, porque ela ainda era a pessoa que eu amava, e mesmo tão machucado por vê-los juntos, eu precisava de uma única resposta para entender o que tinha acontecido. Então, com receio e me sentindo humilhado por vê-la com meu melhor amigo, me aproximei.

Respirei fundo, tenso, como se voltasse ao passado.

— Ela estava sentada próxima à fogueira, e quando comecei a falar, recebi seu olhar tão frio e vazio em minha direção, tão diferente dos olhos intensos e apaixonados que eu conhecia. Vi muita dor ali. Ela estava quebrada, tão quebrada que eu mal reconheci aquele olhar. Angelina me disse para não falar com ela como se a conhecesse, e que seu pai tinha razão

o tempo todo. Eu não era nada. Quando toquei o seu braço, Angelina ameaçou gritar e ficou dizendo que me odiava, quase cuspindo seu ódio por mim. Foi bem clara quando exigiu que eu não me atrevesse a atrapalhar mais a sua vida, porque ela finalmente tinha um namorado que os pais aceitavam e que não a abandonaria como eu fiz. Continuou insistindo que era feliz, que era amada de verdade. No fundo, eu sabia que era mentira, ouvia suas palavras, mas não sentia emoção alguma, só dor.

— Acabou assim?

— Depois disso, ela jogou fora seu cigarro, soprou a fumaça no meu rosto e se afastou. Eu fiquei ali, sem entender por que o amor da minha vida passou a me odiar, tentando entender o que eu tinha feito para isso acontecer. Angelina entrou na barraca, e enquanto eu chorava na minha, ela e Adryan estavam transando. Ela transou com ele ciente de que eu estava ali perto, ouvindo tudo. Isso foi só o início da merda. — Sorri, bebendo o resto do líquido da garrafa. Mas nem mesmo o uísque era capaz de apagar a minha mágoa. — Então, minha cara amiga, esquece essa desgraça de que eu facilito algo para ela, isso não existe. O fato de ter comido Angelina de novo não significa que estou apaixonado, não mais — falei.

Apesar de eu exibir um sorriso, Erika não parecia acreditar na minha ensaiada superação. No minuto seguinte, peguei outra garrafa. Erika continuou deitada, apenas observando a certa distância.

— Bryan, acha que se prende a esse sentimento porque, de alguma forma, teve culpa no que houve?

— Culpa por ela decidir transar com meu melhor amigo? — perguntei, com ironia.

— Não me refiro a isso, mas acho que como vocês não tiveram um término de verdade, de alguma forma você se sente culpado. Mas não é. Precisa aceitar que não teve culpa, se desprender desse sentimento que te faz tão mal, porque só assim vai conseguir seguir em frente.

— Eu não sou melhor do que ela, Erika. Todas as mulheres, cada uma que se sentou no meu pau, tinha algo que me lembrava dela. Em algumas, era o mesmo sorriso, ou a forma como arqueavam a sobrancelha, ou o mesmo jeito de olhar. Esse é o único motivo, o único critério que eu uso para transar com uma mulher. Algumas entravam nessa sabendo que seria coisa de uma noite, outras queriam o que eu jamais poderei dar. Então, pare de romantizar que eu sou um coitado, um fodido, porque por um bom tempo eu procurei resquícios dela em todas as outras mulheres. E mesmo consciente de que não haveria uma entrega da minha parte, estive com muitas, e sei que machuquei algumas, então, não tenha pena de mim. E só te contei tudo isso para nunca mais ouvir de você que eu gosto ou facilito algo para ela. Isso não acontece.

— Então, por que depois de tudo, transou com ela de novo? Para ter respostas?

— Eu não espero mais por respostas, aquilo só aconteceu porque eu estava no lugar errado, hora errada, bêbado o suficiente para expulsar a razão e abraçar a loucura. E loucura é isso, você promete que vai fazer só uma vez, mas repete até perder a conta.

— Então não significou nada?

— Não — disse, de maneira firme, mas implorando para que a mentira se tornasse verdade.

Erika desviou o olhar, incrédula por minhas palavras. Aumentei o som, com o intuito de encerrar o assunto. Meu fim de semana passou tendo sempre uma garrafa como companhia, cantando fora do tom, longe demais para lamentar as merdas do passado, para sequer sentir.

Quando entrei na editora na manhã de segunda-feira, fiquei surpreso com o grupo de pessoas na recepção. Todos engravatados e com valises. Perguntei a Cibelly o que estava acontecendo, e sua resposta me tirou o chão.

— São os advogados da srta. Paytron. Eles querem falar com o responsável pela editora.

— Merda! — Suspirei. — Me dê dois minutos e deixe que eles subam.

— Algum problema, senhor?

Encarei Cibelly. Eu tinha um grande problema, um problema do caralho, mas como ignorei os detalhes, agora ele estava ali, pronto para explodir e me virar do avesso.



Capítulo 4

Bryan

Segui para a minha sala, sentindo minha cabeça latejar. E dessa vez, apesar da ressaca, não era pelo álcool. Me sentei e respirei fundo, tentando organizar os pensamentos. Liguei para a Erika, mas caiu na caixa postal. Fiquei tentando por dez minutos em vão, mas quando o telefone da minha mesa começou a tocar, eu já sabia quem era e o que teria que fazer.

— Pode deixá-los subir. — Com o contrato em mãos, sentei-me em minha cadeira e ignorei a sensação de sufocamento.

Eu acreditei que todos os advogados subiriam, mas apenas dois deles o fizeram — Davis Miller e Jones Wilson —, ambos famosos por

defenderem celebridades, e claro, sempre vencerem. Eles me cumprimentaram sorrindo e com um gesto rápido, porém o sorriso indicava que não era nada amigável.

— Sr. Martin Claret, sou Davis Miller, e esse é meu colega, Jones Wilson.

— Já os conheço — disse, brevemente. Eu sabia que para terem vindo até a editora, eles tinham a intenção de me amedrontar, além claro, de Angelina estar desembolsando uma pequena fortuna. Estendi a mão em um gesto sutil para que se sentassem, o que rapidamente fizeram.

— Sr. Claret, imagino que já esteja ciente do motivo de estarmos aqui. — Confirmei com um aceno. — A nossa cliente, a srta. Paytron, se sente lesada por sua editora, por conta da quebra de contrato. E como já temos tudo comprovado, poderíamos entrar com um processo judicial requerendo o valor da multa penal pelo não cumprimento de contrato.

— Poderiam? Não vão entrar? — Prendi os lábios ao confrontá-lo.

— *Poderíamos*, mas visto que isso certamente não arruinará apenas os negócios da editora, mas todo o seu patrimônio, e, muito provavelmente, você terá que decretar falência... A nossa cliente é uma pessoa muito benevolente, então estamos aqui para que possamos avaliar um caminho

mais amigável. — Enquanto ele falava, eu me perguntava por que Angelina insistia tanto no casamento. — E sendo esse praticamente um patrimônio familiar, que vem sendo passado de pai para filho, acredito que o senhor não deseja uma exposição negativa, já que isso fecharia muitas portas para os novos negócios da família, e é claro, seria péssimo depois de todo o investimento, trabalho e dinheiro que seus pais depositaram aqui, não é mesmo? Uma situação como essa, tiraria a paz e o sossego de toda a família, até porque, este continua sendo o meio de sustento de todos vocês.

Ele era bom, e muito, apelando para o lado emocional, ainda assim, não deixei que nenhuma das minhas emoções transparecesse, continuei com minha postura rígida, mas por dentro a raiva me corroía. Deixei que eles continuassem fazendo o joguinho combinado com a Angelina. Vez ou outra eles trocavam pequenos sorrisos, demonstrando de forma irritante a satisfação que tinham em encurralar pessoas, e isso me fez odiar um pouco mais Angelina. Mas depois do que eu fiz a ela, algo como isso já era esperado.

— Entendo. E de fato há uma forma mais amigável de resolvermos isso, e é bem simples. Sua cliente precisa apenas aceitar estender o prazo para a publicação da nova tiragem, e uma vez que o livro já está em produção, é uma questão de poucos di...

Ele estendeu a mão, me interrompendo.

— Não creio que minha cliente esteja disposta a isso. No entanto, há uma oferta, e ela é muito amigável, por sinal.

Sorri, ciente da sua oferta. E pelo sorriso que recebi de volta, estava claro que ele também sabia bem qual era.

— E por acaso esta oferta inclui um casamento que não está nos meus planos? Angelina precisa obrigar um homem a se casar com ela?

Os dois riram, e de forma muito sarcástica, o que elevou meu grau de raiva e ódio por toda situação. E por ela, que mandou esses palhaços até aqui me coagirem.

— Assim nos ofende sr. Claret, pois a lei, que está acima de todos nós, deixa claro que a nossa cliente nunca poderia exigir algo do tipo. Se casar é um ato volitivo, depende da manifestação de vontade dos contraentes, e o casamento seria nulo se não contraído de pleno acordo pelos nubentes. No entanto, nossa cliente não processaria o marido, não acha, Wilson?

— Obviamente que não, família é algo pelo qual temos muito zelo e apreço. Ninguém quer nada além do melhor para a sua família. Estou certo, sr. Claret?

Sua frase ridícula e irônica usada com o único intuito de me persuadir acabou me fazendo rir, tamanho o absurdo da situação.

— Se isso não é uma clara ameaça, não sei o que pretendem ou aonde querem chegar, senhores.

— Sr. Claret, já ouviu falar que causa sem paixão de nada adianta? Isso é paixão, sr. Claret. E se permite um conselho desse velho lobo aqui. — Sorriu. — Viver um ano ao lado de alguém tão apaixonada como a srta. Paytron, que além de estar disposta a esquecer todas as suas ofensas, também está disposta a ir além arcando com todas as suas despesas, inclusive a dos seus pais. Você pode incluir nisso uma porcentagem de todos os ganhos dela durante o período que permanecerem casados. Se essa não é a mais linda e fiel forma de paixão, não sei o que é.

Apesar do deboche misturado a um velado tom ameaçador, tudo o que vinha na minha cabeça era que Angelina ainda mantinha a ideia deturpada de que podia me comprar e me controlar. E isso, além de degradante e ofensivo, alimentava a mágoa que eu fingia não sentir mais.

— E se isso te ajuda a refletir com mais carinho, devo lembrá-lo de algo que nós dois já sabemos: ir contra a srta. Paytron em um tribunal significaria ter não apenas suas portas fechadas, como também a perda de toda a sua credibilidade no mercado. E claro, ter que pagar todo o valor da multa penal em três dias, que é o prazo que iremos solicitar. Não me parece tão fácil.

— Então é isso. Se eu não me entregar, ah, como o senhor chamou mesmo? Paixão — ironizei —, ela irá foder com a minha vida. Mas caso eu ceda aos caprichos dela, ou melhor... caso eu me descubra igualmente apaixonado a ponto de concordar com essa merda, quais garantias terei de que futuramente não serei processado?

Ele riu, e sem cerimônia alguma tirou da sua valise um envelope.

— Aqui está o acordo pré-nupcial, com todas as exigências e direitos de ambos os lados. Leia e discuta com seu advogado. O senhor tem um advogado, certo? Discuta com ele, e caso tenham alguma objeção, ainda que minha cliente tenha sido mais do que generosa, entrem em contato comigo. Mas lhe garanto que não sairá perdendo. Apenas um ano, sr. Claret, ela não exige mais do que isso.

— Um ano e estou livre? — perguntei, tentando ser o mais racional possível.

— Leia o acordo. E sugiro que dessa vez o faça atento a todos os detalhes e converse com seu advogado. Quero lembrá-lo que ela também exige confidencialidade em relação a tudo que discutimos aqui. Se algo vazar, a multa será cobrada em três dias e nada de casamento.

— Mas se eu aceitar, que garantias eu tenho? Os senhores não responderam a minha pergunta — disse, odiando a possibilidade de não ter

outra saída a não ser aceitar.

— Se o casamento ruir antes de um ano, será considerado quebra de acordo e descumprimento contratual, e o valor da multa será igualmente devido. Isso é um contrato de prazo determinado. Um ano e nem um dia a mais, a não ser que queiram ficar casados.

O sarcasmo com que a última frase foi dita fez minha raiva borbulhar. Era uma merda estar preso a ela, pior ainda era ter a certeza de que Angelina me colocou exatamente onde queria. E depois do que houve, eu tinha certeza de que ela não facilitaria em nada a minha vida.

— Se o casamento perdurar por um ano, como planejado, os lucros dos livros vendidos e em estoque serão apenas seus, além de todos os outros benefícios que estão neste contrato, como o pagamento das despesas previstas no documento. No entanto, há detalhes minuciosos e íntimos que devem ser analisados com cautela antes que o senhor assine. A minha cliente lhe concedeu uma semana para que leia com atenção e analise o contrato. Ao final desta semana, o senhor terá que decidir, já que, de acordo com a vontade dos pombinhos, o casamento ocorrerá na próxima semana.

— Essa mulher é louca — disse, irritado.

— Ou talvez muito apaixonada, e eu admiro isso nas pessoas. A paixão é o que nos leva a conquistas inimagináveis, é através dela que

alcançamos os nossos melhores objetivos.

Não retruquei, ele novamente me estendeu a mão, se levantou, sendo acompanhado pelo outro advogado. Ambos agradeceram o meu tempo, deixaram um cartão com seus contatos e saíram.

Peguei a porra do pacto nupcial. Com um nó estúpido na garganta, e depois de segundos digerindo tudo, finalmente comecei a ler. Além de conter todas as informações sobre mim e Angelina, data do nosso provável casamento, que segundo o contrato, ocorreria na próxima sexta, continha também todos os nossos bens listados, confesso que os bens da Angelina eram impressionantes. Ela construiu uma imensa fortuna, havia mais dígitos do que a revista Forbes informou. Mas o que mais me doía era ter ciência de que a porra da multa não faria diferença alguma para ela. Essa constatação só veio para confirmar o que eu já sabia, que tudo não passava de um infame capricho.

Havia exigências tão ridículas que era no mínimo risível e chegava a soar apelativo. Angelina queria que dormíssemos sempre na mesma cama, com exceção dos dias em que estivesse ausente por conta dos seus compromissos. E para esses casos em específico, ela exigia três encontros por semana, em que cederia seu jato particular para facilitar. Encontros públicos duas vezes ao mês, onde nós deveríamos demonstrar afeto. E na nossa vida privada, ela exigia que passássemos dois dias da semana em

casa, desfrutando de um tempo de qualidade e em família. Caso eu quisesse sair e ela estivesse ausente por conta dos seus trabalhos como modelo, eu deveria comunicar previamente a sua assessoria, pois, ao que parecia, ela desejava controlar todos os meus passos nesse ano dos infernos. Caso eu quisesse ir a locais muito públicos, eu também deveria comunicar a sua assessoria, que tentaria fechar ou reservar todo o local a fim de evitar expor sua imagem. Consegui rir disso também.

E a mais ridícula das cláusulas: para cada ano que permanecêssemos casados, ela me cederia a quantia de um milhão e meio, bastando apenas que eu observasse e cumprisse todas as suas exigências, como bom marido faria. Em uma outra cláusula havia a previsão que eu jamais, em hipótese alguma, poderia falar mal dela publicamente ou dar entrevistas sem o seu consentimento. E quando finalmente cheguei à última, me perguntei em qual mundo ela vivia para achar que isso tudo era mesmo possível.

O nubente se compromete a permanecer casado pelo período mínimo de um ano, e durante este período permanecer fiel a nubente, e não se envolver intimamente ou sexualmente com nenhum outro parceiro.

É muito mesquinha a forma vil e barata como ela armou tudo isso, e simplesmente para me ter ao seu lado, e não apenas isso, mas me deixar à mercê dos seus caprichos e preso a uma merda de contrato, para não ferrar com a minha família e nosso patrimônio.

Me sentia um imbecil, com ego machucado e o orgulho ferido, porque bem além de me sentir usado, me sentia como um objeto comprado para satisfazer seus caprichos. A sensação de sufocamento era tamanha, que eu quase podia sentir suas mãos em volta do meu pescoço. Ela parecia querer me sufocar da mesma forma como fiz com ela. Mas, no meu caso, o sufocado será por um ano inteiro, e não por míseros segundos.

O telefone tocou e eu rejeitei a chamada ao ver o nome da Erika na tela. Peguei a porra do acordo nupcial e joguei na gaveta, trancando-a logo em seguida.

Deixei a editora ainda com o sentimento de angústia alojado no peito. Não queria ver ou falar com ninguém, precisava de um tempo para acalmar essa confusão que agora ardia em mim. Decidido a não aceitar ser o capacho da Angelina, fui direto para a casa dos meus pais, na expectativa de expor a situação para eles e arcar com as consequências. Mas ao adentrar o portão e não obter resposta ao tocar a campainha, atravessei a casa e os vi no jardim, cuidando das suculentas — o novo passatempo da minha mãe. Meu pai dizia qualquer coisa sobre sempre mudá-las de lugar, enquanto minha mãe sorria, recebendo sua ajuda para plantar as novas mudas.

Pensei em tudo que fizeram e em todo o sacrifício para terem paz nesse momento da vida, então lágrimas vieram aos meus olhos. Eles sempre confiaram em mim, lutaram tanto para terem segurança financeira durante a

aposentadoria, e no fim, eu fiz uma merda que podia arruinar com tudo, que podia levar a minha família à ruína. Sem chamar a atenção de ambos, dei meia-volta, e, em segundos, estava novamente no meu carro.

Passei o resto do dia tentando me esquivar das lembranças que em momentos como esse faziam questão de me assombrar. Quando Erika, pela vigésima vez, voltou a me ligar, eu estava em frente a um balcão de bar, querendo afogar minhas mágoas e esquecer, ainda que só por aquele dia, a merda do inferno em que minha vida se transformou.

— Graças a Deus me atendeu, eu estava preocupada. Onde você está?

Respirei fundo antes de responder:

— Vou me casar com ela — disse, sentindo o peso de cada uma dessas palavras.

— Você o quê?! Bryan, isso é loucura, você não pode se casar com ela, e outra, você...

— É só por um ano, Erika. A porra de um ano inteiro. Mas depois estou livre.

— Ela não tem esse direito, Bryan, é contra lei e...

— Mas ela pode me processar pela porra do contrato, e meus pais não merecem passar por isso.

— Bryan, como pode considerar isso? Como pode pensar em se casar com aquela louca?! Nós podemos dar um jeito, pediremos ajuda, eu faço um empréstimo.

— Erika, não! Eu não posso envolver mais ninguém nisso. Você tem razão, eu não deveria ter pensado com meu pau, fiz merda, e por isso eu vou ter que arcar com as consequências.

— Ah meu Deus! Eu não acredito que está mesmo considerando essa ideia absurda.

— Já aceitei, não é o fim do mundo. Trezentos e sessenta e cinco dias passam rápido — eu afirmei, virando a quarta dose. E só então percebi que Erika estava tão abalada quanto eu.

— Mas ela te propôs isso em documento? Se sim, podemos usar isso a nosso favor.

— Não fez, tenho apenas o pacto nupcial. Como eu disse, Angelina sabe jogar, e por conhecê-la bem, eu sei do que ela é capaz.

— Bryan, talvez o Adryan possa...

— Erika, pelo amor de Deus. Deixe o Adryan fora disso. Nunca tive coragem de expor meu passado com Angelina para ele, e não vou fazer isso agora. Ele está feliz, realmente feliz com Amy, eles têm uma linda bebê e quero mantê-los afastados de toda essa loucura. E não é como se eu

estivesse indo embora, afinal, Angelina passa mais tempo fora do país do que aqui. Se ela precisa disso para me deixar finalmente em paz, posso dar a ela o que quer pela minha liberdade, e quem sabe assim essa perturbada não me esquece de vez.

— Posso ao menos ver esse pacto? — Ela suspirou.

Olhei o relógio, conferindo as horas.

— Me encontre em meia hora na editora, que te mostro.

— Mas se for mesmo considerar entrar nessa loucura, quando vai ser?

— Sexta.

— O quê?

— Podemos falar sobre isso depois, por favor?

Ela concordou, e sem muitas palavras nos despedimos.

Após pagar a conta, em meia hora lá estava eu esperando por Erika, em minha sala. O sol já havia encerrado seu expediente e a lua parecia preencher toda a noite. Não havia ninguém além de mim e o vigia. Quando ela chegou, correu ao meu encontro e me abraçou. Entreguei a ela o envelope, e Erika rapidamente o pegou e se jogou na cadeira, ficando imersa nas páginas com uma expressão pouco amigável.

— Essa mulher é louca! Isso é ridículo, Bryan, ela praticamente irá controlar a sua vida.

— Erika, está tudo bem, você tinha razão. Naquele dia no almoço, me disse que eu teria que jogar tão sujo quanto ela, e agora eu estou disposto a descer tão baixo quanto Angelina. — Ela me lançou um olhar desconfiado. — Vamos morar na mesma casa por um ano, segundo o pacto nupcial, mas antes disso descubro alguma merda dela e reverto o jogo.

— Está mesmo disposto a isso, Bryan?

— Eu sei de algo, Erika, mas envolve o Adryan, e não quero ter que usar sem antes conseguir uma prova. Mas assim que conseguir, ameaço vender a porra da matéria para um desses sites sensacionalistas.

— Bryan, se aceitar se casar, ela vai ter a sua vida nas mãos por causa deste contrato, e não apenas isso, o seu silêncio está incluso nestas páginas.

— Não se eu tiver uma prova.

— Desculpe-me insistir nisso, mas quero te lembrar que até o último dia deste ano, você estará tão preso quanto está agora. E pelo valor da multa e pela vida financeira dos seus pais e da editora. — Erika ficou me encarando, perplexa por eu continuar a levar a ideia adiante. — Ela conseguiu mesmo mexer com seu psicológico.

— Que porra de psicológico? Ela está fodendo com a minha vida e eu estou tão puto com toda essa merda, que se já tivesse uma única prova ou se eu tivesse uma saída, ainda que improvável, eu jogaria toda essa merda no ventilador agora mesmo, mas não tenho.

— E acha que essa prova vale tanto a ponto de se arriscar assinando isso?

— Angelina é conhecida por ser uma boa garota, sempre engajada em causas sociais, o bom exemplo que todos querem seguir. Então sim, vai sim — falei, irritado.

— Tem certeza de que não existe outro caminho?

— Se tem algo que apreendi em todos esses anos é que quando o demônio faz as regras, não existe outra opção a não ser jogar e seguir. E pelo meu ódio, me preocuparia mais com ela do que comigo.

— Mas pretende seguir as cláusulas?

— Não, mas é aí que você entra. Preciso que redija o contrato, colocando que o primeiro a desistir deve pagar uma indenização ao outro, claro, superior ao valor da multa penal.

— E acha que ela vai aceitar?

— Angelina acha que sou idiota, mas não sou. Ela quer o casamento, e ao contrário do que diz essa merda de pacto nupcial, ela vai fazer de tudo

para levar isso adiante. A imagem que ela tanto preza em manter inclui um casamento feliz e um marido apaixonado, então, sim, ela vai aceitar mesmo que eu não cumpra porra nenhuma.

— Bryan, não quero que saia prejudicado.

— Então cuide para que isso não aconteça. Angelina não sabe com quem está mexendo, porque se ela é o demônio, eu estou disposto a ser todo o seu inferno.

— Você pode se machucar muito, e...

— Ela não pode me machucar mais do que já machucou. E é por isso que vou usar a meu favor. — Entreguei o envelope para ela. — Quando pode me devolver?

— Preciso de uns dois dias, pode ser quarta?

— Obrigado — disse, me levantando.

Ela novamente me abraçou e seguimos para o estacionamento.

Cheguei à minha casa com a cabeça quente, e após um banho, comer o resto de pizza e me jogar na cama, me questionei que merda havia feito na vida para esse carma desgraçado estar à minha espreita agora. Quando o telefone tocou e vi o nome de Amy, apesar de não ter ânimo algum, atendi.

— A que devo a honra? — perguntei, forçando entusiasmo.

— Bryan, eu já sei de tudo e estou chateada por não ter me contado. Eu vou falar com o Adryan, nós iremos conseguir o dinheiro.

— O quê? Como assim? — perguntei, fingindo não entender.

— Desde aquele anúncio, eu fiquei desconfiada, então liguei para Erika e ela me contou, me sinto tão culpada por isso e...

— Amy, pare, não é sua culpa.

— Claro que é. Eu sugeri a publicação, insisti nisso. Sei que se eu falar com Adryan ele vai conseguir o dinh...

— Contou tudo a ele? — a interrompi.

— Não, não contei ainda, mas posso contar e ele vai te ajudar.

— Essa é a questão. Eu não quero envolver ninguém nisso. Eu assinei aquela porra de contrato e sou o único responsável, não quero que se sinta culpada, porque não é. — Ela começou a chorar.

— Não pode se casar, não com aquela víbora.

— Amy, é só por um ano, não é o fim do mundo. Sexta oficializamos isso, e no mais, tudo vai ser como antes, nada de mudanças significativas.

— Não pode fingir que está tudo bem, porque não está. E eu aqui torcendo por você e Erika...

— Você o quê? Amy, somos só amigos.

— Ela te ama, só você não percebeu isso.

— Não ama, não. Você está vendo coisas onde não existem. Agora, por favor, não deixe que Angelina estrague seu momento.

— Como não, se ela está estragando o seu? — Amy agora chorava copiosamente.

— Ei, me escute, está tudo bem. É sério. Eu estou bem com isso, vejo mais como um acordo que casamento. Agora quero que fique bem e foque sua energia em Bia e no seu casamento. Você está feliz e eu mais ainda por vocês. Merecem ser felizes. E com Angelina, deixa que eu me viro, tudo bem?

— Tem certeza, Bryan?

— Eu tenho, e quero que fique bem, porque assim vou conseguir ficar também.

— Tudo bem — concordou, ainda abalada. — Bryan, promete que se precisar vai me dizer?

— Prometo. Mas, por favor, não conte ao Adryan, não quero que ele fique confabulando sobre isso.

— Tudo bem. Nós amamos você.

— Eu sei. Além de padrinho de casamento, sou padrinho da Bia, é muito amor envolvido — brinquei, tentando quebrar o clima, e ela riu.

— Eu não vou aceitar que se afaste.

— Não vou me afastar. É algo só no papel, Amy, não é um casamento de verdade. Não se preocupe. E, Amy, só uma curiosidade, uma vez você me disse que Adryan mencionou que Angelina tinha o hábito de escrever diários, não foi?

— Depois de tudo, está pensando em outro livro?

— Não, só curiosidade.

— Sim, mas não falamos mais disso, então não sei se é até hoje. Mas por que está perguntando?

— Só curiosidade.

— Eu realmente estou preocupada, Bryan.

— Não fique, está tudo bem. Dê um beijo na Bia por mim e no Adryan, mas nele pode ser de língua.

Ela riu ao me escutar.

— Seu bobo, nos falamos amanhã.

— Certo. E obrigado por ligar.

— Se não fosse pelo horário, eu teria ido aí.

— Eu sei disso. Boa noite, Amy.

— Boa noite.

Voltei para a cama, decidido que os dias de santinha imaculada de Angelina estavam por um fio. Se ela queria jogar sujo, eu faria acontecer. Pela minha vida, eu jurava que faria.



Capítulo 5

Bryan

Na quarta, Erika me enviou o pacto nupcial com as alterações e, como previsto, Angelina não fez objeções. Como enviei toda a papelada já assinada, seu advogado me entregou uma cópia autenticada em cartório no mesmo dia. A parte mais difícil foi ter que explicar para os meus pais sobre o casamento, eles pertenciam a uma geração que além de crer cegamente no amor, considerava a união matrimonial algo sagrado, que deveria ser levada por toda a vida. Então, tentar fazê-los entender era a parte mais difícil e complicada de tudo.

Mentiras! Como tudo relacionado a nós. Era exatamente através delas que continuei insistindo para os meus pais, tentando convencê-los de que era real, que eu realmente era grato pela ajuda que Angelina nos deu com a publicação do livro, e que essa gratidão evoluiu para algo mais. E eles, não convencidos, faziam questão de estarem presentes. Ainda fui obrigado a escutar conselhos sobre não brincar com algo sagrado, então entramos em acordo, eles poderiam ir à cerimônia desde que não fizessem nenhuma objeção. E somente depois de me prometerem isso que concordei em levá-los.

Amy e Erika, sendo as únicas que sabiam de toda a verdade podre por trás desse casamento, não davam trégua. Na quinta, Erika dormiu em minha casa e brindamos pelo meu péssimo casamento. Em algum momento, ao olhar em seus olhos, pensei em perguntar sobre o que Amy disse, mas desisti no minuto seguinte. Nunca a vi dessa forma e tinha plena certeza de que era fraternal todo amor que sentíamos um pelo outro.

Quando a sexta finalmente chegou, a inquietude em mim chegava a incomodar. Eu não queria. Angelina sequer tinha o direito de provocar essa bagunça em mim. Mas, indo contra todos os avisos, os velhos sentimentos, antes trancados em um baú de memórias, agora pareciam prestes a explodir. Depois de receber o bom-dia nada animador de Erika, olhei em seus olhos,

que de forma sutil fugiram dos meus, me fazendo temer o que poderia estar tão exposto ali para deixá-la assim.

— Receoso? Se tudo der errado, ainda podemos fugir.

— Acho que essa frase geralmente é usada para as noivas.

— Quando elas não são as bruxas da história, sim — ela disse.

Eu acabei rindo. Nos levantamos, e após um rápido café, ela seguiu para o seu apartamento, e eu, para a editora, não antes de um abraço carregado de emoções.

Eu queria poder de alguma forma mentir para mim mesmo e gritar a plenos pulmões que estava tudo bem. Mas a confusão interna inflada pelos últimos acontecimentos não me permitia levar a mentira adiante, sequer expressar em um sussurro.

À tarde, já tão esgotado emocionalmente, na casa dos meus pais, tomei um banho rápido. Apesar de insistir que não precisava, meu pai me pediu para usar suas abotoaduras de casamento. Não vou dizer que não me emocionei, aconteceu, mas como já vinha ficando hábil nisso, não deixei nenhuma dessas emoções escaparem.

No horário marcado, eu, em um terno caro enviado por sua equipe, junto aos meus pais, que se vestiram formalmente para a ocasião, seguimos no carro deles para a antiga mansão dos Paytrons. O silêncio no carro

chegava a ser tão opressor quanto a situação em si. E a pergunta nos olhares que eu recebia dos meus pais incomodava, e muito. Eles queriam as respostas que eu não ousaria a dar.

Por ser idiota, talvez, nunca, em hipótese alguma, coloquei Angelina como a vilã. Eles presenciaram todo o meu sofrimento quando acabou, e ficaram tão chocados quanto eu quando souberam sobre ela e Adryan. Mas justifiquei que já havíamos terminado, insistindo que foi uma decisão minha por querer focar nos estudos.

E já tão calejado desse sentimento que só me arruinou, eu ainda não entendia por quê, mesmo sem ela merecer, que eu ainda tentava manter sua imagem imaculada perante as pessoas que eu amava. Era ser idiota, eu sabia, talvez o maior deles, e mais ridículo ainda era admitir que Erika tinha razão. No fundo, aquele garoto bobo e apaixonado ainda se culpava por tudo que aconteceu com sua Angie, que de anjo, nunca teve nada.

Eu tentei, juro que sim, mas quando pegamos a velha estrada que desde o nosso rompimento eu não me atrevi a andar, senti como se voltássemos no tempo. Todo aquele sentimento enraizado em minha alma que ignorava existir quase rasgou meu peito.

Angelina correndo à minha frente enquanto eu a seguia de carro, seus sorrisos tão únicos ao olhar para trás e ver que estava ganhando. E quando

eu ia ultrapassá-la, ela e a égua pulavam a cerca e pegavam um atalho, o mesmo que ela usou para chegar ao meu coração e roubá-lo.

Sentia o vento fresco, o cheiro de mato, as árvores, as folhas dançando pelo chão, enquanto nós dois ganhávamos vida em minhas lembranças. E quanto mais viva elas se tornavam, mais a dor se intensificava. Em alguns momentos era necessário respirar fundo para conseguir manter a farsa.

Por ironia do destino, ou capricho do demônio, ao me aproximar da propriedade, notei que Angelina reformou a antiga mansão dos Paytrons. Olhei para casa onde tudo começou, que segundo o pacto nupcial, seria onde moraríamos no período de um ano. E onde a cerimônia seria realizada.

Eu tentava loucamente me esquivar de nós, mas tudo ali à minha volta sussurrava uma história que por anos implorei para esquecer. Quando finalmente estacionamos em frente à mansão, agora com uma pintura invejável e arquitetura restaurada, senti o coração palpitar ao olhar para a frente e ver Cristal, cavalgando junto a outros cavalos. Nem mesmo os anos me fariam esquecer essa criatura tão fiel aos nossos encontros.

Sorri para a égua, e o lindo animal parou, fixando o olhar em minha direção e relinchou assim que me viu sair do carro. Percebi que o reconhecimento foi recíproco.

Uma equipe nos aguardava, e ao entrarmos na mansão, foi instintivo ter todos os sentimentos intensificados. E então eu percebi que não tinha pensado que seria tão difícil, mesmo que ninguém tivesse dito que seria fácil. Angelina sabia como jogar, e como sempre, era de uma forma vil e mesquinha. Ela tinha plena consciência de como estar aqui mexeria comigo. E ter a convicção de que ela planejou cada passo me enojava, porque não precisava ir tão longe, não precisava reviver um passado tão inocente e puro. Agora, todas as nossas doces lembranças se misturavam com seu veneno, fazendo meu estômago embrulhar.

Uma pessoa de sua equipe, que se apresentou como Jane, nos conduziu até o grande salão do casarão. A cada passo dado era como se recebesse uma nova carga de emoção. Olhei para a escada, e se fechasse os olhos, poderia vê-la descendo rapidamente, de short jeans, camiseta, cabelo solto e descalça. Falando algo em francês, que segundo ela, era a língua mais romântica do mundo, e depois disso eu sempre ria, sem entender nada.

Angelina restaurou tudo, mas manteve cada detalhe exatamente igual. Só agora percebi que ela julgava que assim estaria trazendo de volta à vida a nossa história, e talvez com isso reviver aquele Bryan que era tão ingenuamente apaixonado por ela.

— Está tudo bem, meu amor? — minha mãe me perguntou, me arrancando das lembranças que pareciam cravar um punhal no meu peito.

Erika falou sobre isso de manhã — anseios que não conseguimos controlar. Com exceção dela, Adryan e Amy, nenhum outro amigo soube do casamento.

Quando achei que estava no meu limite, levei um choque ao ver os Paytrons sentados próximos a outros convidados. John, com o cabelo grisalho, em um terno caro e joias caras que não só ostentava seu poder aquisitivo, mas continuava a manter o ar de superioridade. Já Dayse, devido a plásticas, não aparentava ter mais que quarenta anos, e não apenas no traje, mas em tudo ela também deixava claro a que mundo pertencia. Diferente de John, Dayse sorriu ao olhar em minha direção.

Alguém se aproximou dos meus pais, indicando os lugares próximos ao altar improvisado. Havia lírios brancos por todos os lados, música tocada por uma violinista, e a iluminação do local lembrava um jardim de inverno. O juiz, assim como os demais, olhava em minha direção sorrindo. Quando senti seu perfume tão marcante no ar, implorei aos céus para ter forças e conseguir passar por isso. Ela não precisava ir tão longe, mas ela foi, e cada detalhe tornava tudo pior. Com a esperança de não ter que encarar Angelina, mantive meu olhar firme no altar, mas ao ver a admiração refletida não apenas no olhar de minha mãe, mas nos demais convidados que agora pareciam deslumbrados, me virei e me deparei com ela à minha frente.

O cabelo preso em um arranjo de flores, um vestido de seda branco simples de alças. Se havia maquiagem, não dava para notar. Ela sorriu, e diferente de todos os outros, talvez envolvido por sua áurea angelical, eu me rendi, achando o mais lindo que havia visto desde então. Era meu sonho, nosso sonho, e era uma pena que fosse realizado em tais circunstâncias. A mulher que eu mais amei na vida, a mesma que mais me arrancou lágrimas, que me machucou de uma forma tão cruel, agora sorria como um anjo para mim. Mas no fundo eu sabia, era o próprio demônio.

Haveria uma maneira de enganar meu coração, que tão devoto ainda se sentia ligado a ela? Desviei o olhar, lembrando-me que em se tratando dela, ele sempre foi de adoração. Angelina sorriu e se aproximou o suficiente para tocar meus lábios com os seus, e eu, afundado nessa tormenta de emoções, não tive reação alguma. Ela então colocou seu braço no meu e, se virando na direção do juiz, junto a mim, começou a caminhar.

Não saberia dizer se a cerimônia durou segundos ou horas, mas aconteceu. O juiz pediu para que virássemos de frente um ao outro, e olhando em seus olhos, eu o ouvi perguntar se eu a aceitava como minha esposa. Doeu, como doeu, desejei tanto isso, para agora estar vivendo da forma mais banal possível. Meu sim saiu em um sussurro carregado de mágoa, o dela, não saberia dizer se foi uma emoção real ou fabricada, mas vi suas lágrimas ao responder. Coloquei a porra de um diamante em seu

dedo, e ela, a aliança no meu. E no mesmo instante que sorriu novamente, vi minhas emoções antes frágeis se reverterem em raiva e ódio. Era um jogo, um sujo e mesquinho jogo, mas que dessa vez eu estava disposto a jogar. Assinei os papéis no automático, e após ela assinar, ouvi o juiz nos declarar marido e mulher. Era essa parte do enfim juntos que eu estava ansioso para começar, porque eu faria Angelina pagar pelo que fez e provar do próprio veneno.

No salão ao lado, os poucos convidados, vieram nos parabenizar na recepção, e assim como ela pediu, tivemos nossa primeira dança e partimos o bolo ao som de aplausos. A farsa estava próxima do fim.

Ao se aproximar de nós para se despedir, John, tão desconfiado quanto meus pais, nos desejou felicidades entredentes, e a mesma cena que várias vezes eu presenciei se repetiu — ele deu um beijo cálido na testa de Angelina, mas diferente das outras vezes, não houve sentimento algum por parte dela, que conseguiu ser mais fria ainda com a mãe.

Meus pais também vieram se despedir, e diante deles Angelina pareceu não saber ao certo o que dizer ou como se portar. Philip Martin Claret manteve o semblante confuso, mas forcei um sorriso tentando de alguma forma enganá-lo ao afirmar com o gesto que estava tudo bem. Já minha mãe, Valerie, foi mais emotiva ao se despedir, e doeu vê-los nos desejar a felicidade com tanta sinceridade, porque tudo que eu não queria

era ver meus pais envolvidos nessa farsa, e até por isso eu faria Angelina pagar.

Alívio foi o que senti ao vê-los indo embora. E assim como eles, os poucos convidados foram deixando o local, até restar apenas os seus funcionários e nós.

— Satisfeita? — perguntei, me virando em sua direção.

Ela desviou o olhar, mas foi perceptível o constrangimento.

— Pode não entender meus motivos agora, mas só precisa nos dar uma chance para sermos felizes.

Sua voz passiva me irritava. Acabei sorrindo friamente e olhei para o seu corpo de cima a baixo.

— Eu posso ter uma trepada sem graça, a porra de um dinheiro fácil e até a minha liberdade de volta, mas tudo que eu não vou conseguir com você é ser feliz. E quanto mais rápido isso entrar na sua cabeça, mais fácil fica para nós dois. — Ela continuou me encarando, atenta aos sinais. — Deu seu show, foi emocionante e eu fiz minha parte. Agora estou voltando para a minha casa.

— Essa é a nossa casa agora, você assinou o contrato, Bryan, não pode voltar atrás — disse, e não havia orgulho algum.

— Tudo que eu precisava era de uma desculpa para os meus pais que tirasse a culpa de mim. E você acabou de me dar isso, eles vão acreditar que um processo é mais pelo fracasso do casamento, do que pela porra do contrato. E sabe, Angie — toquei seu rosto, acariciando — para alguém que se julga tão esperta, esqueceu de prestar atenção aos detalhes. Você já me tirou tudo, querida, eu não tenho mais nada a perder, mas, você, toda uma reputação de santinha. E cá entre nós, sei que vai fazer de tudo para mantê-la.

— Você assinou o contrato, não pode... — insistiu, claramente nervosa.

— Estou redigindo um novo agora. Não que eu não venha morar aqui, posso vir, mas não hoje. Estou prolongando a minha despedida de solteiro, e ela não inclui você na minha cama.

— Pode se arrepender por isso — ela disse, tentando manter a posse.

Amei ver a decepção em seu olhar.

— A cota de arrependimentos do lado de cá se esgotou, é hora de começar a acontecer do seu. E não se preocupe, meu anjo, eu vou te ajudar nisso.

— Bryan, por favor, acabamos de nos casar e... — Angelina engoliu um choro, e na tentativa de me deter, tocou em meu braço.

— Não toque em mim — disse, tirando sua mão com desprezo. — Olha para você! Chegou no topo para se humilhar para alguém como eu, que como disse várias vezes, não é nada. Não faça isso, Angie, ainda dá pra curtir sua noite, e eu tenho uma sugestão, pode começar escutando *Bad Romance* da Lady Gaga, enquanto toma um champanhe e imagina que daqui a duas horas seu marido vai estar fodendo outra mulher.

— Se fizer isso, juro que nunca mais vai tocar em mim — ela falou com amargura, enquanto eu lhe dava as costas.

— Ah, querida, você é esperta, aprende rápido. Como disse, são novas regras, e elas não me inclui querendo comer você. Tenho opções melhores. — Me virei novamente — Mas se me trair, além de expor essa merda, eu vou fazer valer aquela cláusula tão ridícula de fidelidade.

— Está sendo mesquinho.

— Aprendi com você.

— Eu posso fazer o mesmo com você — ameaçou, me fazendo rir.

— Angelina Paytron descobre que seu recém-marido a traiu na noite de núpcias? — Fiz ar de deboche, como se lesse uma matéria sensacionalista. — Não é uma matéria muito interessante, já que segundo a top model mais bem paga do mundo, estamos apaixonados.

— Bryan, por favor, podemos dormir em quartos separados, eu... — O desespero em sua voz era deplorável.

— Não se preocupe, querida esposa, domingo estarei de volta. — Pisquei.

Escutei-a chamando meu nome, dizendo ter uma outra oferta, aumentando o valor. Apesar de ainda estar abalado, continuei andando, claro, recebendo os olhares condenatórios das pessoas presentes de sua equipe, mas estava pouco me importando com eles.

Quando saí da mansão, tirei a minha aliança e a enfiei no bolso, então caminhei alguns metros até avistar o carro de Sabrina um pouco mais à frente. Já havíamos combinado antes por mensagem, mas eu não tinha certeza se ela realmente apareceria.

— Oi — disse.

Ela levou um susto quando bati na janela.

— Porra! Que susto! — disse, saindo do carro. — Cheguei há meia hora, juro que já estava achando que era mentira. Caralho, o que está fazendo nesse fim de mundo e vestido assim? — Sabrina me perguntou ao me abraçar.

Como havia muitas árvores e estávamos distantes da mansão, parecia mesmo um fim de mundo.

— Um evento de livro de terror — disse, após seu abraço e entrarmos em seu carro.

— Nesse fim de mundo? — perguntou, espantada, ao volante. — Por que não me chamou? Eu teria vindo — sugeriu, sorrindo.

— Tem um evento mais interessante agora, e vai ser exclusivo. Só nós dois — disse, e senti seu beijo em minha boca no segundo seguinte.



Capítulo 6

Bryan

Eu amo você, Angie... não se esqueça disso, nunca, promete?

Eu também te amo, bebê, sempre e para sempre... eu prometo.

Sua voz doce e gentil ainda ecoava em minha cabeça e, lentamente, sua imagem foi desaparecendo, dando lugar a um latejar na nuca. Vagorosamente fui abrindo os olhos, e a cada nova imagem o quebra-cabeça ia sendo montado.

Garrafas vazias, uma porção delas, algumas roupas espalhadas pelo chão que explicavam bem o motivo de eu estar pelado, e somente quando

olhei para a parede lateral e vi o quadro da Marilyn Monroe, que tive certeza de onde estava.

Ao sentir um braço me puxando, pude confirmar que estava mesmo no quarto da Sabrina.

Tão rápido como um raio, as lembranças foram preenchendo as lacunas — Angelina, nosso casamento e toda a merda depois disso.

Me virei e encarei uma Sabrina sorridente, mas antes que qualquer palavra fosse dita, a campainha começou a tocar com certa insistência, obrigando-a, ainda sonolenta, a se levantar para atender.

Ouvi ao longe um pedido de desculpas e justificativas. Ao olhar para o relógio de cabeceira, vi que passavam das três da tarde, e por maldição ou infelicidade, eu me sentia mais vazio do que quando me encontrei com Sabrina, naquela velha estrada. Não era esse o plano? Foder com outra? Encher a porra da cara e deixar que o álcool aliviasse pelo menos por hoje a dor?

— Me desculpa, amiga, eu sei que deveria ter cancelado, me desculpa por ter dado essa mancada, mas eu... — ela insistiu em um tom mais alto, chamando a minha atenção. — Eu sei, fui péssima, me perdoe, eu sei. Mas posso te provar que não estou mentindo, eu tinha um compromisso e...

Quase ri da sua insistente mentira de compromisso inadiável. Ela me mandou uma mensagem antes do casamento, e como em todas as outras vezes, eu aceitei, ainda que dessa vez estivesse sendo movido por um motivo maior — machucar Angelina, mesmo que só seu orgulho. Era o que eu queria, afinal, essa não era a mesma forma que eu sempre me sentia em se tratando de nós?

Sabrina continuou implorando por perdão, e só quando a escutei falar o nome da Erika que entendi o motivo de se desculpar tanto. Erika odiava que desmarcasse compromisso na última hora. Em seguida, depois de muito provável ouvir um sermão, ela insistiu para nossa amiga subir. Ao longe ouvi o elevador, depois, som de porta se abrindo, e no instante que entrou no quarto, sendo convidada por Sabrina, seu sorriso se desfez ao me ver jogado na cama, coberto apenas com lençóis. E talvez por sermos todos amigos, Sabrina sequer levou em consideração o fato de eu estar pelado.

A ressaca não me deixou decifrar se era mágoa ou surpresa o olhar que Erika me lançou. Sem jeito, ela se aproximou, até tentou manter um diálogo, mas a porra do Bryan estava cansado demais para sequer tentar.

Não dei atenção a sua presença, ao contrário disso, me virei e tentei organizar a mente, decidir os próximos passos. Nem sei quanto tempo passou, mas levei um susto quando Erika tocou meu braço, me tirando de um cochilo que eu nem percebi iniciar.

— Sabrina está no banho — ela sussurrou, enquanto eu a encarava com cara de ressaca. — Engraçado, eu passo a noite toda preocupada com você e você aqui, transando — falou, com rispidez.

— Erika, pare! Sem sermão, por favor.

— Não estou dando sermão, mas poderia ter mandado uma mensagem dizendo que anulou o casamento.

— O quê?! — perguntei, sem entender. — Mas não foi anulado, eu me casei ontem.

Agora era Erika que parecia confusa.

— E como veio parar aqui?

— Longa história. Mas falando nisso, pode me dar uma carona para minha casa? Tenho que pegar meu carro e algumas roupas antes de...

— Voltar para sua nova casa? Ou seria antes de agir como um homem casado?

— Casa provisória, mulher provisória, então não torra vai — balbuciei e ela ficou pensativa. — Pode me dar licença? Eu estou pelado e preciso me vestir.

— Suas roupas estão jogadas na sala, aqui só tem um pacote de camisinha no chão, sua cueca e a roupa da sua foda da noite. *Ops*, quer dizer, da nossa amiga Sabrina — falou, com ironia.

Respirei fundo, mas ela tinha razão, isso parecia uma zona de tão bagunçado.

— Pode me fazer o favor de jogar minhas roupas aqui? — Ela se levantou e atirou minhas roupas na minha cara no minuto seguinte, e com força. — Obrigado!

Em poucos minutos eu me vesti, e antes que a Sabrina deixasse o banheiro, ao ouvi-la vomitando, avisei que estava indo embora e que depois ligava.

Sentia o corpo pesado e dolorido, como se tivesse levado uma surra, realmente cansado. Meu estômago estava péssimo e meus olhos com a porra de uma sensibilidade à luz. Entrei no carro de Erika, que continuava trabalhando sua expressão em uma carranca.

— Só me diz uma coisa, por que a Sabrina? Pelo tom de pele te lembrar o da modelo?

— O quê?! — perguntei, vagarosamente, sem entender o teor da pergunta.

— Você me disse isso, tá legal, que só fica com mulheres que de alguma forma te lembram a modelo.

Revirei aos olhos ao entender aonde ela queria chegar.

— Erika, esquece essa merda que eu falei, é besteira. E outra, o bronzeamento da Sabrina é artificial — disse, deitando o banco.

— Então me diz, por que a Sabrina? — ela insistiu.

— Porque ela é como eu, não se apega.

Erika riu com deboche da minha resposta.

— Sério que pensa isso? Então me fala, com quantos caras você a viu depois que começou isso entre vocês? — Me encarou, esperando a resposta.

— Bom — pensei a respeito —, ver eu não vi, mas ela me disse e eu acredito...

— Ela te disse, como também me disse que se apaixonou por você e por isso finge ser como você.

— Ela finge ser como eu? — perguntei, rindo. — Ah, vai à merda!

— Está me mandando ir à merda, sério? — Parou o carro em uma freada brusca.

— Não, não você, mas a situação. Por que ela mentiu para mim?

— Porque parece que para se aproximar de você tem que estar afundando no mesmo barco. — Continuou me olhando de relance. — Ah, Bryan, às vezes você é tão lesado para entender o que está bem na sua cara!

— Eu não estou afundando, Erika, e outra, eu gosto de dar para as pessoas a chance que a maioria delas não me dá, o benefício de acreditar só no que elas falam... — balbuciei, novamente.

— Não está afundando? Bryan, ultimamente tem bebido tanto, que no fim de semana está bêbado ou de ressaca, e é sempre assim. — Não revidei e ela continuou. — E, sinceramente, acho que o plano em descobrir algo para usar contra a modelo e com isso poder se livrar desse casamento rápido não vai se concretizar, se é na cama da Sabrina que pretende acordar todas as manhãs. Ela é minha melhor amiga, e, poxa, você a conhece desde a infância e nunca percebeu que ela está apaixonada por você? — Não respondi, eu não via isso, mas não estava a fim de discutir a respeito. — Mas agora que sabe, deveria parar de iludi-la.

— Erika, não somos crianças, e outra, pelo que me lembro do que rolou essa noite, muito provável nada aconteceu. Ela acabou bebendo demais, me acompanhando, na verdade, chorando pelas merdas, por se apaixonar pelo cara errado e eu só consolei.

— Só consolou, sei. Então como acordou pelado?

Pensei a respeito, flashs da noite sobrevoavam minha mente — Sabrina rindo, depois chorando, nós dois bêbados, ela lamentando por um cara que tenho certeza de que não era eu, caso contrário, ela não iria

desabafar comigo; nós dois fazendo algumas apostas, eu perdendo, tirando a roupa e mais... nada.

Até me esforcei, mas não tinha nada, só a porra da Angelina para me assombrar. Eu sabia que me lembraria de mais detalhes depois, mas não naquele momento, porque tudo que eu não queria era pensar.

— Apesar de não sermos crianças e as regras estarem claras para os dois, não vai acontecer de novo. Não se preocupe, eu prometo.

— Não é sobre você, é sobre não a machucar.

Frustrado, apenas concordei. Respirei fundo, ciente de que sempre deixei bem claras as regras para Sabrina, ainda assim, para não revidar com uma má resposta na falação da Erika, me virei de lado e cobri o rosto com o blazer que estava aos meus pés. Pelo menos isso serviu para ela finalmente calar a boca.

Quando percebi que ela estacionou o carro, dispensando outro sermão, desci e agradeci a carona sem ao menos olhar em seu rosto. Abri o portão e praticamente fui rastejando até minha porta, digitei a senha e foi automático ir direto ao quarto e me jogar na cama. Assim que acordei novamente já era noite. Tomei um banho rápido, e ainda sonolento, peguei uma mala e coloquei algumas peças, pensando em como daria qualquer coisa para não ter que dormir ao lado de Angelina.

Já passavam das sete da noite quando liguei meu telefone. Apesar de várias mensagens de amigos, não havia nenhuma da Angelina. Não sei por que diabos isso incomodou, mexeu comigo. Respondi apenas a mensagem da minha mãe dizendo que estava bem, e sem pensar muito a respeito, peguei o carro e segui novamente para a velha mansão dos Paytrons.



Capítulo 7

Bryan

Estacionar em frente à porta do casarão nunca seria fácil, e agora eu tinha um motivo extra que tornava tudo mais tenso. Entrei com minha mala, o silêncio chegava a incomodar. Por um instante pensei que talvez ela tivesse ido embora, apesar das luzes acesas. Respirei fundo e segui em direção às escadas.

— Boa noite, sr. Bryan, não o vi chegando. Deseja alguma coisa?

A voz feminina e grave me fez virar em direção ao pé da escada, onde uma senhora de meia-idade parecia esperar a resposta.

— Obrigado, eu estou bem — disse e ela acenou. — Boa noite.

— Boa noite.

Como foram poucas as vezes que estive aqui, uma vez que meu limite sempre foi a sala de entrada, e costumava ter acesso ao quarto de Angelina pela janela, não sabia dizer se houve ou não mudanças significativas nesse corredor. Porém a porta, a terceira à esquerda, nunca me saiu da memória. Abri-a e encontrei as luzes acesas. O quarto antes infantilizado em nada lembrava isso mais. O ambiente aconchegante tinha se transformado em um quarto estilo romântico, com papéis de parede cromático, uma ampla janela de vidro que dava para a sacada com a bela vista do jardim, uma cama imensa e flores pelo quarto, mesa de café da manhã para dois. Mesas de cabeceira, e duas portas, sendo uma o banheiro e outra deduzir ser o closet.

Deixei a mala em um canto qualquer, ignorando como essa merda ainda mexia comigo. Senti o estômago embrulhar, e quando abri a porta do banheiro, fui direto ao lavatório e vomitei. Abri o armário e levei a porra de um susto pela quantidade de medicamentos.

O barulho de água me fez olhar para banheira ao lado e, merda, Angelina acabava de sair do banho, completamente nua. Olhei para o seu corpo, seus seios tão perfeitos com bicos pontudos, sua cintura fina e plana, suas longas e lindas pernas até parar na sua boceta. Fechei os olhos,

implorando para o meu pau não dar sinal de vida e querendo loucamente fugir de todo o tesão que ela acendeu em mim. Só podia ser obra do diabo uma mulher enlouquecer um homem só por olhar. Encarei novamente o armário.

— Por que tantos remédios? — Voltei a olhá-la de relance, tentando ignorar a cena constrangedora.

Como agora ela estava vestida no roupão, foi fácil notar os olhos vermelhos e rosto inchado, resultado de horas de choro intenso. E não foi necessário esforço algum para deduzir o motivo.

— Tomo alguns remédios para dormir — disse, com uma voz ainda indiferente, meio grogue, apesar de tentar disfarçar.

— Puta que pariu! Isso é alguns? Você praticamente tem uma farmácia aqui. — Peguei um deles, um vidro laranja com um nome estranho, como se fosse manipulado. Todos tinham o mesmo estilo. — Que médico te passou isso?

— Charlie os consegue pra mim.

Olhei novamente em sua direção, mantendo o olhar fixo ao seu rosto. Angelina parecia esgotada.

— Seu empresário? — Ela confirmou, desviando o olhar, impaciente. — Onde coloco minha mala? — perguntei, tentando de alguma forma

mudar o clima.

Mas era no mínimo preocupante estar nessa situação, viciada em tantos remédios que um cara conseguia para ela.

— Não precisa dela — retrucou.

Esperei que me mandasse embora ou algo do tipo, mas o silêncio me deu a resposta.

Sem dizer mais nada, deixei o banheiro depois de escovar meus dentes, querendo tirar o gosto ruim da boca.

Fui para cama e acredito que nunca tinha me deitado em uma tão macia e cheirosa. Não demorou para ela vir se deitar, e seu cheiro intensificava meu intenso desejo guardado a sete chaves. Apesar de agora ela estar vestida com uma camisola de renda branca, bastava fechar os olhos para ter sua imagem completamente nua, e a essa altura estar tão excitado não era novidade.

Então a vi colocar vários comprimidos na mão e tomar um a um com água. Quando notou que eu estava olhando, claramente incomodada, deixou alguns de lado no pires. Angelina se aproximou, sem me encarar, e se deitou ao meu lado, apagou as luzes e o silêncio se apossou do quarto. Eu esperava uma briga ou algo assim, mas sua sutil indiferença me deixou surpreso.

Me virei, dando-lhe as costas e... merda. Desejo por sexo era a última coisa que eu deveria sentir, mas que sempre foi algo gritante quando estava próximo a ela. Olhei pelo quarto, e bem na mesa ao lado estava uma foto nossa, não apenas ela, mas algumas dela ainda adolescente, sorrindo. E tudo isso me fez voltar àquele lugar que era só nosso, onde tínhamos um ao outro.

Desejo, tesão, sexo, sua imagem tão imaculada se misturavam a esse ser perverso que agora se deitava ao meu lado. Tentei loucamente reprimir esse tesão dos infernos que misturava o ódio com um fogo infernal. Ter uma ereção monstro não era novidade, mas quando começou a me incomodar, tentei pensar em qualquer outra merda. Só que essa era uma das verdades que mais odiava sobre nós — Angelina conseguia, sem esforço algum, me excitar apenas com sua presença. Esse demônio tinha algo que me deixava louco, tão louco que nenhuma outra mulher conseguia despertar em mim o mesmo desejo. E agora meu pau e corpo se comportavam como se há anos eu não transasse. Desesperado para parar de pensar nisso, comecei a falar.

— Ainda está acordada?

— Estou. — A resposta veio depois de segundos.

— Por que precisa tomar todos esses remédios? — Pergunta imprópria, imbecil e eu não tinha porra nenhuma com isso, mesmo assim,

banquei o idiota.

— Uns para dormir, outros para ficar acordada, depende da necessidade. — A resposta foi rápida, deixando claro que não queria continuar a conversa.

— E todos você consegue através do seu empresário? — Ela não respondeu. — Angelina?

— O que foi, Bryan? — Não havia ânimo algum em sua voz.

— E não teria uma solução melhor? Porque imagino que isso deve viciar.

— Estar preocupado não condiz com alguém que deixou claro que pouco se importa.

Era estúpido, mas até escutar sua voz no momento me enlouquecia.

— Não estou preocupado com você, mas comigo por dormir ao lado de alguém assim — menti e ela riu.

— Não se preocupe, se te quisesse morto, escolheria outras opções mais baratas e menos desgastantes emocionalmente. — Novamente o silêncio veio.

— Mas por que tantos?

Ela suspirou, frustrada por minha insistência, enquanto eu mantinha a imagem dela nua fixa em minha mente, desesperado para me aliviar.

— Sorrir para as fotos, dar entrevistas, frequentar *after party* depois de quase cem horas de desfiles consecutivos não é algo que se consegue em seu estado normal. Não quando o único tempo que tem para dormir são em poltronas de aviões enquanto voa de um lugar a outro, ou na cadeira do seu maquiador nos intervalos.

— Já é quase bilionária, não precisa mais disso.

— Se engana se pensa que o difícil é chegar lá, o caminho é árduo, porém, se manter relevante nesse mercado também exige sacrifícios. Agora, se não se importa, preciso dormir, e acho que também deveria, já que suponho que a blogueirinha tenha te cansado. — Acabei rindo do seu comentário. — Sempre gostou dela, não é? Mas, me diz, isso começou agora ou já acontecia antes, quando nós dois ainda estávamos...?

— Já tem a resposta, finge que não, mas sabe que era a única. Naquela época, eu era idiota demais, só enxergava você.

— Estava vendo o Instagram dela. É no mínimo bizarro, uma pessoa que quando adolescente debochava tanto do meu tom de pele, agora recorrer a bronzeamento artificial para ficar como eu.

— Todo mundo muda, Angelina. Alguns, como você, para pior, outros, como Sabrina, evoluem e aprendem com os erros.

Ela gargalhou.

— O demônio que há em mim se revira com tamanha santidade, mas pede ao bom Senhor que a conserve.

Apesar do rancor e deboche em sua voz, não revidei e, em segundos, ela pareceu dormir. Mas eu, louco de tesão, me levantei na esperança de me aliviar.

Tentei bater uma punheta no banheiro, mas que merda que era quando o seu cheiro, agora por todo ambiente, me desconcentrava. Angelina era uma doença, a minha doença e, infelizmente para mim, ela também era a única cura. Tomei um banho gelado, e mesmo isso não ajudou muito. Era como uma febre e a única que poderia dar um fim a isso tinha apagado na cama.

Vesti meu pijama que se resumia a uma blusa velha e bermuda, e me sentei na poltrona da sacada. Enquanto observava o jardim dos Paytrons, lembranças de nós dois vagavam por minha mente. Ela, tão linda, sorria quando eu distribuía beijos por seu rosto. Cenas bobas de nós tão apaixonados jurando que seria eterno. Eterno mesmo só a porra desse sentimento, porque, no mais, cada uma das nossas promessas ruiu, assim

como todas as mentiras que pareciam tão imaculadas em se tratando do nosso amor. Apesar de querer, abafei a vontade de chorar, não faria mais isso, não por ela.

Quando acordei pela manhã, levei a porra de um susto ao ver Angelina sentada à minha frente na outra poltrona, fumando um cigarro. Confuso, olhei à minha volta. Merda! Acabei dormindo na sacada.

— Por que dormiu aqui? — ela perguntou, terminando o cigarro.

— Que horas são? — Ignorei sua pergunta.

— Cinco e meia da madrugada. Hoje temos um compromisso. Em San Barbara.

— O quê? Onde é isso?

— Uma ilha no litoral, a cinco horas daqui. Mas como vamos de helicóptero, encurtará o tempo, passaremos o dia em meu iate.

— O quê? Por que isso?

— Porque estamos apaixonados e em lua de mel. Mudar uma regra não significa que vou aceitar que mude todas. Sairemos agora, e não se preocupe, já está tudo organizado para a viagem. Preciso apenas da sua presença, física, claro.

Ainda sonolento, respirei fundo para continuar com esse teatro. Até minhas roupas eram escolhidas por ela, e com isso, Angelina me apresentou

ao meu novo closet, que incluía apenas roupas de grife e alta costura.

Como ela mesmo disse, a viagem não durou muito, se bem que dormi a maior parte dela. Quando acordei, Angelina estava conversando via Skype com o empresário, falavam de uma nova campanha, ela dizendo que precisava descansar e ele insistindo que valia a oferta, que seria rápido. Usando uma chantagem barata, ele falou que se não fosse ela a grande estrela, eles chamariam uma tal de Hanna, e como eu não acompanhava esse mundo, sequer sabia quem era. Mas, resumindo, tudo girava em torno de dinheiro. Quando pousamos, além dos seguranças, ter sempre pessoas a sua disposição era um hábito comum.

A vista era linda, um verdadeiro paraíso, fazia tanto tempo que eu não ia à praia. Fomos levados direto para o local onde estava seu iate, e porra, que iate. O nome, previsível demais, Cristal.

Subimos e era difícil não ficar impressionado com o iate. Sem reclamar, eu moraria em um. Tinha até uma sala de jogos, e, sem exagero, ele realmente unia o design de interiores ao náutico. E pelo seu olhar, eu sabia que a minha cara de bobo demonstrava que eu estava mesmo impressionado.

— Antes que pergunte, ele tem trinta metros de comprimento. Dividido em três pavimentos e hospeda até doze pessoas e quatro

tripulantes, que estão nos acompanhando. Na próxima vez, pode trazer seus pais, tem mais suítes no primeiro andar, quatro, para ser mais exata. E aqui no segundo, nossa suíte, a cozinha, sala e pátio da popa. O *flybridge* no andar superior, caso queira conhecer depois. Fique à vontade, bebê, eu vou me trocar. E não se preocupe, estamos seguros, e se precisar, toque a campainha que alguém vem te servir.

Puta que pariu! Agora sim ela fez valer todos aqueles dígitos da sua fortuna que estavam no acordo nupcial. Todos os móveis e detalhes eram em mogno envernizado. A madeira escura contrastava bem com os acabamentos em couro natural — era lindo, realmente fabuloso — e nem me atrevia a perguntar o preço. Quando ela veio, vestida em um biquíni amarelo e cabelo solto, pediu por telefone champanhe e um prato em francês.

Fomos para a popa, e a visão era magnífica. Angelina falou algo e *Try* da Pink começou a tocar. Me aproximei da popa e enquanto via o caminho feito pelo iate no imenso oceano, olhei à frente e a imagem era espetacular.

Uma mulher uniformizada pediu licença e nos serviu champanhe e, na bandeja, morangos em uma espécie de calda e creme. A praça de popa contava com uma mesa de refeições e poltronas que acomodariam facilmente até seis pessoas. Ainda envolvido pela áurea quase mágica dos raios solares refletidos no azul do oceano, me sentei ao seu lado, pensativo.

Nunca, em nenhuma possível realidade, essa era a vida que ela teria comigo. Angelina me entregou uma taça, e quando viu que eu sequer experimentei, me interrompeu.

— Toma, vai te ajudar a relaxar. Prometo que serão só algumas fotos, e quando menos esperar estaremos de volta.

— Não vi nenhum fotógrafo embarcar.

— Paparazzi, Bryan. Esquece o que sabe sobre esse mundo, é sujo, mesquinho e sempre existe uma moeda de troca. Eu me casei, e não vão descansar até terem a primeira foto, então minha equipe os avisa onde estaremos, deixo que eles tirem algumas fotos de nós dois "muito apaixonados" e no fim me deixam em paz.

— Muito apaixonados? — Debochei, me virando em sua direção.

Ela sorriu, tirou a taça da minha mão e, sem que eu esperasse, me puxou para perto, aproximando nossos corpos. E estando ali, com sua boca quase colada à minha, enquanto sua língua me invadia, me fazendo sentir seu gosto, foi difícil manter o controle. Notando certa resistência, ela me puxou mais para junto de si, quebrando qualquer chance de manter uma distância segura, e em segundos eu estava por cima, especificamente, com suas pernas à minha volta. Angelina não era boba, e por mais que quisesse disfarçar, meu corpo deixava claro o poder que ela exercia sobre mim.

— Seu mundo é uma farsa — disse, com o olhar fixo em sua boca.

— Bem-vindo, bebê, agora ele é o seu também — Angelina sussurrou.

No minuto que senti seus lábios quentes tocarem os meus, e diferente de outrora, eu quis beijá-la. A maneira tão perfeita como nossos corpos se encaixavam deveria ser a porra de um pecado. A sua boca contornava a minha em um beijo urgente e safado, sua língua invadia a minha boca e, no minuto seguinte, eu a senti dar leves mordidas em meu lábio inferior, puxando-o para si, provocando. Olhei em seus olhos e havia muito desejo. Atrevidamente, ela tirou minha blusa enquanto eu, louco de desejo, contornei cada parte de seu corpo, querendo loucamente estar nela.

Cada beijo me fazia elevar meu nível de excitação. Os sorrisos e a forma como ela conduzia toda situação era uma perfeição do caralho e eu me via mais hipnotizado, sedento por mais. E pelo volume que agora estava na minha bermuda, Angelina sabia, mais uma vez, que não precisou de muito, eu estava tão carente quanto um cachorro aos seus pés.

Louco de tesão, além dos beijos, agora eu esfregava meu pau na sua boceta, desejando loucamente fodê-la. Ela, estrategicamente, inverteu as posições para ficar por cima, e em contato com meu peito, tirou a parte de cima do biquíni em um movimento rápido. Apesar de não conseguir vê-los,

só de sentir seus seios prensados em meu peitoral eu quase gozei. Angelina, tão safada, começou a fazer movimentos de vai e vem, me fazendo gemer.

— Puta que pariu — sussurrei. — Eu quero muito foder você, te fazer gozar no meu pau. — Beijei sua boca, já enlouquecido de tesão e necessitando desesperadamente liberar toda essa energia acumulada. E quando fui afastar a parte debaixo do seu biquíni, Angelina segurou minha mão e riu com malícia.

— Você pode, e eu quero muito também, bebê, mas desde que não foda mais a blogueirinha.

Ah, porra! Fechei os olhos e mordi os lábios. Não conseguia acreditar que ela estava fazendo isso. Desesperado, levei minha mão à sua boceta, e ao enfiar meu dedo nela, Angelina gemeu, louca pelo contato.

— Você quer tanto quanto eu, podemos dar uma trégua e... — sugeri, ofegante.

— Eu quero, bebê — ela riu —, quero muito. Mas a escolha não é minha, é sua. Ou ela, ou eu. As duas não — disse, ofegante.

Porra! Era disso que a Erika falava sobre pensar com o pau.

Merda, merda!

— Você não disse que precisa das fotos? Podemos fazer uma troca. — Tentei, ainda tão louco para estar nela.

Angelina riu e depois me beijou, mordendo minha boca, me fazendo gemer com o contato.

— Já foram tiradas, bebê, não percebeu o barulho de um barco se afastando? Quando quiser, podemos ir embora.

Ah, que demônio de mulher. Me levantei, frustrado, odiando ouvir sua voz, odiando ficar tão excitado, odiando cair tão fácil no seu jogo. E para piorar, a porra do meu pau até latejava de tesão. Quando fiz menção de me afastar, ela tentou me tocar.

— Vai à merda, Angelina! — disse, irritado.

Ela somente riu. Sem pensar duas vezes, me aproximei da lateral e me joguei no mar. E... puta que pariu, que água gelada. Mas foi isso que me ajudou a não perder a cabeça. Enquanto dava algumas braçadas, implorava para o meu coração idiota esquecer essa mulher. Foi tempo demais com meu pau latejando de dor, e quando finalmente passou minha ereção, voltei ao iate e evitei ficar sozinho com ela.

Essa praga tinha feito tanto mal para mim, e se eu permitisse, continuaria fazendo. Erika tinha razão, se não achasse algo para usar contra ela, Angelina acabaria me matando. Até voltarmos, fiquei conversando com os homens da tripulação, que pareciam surpresos por eu ficar com eles e

não no quarto com ela. De volta ao helicóptero, evitei qualquer contato, e percebendo como eu estava puto, Angelina não tentou uma aproximação.

Chegando à casa, no momento que Angelina desceu, segundo ela estava indo preparar o jantar, vasculhei cada canto do quarto, pensando onde poderia estar a porra do diário. Minha sanidade dependia disso.

Não encontrando nada, segui para os outros quartos, mas não achava que ela deixaria algo do tipo em um quarto de hóspede, e era impossível olhar em todos. Silenciosamente, desci a escada e fui para o primeiro andar. Fui abrindo portas até me deparar com o escritório. Olhei as gavetas da mesa, nada, alguns livros na estante, até que o quadro na parede de frente à mesa chamou a minha atenção. Quando o tirei do lugar, bingo, um cofre. Mas, para a minha merda de sorte, exigia senha. Seu aniversário seria óbvio demais? A data do aniversário dos seus pais, talvez? Não, eles não tinham tanta intimidade.

Pense, Bryan, pense, porra!

Primeira tentativa, data do seu aniversário, deu merda. Segunda tentativa, data em que nos conhecemos, merda também.

Pense, porra, pense!

Última tentativa, data do meu aniversário, e já imaginando o pior, tentei... abriu!

Porra, abriu!

No cofre tinham apólices de seguro, contratos, inclusive o nosso do casamento e da editora, escrituras, seu testamento — que bizarro. E, por fim, lá estava um diário verde-musgo aveludado. Havia outros, mas pela data e número de páginas, esperava encontrar o que precisava nele, caso contrário, teria que voltar para pegar os outros. Parecia mais um desses livros velhos. Apesar da curiosidade em ler seu testamento, fechei o cofre novamente. Olhei pela fresta da porta, e encontrando o corredor vazio, saí silenciosamente e voltei ao "nosso" quarto.

Era a porra de um alívio imenso ter o diário dela comigo, e com sorte, eu encontraria uma prova para finalmente tirar esse demônio da minha vida.

Pertence à Angelina Paytron, caso o encontre, favor devolver.

14 de fevereiro de 2007.

Olá, diário,

Vou te chamar assim, porque ainda não escolhi um nome melhor, mas não se preocupe, isso vai acontecer.

Papai me deu você de presente, e sabe por quê? Porque assim como ele, eu amo palavras e livros, tem magia neles, e ele me disse que quando eu tiver terminado de preenchê-lo, ele irá mandar esse

manuscrito para a gráfica e transformará em um livro. Também não escolhemos um título para o livro, mas sabe o motivo de eu estar tão feliz? É que quando isso acontecer, você irá para a nossa biblioteca e não nas prateleiras com os outros livros não, papai disse que você ficará na prateleira especial. Sim, é assim que chamamos a prateleira dos livros raros, aqueles que papai comprou a primeira edição, são de colecionadores, eu posso apenas vê-los quando papai está em casa, o que é raro, ele nunca está, mas tudo bem, apesar de sentir sua falta eu me acostumei com isso.

Acho que para um primeiro dia está muito bom. Papai me aconselhou a usar um vocabulário amplo e erudito. Mas na próxima vemos isso também.

À plus **(sim, estou indo muito bem no francês, já não posso dizer o mesmo do alemão).**

Espero voltar a te escrever em breve.

Angelina Anne Paytron.



Capítulo 8

Bryan

Quando ela voltou ao quarto, eu já havia guardado o diário em minha mala, assim como tomado um banho. Sentado na sacada, notei seus passos se aproximando.

— Preparei o jantar para nós — disse, com um sorrisinho convidativo.

— Já pedi uma pizza pra mim. Vai demorar cinquenta minutos, já que agora estamos na porra do fim do mundo.

Ela desviou o olhar.

— Não quer nem ver o que preparei?

— Não. Aos domingos eu sempre como pizza.

— Bryan, pare com isso. Eu mesma cozinhei.

— Mais um motivo para eu dispensar.

Ela revirou os olhos. Virei-me de costas para ela antes de sentir suas mãos me tocando, e antes de me envolver em seu abraço, tirei suas mãos do meu corpo.

— Pare, não tem permissão pra me tocar.

Ela colocou as mãos para trás, se rendendo.

— Bebê, sei que eu fui péssima hoje com você, mas...

Comecei a rir e isso a fez se calar.

— Hoje? Tem certeza que só hoje? Na verdade, perto de tudo o que aconteceu, hoje não foi nada. Angelina, você nunca me deu um motivo, mas fez da minha vida um inferno. Transou com meu melhor amigo quando, teoricamente, ainda estávamos juntos. E não satisfeita, fez isso comigo dormindo ao lado. Acha que não doeu? Acha mesmo que não doeu te ver com o Adryan? Acha que não doeu todas as vezes, que sem motivo algum, você me sacaneou, me humilhou? Me envolveu nessa porra de mentira e, pior, envolveu meus pais também. Caralho, as únicas pessoas sagradas pra mim. Eu nunca menti para eles, por nada, e agora, graças a você estou

vivendo uma farsa, porque você não me deu outra opção. E como eles não fazem ideia de como você é perturbada, acham que o problema está em mim. Então, foda-se hoje. Te foder ou não deixou de fazer diferença há muito tempo para mim, é só a porra de sexo. Então corta essa de jantar a dois. Para o inferno você e seu jantar!

— Bebê, se nos der uma chance, podemos recomeçar e...

— Recomeçar? — eu a interrompi, rindo. — Acorde, Angelina. Eu te amei, passado, dez anos, para ser mais exato. Você é louca, completamente louca, precisa se tratar e parar de fantasiar que vamos ser felizes juntos. Não vai acontecer. Agora me deixe em paz.

Sem replicar, ela sorriu e saiu do quarto.

Uma hora se passou e nada da pizza?

Não era para ficar mal depois de jogar todas aquelas verdades sobre ela, mas eu fiquei, fiquei me sentindo um imbecil. E era estranho me sentir mal por fazer isso com alguém que fez pior comigo. Sabendo que uma hora iria precisar, peguei na mala uma garrafa de uísque quente e barato que havia trazido. Me joguei na cama, e enquanto tomava, todos esses sentimentos, junto aos ressentimentos, iam escalando um grau com álcool. Quando ela subiu ao quarto, a garrafa já estava vazia ao lado e eu jogado na

cama, deitado em um travesseiro já úmido pelas lágrimas. E com tudo escuro, me senti confortável para continuar ali, na mesma posição.

Angelina seguiu em silêncio para o banheiro, em seguida, ouvi o barulho de água, e foi o suficiente para a imagem dela nua vir à mente. Fiquei me imaginando chupando seus seios com vontade, então levei minha mão ao meu pau que pulsava de tesão. E quando ela saiu e se deitou ao meu lado, eu sabia que precisava ficar com ela ou iria enlouquecer.

Me aproximei fingindo naturalidade, e já perto o suficiente, toquei seu cabelo. Institivamente, ela se virou para me encarar e através da claridade que adentrava da noite, pude ver a interrogação em seu rosto. Atrevidamente, passei o polegar em seus lábios.

— Você é linda, sabia? Muito. — Pela expressão de desconfiança, foi um péssimo começo. — Por que está surpresa, eu sempre te falei isso, desde o dia que te conheci...

— Você está bêbado?

— Não, só tomei um pouco de uísque, mas isso não vem ao caso. Eu te acho realmente linda... a mais linda...

— O quanto bebeu?

— Um pouquinho só. — Soltei seu cabelo, arrumando-o desajeitadamente. — E fica linda assim.

Me ignorando, ela se virou. Passei a mão por sua cintura e a puxei, deixando nossos corpos colados. Enfiei minha cabeça entre seu cabelo, ficando entre seu pescoço e ombro.

— Me desculpe por...

— Não peça desculpas, não quando está bêbado — ela disse, me cortando, mas não me afastou.

Comecei a beijá-la e, vagarosamente, subi minha mão para o seu seio, apertando-o por cima do tecido liso da camisola. Ela se afastou, então tornei a puxar seu quadril em direção ao meu pau tão duro.

— Bryan, você está bêbado e vai se arrepender depois — ela sussurrou, ofegante.

— Não vou — falei, com voz rouca. — Eu quero muito transar com você. Eu preciso... — confessei.

Angelina arfou. Sua pele tão quente quanto a minha só me dizia que queríamos um ao outro.

— E depois acontece o quê? — ela questionou assim que a virei de frente.

— Nós dois gozamos bem gostoso. — Voltei a beijar seu pescoço e ela segurou meu rosto, me levando para sua deliciosa boca. — Me deixe te

chupar todinha, prometo que não vai se arrepender — disse, com a voz grogue.

Tesão.

Desejo.

Fogo.

Estávamos queimando um pelo outro, e tenho certeza de que poderia queimar por toda uma vida. Eu enlouquecia pela maneira safada como sua língua passava pelo meu peitoral enquanto se livrava completamente da minha roupa. Em um minuto eu estava por cima, no seguinte era ela, tão desesperada quanto eu. Desci sua camisola e, sedento, mamei em seus seios, sentindo um verdadeiro deleite. Quando novamente inverti as posições, ficando por cima, fui entre suas pernas e aspirei seu delicioso cheiro. E assim que a minha língua invadiu sua boceta tão molhada, Angelina arfou e se contorceu, então eu a chupei com vontade, beijando, sugando, lambendo como um animal. Antes de me deixar penetrá-la, ela se levantou. Ao sentir suas mãos delicadas no meu pau já babando de tanta excitação, gemi, e o fiz de novo mais alto quando ela substituiu as mãos pela boca, chupando a cabeça enquanto, com as mãos, massageava minhas bolas. Empurrei-o para dentro de sua boca e Angelina chegou a perder o ar, então entrelacei meus dedos em seu cabelo, intensificando seus

movimentos. Quando senti meu pau pulsando, louco para gozar, tirei-o de sua deliciosa boca, com ele agora todo babado.

Caralho, essa mulher era minha ruína. Ela sorriu de uma forma única, atrevida, indiretamente jogando em minha cara o que eu sempre soube. Não era apenas meu coração que pertencia a ela.

Empurrei-a na cama, querendo transar com ela como nunca. Eu tinha certeza de que iria pagar um preço muito alto por isso, mas até a porra da razão sabia que era tarde para voltar atrás. Coloquei-a de quatro, e... puta que pariu. A sensação de sentir meu pau deslizando tão gostoso para dentro da sua boceta molhada me fazia contorcer de prazer, tive que me controlar muito mais para não gozar. Comecei a me movimentar, segurando em seus quadris, empurrando cada vez mais forte, e a cada estocada ela gemia mais alto, até passar a gritar. Continuei empurrando forte, louco, querendo enchê-la com minha porra.

Porra, eu amava esse demônio, amava mesmo, então, para o inferno nós dois.

— Vai, bebê, continua, eu vou gozar — ela pediu em um gemido choroso.

Ciente que eu também iria, obedeci como um cão adestrado. Mas eu ainda não estava pronto para me afastar, eu queria mais, então puxei-a pelos

cabelos e a sentei no meu colo, de frente para mim. Vê-la rebolando no meu pau me deixava louco.

Continuei fodendo, e quando ela gritou, louca, minhas mãos que antes estava em seus quadris, agora agarravam seus seios. Sua cara de safada me fez, no minuto seguinte, ter a melhor foda da minha vida. Me vi explodindo em um orgasmo violento, enchendo sua boceta com minha porra. Ainda extasiado e sem força alguma, me joguei ao seu lado na cama, enquanto Angelina, na mesma situação, ofegava com o corpo estático.



Sonolento, ouvi ao longe um barulho chato e repetitivo. E à medida que o barulho foi se intensificando, me dei conta de que era o despertador. Peguei o telefone ao lado, agora eu precisava sair mais cedo, já que estava a quase uma hora de distância da editora e ainda tinha a porra de um trânsito. Não vi sinal de Angelina, mas quando saí do banheiro já pronto, ouvi sua risada, então me aproximei da sacada e a vi com um rapaz moreno, forte até demais para o meu gosto. Ele segurava em sua cintura, enquanto a ajudava a fazer uma série de exercícios, então deduzi que era seu *personal*, mas a

maneira como riam, achei irritante. Sem me esquecer do diário, peguei-o na mala e o coloquei na valise.

Eu não precisava passar pela área do jardim onde eles estavam, mas o fiz movido por uma dor de cotovelo que nem era para estar em mim. Me aproximei o suficiente para os dois me verem, ela agora fazia uma série de abdominais, e com manha insistia que não dava mais, enquanto o galanzinho de peitoral sarado e cheio de músculos sorria e a incentivava a continuar.

Que porra, pare, Bryan!

Quando me virei por me sentir um imbecil, eu a ouvi me chamar. Como quem não está interessado, me virei e ela me apresentou o cara.

— Bryan, esse é o Ryder Blatter, meu *personal*.

— Ryder, esse é o Bryan, meu marido — ela disse, se aproximando.

Fingindo indiferença, falei um prazer desinteressado. Ele estendeu a mão e eu a apertei.

— Estou indo.

— Tenha um bom dia — ela disse, enquanto Ryder apenas acenou.

Entrei no carro sem entender que merda eu fiz. Não, não era ciúme, não existia mais isso entre nós, na verdade, até agradeceria se esse cara tirasse Angelina da minha vida. Seria um problema a menos.

Merda! A quem estava querendo enganar?

Dei a partida, e quando finalmente, depois de um trânsito desanimador, cheguei à editora, o sorriso da Cibelly acompanhado ao bom-dia soou diferente quando entrei na recepção. E demorei alguns segundos para me dar conta de que era pela aliança.

— Parabéns pelo casamento. — Ela sorriu.

— Obrigado, quer dizer, eu acho — agradeci, sem jeito, ao me lembrar da porra do pacto nupcial. Não dava para sair desmentindo tudo para o primeiro que me parabenizasse. Cheguei à minha sala, e o mesmo sorriso que vi em Cibelly, estava estampado em Evelyn, e com ela me senti envergonhado, uma vez que tinha negado muitas vezes que não era real esse casamento.

— Parabéns pelo casamento, Angelina estava linda... — Olhei-a sem entender como ela podia afirmar isso. — Está em todos os sites, em destaque.

Respirei fundo, e dessa vez não me atrevi a revidar. Agradeci e fui para a minha sala e peguei o café. Ao ligar o computador, lá estava, vários sites anunciavam o nosso casamento, até fotos de nós dois, e não só na cerimônia, mas no iate.

Quando ela falou de fotos, achei que seria um beijo ou algo assim, mas era íntimo demais para estar exposto dessa forma, me incomodou muito me ver assim.

Esperei que como na vez do anúncio da Focco, o telefone não parasse, mas, estranhamente, não houve ligações de nenhum amigo. Ao menos tive tempo de fazer meu trabalho. No almoço, quando liguei para Markus para tentar desmarcar a nossa próxima trilha, ele foi bem frio ao telefone.

— Está acontecendo alguma coisa? — perguntei, por ele sequer ter insistido em manter.

— Ainda somos amigos?

— O quê? Claro que somos — eu disse, sem entender.

— Você é meu padrinho de casamento, e sequer me falou do seu. Olívia ficou arrasada. Qual é, não somos mais bons o suficiente só porque se casou com a modelo?

— Markus... cara, nada a ver. Foi algo dela e... — Eu não sabia o que dizer.

— Entendi, depois nos falamos, tenho que atender meu próximo paciente agora. Felicidades no seu casamento.

Ele desligou sem sequer me deixar explicar.

Preocupado, liguei para o Mike, que demorou para me atender.

— Mike, eu...

— Não convidou ninguém para o seu casamento, eu sei. Esperava algo assim do Adryan, não de você.

— O quê? — Ouvi Adryan protestar ao fundo, gelei ao ouvir sua voz. — Vai trabalhar e deixe para fofocar depois que encerrar seu expediente, preciso do projeto concluído ainda hoje — ele disse e, em seguida, ouvi passos e barulho de porta se fechando.

— Mike, mas essa é a questão. Não estou casado de verdade, eu...

— Olha, eu vi o vídeo de vocês no iate, e me pareceu bem realista, viu? A matéria até contava a história romântica do amor de adolescência, que depois de tantos contratempos, para os íntimos, vulgo Adryan, venceu. Parabéns, até me emocionei.

— O quê?

— Bryan, é como se Adryan nem existisse na vida dela, como se vocês estivessem sempre juntos, tinha até fotos de vocês jovens para comprovar. Sinceramente, se ainda há juízo em você, não é comigo que tem que se preocupar, e sim com o cara que você dizia ser seu melhor amigo. Adryan se sentiu totalmente excluído e enganado, e estou com ele nisso.

— Você me conhece, cara, sabe que nunca trairia o Adryan. Nem você ou qualquer outro amigo.

— Bom, o Bryan que eu conhecia não nos deixaria de fora do seu casamento. Você sequer comentou com a gente sobre isso, até desmentiu quando ela falou na revista.

— Que porra, Mike, pare com isso, sabe que não sou assim. É complicado, vou te explicar depois.

— Se realmente tem uma explicação, dê ao Adryan primeiro.

— Ele falou sobre?

— Não, ninguém comenta, Bryan, mas é foda você, justo você, fazer isso. Agora eu tô meio ocupado aqui, depois nos falamos.

E se as fotos me incomodaram, quando busquei o vídeo no Google, ele me fez sentir quase que violado. Estava ali, um momento tão íntimo, exposto ao mundo com a nossa história, convenientemente excluindo toda a merda que ela fez.

Ódio. Era tudo que eu conseguia sentir no momento, porque ela sempre planejava cada passo, e se eu continuasse bancando o idiota, Angelina foderia com tudo.

No almoço, liguei para a Erika e ela não me atendeu, então continuei insistindo até escutar um:

— Estou com a Sabrina na casa dela, depois nos falamos.

— Erika, por favor, podemos almoçar?

— Não. Estou com a Sabrina.

— Eu vi sua localização, não está porra nenhuma, está na sua casa — falei.

— O que você quer Bryan? — Ela respirou, frustrada

— Eu acho que consegui algo e...

Ela gargalhou.

— Sério? Deixa-me ver se adivinho, o vídeo de vocês transando no iate dela? — Ironizou. — Bryan, eu tenho uma vida, contas a pagar e... antes, eu até acreditava mesmo nisso de você supermagoado por tudo que ela te fez, mas depois disso...

— Ei — eu a interrompi —, não menti sobre isso para você. Nunca! — falei, magoado, ela suspirou.

— Tem razão. Desculpe a insensibilidade. Que merda de casamento, vocês dois no iate de luxo transando, nossa, que barra, hein? — Debochou. — Eu posso até ter sido boba de acreditar e assumo minha culpa por ser ingênua, mas imagina a Sabrina, que agora está se sentindo usada e descartada?

Caralho!

— Foram só umas fotos, você sabe que isso está no contrato.

— Ah, Bryan, por favor. Quebra a cláusula de fidelidade, mas justo a que beneficia seu pau, faz questão de manter? Que difícil, amigo.

— Está sendo injusta comigo.

— Eu, injusta? Então fique com a sua esposa que sempre foi tão justa com você, não é mesmo? Afinal, todas as humilhações de que você não era ninguém e nunca chegaria a lugar algum, transar com seu melhor amigo e ainda te incluir na vida deles, parece que foi algo muito justo. Dez anos de abandono, Bryan, sem respostas e recebendo um tratamento pior que lixo, e sabe por que ela está com você agora? Porque foi chutada pelo Adryan, caso contrário, continuaria sendo a porra de um ninguém para ela. E por falar em Adryan, como acha que o seu melhor amigo está se sentindo ao ver tanta paixão e amor estampados em todos os sites e revistas? Para quem não sabe da história de vocês, vai ficar meio difícil engolir essa coisa de casamento forçado e que começou só agora, não acha?

— Erika, por favor, não está ajudando.

— E como eu ajudo? Dizendo para parar de se enganar? Que está usando a desculpa do casamento forçado para se reaproximar da pessoa que tanto te fez mal? Quer saber, Bryan, talvez vocês se mereçam, então vai lá,

se iluda, depois ao menos poderá chorar as mágoas nos bares de Paris, afinal, está ganhando uma bolada para continuar nisso, não é?

— Por favor, não faça isso, não você. Sabe como isso dói, e não é como se eu não quisesse me separar. Mas é complicado, ainda estou preso a esse contrato. Sei que todos estão chateados e com razão, mas depois eu vou conseguir me explicar, vou ter provas.

— Você a ama, não ama? — Ela respirou fundo.

— Não — menti, descaradamente, tentando convencer a mim mesmo.

— Bryan, peça desculpas a Sabrina, conte a verdade a ela. Você, melhor que todos, sabe como é horrível se sentir usado.

— Eu sei e vou fazer isso, mas você também é importante para mim. Me desculpe se eu te fiz sentir enganada, não foi a intenção.

— Cuidado. Com atitudes como essa, ela vai te afastar de todos os seus amigos.

— Eu sei e vou tentar reverter isso.

— Se concentre em sair desse casamento antes que essa mulher te arruíne, se é que já não o fez.

Concordei, e nesse péssimo clima, nos despedimos.

Em se tratando dos meus amigos, eu nunca fui um cara que estive nessa posição, geralmente estava do outro lado, ajudando quem se encontrava no lugar de merda que estou agora. Sem coragem, não me atrevi a ligar para o Adryan ou Amy.

Confirmei que Erika mais uma vez tinha razão, se não me livrasse rápido de Angelina, ela foderia não apenas comigo, mas toda a minha vida. Peguei a porra do diário novamente, sentindo todas as feridas que Erika salgou arderem como no dia em que as adquiri.

16 de fevereiro de 2007.

Olá, Diário, desculpe, ainda não escolhi um nome melhor.

Não sei bem se isso é um assunto relevante para falar aqui, mas prometo ser sucinta, espero que não se importe.

Minha égua Cristal, o presente mais lindo que papai me deu até hoje, e minha melhor amiga, que fique registrado, irá parir seu primeiro potro. Estou mais ansiosa que ela, eu sei, pode achar isso mentira, mas não é. Parece estranho ter uma égua como melhor amiga, mas ela cumpre bem o papel. Cristal é inteligente, carinhosa, me entende e está sempre comigo. Existem outras crianças aqui, os filhos dos empregados, mas mamãe nunca me deixa brincar com eles. Tudo

bem, como disse, Cristal cumpre bem seu papel. Acredita que eu fui educada em casa? Segundo papai, é a melhor educação que seu dinheiro poderia me oferecer, ele diz que a educação oferecida pelo governo apenas serve para cauterizar mentes. Eu não entendi bem essa parte, mas não questionei. No entanto, posso garantir que estou adiantada, Je parle couramment français, tambien hablo español, und ich lerne deutsch. Tudo bem que essa última (alemão), ainda tenho dificuldade. Mas voltando ao assunto, estou rezando para papai chegar logo, ele prometeu que me deixaria ajudar no parto, claro que Arnold, o veterinário da fazenda, também vai estar aqui, mas mamãe não vai me deixar participar se papai não estiver, ela nunca deixa, apenas papai, então espero que ele chegue logo, estou com saudades, sempre estou.

Wir sehen uns

Angelina Anne Paytron.



Capítulo 9

Bryan

Fiquei a tarde toda pensando sobre tudo que estava acontecendo na minha vida. E quando Sarah, minha produtora editorial que também atuava no financeiro, veio me falar das novas propostas de contratos que estavam chovendo na editora, inclusive com escritores que sequer nos daria uma chance antes, pedi que ela recusasse todas. Eu sabia que tudo era pela Angelina e sua influência, e eu não queria dever mais nada para esse demônio quando saísse disso.

Não me desculpei com Sabrina, porque ela não me atendeu, mas enviei flores e um cartão com pedido de desculpas, e reforcei com uma mensagem pelo celular. E assim que enviado, olhando os status dos meus contatos, vi do Adryan com Bia e Amy, eles postavam sempre as mesmas fotos e sempre as mesmas mensagens. Era emocionante, porque a felicidade ali era real, diferente de mim, que estava tão na merda. Ainda assim, não quis ligar, no momento certo eu falaria sobre isso.

À noite, depois de passar na casa dos meus pais e jantar com eles, que não poupavam perguntas sobre o casamento e Angelina, ainda com a cabeça quente por toda a merda que graças a ela agora eu vivia, quis matar meu tempo antes de voltar para a "casa", por sorte, quando acontecesse, ela já estaria dormindo.

Sem avisar, fui até o apartamento da Erika, e quando toquei o interfone, ela pareceu surpresa por eu estar ali, mas me deixou subir. De frente para a porta, demorou alguns segundos para ela abrir. E depois disso, antes de qualquer palavra, nos abraçamos e eu senti seu beijo em meu rosto. Em seguida, me deu passagem para entrar.

Uma característica marcante da Erika, independentemente de dia e horário, era a organização. Ela tinha essa mania e nada poderia estar fora do lugar.

Me joguei no sofá, deixando meu blazer e gravata de lado. Ela se sentou ao meu lado.

— Cansado? — perguntou, me analisando.

— Emocionalmente esgotado, psicologicamente desejando me enterrar em um buraco. — Ela riu. — Eu tentei falar com Sabrina hoje, mas sem sucesso.

— Algo me diz que ela já te perdoou, ao menos as fotos postadas no Instagram te marcando indicam que sim.

— O que ela postou?

— Uma mensagem de amizade, mostrando as flores que enviou, mas não postou o que estava escrito no cartão. O que escreveu?

— Eu? Nada. Mas a florista deve ter escrito um pedido de desculpas, já que disse que era isso. Também enviei uma mensagem, ela não respondeu, mas ouviu meu áudio.

Erika pegou o telefone, mas no momento seguinte, pareceu confusa.

— Engraçado. Ia te mostrar a postagem, achei fofo, mas a página dela está dando usuário não encontrado. Deve ser algum bug. — Deu de ombros. — Mudando de assunto, não é um bom horário para um homem casado estar na casa de uma mulher solteira, não acha? — Debochou.

Meu sorriso cansado lhe deu a resposta.

— Estou com o diário dela — confessei.

— E já achou alguma coisa?

— Ainda não, mas sei que vou. Só não foi um dia muito produtivo para ler.

— Transou com ela no iate? — Erika, sempre direta.

— Não, lá não, mas aconteceu depois. — Prendi os lábios e voltei a encará-la. — Eu sei, sou bem idiota e me senti assim hoje, depois de entender a jogada dela ao me colocar nessa posição, a porra de um mentiroso.

— Gosta dela. Na verdade, você a ama, por isso ela sempre vai estar um passo à sua frente — ela disse, olhando em meus olhos.

— Não amo — menti, com convicção. — É estranho... atração e ódio... vai de um extremo ao outro sem muito esforço.

Ela suspirou, em seguida, pegou uma bandeja com uvas, me oferecendo, enquanto se sentava confortavelmente no sofá, colocando as pernas para cima. Eu fiz o mesmo, tirando a bandeja de seu colo e apoiando minha cabeça nele, então Erika passou a acariciar meu cabelo, enquanto dividia a uva comigo.

— Amy chegou a te falar alguma coisa? — perguntei.

— Não temos tanta intimidade assim, mas você falou com ela ou Adryan?

— Eu queria, mas não sei como, entende? E é uma merda que depois de tudo, Angelina ainda consiga me ferrar dessa forma — disse.

Ela acariciou meu rosto e eu beijei sua mão.

— Acha que ela te ama?

A pergunta me pegou de surpresa, e não se resumia apenas ao agora, a dúvida parecia ser o que mais pesava em meu coração. Depois de tudo, será que realmente um dia ela me amou?

— Bryan?

— Não sei, é foda. Estou com tanta raiva, que para evitar um confronto, prefiro ficar aqui até ter certeza de que ela já dormiu.

— Então eu sou apenas um passatempo? — ela brincou. — Desculpa por hoje, mas pelas fotos, você parecia mesmo, sei lá, apaixonado...

Nós dois rimos.

— Sabe quando uma pessoa te machuca tanto que você nem sabe mais o que sentir? É bem isso. Não vou negar que não existe atração, mas às vezes acho que é apenas isso, entende? E pena. Por mais imbecil que isso posso soar, às vezes eu sinto pena.

— Pena de uma mulher milionária? — Ela riu. — Pode ter pena de mim que trabalho feito uma louca.

— Mas não é sozinha, ao contrário dela, viciada em remédios e cigarros. Uma pessoa como Angelina, com fama, dinheiro e poder, obrigar um cara como eu a se casar... entende o que eu digo? É deprimente.

— Fui visitar seus pais no domingo, levar algumas mudas de suculentas para sua mãe, daí ela me falou do casamento. Que acha que você não convidou ninguém por causa do Adryan, mas que era seu sonho na adolescência se casar com a modelo.

— Não acredito que minha mãe te falou isso.

— Pois é, e agora ela espera que vocês tenham filhos.

Desviei o olhar.

— Não vai acontecer, não com ela. Na verdade, minha mãe vinha me cobrando tanto isso, que antes de toda essa merda, ia te propor termos um filho.

Ela arregalou os olhos, surpresa.

— Não do jeito natural, claro, ia sugerir inseminação. — Ela riu — Isso se você, assim como eu, não tem planos de se casar.

— Você já é casado — provocou.

— Sabe que não é real. E pensando bem, acho que daria certo, mearmos isso de filho. Sete dias com você, duas horas comigo.

Ela gargalhou com a proposta.

— Que ótimo plano, já me animei, você é tão paternal. — Debochou.

— Acho que faríamos funcionar. Você, extremamente organizada, e eu, não tão organizado.

Nós dois rimos. Ela novamente passou a mão em meu rosto.

Continuamos a jogar conversa fora, e Erika era bem isso, a calmaria para a tempestade dentro de mim. Depois das dez, me despedi e, já no carro, senti um nó na garganta ao voltar para a minha casa provisória.

Silêncio. Foi tudo que ouvi ao adentrar a sala. Cuidadosamente subi a escada, mas quando entrei no quarto, apesar de escuro, a cama intacta me indicava que algo estava errado. Entrei e o cheiro insuportável de cigarro parecia impregnado em cada canto. Ao olhar para a sacada, lá estava ela, no escuro, fumando um cigarro, pelo menos achei que era até me aproximar com a intenção de ir ao banheiro e me deparar com várias guimbas no cinzeiro, algumas ainda acesas.

Fui ao banheiro, e mesmo depois de ir ao closet e me trocar, ela continuava lá, sentada, com os joelhos dobrados, olhando para o nada. Sem

saber o que fazer ou o que falar, estava indo para a cama quando a vi se levantar, terminar o cigarro e vir para dentro.

Angelina estava com o cabelo preso em um coque malfeito, blusão branco e um short jeans curto. Ela acendeu a luz, e apesar de tentar fugir do seu olhar, parecia ter um imã. Esperando esse momento, assim que a encarei, ela começou:

— Quem é Erika, e por que enviou a porra das flores para a vadia da Sabrina? — Angelina não usou um tom calmo ou passivo, ela exigia saber como se tivesse esse direito.

Acabei rindo, e isso pareceu deixá-la mais irritada.

— Não é da sua conta, não te devo satisfação — respondi com rispidez.

— Responda a porra da pergunta, Bryan. Está comendo essa tal de Erika também? — gritou, se aproximando.

Só então percebi que estava com o telefone em mãos.

— Vou repetir para ver se me entende. eu não te devo satisfação da minha vida!

— A partir do momento que assinou aquela merda de contrato, deve sim! — gritou. — Está ou não transando com ela?

— Por que quer tanto saber?

— Porque alguém te seguiu, e agora ele quer dinheiro pelas fotos. Transou ou não com ela?

— Acha que vou cair nessa, sério?

Angelina virou seu telefone e lá estava eu, de frente para o portão da Erika. Merda! Engoli em seco.

— Faz diferença, ele já tem as fotos. — Ela riu, e não sei se foi pela pergunta, ou de mim.

— Sexo um preço, não transou, pago menos. Agora me diz, apesar de que, pela maneira como está me olhando agora, sei que não. — Ela então se virou ao telefone. — Oferece só a metade, se ele não aceitar e vazar, invente qualquer merda sobre serem amigos, e foda-se. Sobre a postagem? Okay, ótimo, sim, qualquer postagem que ela fizer marcando-o a página dela caí. — Desligou, jogando o telefone em um canto qualquer, frustrada. Angelina passou a mão pelo cabelo, e só então me dei conta de que era da Sabrina que ela estava falando. Peguei a porra do telefone, e ao abrir o Instagram, fui em sua página, e ainda estava usuário não encontrado.

— Você apagou o Instagram da Sabrina! Que porra, Angelina, ela vive disso! — gritei e ela riu.

— Por que mandou a porra das flores? Quanto mais rápido me falar, mais rápido a putinha blogueira recupera a página. Tempo é dinheiro, então,

se quer ajudá-la, seja rápido.

— Ah meu Deus, você é louca — disse, irritado. — Não vai fazer isso, Angelina, não com os meus amigos. Acha que acredito nessa história de paparazzo? Fez aquele teatro todo no iate simplesmente para me foder com eles.

Agora ela riu alto.

— Acha mesmo que me importo com eles? Fodam-se todos eles, Bryan. O que está em jogo aqui é a minha imagem, que agora está atrelada à sua. Pode amar bancar o idiota, mas não vou deixar que arruíne tudo.

— Arruinar tudo, seu demônio? Quem fez essa merda foi você. Me obrigou a estar aqui. Contou o que houve entre nós como se o tempo todo eu tivesse enganado o Adryan. — Ela continuou me encarando, com ar de superioridade, e eu odiava esse olhar. — Você é péssima, Angelina, uma pessoa ruim de coração, e se acha que vai me levar para esse mesmo buraco, está muito enganada.

— Sempre esteve, bebê, eu é que desci até ele para estar com você. Me casei com você para te fazer alguém, antes disso, lancei o livro com a editora dos seus pais para livrá-los de saber que merda de administrador você é...

— Vai pra puta que te pariu! Acha que caio nessa de salvadora da pátria? Você armou tudo isso para me prender ao seu lado, mas não pode. Está sozinha como sempre esteve. Eu te odeio!

— Não foi o que disse ontem à noite — ela provocou, rindo.

Agora foi a minha vez de rir.

— É o que eu digo para todas que abrem as pernas para mim, e algumas merecem até mais que você. Flores e pedido de desculpas. E, claro, não é o seu caso que eu só como e foda-se.

Ela se aproximou, e apesar de saber que isso ainda iria piorar, não me afastei.

— Eu amo o fato dos seus olhos não mentirem. Você me ama, bebê, ama tanto que está aqui agora.

Forcei um sorriso.

— Vai se tratar, com um bom psiquiatra talvez dê para recuperar um pouco de sanidade. Não me casei com você porque quis, me obrigou a isso, e quando menos esperar, eu viro jogo, Angelina. Vou te fazer provar do próprio veneno, e transar com você é tão esquecível, que hoje mesmo eu procurei coisa muito melhor.

Seu sorriso se desfez.

— Não sabe com quem está jogando, Bryan, depois não diga que eu não avisei.

— Não tenho medo das suas ameaças vazias.

— Se fosse você eu teria, já que uma delas te fez estar aqui.

Comecei a tossir pelo cheiro do cigarro, então ela se afastou.

— Devolva a porra da página da Sabrina! — gritei, para no minuto seguinte voltar a tossir. O cheiro de cigarro estava me sufocando.

— Não vou devolver até que me prometa que vai se afastar. — Comecei a rir e fui ao banheiro com ela em meu encalço, abri o armário e tirei fotos dos remédios. — Devolve, ou eu posto agora na internet e falo que você é viciada nisso — ameacei. Não faria, lógico, mas com Angelina só funcionava assim, ameaças.

— Não tem coragem — disse, raivosa.

— Dormi com outra no dia que me casei com você, acha mesmo que não tenho coragem?

Me lançando um olhar de ódio, ela foi até o armário e pegou vidro por vidro, então passou a jogar os comprimidos na privada.

— Não sou viciada, e se passasse mais tempo em casa, saberia disso.

Era mentira, a porra de uma mentira, e pela forma descontrolada como ela agia, tinha algo errado. Voltei a ter uma crise de tosse, e sentindo falta de ar, deixei o banheiro e fui ao closet atrás da minha bombinha.

Perturbada. Angelina era uma pessoa perturbada.

Me concentrei na minha respiração enquanto procurava a bombinha, e foi um alívio encontrá-la. Três jatos com intervalos de dez segundos. Não suportando o cheiro, fui para a sacada em busca de ar puro. Vi quando ela saiu do banheiro chorando.

Deus, eu precisava sair disso antes que essa louca me enlouquecesse também. Tentando respirar, continuei ali até me sentir melhor.

Voltei ao quarto, e como Angelina ligou o filtro de ar e a medicação tinha feito efeito, foi possível respirar sem ter o cheiro horrível me sufocando. Mas o estrago já havia sido feito, eu começava a sentir o cansaço de uma crise.

Me deitei primeiro que ela, mas não dormi, eu a ouvi se levantando a noite toda. Ela chegou a ligar para o empresário e pediu remédios, primeiro exigia, depois brigava e, por fim, chorava implorando, jogada no chão.

Não era para acontecer, mas em minha cabeça a imagem dela tão serena, apaixonante e sensata, se chocava com essa de uma Angelina destruída, tão debilitada e viciada. E vê-la assim acabava comigo.

Doeu tanto que uma parte em mim queria ajudar, queria de alguma forma salvá-la, mas eu não podia, porque estando com ela, eu também precisava ser salvo.

Passar a noite toda vigiando uma Angelina desesperada por remédios, e eu tendo que fazer uso da bombinha para amenizar a crise, não foi fácil. Não dormi nada, e pela manhã, o corpo tão pesado me indicava o preço a ser pago. Às seis já estava arrumado para ir à editora enquanto ela estava sentada na cama, apática. Quando desci, vi o helicóptero pousando na propriedade e reconheci seu empresário, imaginando que veio com os remédios.

Respirei fundo, e ignorando meu coração, segui escutando a sensatez que me dizia para não me envolver. Pedi a Evelyn para não me passar nenhuma ligação, e com isso me tranquei em minha sala.

Teria sido fácil esquecer se tivesse apenas em minha cabeça, mas vê-la daquela maneira doeu como se fosse em mim.

Esqueça isso, Bryan, siga com sua vida, é provisório, Angelina tem quem ajudá-la, e não é você. Eu repetia a frase todas as vezes que sua imagem vinha à mente e pesava em meu coração.

Abri a página da Sabrina e já havia normalizado, ela chegou a me enviar uma mensagem pelo celular, mas não abri. À noite, novamente me

encontrei com Erika, mas dessa vez sugeri um barzinho e evitei qualquer aproximação mais íntima.

E diferente da noite anterior, eu estava longe demais para focar em um diálogo. Quando nos despedimos, mesmo ela insistindo em saber o que houve, eu menti dizendo que estava tudo bem.

Quando cheguei à mansão, o helicóptero ainda estava no mesmo lugar. Apenas cumprimentei a sra. Holanda e segui para o quarto. Quando desci, Angelina estava sentada à mesa com seu empresário, ambos jantando. Charlie, ao seu lado, tentava convencê-la a algo.

— Eu gosto da dra. Marcela e...

— Mas não precisa seguir à risca o que ela diz. Você é Angelina Paytron, a número um, não é uma médica de quinta que vai te dizer se você está apta ou não para seguir com seu trabalho. Você é minha garota, te conheço melhor que qualquer um — ele disse, acariciando seu rosto.

— Boa noite — falei, interrompendo a conversa, então ele se afastou, sem graça.

— Boa noite — ele respondeu.

Ao olhar para ela, percebi que Angelina estava diferente, a voz escorregadia. Ele se levantou, beijou sua cabeça.

— Seu marido chegou. Tenho que voltar a Nova Iorque. Posso confiar em você quanto aos novos medicamentos?

Ela confirmou, e ao me encarar, perguntou a ele:

— Acha que sou viciada em remédios, Charlie?

— Angie, minha linda Angie, todos somos, querida. E isso não é um problema, não se preocupe, eu cuido de você.

— O que seria de mim sem você, Charlie, meu salvador. — Ela sorriu.

Após dizer que ligaria depois e pedir para ela pensar a respeito da sua proposta, o imbecil apenas me lançou um sorriso.

— Problema passado para você, cuide dela até que eu volte — o idiota sussurrou quando se aproximou.

Eu sequer respondi, a vontade era de dar um murro na boca dele. Engoli o jantar sem sequer saborear, e quando subi sem conseguir encará-la, segui para o banheiro. Depois do banho, me deitei ao seu lado e respirei fundo. Virei-me em sua direção, pensando em como seria essa noite, e a encontrei me encarando.

— Estava com a tal da Erika de novo?

Engoli em seco, escolhendo as palavras antes de falar.

— Sim...

— Gosta dela? — Ela manteve a postura.

— Gosto. — Ela desviou o olhar antes de me dar as costas. — Às vezes gostaria de nunca ter te conhecido.

— Nisso concordamos.

Estar com Angelina era como estar debaixo de uma tempestade que nunca se acalmaria, sem saída ou ter como fugir. E como quem não quer nada, depois de um breve silêncio, ela se aproximou e colocou a mão em meu peito.

— Não vou mais fumar no quarto, ele é seu também, tem que se sentir bem aqui.

Acabei soltando um riso por seu comentário.

— Me sinto bem em minha casa, mas se quer assim, assim será.

Cometi a idiotice de olhar em seus olhos. Ela sorria de um jeito... Suspirei. Angelina levou sua mão à minha, acariciando-a.

— Você me prometeu que depois ficaríamos bem, me prometeu que seríamos felizes juntos, e como se não bastasse, me fez acreditar em cada uma dessas promessas. Pode estar com raiva agora, mas estou te ajudando a cumprir suas promessas.

Ela foi descendo a mão pelo meu peitoral, mas antes de chegar ao meu pau, segurei sua mão.

— E você cumpriu a de ser só minha?

Nossos olhares se encontraram e ela engoliu em seco, então soltei a sua mão. Mas em vez de se afastar, ela se levantou e tirou sua blusa. Virei o rosto para não olhar seus deliciosos seios, mas não satisfeita, ela tirou o restante da roupa e se deitou na cama. Acabei rindo ao me lembrar de que, quando estava com raiva de mim, era algo que fazia para me provocar, porque ela sabia que eu nunca conseguia resistir ao insano desejo que nos unia. Mas isso era antes. Apesar de querer tocá-la e ficar imaginando seu corpo, mesmo com a chama queimando em mim, me segurando ao meu orgulho, dei as costas a ela. Me sentia preso à linha de tiro, e sendo meu coração o alvo, Angelina nunca errava.

— Seu empresário trouxe seu remédio?

— Conseguiu um melhor. E me deixou tomar apenas um, então, estou apta a brincar, se você quiser.

— E quem é dra. Marcela?

— A médica que Adryan conseguiu pra mim. Eu gosto dela, mas ela acha que eu preciso dar um tempo para cuidar da saúde mental, sugeriu me internar em uma clínica. Charlie acha isso desnecessário, acha que não seria

bom para a minha imagem, então ele mudou minha medicação. Mas fui categórica ao afirmar que não vou abrir mão desses dois meses, é nosso tempo e quero ficar com você.

— Mas quem deve decidir sobre se internar ou não é sua médica, não seu empresário.

— Está preocupado com isso? Não precisa, Charlie sabe o que é melhor pra mim, ele me conhece.

Respirei fundo e me virei em sua direção, ela estava sentada, completamente nua. Olhei para os seus seios, implorando para o desejo não me consumir. E me forçando a desviar o olhar para seu rosto, perguntei:

— Vai ficar dois meses direto e depois volta a viajar?

— Não se preocupe, volto para te ver. — Ela piscou, no minuto seguinte, se aproximou.

Fiquei olhando seus seios tão lindos, e todas as desculpas que eu me dava para me afastar sequer chegavam ao meu pau, que duro, não entendia a linha limite em se tratando dela. Angelina continuou se aproximando até chegar com um de seus seios à minha boca.

— Pare, por favor — pedi, ofegante.

— Bebê, estou com muito tesão, apaga meu fogo, você sabe fazer isso. Me fode gostoso.

Puta que pariu! Ela me pedia isso de forma sensual. Olhei para sua boca e outra vez minha boca traidora voltou a tocar seus lábios. Puxei seu corpo, colocando-a sentada sobre mim, e no minuto seguinte me sentei com ela em meu colo.

Razão? Foda-se ela perto do tesão que essa mulher provocava em mim. Abocanhei seu seio e chupei gostoso, fazendo o mesmo com o outro. Ela tirou minha blusa antes de eu voltar a beijar sua boca, olhando em seus olhos. Tem como o paraíso ser entre as pernas de uma mulher? Para mim era o céu, meu céu. E o demônio à minha frente era o meu deus, e como ele não me oferecia absolvições, eu estava sempre condenado.

Com as mãos enfiadas firmemente em seu cabelo, puxei sua boca querendo bem mais que um beijo. Ultrapassávamos a linha da sanidade, e como dois loucos que não sabem esquecer, novamente estávamos ali, juntando os pedaços que sempre ficavam de nós um no outro. E só assim, envoltos por um prazer maior, nos completávamos.

— Faz amor comigo, bebê — ela pediu.

Apesar de odiar me entregar dessa forma, o que ela não sabia, era que o amor sempre esteve presente, mesmo quando eu o apresentava como ódio.

Beijos molhados, nossas línguas quase sendo engolidas por nossas bocas e os lábios, ardendo, não se afastavam nem para respirar. Ainda que

eu não tivesse em meu melhor momento, graças a minha asma. Meu pau pulsando, querendo Angelina, que louca, continuava em nosso ritual fúnebre onde o amor e ódio se fundiam em um só.

Virei-a e a joguei sobre a cama, e ela, desesperada, veio tirar o resto da minha roupa. Antes que pudesse me afastar, meu pau já estava em sua boca gulosa. Fechei os olhos, inclinando levemente a cabeça enquanto era invadido por um intenso prazer. Mas antes de gozar, me afastei, indo aos seus pés e os beijando, e continuei a fazê-lo em suas pernas até chegar a sua boceta tão molhada. Ela abriu mais as pernas, e com o dedo indicador e sorriso endiabrado, fez sinal me chamando. Sorri e me afundei nela, metendo minha língua e delirando com o intenso prazer que Angelina me fazia sentir enquanto ouvia seus gemidos abafados.

Nosso amor era vadio demais, insano e errado. Sempre seríamos errados, e por isso, esse sentimento nunca teria um lar.

Antes de fazê-la gozar, voltei para a sua boca com a intensa necessidade de ter mais dela, porque bem atrás da porta do paraíso, estava nosso inferno, e era para lá que voltaríamos quando chutados daqui.

Voltando a colar nossos lábios, loucamente intensifiquei o nosso beijo. Mudando o ângulo, contornei com a língua o interior da boca, provocando. Ela gemeu baixinho, se abrindo mais para mim, e, olhando em

seus olhos, eu a vi arfar quando a penetrei, enquanto ela, tão louca, passou suas pernas em volta dos meus quadris, me prendendo. Olhando em seus olhos, quase podia ver a mesma menina sorrindo enquanto nós dois fazíamos amor. Prazeres por anos guardados agora ganhando vida, em um ritmo lento, único e intenso.

Angelina gemia cada vez mais alto, e quando senti que estava perto da sua liberação, mordi o bico pontudo do seu seio, dando a ela uma deliciosa mistura de dor e prazer. Ela gritou pela mordida, pelo orgasmo, por nosso louco amor, e eu, quase sem fôlego, continuei até preenchê-la com toda a minha porra.

Ar!

Era tudo que eu precisava no momento, então apontei para a bombinha ao lado, e Angelina rapidamente me entregou e ajeitou os travesseiros para que eu ficasse mais inclinado. Após três jatos, puxei-a para deitar-se em meu abraço.

Demorei bem mais que nas outras vezes para recuperar o fôlego, e quando o fiz, beijei sua boca, que próxima a mim, observava minha respiração ainda cansada. Ela deitou a cabeça em meu peitoral, enquanto desenhava círculos com o indicador sobre ele.

— Bebê, lembra da nossa primeira vez? — ela disse, levantando o olhar para encontrar o meu. — Foi péssimo, não foi?

— Não, eu... — Suspirei.

— Foi horrível. Seu pauzão é uma delícia, mas para uma primeira vez, me deixou assustada e doeu muito, muito mesmo. — Ela sorriu — Admita, foi péssimo.

— Foi horrível — confessei, desviando o olhar.

— Sabia que tinha detestado. — Sorriu. Mesmo depois de anos, eu ainda a achava a mais linda. Engoli em seco ao me lembrar do que Erika havia dito. *Não estaríamos aqui se Adryan não tivesse terminado tudo.* E tão rápido quanto o tesão, veio a mágoa. — Eu te amo — ela disse, olhando em meus olhos.

— Sexo você aprende praticando, e nós dois melhoramos muito. Mas sou obrigado a admitir que Adryan fez um bom trabalho com você — disse, quebrando o clima. No minuto seguinte, me afastei e fui para o banho, quando saí, ela não estava no quarto.



Capítulo 10

Bryan

01 de março de 2007

Diário, desculpe minha maneira direta e mal-educada, mas hoje não estou bem. Cristal teve um lindo potro, linda, na verdade, mas a potrinha não suportou o parto, sim, ela nos deixou assim que nasceu, estou chorando há semanas por isso. Papai chegou dois dias depois, e por esse motivo eu não pude ver Cristal parindo, não estive com ela quando ela mais precisou de mim, porque mamãe não deixou. Estou com raiva de mim e do papai, que me vendo chorar, me prometeu um potro de presente. Eu não quero um potro, Cristal perdeu seu bebê, e

ele age como se isso não fosse nada? Eles nem se importaram com a dor dela.

Depois disso, ele e mamãe brigaram, eu nunca mencionei isso antes, mas eles sempre brigam, ela quer ir embora da fazenda. Acho que também não falei o nome dos meus pais, ele se chama John Therey Paytron, e a mamãe, Dayse Anne Hothiste Paytron. Eu não tenho o nome dela, mas gosto de incluir Anne no meu nome, sinto que fica mais completo, mas é apenas Angelina Paytron, e não sei por que fizeram assim.

Mamãe conversou comigo sobre irmos embora e me pediu ajuda para convencer papai. Quando ela quer muito uma coisa, mamãe faz isso e papai odeia quando ela me coloca no meio. Ele não acha que mudar para a cidade vai ser o melhor pra mim. Mamãe disse que pareço um bicho do mato correndo o tempo todo com os cavalos e que isso, além de grosseiro, é inaceitável para uma garota da minha classe, que pareço uma selvagem. Eu gosto daqui, gosto mesmo de correr livre pela fazenda, tem chão pra perder de vista e eu não tenho medo, quer dizer, eu gostava. Sem Cristal, que anda tão triste, eu não gosto mais. Meus pais brigaram por dois dias, e já cansada disso, eu disse a papai que quero ir embora, mas vou levar Cristal comigo. Mamãe me olhou com cara feia quando eu exigi de papai, já papai riu, mas disfarçou ao

receber o olhar de reprovação da mamãe. Eles brigaram novamente e depois mamãe concordou, ela queria mesmo ir embora, já eu, tinha certeza de que iria me arrepender.

Até mais.

Volto se tiver novidades.

Angelina Anne Paytron.

Respirei fundo, porque ler essa porra revivia uma Angelina em mim que eu precisava esquecer. Depois da nossa última vez, não aconteceu de novo, mas esses momentos eram capazes de me roubar por dias. E foi isso que Erika disse. Eu andava distante demais e ela tinha razão. Dos amigos, os únicos com quem mantinha contato era Mike e Erika, e para não a prejudicar, acabei me afastando de Sabrina.

Já com Amy e Adryan eu apenas comentava um ou outro status referente a Bia. Eu odiava estar nessa situação. Amy até ligou, mas desconversei insistindo que estava tudo bem.

Era uma merda, eu sabia que se transasse com Angelina pagaria um preço alto depois, porque todo o meu desejo passava a girar em torno dela. Além de viciar minha boca, ela viciou meu pau, que parecia só subir com ela. E para não cair novamente em seu jogo sujo, depois da nossa última

vez e tendo que encarar uma intensa crise de ciúme por vê-la sempre sorrindo e sendo tocada por seu *personal*, eu me obriguei a sair antes de ele chegar. E voltar sempre depois das dez, ficando em barzinhos aleatórios, às vezes com Erika, às vezes sozinho na companhia de um uísque, e isso gerava brigas.

Alguns dias, Angelina estava tão dopada que era impossível ignorar os vidros vazios de remédios em tão pouco tempo. Mesmo eu insistindo que ela precisava de ajuda, sua resposta rude era sempre que eu não tinha nada a ver com isso. No entanto, quando essa mistura louca produzia um efeito contrário e a deixava agitada demais, era um inferno, e sempre ultrapassávamos o limite, com insultos obscenos que machucavam, e como machucavam. Já havia passado uma semana que não transávamos, e na cabeça dela eu estava fazendo isso com outra. E nessa luta tão desnecessária, nenhum dos dois parecia disposto a ceder. Ela provocava ao dormir pelada, e eu enlouquecia, queimando de tesão.

Na sexta-feira foi pior. Eu andava tão esgotado emocionalmente, que ao passar na casa da Erika e beber com ela, acabei extrapolando e era quase onze da noite quando cheguei. Os resíduos da briga anterior ainda estavam em mim, uma discussão tão pesada que acreditei que ela estaria dormindo quando eu chegasse.

Angelina não pensava quando estava com raiva, e a necessidade de me humilhar ultrapassava qualquer senso. Ela dizia que eu não era nada, nunca seria ninguém. Desculpas, não, não era uma palavra que ela conhecia e nem achava que precisava conhecer. Mas, para a minha maldita sorte, quando abri a porta, Angelina estava se despedindo dos meus pais. Merda!

— Obrigada pelo jantar, querida, estava tudo delicioso — minha mãe disse ao abraçá-la e beijá-la como a uma filha.

— Eu que agradeço por terem aceitado o convite.

Ao sair do abraço, minha mãe foi a primeira a me ver. E não demorou para o olhar de ambos, antes surpresos, se tornarem condenatórios.

— Bryan, querido, chegou agora? — mamãe disse, preocupada.

Meu pai, ao se aproximar e sentir o cheiro de álcool, não me lançou o melhor dos olhares, enquanto Angelina evitou me encarar.

— Mãe, eu fiquei até tarde, depois passei na Erika e...

— Meu Deus, é sempre assim, minha filha? — Papai se virou, perguntando para Angelina, que prendeu os lábios e desviou o olhar.

— Está tudo bem. Bryan tem muitos amigos e eu entendo.

Demônio. Por que ela foi falar essa merda?

— Bryan, eu nunca te dei esse exemplo...

— Phill, por favor... — minha mãe o interrompeu.

— Querida, não, eu nunca fiz isso a você. Ele não pode fazer isso com Angelina. Ela é sua esposa, família é algo sagrado.

— Eu sei, querido, mas agora não é um bom momento para darmos conselhos. Angelina já nos convidou, voltamos outra hora e conversamos com os dois — minha mãe tentou intervir, mas seu olhar de reprovação direcionado a mim deixou claro que ela concordava com meu pai, que acabou aceitando a sua sugestão.

Ele se despediu de Angelina e ao passarem por mim, meu pai sussurrou um: não foi essa a educação que eu te dei, não me envergonhe, Bryan. Valorize sua esposa, é ela quem estará ao seu lado quando precisar.

— Entendi, pai, obrigado pelo conselho. Boa noite.

Recebi o beijo da minha mãe, e Angelina os acompanhou. Enquanto eu subia a escada, exalando ódio, ouvia minha mãe dizer a Angelina para ter paciência comigo. Fui direto ao banheiro, acreditando que um banho ajudaria a esfriar a cabeça.

Estava cego de raiva, e quando ela entrou no banheiro, dei-lhe as costas enquanto a água quase fria caía sobre o meu corpo.

— Ah, bebê, não acredito que um jantar em família tenha te deixado tão chateado. — Me virei para encarar o seu rosto, pronto para revidar, mas

no mesmo instante seu sorriso obsceno surgiu. — O fato do meu marido me evitar, não quer dizer que os pais dele também o façam.

— Vai para o inferno, Angelina!

Ela riu, olhando diretamente para meu corpo nu. Engoli em seco ao ver a malícia em seu olhar fixo no meu pau.

— Para o inferno, bebê? Eu já estive lá, e adivinha, até o diabo se comoveu quando eu contei a ele a nossa história. Ele chorou e me ordenou vir te buscar, porque, segundo ele, você merece queimar bem mais que eu, afinal, iludiu meu inocente coração — falou, com extrema ousadia e charme, de um jeito tão sexy, que muito provavelmente tenha sido mesmo mandada pelo diabo. — E aqui estou eu, bebê, apenas cumprindo ordens.

Fiquei dias sem sexo, fazendo até promessas para conseguir me manter afastado, mas esse demônio não dava trégua. E agora ela estava ali, com o olhar safado em minha direção. Ainda encostada na parede, Angelina deixou seu vestido cair, e eu, como não tinha vergonha na cara, estava preso a cada movimento do seu corpo completamente nu. Mas seu sorriso ao notar minha fixação me fez cair na real. Desviei o olhar, colocando agora a cabeça debaixo do chuveiro. Por fora, implorando para ela ir embora, por dentro, tão louco que nem me atrevia a dizer. Senti quando ela se aproximou nua.

— Me deixe em paz — pedi, dando-lhe as costas.

Ela então me abraçou, roçando o bico de seus seios em minhas costas. Levou sua mão ao meu pau e o viu crescer ao estimulá-lo, enquanto eu sentia seus beijos em minha pele quente.

— Vem, bebê, me fode com força, vai — ela sussurrou em meu ouvido e, porra, era demais para mim.

No minuto seguinte eu a virei de costas de um jeito bruto, pressionando-a contra a parede, me enfiando entre suas pernas e abrindo espaço para fodê-la. Safada, ela empinou seu traseiro. Sem a premissa de um beijo, penetrei-a por trás, puxando seu cabelo, enquanto enfiava meu pau duro nela.

Angelina não gemeu, gritou, e seus gritos foram cada vez mais altos, me excitando ainda mais. Eu sentia raiva, ódio e a porra de um tesão que enlouquecia. A necessidade intensa de gozar veio junto ao desejo estúpido que ela despertava em mim. Apertei seus seios, enquanto empurrava cada vez mais forte, intensificando seus altos gemidos. Cravei meus dentes em seu ombro, mordendo e fodendo cada vez mais forte. Angelina gemia meu nome, implorando por mais. Meu pau, pulsando dentro dela, estava louco para gozar, e ela também. Mas se era jogar sujo que Angelina queria, jogar

sujo era o que eu faria. Quando Angelina começou a se contorcer de prazer, soltando um: vai bebê, vai, eu vou gozar.

Dei mais duas estocadas e saí de dentro dela, gozando em sua bunda. Foi frustrante, muito, mas valeu ao ver sua irritação ao olhar para mim e não ter gozado.

— Bebê, por favor, não faça isso — ela implorou, querendo que eu a penetrasse novamente.

— Pede para o seu empresário salvador para te trazer um vibrador, vai resolver seu problema rápido — disse, ofegante.

Ela me segurou, mudando a expressão do seu rosto.

— Nunca fiz isso com você — disse, puta de raiva, e confesso que amei ver isso.

— Nunca fez? Na frente do Adryan pagava de santa, longe dele me provocava igual uma puta. Como acha que eu ficava depois, hein? — perguntei, me soltando. — Meu pau doía, Angelina, de tanta punheta que eu batia pensando em você. E só uma coisa... isso que fez com meus pais vai ter troco — disse, ameaçando.

— Bryan, por favor, eu quero muito você.

— Se alivia sozinha.

— Não seja escroto.

Acabei rindo.

— Eu gozei, agora foda-se você.

Me limpando, eu a deixei no banheiro sozinha, puta por não ter gozado. Me enrolei no roupão e me deitei na cama. Quando voltou ao quarto, ela acendeu a luz e abriu a porta da cômoda. Apesar de eu fingir mexer em meu telefone, vi vários brinquedos eróticos, até a porra do vibrador. Ela então o pegou e se virou com sorriso vitorioso. Ao tirar o roupão, ela se deitou afastada, abrindo as pernas para eu vê-la se tocar. Angelina começou a se estimular e bastou ver seus dedos molhados para me enlouquecer de tesão. Puta que pariu, já estava duro por vê-la assim. Ela continuou se tocando e eu estava fascinado. Quando a vi sorrindo, ligando a porra do vibrador, percebi que mais uma vez estava caindo em outra artimanha do diabo, e não ia acontecer, não dessa vez.

— Sei que não quer participar, mas pode observar, se quiser. — Sorriu, provocativa.

Merda! Não conseguia acreditar que ela ia fazer isso com meu pau tão duro à sua frente. Assim que ela ligou o vibrador, se assustou ao me ver levantar.

— Aonde vai? — perguntou, surpresa.

— Para o inferno! — gritei, já lhe dando as costas. Saí pisando duro, e fiz muita questão de bater a porta com força.

Merda, caralho, porra!

Que demônio de mulher era essa? Fiquei pensando em Angelina molhadinha, e a porra do tesão não me fez sequer descer um degrau da escada.

Como um animal faminto, voltei ao quarto. Ela não escondeu o sorriso vitorioso. Sem dizer nada, tirei o roupão e fui louco, querendo Angelina.

— Veio fazer o serviço completo? — Ela debochou.

— Cala a porra da boca, Angelina! — disse, me sentindo o mais imbecil dos homens, para no minuto seguinte, cair de boca nela, chupando como se precisasse disso para viver.

Não era para ter durado toda a noite, mas aconteceu, e pela manhã, quando ela me acordou, pela roupa de montaria e o semblante animado, percebi que já havia levantado há um bom tempo.

— Bebê, você tem visitas.

Olhei para ela, sem entender.

— O quê? — perguntei, balbuciando.

— Adryan e Amy estão aqui. — Arregalei os olhos, confuso. — Isso mesmo que escutou. A sua amiguinha e meu ex-noivo estão dispostos a esperar a tarde toda por você — informou e saiu do quarto.

Ainda sonolento, fui ao banheiro. Após um banho rápido e me vestir, desci sem saber como encarar isso. Assim que cheguei à sala, pela expressão do Adryan, não era apenas eu que compartilhava desse sentimento. Amy foi a primeira a se levantar e me abraçar. Adryan o fez em seguida, enquanto Angelina permanecia do outro lado, observando a certa distância.

— Que surpresa — disse, sem jeito.

Amy sorriu, já Adryan, sequer respondeu. Notei que ele estava totalmente desconfortável.

— Amy estava preocupada e insistiu em vir, mesmo eu dizendo que era indelicado visitar sem um aviso prévio — ele falou, sem me encarar.

— Está tudo bem? — Amy completou.

Ao olhar na direção de Angelina, percebi que ela não estava mais na grande sala rústica da mansão, e sim um pouco mais afastada.

— Está sim — disse, me sentando, e eles fizeram o mesmo.

— Adryan, eu sei que as coisas ficaram estranhas e...

— Amy me adiantou a história, Bryan. Apesar de esperar escutar de você e não dela, deve ter tido um bom motivo para não confiar em mim, e acho que sei bem qual é — ele disse, ressentido.

— Adryan, por favor, não viemos pra isso — Amy interveio.

— Tudo bem, Amy, Adryan tem razão. Não dá mais para adiar isso, mas aquela história da reportagem não é bem verdade. Eu nunca traí você, nunca. Aconteceu nos dois anos anteriores a vocês começarem, e terminou semanas antes.

— Por que nunca me contou?

— Porque eu queria que ela fosse feliz, assim como você. E não tem nada a ver com o que está acontecendo agora.

— Ela te obrigou a isso aqui? — Adryan perguntou, em tom baixo.

— Não, quer dizer, estamos — olhei para Angelina, parada na divisória entre as duas salas — bem. — Amy me encarou sem entender. — Estamos sim, não achei que fosse acontecer tão rápido, mas ela é impulsiva demais, eu mal tive tempo de falar com meus pais, caso contrário, teria convidado a todos vocês.

Amy me encarava perplexa, mal acreditando no que eu dizia, mas Adryan pareceu entender.

Angelina veio até nós, acompanhada com uma das várias ajudantes que trabalhavam aqui. Ela trazia chá, café e biscoitos.

— Para Amy e Bryan com açúcar, para Adryan, chá gelado.

Ele foi o primeiro a aceitar e tomar.

— Nossa, meu preferido, cranberry. Eu e Mag tentamos várias vezes, mas nunca fica igual ao seu — Adryan disse, mas pelo olhar de Amy, pareceu se arrepender no minuto seguinte. Ele desviou o olhar, mas não satisfeito e após tomar uma segunda vez, disse: — Tem algo aqui que dá esse sabor...

Angelina sorriu.

— O segredo está no xarope caseiro, posso te dar alguns.

— Eu agradeceria por isso.

Ela então se sentou próxima a mim, e apesar de sem jeito, Amy aceitou o café e elogiou ao tomar.

— Meu pai me falou sobre seu novo negócio bilionário. — Adryan começou, fazendo Amy revirar os olhos. — Equinocultura. John esteve lá e fiquei realmente impressionado com os números. Achava que criar cavalos era apenas um passatempo de luxo — ele disse, sugestivo.

— Bom — Angelina sorriu —, você sempre soube da minha paixão por cavalos.

— E imagino que essa paixão divertida exige investimentos minuciosamente calculados, boa gestão e conhecimentos específicos, além, claro, de toda a questão da genética.

— Está duvidando que eu consiga? — ela perguntou, com arrogância e orgulho. Eu quase podia ver o John em seu sorriso debochado. — Estudei por anos, querido, indo a leilões, competições, analisando raças e, sim, claro que a questão do gene conta. Os bons são pilares fundamentais. E sei que é a boa genética equina que faz os preços se elevarem, como também sei que o resultado não é de um dia para o outro, mas ele sempre vem.

— Puro-sangue inglês? — Adryan questionou, se referindo à raça.

— Me identifico. Eles são de cabeça quente, mas amam seus donos também. — Ela sorriu, passando a mão em minha perna, então me encarou por instantes. Como não retribuí, continuou e era impressionante como falar de investimentos desaparecia com qualquer clima, antes constrangedor, entre eles. — Puro-sangue são os melhores cavalos para corrida. E como você adiantou, bons genes ajudam, mas é só o início. Comprei a propriedade do meu pai e as outras três ao redor, e tenho investido na estrutura das baias, na alimentação e cuidados com a saúde, que definem os dois terços restantes para que um cavalo alcance a excelência.

— E seu gasto com cada animal gira em torno de?

— Em média de cinco a dez mil com cada um deles.

Eles continuavam a falar sobre o negócio, e entendi perfeitamente a colocação de investimento bilionário.

— E os lucros? — Adryan continuou interessado.

— Nos leilões são vendidos garanhões, matrizes, óvulos, sêmen, embriões e potros, não perde em nada...

Eles discorriam a mesma língua e Angelina demonstrava vasto conhecimento na área. Desviando da conversa, me aproximei de Amy para servir mais chá.

— Adryan não queria vir, porque ele acha o fim receber visitas não programadas. Mas eu estava muito preocupada com você. Está tudo bem mesmo?

Ouvi Angelina rir, enquanto eu e Amy continuávamos praticamente excluídos da história toda sobre cavalos.

— Ele parece bem empolgado agora.

— Te incomoda essa proximidade? — ela perguntou, olhando em meus olhos.

— Não — menti, ignorando a pontada de ciúme. Me sentei próximo a ela. — Angelina é completamente louca, e eu não estou exagerando. E para

terem ficado juntos por dez anos, não acho que ele seja normal — brinquei e ela riu.

— Não é mesmo, mas ainda não respondeu a minha pergunta. Se afastou tanto de nós, está tudo bem, Bryan?

— Estou. — Forcei um sorriso.

— Você está péssimo, pode fingir estar bem para os outros, mas não para mim — Amy falou, preocupada.

— Depois daquelas merdas no site, fiquei sem jeito com ele e os outros — disse, me referindo ao Adryan. Ao olhar para os dois, que agora estavam próximos à janela, onde Angelina mostrava o estábulo, me senti confortável para falar. Vez ou outra ela me lançava algum olhar não muito satisfeita com minha proximidade com Amy, porque, ao contrário de nós, ela mantinha certa distância dele.

— Ele ficou chateado no início, mas eu acreditei em você, e depois de conversarmos sobre isso, Adryan deixou pra lá — ela disse, em tom baixo. — Agora ele não está mais chateado, apesar das piadas no trabalho, sabe como Mike é...

Angelina e Adryan se aproximaram novamente. Ela veio e se sentou ao meu lado, encarando Amy.

— Pense a respeito, Angelina, estou aberto a novos investimentos, e muito interessado — Adryan concluiu, ainda focado no assunto.

— Vou pensar e entro em contato. Mas e sua bebê, a família, estão todos bem? — Angelina perguntou diretamente a Amy.

— Ficou com os pais do Adryan, mas estão bem, obrigada. Acho que podemos ir, Adryan — ela disse, me encarando.

— Claro. Fico realmente feliz que estejam bem, e, Bryan, Mike dará uma festa de aniversário no final do mês, seria bom se os dois fossem, acabaria com qualquer clima — ele disse, ainda interessado em entrar no negócio.

— Vou pensar a respeito, obrigado pela visita.

— Angelina, não se esqueça que me prometeu o xarope para o chá. E podemos marcar uma reunião com John e Hector para falarmos sobre os investimentos — ele cobrou, sendo cutucado por Amy, que já estava de pé.

Angelina riu, em seguida, fez sinal para sua ajudante, que entendeu o recado e trouxe alguns vidros.

— Quando quiser vir para conhecer o haras, será um prazer. Amy cavalga?

— Pouco, mas podemos vir sim. E falando nisso, fez um excelente trabalho aqui no rancho, ficou muito bom, toda a infraestrutura e...

— Adryan, já chega, precisamos ir — Amy o interrompeu.

Adorei ver como ela o dominava.

Eu os acompanhei até a saída, e sem olharem para trás, ouvi Amy repreendendo Adryan pela ousadia em querer fazer negócios com Angelina e ele justificando que era um investimento certeiro e milionário. Quando voltei, ela ainda estava no sofá.

— Quer conhecer o haras?

— Espere pelo Adryan, ele pareceu bem interessado.

Ela riu e se levantou. Apesar de achá-la linda com roupa de montaria, desviei o olhar enquanto ela se aproximava.

— Sem ciúme, bebê, você é o alazão aqui. Não precisa de convite, é tudo seu, desde o meu coração, corpo e cada hectare de terra.

Ignorei sua provocação. Um homem entrou pela porta, junto a Holanda, que ela me apresentou como o veterinário, antes de saírem juntos falando em francês.

Claramente Angelina era boa nos negócios, e esse em especial ela não incluía seu empresário. E como eu me sentia? Apenas mais um deles...



Capítulo 11

Bryan

Não era para acontecer sexo todos os dias, mas passou a acontecer. E eu, viciado nela, não fiz nada para impedir. Mesmo que durante nosso “tempo de qualidade” nos odiássemos, a cada noite eu me via mais envolvido. Passei a mentir descaradamente sobre estar com Angelina para Erika. A verdade que depois de tudo que ela fez, eu tinha vergonha de me sentir feito um cachorro aos seus pés. Nem mesmo os nossos momentos na cama tão intensos apagavam tudo o que houve entre nós.

Me sentia afundando lentamente, com a porra de um ciúme crescente, ódio de mim por ter esse sentimento tão possessivo em relação a ela, mas

sem saber como parar isso. Em uma noite, um pouco embriagado, cheguei a perguntar se ela era só minha, e sorrindo, ela respondeu que sim. Isso inflava o meu ego, mesmo que depois eu me sentisse idiota por ter perguntado.

Ela se reunia com empresários, e isso incluiu até mesmo uma reunião com John, Adryan e Hector, para seu novo negócio. Quando eu estava presente, percebia que era automático Angelina atrair todos os olhares, sua beleza provocante, rude e sensual, roubava completamente a cena. E eu odiava vê-la ser sempre o desejo e cobiça de muitos poderosos. Para evitar os confrontos que alimentavam todos esses controversos sentimentos, nas noites eu vadiava sozinho por aí, chegando tarde, e como resultado terminava em briga, que cada vez se tornava mais intensa. Era como se encontrássemos prazer na dor de machucar o outro. Depois de estarmos sangrando, o sexo acontecia e essa era a pior parte, eu odiava amar tanto fodê-la.

Fomos a dois eventos públicos e, sinceramente, não sei como alguém poderia querer esse tipo de vida. A sua presença sempre causava tumulto, então os seguranças ficavam ao nosso redor, enquanto as pessoas tentavam tocá-la, filmavam com celulares o tempo todo, os flashes em nossa direção eram constantes. Em ocasiões como essa não havia paz ou um momento para baixar a guarda.

Na hora de posar para fotos, ela sempre arrumava a minha postura, e óbvio, todos achavam lindo o seu gesto. Angelina chegou a pedir publicamente que parassem de me perseguir, ressaltando que apesar de sermos casados, ela tinha uma vida pública, não eu. Não adiantou muito, e para não ter sempre alguém me seguindo e filmando, passei a sair com um segurança. E isso praticamente me isolou do meus amigos.

Na editora, continuei a ler seu diário. Algumas partes eu só passei os olhos, mas quando cheguei ao dia que nos conhecemos, de alguma forma me vi preso a essas memórias. Como imaginei, ela sequer me notou, mas eu a notei e esse foi o início da minha desgraça.

18 de agosto de 2007

Olá, Diário, eu sumi por meses, me desculpe, foi a mudança. Sim, eu fiz isso e sequer comuniquei, me desculpe. Nossa nova casa fica em Portivill, e apesar de ser na cidade grande, moramos afastados do centro, em uma casa bem maior que a da fazenda, e com verde e mato o suficiente para que eu não sinta tanta saudade. Papai mandou construir um estábulo, e além de Cristal, trouxemos nossos outros cavalos, e todos têm nome. Mas como mamãe disse que é algo idiota dar nomes a cavalos, não vou mencionar.

Eu achei que a mudança faria bem para a mamãe, mas ela continua irritada, ela sempre está, e ninguém me convence mais que o problema não sou eu. Tenho uma novidade, outra, claro, vou estudar em um colégio. Eu fui conhecê-lo com minha mãe, que garantiu para a diretora que estou muito à frente dos outros alunos da minha idade. Então fiz o teste, e apesar de estar com treze, entrei em uma turma mais avançada, mas como mamãe me disse que sempre fui mais alta do que a maioria das meninas da minha idade, ninguém vai desconfiar que sou mais nova. Nunca vi tantos adolescentes juntos, e espero fazer muitos amigos. Me deseje sorte, Diário.

Prometo voltar em breve e com mais novidades,

Angelina Anne Paytron.

Me peguei com sorriso idiota ao me lembrar dela com a mãe na diretoria. Eu a achei linda, com a pele morena e olhos verdes expressivos, cabelo ondulado castanho-escuro, diferente de todas as garotas, em sua maioria loira. Angelina tinha uma áurea mística. Lembrei-me que fiquei segundos na porta, apenas olhando para ela até ser chamado por um dos meninos. Ela sequer me notou.

21 de agosto 2007.

Querido Diário, acho que seu nome continuará sendo esse mesmo. Me desculpe, mas hoje meu dia não foi tão animador, sim, isso mesmo, papai foi embora e acho que vai demorar para voltar, e hoje, bem hoje, foi meu primeiro dia de aula. E assim como minha mãe, a maioria das garotas do colégio é loira, e as da minha sala são do meu tamanho e hostis.

Nunca falei sobre minha aparência, mas não sou como meus pais, de pele branca, minha pele é morena, bem bronzeada, papai diz que é perfeita, mas não acredito mais nisso. Meu cabelo é castanho-escuro, e só os meus olhos são verdes, como os do meu pai. Eu não tinha problemas com minha pele, nunca me ative a detalhes superficiais, apesar de mamãe nunca me elogiar em hipótese alguma, por dizer que elogios devem ser mediante a mérito. Algumas vezes é até um pouco rude dizendo que eu só agravo a situação andando o tempo todo no sol a cavalo.

E juro que esse não era um problema, não mesmo. Nos primeiros horários foi tudo bem, eu tentei ser simpática com todos e ofereci bem mais sorrisos que costumo fazer, mas quando me sentei com elas no refeitório, uma das garotas, a sobrinha do prefeito, Sabrina, disse que minha pele era encardida. Elas riram, todas elas, então Jessica, uma

loirinha que na aula eu achei simpática, me disse que eu era a mistura da casa branca com a senzala, ou com uma selvagem. Depois de rirem, falaram que eu não podia me sentar com elas porque poderia sujá-las, eu não soube o que responder, apenas me levantei e saí, me sentando do outro lado.

Eu te disse que as palavras são mágicas, e se a maioria das pessoas soubesse disso, usaria a magia apenas para o bem. Essas, em especial, me fizeram mal, muito. Quando cheguei a minha casa, contei a minha mãe e ela riu, riu mesmo, disse que era herança da minha avó. Sim, essa sempre foi a desculpa para minha aparência ser tão diferente da deles. Uma vez pedi para o meu pai uma foto, ele prometeu, mas nunca trouxe. Estou chateada demais para continuar a escrever, me desculpe.

Angelina Anne Paytron.

Engoli em seco. As próximas páginas foram todas com uma única frase.

03 de setembro de 2007

EU

ODEIO

IR

AO

COLÉGIO



17 de outubro de 2007

Diário, hoje conheci um garoto, seu nome é Bryan. Eu já o vi várias e várias vezes, ele é lindo, lindo mesmo, mas anda com a turma da Sabrina, ela é amiga dele. Ele estuda uma turma à minha frente e foi gentil comigo, quer dizer, meu livro caiu e ele o pegou e me entregou, sem olhar pra mim. Parece algo bobo, mas depois de meses nesse mundo animalesco — Cristal que me perdoe pela comparação — foi a primeira atitude gentil que alguém teve comigo. Depois eu o vi no corredor, beijando Gessy, uma menina que namora o Paul. Só estávamos nós, e quando me viu, ele se afastou e ela ficou apenas me olhando, parecia ter nojo de mim, acho que todos aqui parecem. E depois que souberam que eu fui educada em casa, na fazenda, agora

sou chamada de caipira suja do mato. Sim, eles são cruéis, quando papai voltar, vou pedir para ele me tirar do colégio, apesar de gostar dos professores.

Angelina Anne Paytron.



18 de outubro de 2007

Sabrina me odeia e eu não sei por quê. Diário, hoje ela e sua turma se sentaram ao meu lado na arquibancada, enquanto Bryan e os outros garotos jogavam basquete no intervalo. Elas faziam comentários sobre os garotos e, pelo visto, todas já haviam beijado Bryan. Ela perguntou se eu já havia beijado algum garoto, e como eu não respondi, Sabrina disse que duvidava que algum garoto beijaria uma menina tão feia. Todas elas riram. Depois ouvi uma dizendo que eu fedia estrume de cavalo, já que sempre estava montada em um. Eu nunca sei o que responder, então eu disse que estava tudo bem cheirar assim, porque o estrume de Cristal valia mais do que elas. E isso só fez com que rissem

mais. Mas agora estou pensando que seria bom beijar alguém só para elas saberem que eu não sou tão feia assim. Não tanto como elas dizem.

Angelina Anne Paytron.



19 de outubro de 2007

Mamãe veio ao meu quarto se certificar de que eu falarei para o papai que estou gostando daqui. São raras as vezes que ela vem, e sempre é algo relacionado a ele. Eu toquei no cabelo dela e perguntei por que eu não sou linda como ela. Mamãe riu e disse para eu agradecer ao papai por ter essa aparência. Mamãe não é como as mães dos livros, e, ultimamente, não estou gostando mais das palavras.

Angelina Anne Paytron.



20 de outubro de 2007

Querido Diário, hoje o senhor James trouxe seu sobrinho para ajudá-lo no jardim, é um serviço temporário, mas papai o contratou. Adivinha quem é seu sobrinho? Sim, o Bryan. Quando eu o vi no lado leste, me aproximei montada em Cristal. Ele ficou me encarando por um bom tempo, me disse oi, mas eu não disse nada, estava com vergonha, então fiz Cristal correr o mais longe possível, até a casa da árvore que papai mandou construir pra mim. Agora me sinto uma idiota e não quero mais vê-lo. Ele vai contar a todos como sou boba.

Angelina Anne Paytron.



22 de outubro de 2007

Querido Diário, Bryan não contou pra ninguém, até me cumprimentou no colégio. Ele é gentil e lindo, tão lindo que pensei que talvez, como ele é o beijoqueiro do colégio, pudesse me ensinar a beijar. Mas eu sou tão feia, será que ele aceitaria? Não sei, papai diz que vem semana que vem, com uma surpresa, e isso não é novidade.

Angelina Anne Paytron.



23 de outubro de 2007

Querido Diário, hoje criei coragem e disse oi ao Bryan, bem na frente do seu tio. Ele riu, os dois riram, mas Bryan respondeu oi. Eu queria ter dito outra coisa, mas fiquei envergonhada e saí com Cristal. Eu sou boba.

Angelina Anne Paytron.



24 de outubro de 2007

Querido Diário, mamãe me viu olhando para o Bryan e disse que garotos como ele não se interessam por garotas como eu. Eu disse que também não me interessava por garotos como ele, e ela respondeu que tinha certeza disso, porque, como boa selvagem que sou, eu gostava só de animais. Ela disse ainda que não se surpreenderia se um dia eu

fugisse com um animal. Depois saiu, e só mais tarde soube que ela e papai brigaram novamente. Quando ele não estava em casa, seus acessos de raiva eram direcionados a mim. Mas mamãe tinha razão, ele sequer olhava pra mim.

Angelina Anne Paytron.



25 de outubro de 2007

Diário, hoje acordei atrasada, e apesar de morarmos não muito perto do colégio, mamãe disse que caminhar me faria bem e me deixará sempre ir a pé, sozinha. Como sempre, ela disse que é nosso segredo e eu não posso contar ao papai. Mas hoje eu tinha prova, então a Cristal foi a minha solução. Eu não tenho vergonha dela, eu a amo, mas todos riram quando me viram chegar a cavalo, até Bryan pareceu surpreso, mas ele não riu. Então eu senti vergonha, não dela, mas de mim.

Angelina Anne Paytron.



9 de novembro de 2007

Diário, eu sou idiota, muito, e hoje cometi o erro mais estúpido da minha vida. Duas semanas atrás, ao me ver cortando caminho pela mata, Bryan se ofereceu para me acompanhar, já que ele vai para a minha casa depois do almoço. Como recompensa, ele disse que eu deveria convidá-lo para almoçar, e eu concordei.

E hoje, justo hoje, eu e minha boca grande resolvemos perguntar se ele dava aulas de beijo. Primeiro ele não entendeu, depois riu e eu me senti tão idiota.

Acho que não gosto mais do Bryan.

Angelina Anne Paytron.



12 de novembro de 2007

Diário, eu não quero mais ir embora na companhia do Bryan, na verdade, eu quero, mas fingi que não. Daí, ele me perguntou quanto eu pagaria pelas aulas de beijo, e como ele poderia me ensinar se estamos sempre na companhia de outras pessoas. Falei que não era problema, que iria cavalgar na mata e que ele poderia me acompanhar. Mamãe acreditou nessa mentira, então fomos até a minha casa da árvore. Ele ficou impressionado e pareceu mais interessado na casa do que em me ensinar a beijar. No último momento, só encostou seus lábios nos meus e me cobrou cinco dólares. Como eu não tinha dinheiro na hora, ele disse que eu poderia pagar depois e que para um primeiro dia estava bom.

Diário, ele tem perdido pontos comigo e agora estou com medo de ele contar a todos, porque mamãe me disse que é isso que garotos como ele fazem.

Angelina Anne Paytron.



Com um nó na garganta, acabei deixando o diário de lado. Em vez de ir para a casa, fiquei na editora me sentindo péssimo por ter saído justamente com Sabrina em nossa noite de núpcias.

E antes de me afundar nesses pensamentos, fui surpreendido pela visita de Erika, que já imaginando que eu estivesse em um péssimo estado, trouxe uma garrafa de rum.

Notando que eu estava distante, ela insistiu em saber o motivo e acabei confessando tudo, até sobre Sabrina. Fiquei sabendo desse comportamento errático por ela, não por Angelina. No entanto, só entendi o teor das provocações ao ler o diário.

— Bryan, eu entendo que ler isso mexa muito com você. Me compadeço por tudo que ela passou e não concordo com o que Sabrina fez, mas todos nós erramos e temos o direito de corrigir nossos erros. Sabrina mudou, sabe disso. Mas o que Angelina fez com você depois, não justifica em nada o que ela passou. Poxa, além de ter feito da sua vida um inferno, ela te obrigou a se casar como se o dinheiro dela pudesse comprar tudo, até você.

— Eu sei, e essa é a pior parte. A forma descarada como ela faz tudo. Erika, eu odeio ir à eventos, odeio o fato de entrar em um bar e já ter alguém com a câmera apontada pra mim. Caramba, eu parei de almoçar no

meu restaurante preferido por culpa dessa obsessão que as pessoas têm com a vida dela! E para piorar tudo, agora tenho meus pais me dando conselhos sobre casamento, e isso me deixa tão mal. Fico me perguntando como vai ser quando eu contar para eles que foi tudo mentira? Claro, se ela não surtar antes e ainda me processar, entende? Quando eles nos visitam, eu sinto tanto ódio dela. Erika, você não faz ideia do quanto. Eu vivo uma mentira graças a ela, mas é contraditório... quando eu leio o diário dela e vejo como ela era, me pergunto que merda eu fiz para Angelina ter se tornado essa pessoa.

— Bryan, não faça isso com você, a culpa não é sua, nunca foi. E se usarmos o mal que nos fazem como justificativa para sermos ruins, onde vamos parar? Se acha que é demais reviver isso, desista do diário, Angelina não merece que sofra mais por ela. — Ela me abraçou.

Erika tinha razão, por mais que essa merda mexesse comigo, nada justificava o inferno que ela me fez passar ao foder o meu psicológico quando estava com Adryan. E Angelina faria novamente se eu continuasse a permitir. E por já me sentir culpado, eu precisava me afastar.

Ficamos um tempo conversando enquanto bebíamos. Antes de ir para casa, deixei Erika em sua casa. Quando já estava sozinho no carro, recebi uma ligação de Amy. Depois de desabafar, pedi discrição quanto a situação e disse que me separaria de Angelina quando o prazo terminasse.

— Bryan, eu imagino o quanto deva estar sendo difícil.

— Eu não preciso mentir para você. Angelina tem muitos problemas, e eu quero ajudar, mas nós dois juntos... acaba agravando a situação, entende?

— Sim. Sinto muito.

— Ninguém sente mais do que eu. Ela vai voltar a viajar, então espero voltar para a minha casa e tentar, de alguma forma, recuperar um pouco da minha vida.

— Precisando, pode me ligar. Estou sempre à disposição para você.

— Eu agradeço. Dá um beijo na Bia e no Adryan.

— O dele de língua? — ela brincou.

— Não, só no rosto. Ele não merece mais meus beijos de língua.

Ela riu e nos despedimos.

Quando cheguei à mansão, tarde da noite, encontrei Angelina sentada na cama.

— Com a puta da Erika de novo, não é? — ela disse, com amargura na voz.

— Não começa, vai. Dá um tempo, eu só quero dormir — falei.

— Hoje completamos um mês de casados — ela riu —, e você sequer me mandou a porra de uma mensagem por isso.

— Talvez seja porque o casamento só é real na sua cabeça.

— Quando é pra me foder de todas as formas possíveis funciona bem para você, não é?

— Não te forço a nada, Angelina, então não finja que está ressentida por isso. — Enquanto pegava minha roupa para tomar um banho, ela veio até mim, bufando de raiva.

— Não vai brincar comigo, Bryan, não mesmo — gritou, descontroladamente.

Olhei em seus olhos e notei que ela tinha errado a mão nos medicamentos. Essa noite seria um inferno.

— Não estou brincando, só sendo realista — falei, sem alterar o tom

Angelina engoliu em seco e me lançou um olhar de ódio, que foi recíproco.

— Por que está transando com essa vadia?

— Ela não é vadia, nunca foi e nunca vai ser. Agora dá um tempo, eu só quero tomar um banho e dormir — disse, desviando dela e entrando no banheiro.

O esforço para não pensar não era duradouro, bastava fechar os olhos para voltar no tempo e vê-la aos beijos com Adryan, enquanto eu ficava ali, fingindo que não doía, mas que chorava feito um imbecil por ela quando estava sozinho.

Quando voltei para o quarto, ela ainda estava na sacada fumando. Me deitei e, em segundos, Angelina entrou e fechou a porta da sacada. Fiquei grato por pelo menos ter largado o cigarro lá fora.

Ela se deitou ao meu lado, e quando comecei a pegar no sono, Angelina começou a rir.

— Acha que vai ser feliz com ela, mas não vai. Você vai se arrepender, eu juro. Eu tenho sido boazinha com você, bebê, mas sabe que sou melhor ainda em ser má. — Não respondi a sua ameaça, mas ela continuou, porque queria me provocar. — Eu não entendo por que está fazendo isso, agindo como um idiota...

— Agindo como idiota? — Alterei o tom irritado. — Você roubou a porra da minha vida, e eu estou agindo como idiota? Realmente está fora de si, sem condições. Acha que essa era a vida que eu queria? E sabe o que é o pior, que graças a você, mesmo depois que toda essa merda acabar, nada mais vai ser como antes, porque eu sempre vou ser a porra do ex da modelo Angelina Paytron.

— E por isso está me traindo?

— Como eu estou te traindo, se esse casamento é uma farsa? Eu implorei para resolvermos de outro jeito, implorei para não envolver meus pais, mas você deu um claro foda-se para mim, ameaçando tirar até a casa deles.

— Você não se casaria comigo se não fosse assim. Eu só estou te ajudando a cumprir suas promessas.

Era cansativo e desgastante. Angelina já tinha se convencido de que tinha razão. Então qualquer tentativa de fazê-la voltar à racionalidade eram palavras jogadas ao vento.

— Você vai se arrepender por estar me traindo, Bryan, juro que vai. — ela dizia de forma irracional, e não, ela não estava consciente. O melhor a fazer era ignorar.

Não disse mais nada, apenas me virei de costas, sentindo o peso que era estar ali. Eu a amava, sempre iria amar, mas o nosso amor era doentio demais, e ele só abria mais as nossas feridas. Ela não dormiria essa noite, estava agitada demais e, como consequência, o mesmo aconteceria comigo.



Capítulo 12

Bryan

A sensação era de estar me afogando lentamente, meus pulmões aos poucos perdiam o ar, cada célula implorava pelo oxigênio, e eu desejava apenas que acabasse rápido. Eu tinha a opção de nadar e me salvar, mas preferi afundar.

Era isso quando estávamos juntos. Odiava cada segundo enquanto implorava para nunca ter fim. A contradição do amor quando ele faz tão mal a ponto de machucar, sufocar, mas nunca ter a porra do fim.

Todas as promessas de não transarmos mais duravam apenas os momentos em que eram ditas. Não conseguíamos, não quando estávamos

tão próximos. Longe, eu a amaldiçoava, mas perto eu a adorava. A cama era nosso templo, e entre suas pernas era o meu paraíso. Não importava o quão pesada fosse a briga, ou quantas ofensas pronunciávamos, era só ela se aproximar e me beijar para eu mal conseguir raciocinar, derrotado, querendo-a para sempre.

Cada movimento, sorriso, arquear da sobrancelha, a maneira provocante de olhar me desconcertava. Éramos dois loucos fodidos, muito bons em nos machucarmos, mas melhores ainda quando nos entregávamos. Um círculo vicioso de brigas, insultos, sexo, muito sexo, tesão, fogo, insanidade, brigas, ciúmes, brigas, sexo, sexo, tesão e a porra de um louco amor. Provávamos todos os dias que juntos éramos a fórmula perfeita para o caos.

Faltava apenas mais um mês para ela voltar a viajar, com sorte eu também voltaria para a minha casa. Com ela longe seria mais fácil controlar a minha obsessão, manter a sanidade, e assim recuperar um pouco da minha vida.

Antes disso, aconteceria a festa do Mike — em duas semanas, para ser mais exato —, e como ela pediu, não me opus em irmos juntos, desde que fosse descontado no nosso “tempo de qualidade”.

Aconselhado por Erika, decidi não pegar mais a porra do diário. Mas havia um grande problema quando o que deveria se manter apenas no cérebro, descia para o coração. Ele, tão desejoso, não dava trégua quando queria algo, e naquele momento, apesar de todo o caos, o diário de Angelina se tornou meu livro preferido. Nos intervalos, era a ele que eu recorria para sanar meu danoso vício.

Eu não admitia, mas amava reviver os nossos dias dourados, amava relembrar a inocência em seu olhar e ver como era real, que eu não havia me enganado. Naqueles momentos em que eu estava mais vulnerável, ver novamente essa Angelina era como um bálsamo para todas as feridas que ela me causava e continuaria a causar.

26 de novembro de 2007

Diário, hoje perguntei ao Bryan quando nossas aulas de beijo terminariam, não que eu quisesse isso, mas, ultimamente, depois que ele me ensinou que eu deveria imitar seus movimentos, comecei a sentir coisas que acho que não deveria. E tudo se agravou quando ele enfiou sua língua na minha boca. Bryan me abraçou e eu não me afastei, sua língua tocou a minha e o calor foi instantâneo. Abri os olhos e me

deparei com os seus também abertos. Ele sorriu e eu desviei o olhar bem rápido.

O problema, Diário, é que no colégio Bryan está sempre com a mesma turma, e não deveria me incomodar, mas incomoda, ainda mais quando Sabrina o abraça. Ele pode estar beijando a Sabrina também, já que beijou Gessy mesmo que ela também beije o Paul, seu namorado.

Eu decidi acabar com a aula do beijo, e quando estávamos indo embora juntos, eu disse para ele que agradecia pelo seu serviço e disponibilidade, mas não queria mais continuar. Achei que ele fosse só falar okay, mas ele perguntou por quê.

"Porque não acho muito higiênico me beijar e beijar outras meninas." Foi mais ou menos isso que eu disse. Bryan riu da minha resposta, e quando ele fazia isso, algo no seu olhar me deixava com os dois pés atrás e soavam todos os alertas da mamãe em relação a ele na minha cabeça.

"Você é tão diferente das garotas do colégio, eu não acreditei quando me disse que não sabia beijar. Você é muito bonita, e garotas bonitas são as primeiras a serem beijadas."

"Mentiroso"

“Por quê?”

“Porque eu não sou tão bonita.”

“E acha que eu te beijaria se não fosse?”

“Pelo dinheiro, eu acho.”

“Que dinheiro, se até hoje não me pagou?”

Diário, foi algo assim que falamos, não lembro as palavras certas. E ele não mentiu quanto ao dinheiro, porque eu me esqueci de pagar, então em vez de ir para a casa da árvore, eu segui todo o trajeto em silêncio e não quis mais falar com Bryan. Eu estava morrendo de vergonha. Por dois dias inteiros não nos falamos, mas no sábado ele veio e... nos beijamos, e muito...

P.S.: papai não veio para o Dia de Ação de Graças, mas prometeu estar no Natal. Mamãe disse que se ele não cumprir, nós duas não iremos perdoá-lo, e eu concordei com ela.

Angelina Anne Paytron.

Acabei rindo tanto, que até Evelyn veio à minha sala perguntar se estava tudo bem. Esperei que ela saísse para continuar.

13 de dezembro de 2007

Sabe que dia é hoje, diário? Sim, você sabe, eu e Bryan completamos um mês de beijo. Não sei se podemos comemorar isso, mas é uma data importante. Cheguei ao colégio e ele sorriu, e estava tão bonito. Mas nos intervalos ele não se aproxima, sequer tenta, parece que não está nem aí pra mim. Cristal ainda não se convenceu de que ele é alguém de verdade, mas papai me disse que eu tenho o dom de saber quem é de verdade e quem é de mentira, e sei que Bryan é de verdade.

Mamãe desconfiou de nossas saídas e me perguntou o que estava acontecendo. Eu nunca menti pra ela e quando disse que estávamos nos beijando, ela riu.

"Angelina, não é com uma garota como você que esse rapaz quer andar por aí. Cuidado. Não quero te ver chorando pelos cantos quando ele se cansar disso."

Eu respondi que ele me achava bonita, e ela riu de novo e me falou o que ele queria comigo. Senti nojo, muito, não imaginava que garotos e garotas faziam isso, então ela disse que são o que homens e mulheres fazem, é assim que surgem os bebês. Senti mais nojo, principalmente porque ela usou o papai e ela de exemplo. Disse que o que eles têm entre as pernas sobem e eles enfiam nas meninas. Disse que se eu fizer isso com Bryan, ele vai me machucar muito e eu vou deixar de ser interessante não só para ele, mas para todos os garotos.

Mas eu não quero ser interessante para nenhum garoto, só para ele. Mas a mamãe tem razão, não quero fazer essa coisa nojenta.

E é por isso que não estou mais me deitando com Bryan na casa da árvore. Sim, nós nos deitávamos no sofá e ele, só às vezes, passava a mão em minha cintura, e às vezes também me apertava em um abraço forte.

Angelina Anne Paytron.

Fiquei chocado ao ler. A mãe de Angelina era uma cobra, pena que ela nunca percebeu isso. Agora entendia por que ela ficou estranha de uma hora para outra.

17 de dezembro de 2007

Diário, Sabrina é tão má e eu a odeio. Tudo começou quando nosso professor de literatura sugeriu uma redação sobre um filme de vida selvagem. Como eu não assisto a filmes ou televisão — papai tem um senso muito crítico quanto à influência da mídia —, perguntei se poderia ser sobre meus cavalos. Resultado, ganhei a melhor nota e ela a segunda melhor nota.

Quando fui ao banheiro, entrei e levei um susto ao cair um balde com um líquido fedido em mim. Ela gargalhou com todas as meninas e eu fiquei sem reação, todas começaram a cantar, xixi de cavalo, e eu a chamei de puta em alemão.

O problema é que uma das meninas sabia alemão e contou para ela, que saiu chorando do banheiro com todas as meninas do seu lado. Me limpei como pude, mas quando deixei o banheiro foi pior.

Papai sempre me disse que eu deveria deixar a verdade falar por mim, mas ela não falou, e chamaram minha mãe, que também não acreditou em mim, achando que eu tinha inveja da Sabrina porque ela é muito bonita.

A diretora Cassandra não acreditou em mim, seria impossível, já que todas as meninas ficaram a favor da Sabrina, e em casa, como castigo, mamãe me proibiu de cavalgar com Cristal.

Quando me encontrei com Bryan, ele pareceu chateado e disse que Sabrina até chorou e que eu deveria pedir desculpas a ela. Eu nem me defendi, eles se conhecem faz um tempão, e ele não ia acreditar em mim. O que Bryan não sabe é que agora eu também estou chateada, mas com ele. Pedi para ele ir embora e não nos beijamos nesse dia.

Angelina Anne Paytron.



25 de dezembro de 2007

Diário, no Natal as crianças costumam ganhar presentes como bicicletas, videogames, ou mesmo diários. Eu ganhava diamantes, cavalos e até coleções de livros raros, mas quase nunca meu pai estava em casa para me presentear com sua presença.

Mas esse ano eu queria um celular, todos da minha sala têm, Bryan tem e eu preciso de um. Papai não é adepto a esse tipo de tecnologia, diz que ela, sem responsabilidade, gera o caos. Mas acho que por estar tão preso a reuniões, ele me deu, e nem se importou de eu pedir dois. Depois que passei meu número para o Bryan, trocamos mensagens a cada segundo.

E como estamos há duas semanas de férias para o feriado de Natal e Ano novo, agora ele que me espera na casa da árvore.

Angelina Anne Paytron.



26 de dezembro de 2007

Diário, Bryan disse que gosta de mim e eu queria ter dito que gosto dele, mas eu não disse, porque tenho medo de que seja mentira. Ele pareceu chateado, mas se tivesse olhado em meus olhos ao invés do chão, teria visto isso.

Ele contou que seus pais têm uma editora pequena, e que depois de se formar no colégio, irá cursar administração e ajudar os pais. Mas será na universidade de outro estado, fiquei triste com isso.

Seu melhor amigo se chama Adryan Hermestoff e ele viu meus pais com os pais do seu amigo no evento de Ação de Graças, na casa do prefeito. Falei com Bryan que era impossível, já que papai não estava aqui, mas ele descreveu papai para mim, sem errar nada, e eu me senti péssima. Papai e mamãe mentiram pra mim.

Bryan continuou falando sobre eles e eu gostei de Bryan não levar adiante a diferença gritante entre mim e meus pais. Assim como gosto do fato de ele me beijar e me fazer sentir bonita, mas gosto mais ainda quando ele se deita no sofá e ficamos ali juntos, enquanto ele acaricia

meu rosto e me faz sentir amada, como se fosse a única garota no mundo.

Ele lê livros pra mim e eu amo isso também, mas depois vem a melhor parte, nos beijamos, e de novo e de novo e de novo.

P.S.: Ele me deu um livro de Natal, é um livro de fantasia, não tem romance algum, só lutas. Não gostei, mas eu disse que seria meu livro preferido desde então, e Bryan se gabou do seu bom gosto para literatura. Como eu tinha pedido para o papai um outro celular, esse foi meu presente para o Bryan. Achei que ele ia gostar, já que o dele estava com a tela quebrada. Mas ele não quis aceitar, disse que não é o tipo de presente que damos para as pessoas. Depois que ele foi embora, eu chorei. Não sei por que ele ficou bravo, papai me dá cavalos e eu gosto.

Angelina Anne Paytron.

Na verdade, eu não fiquei bravo, fiquei envergonhado. Eu dei um livro da editora dos meus pais e ela me deu um celular que tinha acabado de ser lançado, diferença gritante de preço.

Peguei o diário, me perguntando por que ainda insistia nisso. Mas, diferente dos outros dias, eu estava sentindo mais saudade do que mágoa. E

com essa nostalgia me dominando, voltei mais cedo para casa. Estava na porta do quarto quando ouvi risadas e reconheci a voz de Ryder, o *personal*.

Entrei sem bater, e gostaria de dizer que não senti nada, nem mesmo uma pequena fagulha de ciúme, mas isso não aconteceu. Eu estava queimando só de ver a proximidade e intimidade entre eles. Ao me aproximar, notei que estavam na sacada.

— Será como eu disse, já mexi todos os pauzinhos — Angelina disse de forma sensual, me fazendo sentir um completo imbecil.

— Mas até lá, talvez você não possa mais participar. — Ele parecia surpreso. — Meu Deus, Angie, não acredito que... você é mais louca do que imaginei. Charlie irá enlouquecer quando souber.

— Que enlouqueça, isso não tem nada a ver com ele.

Apesar de externamente eu me forçar a fingir indiferença, por dentro incomodava tanto que senti o nó se formar na garganta. E enquanto eu tentava convencer meu coração idiota de que ela não era minha para ele se sentir desse jeito, quando seu *personal* a abraçou e cochichou em seu ouvido, algo me atingiu em cheio, me fazendo sentir estúpido.

Angelina então se virou e me viu. Ele se despediu dela parecendo sem graça e entrou no quarto, me cumprimentou e saiu. Angelina se aproximou, ainda de pijama e comendo uma maçã.

— Chegou cedo, bebê, aconteceu alguma coisa?

— Não, por quê? Atrapalhei algo?

Ela riu ao notar a porra do ciúme. E no minuto seguinte, sorriu novamente de forma sensual. Mesmo querendo devolver a pergunta, sem conseguir disfarçar esse sentimento tão ridículo, desviei o olhar, mas tudo que martelava em minha cabeça era a intimidade dela com a porra do *personal*.

No minuto seguinte me esquivei de sua aproximação e segui para o banheiro. Liguei a banheira, e quando ela estava cheia o suficiente, eu me deitei e fechei os olhos com o intuito de tirar essa merda da minha cabeça.

Imbecil. Envolvido pela nostalgia que o diário me trouxe, vim para casa mais cedo, com a guarda baixa, e me deparei com essa Angelina.

Porra, Bryan, aquela Angelina não existe mais, aliás, acho que nunca existiu. Esqueça essa merda, afinal, não é isso que você quer? Que ela se envolva com outro?

— Tem ciúme do Ryder? — Levei um susto quando ela entrou na banheira, completamente nua.

— Não. Em se tratando de você, não tenho ciúme de ninguém, Angelina, sabe disso — menti.

Ela sorriu com o olhar, eu odiava a forma irônica como fazia isso, porque vê-la fazia com que eu me sentisse mais imbecil ainda.

— Quero te levar a um lugar.

— Sem chance.

— Por favor, bebê... você vai adorar. Eu venho preparando essa surpresa há dias...

— Já fui aos dois eventos deste mês, e pelo contrato não preciso de...

— É aqui, no rancho mesmo.

— Não — disse.

Ela então imergiu, e antes que tentasse uma aproximação, me levantei e saí da banheira. Rapidamente enrolei a toalha em minha cintura e segui para o quarto, com meus pensamentos preso a ela e Ryder. Então era isso, quando eu não estava aqui eles transavam? E por que diabos eu estava me importando?

Não era só a porra de um ciúme, eu estava enlouquecendo. Pensamento acelerado, orgulho ferido e, no íntimo, me sentindo burro por ter acreditado que eu era o único. Ouvi passos e me virei assim que senti seus braços.

— O que foi, bebê, algum problema? — ela sussurrou em meu ouvido, tirando minha toalha.

Eu me virei, com meu cérebro tentando convencer meu tolo coração a não ceder. Firme, continuei a olhar em seus olhos, não havia mais inocência, pelo contrário, a malícia estava ali nitidamente. Angelina se tornou uma exímia manipuladora, e usava não apenas sua beleza, mas seu corpo para conseguir o que queria de mim, mas não dessa vez.

Ela tocou meu rosto e fechou os olhos para me beijar, então senti seus lábios nos meus, mas quando percebeu que eu não corresponderia, ela se afastou.

— O que foi, bebê?

— Quer que eu foda você? Por quê? O pau do seu *personal* não foi o suficiente hoje? — Despejei meu rancor, e ela pareceu confusa. — Você é falsa, sabia? Uma falsa muito boa de cama. Mas se acha que vou te comer logo depois dele, está enganada. De jeito nenhum!

— Você está me ofendendo, eu não tenho nada com Ryder, eu o vejo como...

— Sério que está ofendida com isso? Justo você, a mulher que transou com meu melhor amigo enquanto ainda estava comigo, e não satisfeita, manteve a porra do relacionamento por mais de dez anos?

— Você não estava lá para saber como aconteceu... — Ela agora se mantinha na defensiva, e eu não tive outra opção a não ser rir disso.

— A santa Angelina esperou apenas que eu me afastasse para pular no pau do Adryan e agora diz que eu não estava lá? Eu estive, esqueceu? Você me obrigou a estar, durante dez anos se fingia de santa na frente dele, mas longe fazia de tudo para me provocar. Acha que eu esqueci dessa merda? Que me esqueci de como era cruel comigo?

— Não faz ideia do que está falando. Ao contrário de você, eu sei respeitar nosso casamento. E quem traiu aqui foi você, quando fez aquela merda com Sabrina na nossa... — Ela pareceu engasgada ao dizer. — E como se não bastasse, fica enfiado no apartamento dessa Erika e acha que isso não... — Angelina desviou o olhar, tentando a todo custo controlar sua emoção ou fingir que estava emocionada. Vindo dela, eu não sabia mais o que era real ou não. — Somos casados, Bryan, e eu respeito isso...

— Que porra de casamento?! — gritei e ela recuou alguns passos. — Foram malditos dez anos tendo que conviver com toda essa merda entre você e Adryan. Sempre foi tão manipuladora. Hoje me sinto um imbecil por um dia ter acreditado em você, e como se não bastasse tudo que me fez, não satisfeita, me enfiou nessa porra de casamento sem sentido.

— Bryan, um dia pode se arrepender por...

— Meu único arrependimento foi um dia ter acreditado em você. Quer saber, eu não vejo a hora dessa merda de prazo acabar para me ver

livre de você!

Agora ela parecia desnorteada, tentando entender o que estava acontecendo.

— Eu não sei aonde quer chegar com isso, mas acho que nem precisava dizer que não tenho nada com Ryder, eu... — ela justificou, claramente desconfortável com a situação.

— Foda-se você, foda-se ele. Eu não quero saber, não me interessa quem te come ou deixa de comer. Eu só quero minha vida de volta, e ela não inclui estar casado com você! — gritei.

Angelina pareceu abalada, respiração oscilante, se segurando para não chorar. Ela foi ao closet e em tempo recorde saiu vestida, deixando o quarto em seguida. Respirei fundo, e quando peguei minha toalha no chão, me sentindo mais aliviado por estar sozinho, ao olhar para a sacada, eu a vi saindo com Cristal.

Depois de me vestir, desci a escada e fui ao bar pegar uma das suas garrafas de uísque caro. Raiva, ciúme, ego ferido e um coração sangrando. A velha receita provocada por Angelina estava de volta. E como um presságio, junto aos goles de uísque, as primeiras trovoadas diziam que nosso confronto hoje se estenderia para além do quarto, precisamente, nos

céus. A garrafa foi ficando vazia, assim como o tempo que passava entre relâmpagos e trovoadas.

Deitado na cama, não sabia exatamente quando aconteceu, mas apaguei. Quando acordei, demorei alguns segundos para reconhecer Holanda, ao lado da cama. Seus lábios mexiam e ela teve que repetir mais algumas vezes para eu entender.

Angelina havia saído há algumas horas, e como a tempestade parecia não querer dar trégua, junto à noite já posta, ela estava preocupada com a demora.

Merda! Me levantei em um sobressalto, com a consciência gritando.

— Alguém está procurando ou tem ideia de onde ela poderia estar? — Minha voz preocupada lhe deu a confirmação que Holanda não queria, a de que eu também não tinha respostas.

— Pedi aos funcionários para procurá-la, e fizeram por toda a propriedade onde ela costuma ir, mas sem sucesso — disse, compartilhando a mesma preocupação que eu. — Estou muito angustiada. A égua chegou há pouco tempo, e sei que Cristal não a deixaria por nada. Devo avisar ao seu empresário? Ou Jane, sua assistente, alguém de sua equipe pessoal? Talvez chamar uma equipe de busca, senhor...?

— Não, vou dar uma volta, e se não tiver sucesso, chamamos outros.

Com Holanda em meu encalço, coloquei o chinelo e segui escada abaixo. Angelina não iria tão longe, não estando sozinha. Merda! Iria sim, e se estou certo de onde ela está, só havia dois jeitos de chegar lá — a pé, ou a cavalo. Temendo o pior e sem a certeza de que ainda sabia o caminho, pedi que um dos seus funcionários me preparasse um cavalo. Ele pareceu surpreso, obviamente pela minha roupa — bermuda, blusa e chinelo —, mas ao ouvir Holanda pedindo que fosse rápido, correu para atender o pedido.

Notavelmente sem habilidade, fato que se agrava mais por estar debaixo de chuva, montei no cavalo, que segundo seu capataz, era o mais dócil. No primeiro sinal, o cavalo começou a cavalgar. A escuridão era ameaçadora, e enquanto havia apenas pasto não era tão difícil, apesar da chuva congelante e as constantes trovoadas, o problema ocorreu quando me deparei com a mata fechada, que a cada metro adentro parecia nos tragar.

Com o coração acelerado, sentimentos se intensificavam com a necessidade latente de encontrá-la. Cristal saberia o caminho, já esse cavalo parecia tão perdido quanto eu. Em alguns momentos eu parava, descia do animal para tentar reconhecer o lugar, e em um desses momentos, com o barulho intenso de um trovão, o cavalo amedrontado fugiu.

Merda. Com a roupa encharcada grudando na pele, eu já começava a sentir os efeitos do frio congelante. Para piorar a situação, eu não sabia se

estava na direção certa, mal enxergava o caminho. O vento soprava forte, as rajadas de chuva pareciam cortar a pele, e quando olhava para todos os lados, via as árvores todas iguais. Somente quando me aproximei do córrego consegui me guiar por ele. O tempo parou, e só voltou a percorrer quando reconheci o velho carvalho. Mas o pequeno alívio que senti ao reconhecer, desapareceu ao me aproximar e não ter nenhum indício da sua presença na casa.

Nenhuma luz. Nada. Apenas eu, a velha casa e uma história que quase implorava para ser revivida. Não chamei por seu nome. Apesar de não saber se era seguro ou não, no momento, bem além da necessidade de sair da tempestade, eu precisava ver se Angelina estava lá.

Subi a escada, e a cada novo degrau, velhas emoções ganhavam intensidade junto a lembranças que se apossavam desse covarde coração que nunca teve a audácia de esquecer. Com um nó na garganta, abri a porta, e mesmo cego pela escuridão inicial, se a minha presença não chamou a sua atenção, o suspiro aliviado que dei ao reconhecê-la sentada, abraçada aos joelhos no velho sofá, deveria tê-lo feito.

Desesperadamente, corri em sua direção. Ao me ajoelhar à sua frente, institivamente eu a abracei, beijando logo em seguida sua cabeça. Só então Angelina notou que eu realmente estava ali.

Angelina correspondeu meu abraço e, em seguida, demos um beijo louco e urgente. Então me dei conta de que não era esse meu plano. Depois de segundos com ela em meus braços, agora nós dois estávamos molhados.

— Bryan, o que... por quê? — ela perguntou, com voz embargada.

— Como assim? Você sumiu. Cristal voltou e eu fiquei... — Desviei o olhar, me forçando a engolir as palavras. — Holanda estava preocupada, estavam procurando por você, e eu me juntei a eles. Parece que tive sorte.

Ela se afastou. Eu sabia que a minha desculpa era péssima, mas era mais fácil do que admitir a verdade. Nenhum de nós precisava mais disso.

— Tire a roupa — ela disse, mudando o tom.

— O quê? — Fiquei sem entender a mudança rude no tom da voz.

— Vai ter uma hipotermia se não tirar. Tem um cobertor no armário, trouxe há alguns dias, ele vai te manter aquecido. — Seu tom de voz havia mudado completamente, agora assumia uma postura rígida.

No minuto seguinte, ela se levantou e foi até a única janela aberta. Fiz como ela disse, me deitei nu no velho sofá. Ágil, Angelina me jogou a coberta. Apesar de voltar para a posição anterior, próxima à janela, era inegável como esse lugar agora parecia nos forçar a entregar sentimentos por anos contidos.

Comecei a tremer, e acreditei que foi meu bater de queixo que a fez se aproximar. Angelina tirou sua roupa, ficando nua à minha frente e essa, apesar de todas as mágoas tão latentes entre nós, aliada a pouca claridade, ainda era a visão mais linda que meus olhos castanhos poderiam presenciar. Era quase como ver minha Angie vir até mim, e eu, tão carente como na adolescência, lutava para não me render a ela. Sim, essa merda de lugar mexia comigo. Ela se deitou ao meu lado, como em tantas outras vezes, nesse mesmo sofá, tendo meu braço como apoio.

Sentir seus seios quentes em meu peitoral acendeu a velha chama em mim. Angelina colocou suas pernas entre as minhas e me abraçou. E eram em momentos como esse, olhos nos olhos, bocas a milímetros de distância implorando para serem beijadas, respirações oscilando e corações batendo em descompasso, que palavras eram dispensáveis. Eram em momentos como esse que todos os sentimentos que eu tanto implorava para esquecer pareciam exalar da minha pele.

Ela continuou atenta, tão presa quanto eu ao momento, e enquanto tudo em mim implorava por uma última vez de nós, aquele pequeno sinal de alerta vindo da razão, me dizia que era um terreno perigoso demais para me deixar entregar.

Angelina me abraçou forte. Segundos se tornaram minutos, mas antes de se tornarem horas, ela o interrompeu.

— Às vezes eu não sei se te odeio por nunca enxergar a verdade, mesmo ela sendo jogada na sua cara, ou se te odeio por mesmo ciente de que eu era tão inocente, sem nunca sequer ter beijado, se achar sempre a vítima de tudo, Bryan. Você me deixou em pedaços, sozinha, para encarar uma tempestade que nós dois criamos. Você simplesmente se foi, com a promessa de que depois ficaríamos bem, que depois estaríamos felizes e...

— Por que insiste em reviver isso, eu não entendo...

— Você é bom em inverter a culpa. Perguntei se tinha ciúme do Ryder, e ao invés de dizer a verdade, me ofendeu, como sempre faz. Mas eu gosto disso, gosto da dor, do amor e o que vem depois também.

— Pare, Angelina, não vai fazer isso. Não hoje.

— E está aqui por quê, Bryan?

Sua pergunta me fez engolir em seco.

— Eu já disse por quê.

Ela riu.

— Se lembra da primeira vez que esteve aqui? Se lembra de pelo menos uma única vez que esteve aqui?

— Pare...

— Se é tão vítima, por que não gosta de lembrar, Bryan?

Olhei em seus olhos. Era um demônio, e usando de persuasão, ela esperava me convencer e foder comigo.

— Passado, não faz diferença mais.

Ela riu novamente.

— Aquele dia, no bar, quando nos encontramos depois de tantos anos... Eu sempre tive aquela velha chama sobre nós, mas depois de todo esse tempo, eu não achei que... — Ela pareceu voltar no tempo. — Aquele gesto... você foi tão gentil, eu estava péssima.

— Sério que foi por causa daquele encontro no bar que armou toda essa merda de casamento?

— Não. Ali eu ainda não tinha certeza, sabia que te amava, mas ainda não tinha certeza se você...

— Então, só para eu entender. Quando achou que poderia acontecer?

— Não foi fácil, bebê. Antes do lançamento do meu livro, você me tratou como uma puta. Todas as vezes que eu tentava me aproximar, você me fodia tão gostoso e não havia jeito certo, era da maneira e como você queria, depois me humilhava, e eu me sentia péssima. Bebê, eu estava na sua cama e você me tratando pior que lixo enquanto me comia. Era intenso e eu gozava gostoso, mas na manhã seguinte nada aliviava meu arrependimento. Era ilusão, minha ilusão, e eu estava convicta disso. Bryan,

juro que já tinha me esquecido de como era me sentir assim, um prazer único para no minuto seguinte ser deixada em pedaços. Mas então, na nossa última vez, antes do lançamento, depois de me foder durante uma semana, naquela noite em especial, você estava bêbado demais para se lembrar. Eu queria apenas me despedir, mas você me beijou, me pediu para dormir, olhou em meus olhos e me disse que me amava. E não só isso, me pediu para não desistir de nós.

— Mentira! — Contrapus no mesmo instante.

— Sabe que não é — ela disse, começando a chorar, e pelo timbre estava realmente abalada. — Semanas sendo tratada pior que puta, mas então você bebeu e fez amor comigo. Me fez sentir viva como há muito tempo eu não sentia. Eu olhei em seus olhos e vi você, bebê, eu te vi por trás de toda essa pose, de todo o álcool, de toda a mágoa. E era o meu Bryan. Então me dei conta de que apesar de me deixar em pedaços, eu sabia que meu Bryan não faria nada para me machucar. Não ele. E por mais que você finja que não, ele está aí dentro, esperando apenas a nossa chance.

Deus, era loucura. Eu não sabia se no momento sentia mais por ela ou por mim, por estar preso a esse doentio relacionamento.

— Angelina, aquele Bryan não existe mais. Você precisa entender isso — disse, me afastando.

— Eu sei que tenta se convencer disso, sei que fala mais para si mesmo para continuar a se enganar, mas sabe que não é verdade. — Ela tocou meu peitoral, acariciando. — Bebê, quando comecei isso, eu sabia em que estava me metendo, sabia que no início você não entenderia. Mas, Bryan, nós somos destinados um ao outro, e mais cedo ou mais tarde, você viria pra mim. Eu só antecipei e facilitei a sua vida, porque nos amamos.

— Angelina, você projeta essas fantasias em sua cabeça e acha que é real. Se eu realmente te amasse, acha que dormiria com outra na noite que me casei com você?

Ela riu ao mesmo tempo em que chorava.

— Você foi péssimo naquele dia. Engraçado que na maior parte do tempo, eu me sinto bem comigo mesma, confiante — enxugou as lágrimas —, mas depois disso, encontrei um milhão de defeitos em mim. Foi algo tão estúpido e me deixou mal, uma noite inteira banhada em lágrimas, rezando para você voltar, mesmo sabendo que não iria. De manhã eu pensei em ir embora, em desistir, mas não consegui. Não consegui porque eu amo você, e só você, entende? Eu sei que errou, mas mesmo tendo feito aquela merda, continua sendo o único que eu amo, Bryan. Por isso não importa o quão pesado você pegue comigo, eu vou continuar te amando, e amando só você é fácil escolher sempre ficar.

— Puta merda, Angelina, você está doente. Precisa de ajuda médica e...

Ela tocou meu rosto.

— Guarde seus conselhos, eu não vou ouvir. É o que eles sempre dizem, todos eles. *Angie, por que se humilhar assim? Por que permite que esse cara te trate assim?* Mas, bebê, eles não te conhecem como eu, então não me importo, bebê, porque eles não sabem como é ficar sem você. Mas eu sei e não quero ter que dormir em uma cama onde você não está. Eu não quero mais sentir falta da minha parte que sempre fica em você. Nossos destinos já foram traçados há muito tempo. Chega de fugir, estamos nessa juntos, até o fim. Você não pode me largar, pode me maltratar, xingar, mas não pode me largar. Nunca mais, entende?

Era uma merda ouvir isso, a cada confissão Angelina conseguia me chocar mais. Toquei seu rosto, olhando em seus olhos.

— Angelina, não é um conselho. Você está doente, precisa de tratamento, isso não é sobre nós, precisa se amar em primeiro e...

— Você me ama e é o suficiente. Não percebe? Não preciso de mais nada, bebê, só de você. Vamos envelhecer juntos, só nós, como planejamos desde o primeiro dia.

— Não, não é o suficiente. Você precisa ir a um psiquiatra, se tratar, terapia, alguém para te ajudar... — Prendi os lábios assim que percebi que ela sorria. E aquele sorriso de escárnio me dizia que era um jogo, um jogo em que ela ditava as regras. E toda essa cena poderia ser apenas para me ter como uma marionete em suas mãos.

— Você já me ajuda. Eu sei que não acha que eu te traio, bebê, não acha porque sabe que pode confiar em mim. Foi só um ciúme bobo e eu te perdoo por isso. Mas diz para mim, diz que me ama uma única vez, diz isso sem precisar estar bêbado.

Desviei o olhar.

— Angelina, é sério. Precisa começar um tratamento antes que isso se agrave. Eu não amo...

— Bebê, eu não estou louca. Hoje eu não me senti bem, foi um mal-estar, e como dispensei o treino, Ryder subiu para saber o que estava acontecendo — ela explicou.

Desviei o olhar, permitindo que a lembrança deles viesse à mente.

— Não pareceu isso.

— Esse é o seu problema, Bryan, enxerga o que quer e toma isso como verdade.

— E por que não me avisou que não estava bem? — desconversei.

— Porque dói quando não se importa, então prefiro me poupar disso. Aceitar ser quebrada por você não significa que sempre estou pronta para a queda — disse, novamente emocionada. Era doentio, mas, ao mesmo tempo, seu tom confiante me deixava em alerta.

— Você só está sensível porque estamos aqui, mas não é assim que costuma ser.

Ela suspirou ao me ouvir.

— Bebê, você disse que eu transei com Adryan, com você ao nosso lado. Mas isso nunca aconteceu. A única vez que estivemos juntos em uma noite inteira, Adryan tinha apagado de tanto beber. E você sabia disso, me ouviu chorar a noite toda, mas preferiu acreditar no que te convinha.

— Pare, não faça isso, não vai me... — disse, me afastando.

— Eu não preciso. Ele estava bêbado, você o conhece melhor que eu, e sabe que naquele estado ele só acordaria no outro dia. Mas naquela época eu estava quebrada demais para acreditar em nós de novo.

Odiei ouvir isso, não era verdade, ou... não era verdade. Ela estava mentindo, entrando na minha cabeça, e eu não permitiria.

— Não faz diferença. O que houve entre vocês não é problema meu.

— Eu queria apenas a chance de te trazer aqui, mas você ficou cego de ciúme e me ofendeu de um jeito tão rude. Quero só um dia sendo apenas

eu e você, sem ninguém nos vigiando como se fôssemos criminosos.

— Ninguém te vigia, Angelina. Ninguém.

— Angelina Paytron é uma marca, Bryan, um produto de investimento muito alto. Então, sim, eles querem garantir que ela cumpra os contratos, e vão fazer isso sempre.

— Angelina Paytron é você.

— Não, aqui. Neste lugar, somos só nós dois, bebê, como antes.

— Nada é como antes, Angelina. Eu não te amo — disse, forçando as palavras a saírem.

Ela tinha razão sobre mentir para mim mesmo, mas já estava tão ultrapassado insistir na mentira, que sem consideração alguma, no minuto seguinte, meu corpo me traía ao deixar transparecer a única verdade sobre nós. Mal deu tempo de assimilar a consequência ou onde esse amor selvagem poderia nos levar quando senti seus lábios nos meus. A sensação era como cair em um precipício em câmera lenta. Angie me beijou como costumava fazer e era uma droga, minha droga, e como sempre eu precisava de mais.

Deveria ter sido, mas não foi ela quem continuou a beijar, não foram as mãos dela que percorreram por todo o meu corpo, nem foram os lábios dela que passaram a implorar por mais. Fui eu. Beijei sua boca, sugando sua

língua como se minha vida dependesse disso. E tão loucamente necessitado, seu corpo correspondeu a cada uma das minhas investidas.

Querendo e precisando de bem mais que um beijo, em nosso ritual ditado pela loucura, continuei a adorá-la, reverenciando cada parte do seu corpo com a língua, entre suas pernas, sentindo seu gosto. Enquanto ouvia seus gemidos, eu me dei conta de que talvez ela tivesse razão, talvez o doente aqui fosse eu, e não ela. E com cada beijo, eu fui me envolvendo mais até estar queimando de desejo, louco para me saciar nela.

— Tem que ensinar seu corpo a mentir tão bem quanto com as palavras — ela sussurrou, quando a penetrei com força, invadindo-a com tudo. Ela gemia deliciosamente em meu ouvido e, foda-se toda a merda que vinha depois disso. — Lembra, bebê, lembra de como nos amávamos?

— Não — disse, ofegante, reivindicando um pouco do meu orgulho.

— Você se lembra, bebê, de como éramos perfeitos juntos? — Apesar de perguntar com as mãos em meu rosto, deixando meu tesão falar mais alto, voltei a beijar sua boca, ignorando suas palavras. — Calma, eu quero que seja perfeito.

Entrelacei minhas mãos em seu cabelo e puxei seu rosto.

— Estou com meu pau duro, babando por você, não tem como ser mais perfeito que isso.

Fechando os olhos, eu podia vê-la muitos anos atrás, esperando que eu beijasse sua deliciosa boca. Com o passar dos meses, os beijos foram ganhando espaço em seu corpo. Começou com seu pescoço, sua barriga, até que cheguei aos seus pequenos seios, lindos e com bicos marrons. Ela, tão tímida, abafava os gemidos como se estivéssemos cometendo um grande pecado, sendo nós apenas dois adolescentes nos descobrindo e nos amando.

Angelina sempre foi o meu fruto proibido. Como se o tempo nunca tivesse passado, como se sempre fôssemos do outro e nenhuma promessa tivesse sido quebrada, continuei ali, tão louco como na primeira vez para fazê-la minha. Ignorando sua tentativa em tornar isso mais romântico, permaneci beijando seu corpo enquanto a penetrava.

— Bryan, calma...

— Eu quero muito foder você.

— Bebê... — Ela gemeu quando eu a penetrei mais forte, iniciando um vai e vem gostoso do caralho. Angelina, entre gemidos roucos, insistiu. — Bryan, podemos ir mais devagar... eu queria...

— Angie, por favor. Estou muito a fim, prometo que não vou gozar. — Enquanto eu continuava fodendo tão gostoso, percebi que ela pareceu surpresa por me ouvir chamá-la assim.

— Depois de tanto tempo, acha que eu ainda acreditaria nisso?

— Naquela época eu não dizia que não iria gozar, dizia que gozaria fora — sussurrei, sorrindo e beijando seu pescoço, aumentando o ritmo das minhas estocadas. Era insano o puta prazer delicioso que ela me proporcionava.

— E gozava fora? — perguntou, e estranhamente seu tom de voz soou mais sombrio.

— Não. Mas o esperma certeiro não foi o meu, e sim do Adryan. Ele que fez um bebê em você.

Ofegando e pronto para intensificar o meu prazer para ter uma gozada foda, percebi que Angelina congelou e ficou me encarando por segundos com uma expressão dura. Voltei a beijá-la, mas ela não correspondeu.

— Pare! — Encarei-a sem entender. — Pare, Bryan, eu não quero mais.

— Por favor, não faça isso. — Tentei beijar sua boca, estava quase gozando.

— Pare agora — repetiu em tom alterado. Ao olhar em seus olhos, não entendi o motivo do ressentimento por ter mencionado Adryan, já tínhamos feito isso antes. O que estava acontecendo? — Bryan, eu quero ir embora — disse, irritada.

— Você quis me trazer aqui para relembrar justamente essa parte? — perguntei, frustrado.

E como em nossa primeira vez, ela praticamente me expulsou de dentro dela. Angelina não disse mais nada, simplesmente se virou para o lado e me ignorou.

Não dava para ir embora, não com a chuva intensa caindo, mas o clima entre nós minutos depois pareceu pior que a tempestade lá fora. Se fosse antes, eu tentaria consertar as coisas, mas agora eu estava mais ciente do motivo, então apenas me virei para o lado.

O resto da noite ficamos em silêncio. Eu estava muito puto com ela, e Angelina, distante, pelo simples fato de eu ter citado Adryan. Pela manhã, ao acordar notei que ela devia ter passado a noite chorando, e essa era outra lembrança que eu não queria ter que reviver. Voltamos para a mansão, e enquanto ela explicava o seu paradeiro para o seu empresário, que estava muito irritado com ela, percebi que Angelina tinha razão; ela era um produto e eles fariam de tudo para mantê-la sob o seu domínio enquanto estivessem lucrando.

Subi para o quarto e ela fez o mesmo logo em seguida, mas tomamos banho separados. Angelina estava muito abatida, até recusou o lanche que trouxeram para nós. Exausto, eu me deitei na cama querendo descansar pela

noite mal dormida, então percebi que ela estava chorando novamente. Não precisei de mais que alguns minutos para que, assim como anos atrás, me sentisse arrependido.

— Me desculpe. Você e o Adryan estão fazendo negócios juntos, não achei que mencioná-lo a deixaria assim...

Merda! O que está realmente acontecendo? Ao invés de parar, Angelina passou a chorar copiosamente, e eu não sabia mais o que dizer, era como se eu nem estivesse ali. Cocei a cabeça e me aproximei o suficiente para abraçá-la, só que ela não correspondeu, mas também não me afastou.

— Desculpa. Eu entendo que seja difícil depois de dez anos juntos — Insisti, querendo que ela dissesse que não tinha nada a ver com Adryan, mas ela não disse. Então me convenci que esse era o motivo. A imagem dos dois conversando, sorrindo, firmando negócios, ficou sobrevoando minha cabeça, salgando a ferida. E, no fim, comecei a me questionar se esse casamento não era apenas para provocar Adryan.

Desisti de consolar a Angelina e lhe dei as costas, enquanto ela permanecia chorando.

— Quer que eu ligue para alguém, quer falar com alguém?

Angelina não respondeu, e seguimos assim o restante do dia.

Nunca imaginei que Adryan ainda mexesse tanto com ela. Sem nenhuma dignidade, mesmo sabendo que não era por mim que ela tanto sofria, não podia continuar vendo-a naquele estado. Então, cometi a idiotice de sugerir fazermos algo juntos.

— Eu não sei nem o que te dizer...

— Se não é real pra você, não faz diferença, então não precisa dizer nada — ela retrucou. Agora estava com o rosto inchado, olhos vermelhos, mas sem lágrimas.

— Angelina, eu só quero paz. Se ficou tão chateada, podemos ir à casa de campo dos meus pais. Não é como os lugares que costuma frequentar, mas ao menos pode ser você mesma lá, sem a obrigação de se portar como a modelo famosa e ter toda essa gente atrás de você.

— Você diz só nós dois? — Ela virou o rosto, me encarando.

— Meus pais que convidaram, eles vão estar lá. Eu tinha recusado o convite, mas podemos ir. Se aceitar será sem seguranças, ou qualquer pessoa da sua equipe.

Ela ficou pensativa por alguns minutos. Apesar de tudo, desde o casamento, não houve um único momento que estivemos sozinhos, sem pessoas da sua equipe de prontidão.

— Se quiser, me avise que compro as passagens de avião, fica no estado vizinho e é bem frio — concluí e me levantei. Ao olhar para o seu rosto em perspectiva, me perguntei se realmente foi uma boa ideia.



Capítulo 13

Bryan

14 de maio de 2008

Diário, desculpe, passei longos seis meses sem escrever para você, mas tenho um motivo para isso, um motivo que tem nome e sobrenome. Bryan Martin Claret.

Ele é um bom motivo, um ótimo, na verdade. Estamos há seis meses juntos e sinto que poderemos passar a eternidade juntos. Eu não consigo pensar em mais nada quando estou longe dele, e perto, eu o quero apenas para mim.

É estranho e inexplicável, mas quando ele vai embora, eu morro um pouquinho a cada segundo que passamos longe. Vou te confessar algo e não quero que pense mal de mim — Bryan beija bem mais que a minha boca agora, para ser mais específica, ele já conhece todo meu corpo. Sim, ele é muito bom nisso, e melhor ainda em sempre me convencer, e, Diário, ele beija até aquela parte que mamãe falou para não deixar os garotos tocarem.

Acabei rindo ao ler essa página.

Perto dele, eu simplesmente perco a razão. E o juízo, Diário, é como se eu nunca tivesse nem tido.

Mamãe insiste que ele é problema, diz coisas que me magoam, sobre eu ser boba demais e ele estar apenas me usando. Não me acho bonita, nunca me achei, mas mamãe consegue inferiorizar ainda mais essa minha percepção.

Ontem ela me falou do filho dos Hermestoffs, que além de lindo, o garoto tem classe, e que papai pode até ceder se for alguém de família como ele.

Eu ignorei tudo e me sentia tão magoada, que doía quando ela falava essas coisas do Bryan. Seu último alerta foi que se papai descobrir que ando feito uma putinha com esse tal de Bryan, além de matá-lo, irá acabar comigo.

Mamãe às vezes não parece sentir nenhum amor por mim.

Mas, voltando ao meu bom motivo... acredita em almas gêmeas, Diário? Eu acredito, porque encontrei a minha e ele me prometeu que quando se formar, nós iremos ficar sempre juntos, e se meu pai não permitir, vamos fugir. Bryan não mencionou isso, mas é o meu plano B.

Eu sei que vou ser a senhora Angelina Claret.

Acho que deveria falar algo sobre o colégio, mas felicidade é isso, você encontra o amor e ele muda sua percepção, nada mais importa a não ser a pessoa amada.

Diário, eu estou tão feliz.

Angelina Paytron e futura senhora Claret.

P.S.: não vou usar mais o nome da mamãe, não me importo de ela ser cruel comigo, mas não perdoo quando ela o é com Bryan. Ainda que ele não saiba.



16 de maio de 2008

Mamãe cortou meu cabelo e eu odiei. Quando fui ao colégio, percebi os olhares e risinhos de deboche, inclusive escutei um: que ridículo, essa magrela se reinventa em ser sempre feia.

Bryan não foi, ele parou de trabalhar com o tio há alguns meses e hoje cedo me enviou uma mensagem dizendo que estava com crise de asma, mas que se melhorasse, iria à casa da árvore à tarde.

Pensei em visitá-lo, mas ele nunca me passou o endereço.

À tarde, fiquei esperando no único lugar perfeito para o nosso amor — nossa casa da árvore. Começou a chover e eu passei toda a tarde esperando. Ele não apareceu. Na manhã seguinte, também não foi ao colégio, e hoje à tarde, fiquei novamente esperando por ele. Quando ouvi passos, meu coração acelerou. Bryan abriu a porta, e a princípio ele arregalou os olhos. Desviei os meus, decepcionada por sua reação. Ele então se aproximou, ainda ofegante, e ao tocar o meu rosto para me fazer encará-lo, Ele sorriu, e esse era o fato que eu mais amava, seu sorriso me enchia de vida.

“Você está linda, Angie, ficou realmente lindo o seu cabelo.”

Não tinha ficado, mas passou a ser assim que ele disse. E apesar de cada vez mais mamãe implicar comigo em relação a Bryan, meu jovem coração sabe exatamente por quem ele bate. Diário, pode parecer bobo, mas eu acordo e não levanto enquanto não recebo sua mensagem, sinto que não fico bem se ele não estiver comigo.

Eu o amo.

Angelina Paytron e futura senhora Claret.



17 de maio de 2008

Sabe quando toda a sua felicidade se resume a apenas uma pessoa?

É o que Bryan é para mim. Eu corro o risco de ser pega, ando por toda uma floresta apenas para ter meus momentos ao seu lado, e hoje ele me disse algo tão lindo. Bryan disse que sua mãe, assim como eu, foi a primeira namorada de seu pai, que eles se apaixonaram e estão juntos até hoje.

Eu sorri feito boba, e antes que eu perguntasse, com a cabeça em meu colo, ele me disse que eu era sua única e eterna namorada.

E é contraditório, Diário, porque enquanto mamãe fala de sexo como algo vulgar, inóspito e animalesco, onde os homens só buscam satisfazer o próprio prazer, Bryan me fala de amor, paixão, que seremos sempre um do outro e, o principal, diário, nada irá nos separar.

Ele me perguntou quando era meu aniversário de quinze anos. Eu tenho 13 e não 14, mas não disse por que Bryan me beijou, e sussurrando falou que queria muito fazer amor comigo antes de ele ir para a universidade. Eu senti muita vergonha, mas ele acabou de fazer dezesseis anos, e talvez nessa idade os rapazes queiram mesmo fazer amor. Eu não disse nada, não foi por não querer, mas perto dele minha língua congela, Diário, e meu pobre coração, que bate só por ele, fica em chamas, assim como partes do meu corpo que não deveriam ficar. Então, sem o controle das minhas emoções, eu apenas sorri e ele entendeu que eu também quero, porque, em seguida, eu o beijei de língua.

Angelina Paytron e futura senhora Claret.



18 de maio de 2008

Diário, eu sonhei que estava me casando com Bryan, aqui mesmo no rancho, no nosso lugar preferido. Era um altar lindo, com lírios por todos os lados, minhas flores preferidas, porque assim como o lírio é resiliente, nosso amor sempre será. O céu estava lindo e o altar se encaixou perfeitamente debaixo da nossa casa da árvore. Cheguei com Cristal, e como no primeiro dia em que me viu montada nela, Bryan sorriu. Ele estava tão lindo de terno, e pareceu emocionado ao me ver em um vestido de renda branco — agora tenho certeza de que vou me casar com um, porque, claro, Bryan precisa me ver em um vestido desse — todo bordado e um buquê de lírios. Eu caminhei até ele e senti que podia flutuar de tanta felicidade.

Sonhos se realizam, Diário?

Espero que sim, espero que Bryan me compre um anel, mas não me importo se ele não puder. Talvez ele me traga flores, talvez ele se ajoelhe e diga o quanto me ama, e depois, só depois disso, me peça em casamento.

Acho que estou sendo tão boba e romântica, mas eu o amo.

E sei que, independentemente de como ele fizer, vai ser perfeito.

Angelina Paytron e futura senhora Claret.

Ainda preso na emoção de suas tão sinceras confissões, guardei o diário na gaveta, ciente de que até mesmo isso havia se corrompido. Como já havia reservado nossas passagens, sabendo que ela estava com nossas malas prontas, no horário marcado segui para o rancho para buscá-la, deixando esses fantasmas trancados no passado. Obviamente seu empresário discordou de irmos sozinhos, e para evitar confronto e zelando pela sua segurança, concordamos que dois de seus seguranças nos acompanhariam até o aeroporto. Angelina estava de moletom, óculos escuros, cabelo preso e boné.

Chegando ao aeroporto, como eu já esperava, houve um tumulto assim que as pessoas nos reconheceram. Mas, apesar desse contratempo, a viagem foi tranquila, com ela dormindo apoiada em meu peito a maior parte do tempo.

Indo contra o que eu queria, os seguranças nos acompanharam durante a viagem até chegarmos à casa. Mas eles nos deixaram quando atravessamos o portão, como o combinado.

— Enfim chegamos — eu disse enquanto andávamos até a varanda de madeira. A luz acesa indicava que meus pais estavam na sala, e como já era tarde da noite e eles não nos aguardavam, seria uma surpresa para os dois. — Angelina, aqui é bem simples, não tem nada das suas excentricidades.

— Como se eu tivesse alguma — disse. Ela parecia um pouco tensa, enquanto conferia o telefone.

— Esqueci de mencionar que não tem rede.

Ao me escutar, ela colocou o telefone de volta dentro da bolsa.

— Quanto tempo vamos ficar?

— Domingo voltamos. Por quê? Já se arrependeu?

Ela ignorou minha pergunta e voltou a sua atenção a porta que eu tinha acabado de abrir.

— Ah, meu bem, que surpresa! Vocês vieram — minha mãe disse, receptiva, antes de vir até nós e abraçar Angelina. Em seguida, meu pai se levantou e fez o mesmo comigo e com ela. — Estão com fome? Posso preparar algo para comerem e...

— Mãe, está tudo bem, estamos bem. Nós vamos tomar um banho e... — Me virei para Angelina. — Está com fome? Quer comer algo antes?

— Prefiro tomar um banho primeiro — ela disse.

— Tudo bem. Precisando, é só chamar — mamãe disse, solícita.

— Obrigada. — Angelina agradeceu com sorriso discreto.

Os passos foram apressados, e ao entrarmos no meu quarto, eu me lembrei que a última vez que estive aqui foi no casamento de Adryan e Amy. Ao olhar para Angelina, percebi que ela continuava tensa. Será que era por saber disso também?

Deixei nossas malas no canto e indiquei o banheiro, e enquanto ela seguia para o banho, eu me peguei pensando se o motivo da sua tensão era saber que esse foi o lugar onde seu ex-noivo se casou.

Independentemente disso, eu decidi que neste final de semana deixaria de lado toda a merda que nos cercava há anos, aproveitaria esses dois dias para dar uma trégua, e, talvez, até tentar entender o que fez Angelina se transformar em uma mulher fria e calculista. Ler o seu diário me fez ter certeza de que algo muito grave aconteceu.

Pouco tempo depois, Angelina saiu do banho usando uma simples camiseta que chegava às suas coxas, cabelo úmido, e embora não lembrasse em nada a mulher glamourosa e a supermodelo que o mundo conhecia, para mim ela nunca esteve mais bonita. Ela parecia desconfortável ali parada, à espera de uma palavra minha. Como estava longe da sua assessoria, dos

seus funcionários e do conforto da sua mansão, ela parecia uma pessoa frágil e perdida.

— Angelina, fique à vontade. Quer comer alguma coisa agora? — Ela negou. — Talvez se deitar? Eu só vou tomar um banho e volto em seguida para descansar também. Foi um dia longo e você parece cansada, não precisa me esperar.

— Desculpe, bebê. E que estou habituada a chegar e ter pessoas me dizendo o que devo fazer, então estar em um lugar pela primeira vez e não ter... Você sabe, pessoas a dispo... demora um pouco para o cérebro reagir. Mas eu vou te esperar, acho que ficarei mais tranquila sabendo que está ao meu lado, afinal, estamos a sós, e sem meus seguranças. — Ela parecia constrangida ao me confessar suas ressalvas. — O que não é um problema, claro, eu só não quero ficar sozinha. — Tentou corrigir.

— Okay., como quiser. Vou tomar uma ducha rapidinho e volto para descansarmos.

A água quente escorria por meu corpo, enquanto questões de como seria minha noite com Angelina sobrevoavam minha mente. Ela se comportaria bem sem estar cercada por toda a sua fortaleza? E, principalmente, como seria estar sem todos aqueles remédios à sua disposição? Essa era a pior parte, admitir que eu tinha receio de como ela se

comportaria perto dos meus pais. Não queria que eles vissem uma Angelina em abstinência, mas também não queria que vissem a mulher apática e anestesiada, que infelizmente vi em muitas oportunidades. Em se tratando de nós, era sempre uma contradição de sentimentos, incertezas e inseguranças. O próximo passo sempre era incerto e arriscado demais.

Voltei para o quarto e vi que ela parecia ter adormecido. Me deitei ao seu lado e logo ela se virou e descansou a cabeça sobre meu peito, se enroscando em mim, como se realmente buscasse um abrigo. Respirei fundo e não ousei me mexer, adorando a sensação de ter seu corpo tão próximo ao meu, e odiando amar. Meu doce e infernal paraíso. Me tirando dos meus devaneios, senti quando sua mão tocou meu rosto em uma carícia suave, terminando por derrubar minhas últimas ressalvas quanto a estarmos aqui.

— Bryan, obrigada por ter me convidado a vir, eu...

— Não precisa agradecer. Acho que os dois precisam de um descanso, afinal.

Ela acabou rindo, e foi nesse momento que me virei e encarei seus olhos.

Álcool, remédios, raiva, ódio ou rancor. Nenhum dos nossos mais fiéis companheiros estavam ali, e sem qualquer um deles, não foi difícil

olhar em seus olhos e ver a minha doce Angie. E eu, sem usar de perguntas, tentava entender as expectativas em sua mente.

— Você ainda se lembra de como costumávamos ser? — ela perguntou, olhando em meus olhos.

— Angie, por favor, nós... não precisamos ir por esse caminho. Não hoje.

— Sente tanta mágoa assim? — Sua voz já trêmula denunciava seu estado emocional.

Desviei o olhar, me obrigando a mantê-lo fixo ao teto para não vacilar. Havia um redemoinho de sentimentos, de um lado, uma Angelina que fez tanta merda, que por escolha própria nos arruinou e que até me obrigou a casar com ela; e do outro, minha doce Angie, a mesma que eu amei desde o primeiro dia — sorrindo, me esperando naquela velha casa da árvore, aquela menina que eu prometi nunca magoar, que prometi proteger e entreguei meu amor. E foi por ela que engoli todos os nós presos e pensei antes de responder:

— Houve bons momentos, e eu revivi cada um deles por... — Suspirei, escolhendo as palavras. — Quero dizer, que eles — prendi os lábios antes de admitir — foram bons o suficiente para nem mesmo o tempo ser capaz de apagá-los. — Massacrado por esse turbilhão de sentimentos,

automaticamente me vi atento aos seus olhos verdes, que agora estavam cheios de lágrimas. O mesmo olhar, antes em expectativa, agora me faziam regressar a um tempo em que o nós era real. — Angie, eu sinto muito por ter feito você se sentir tão mal na casa da árvore. Eu não tive a intenção, e embora não possa voltar atrás, eu ainda me sinto como costumava sentir ao te ver chorar. Me perdoe. E não falo por agora, apesar de não saber como eu errei com você, sinto muito por ter cometido esse erro e, por consequência, estarmos onde estamos agora.

Havia dor e sinceridade em cada palavra. E as lágrimas que agora desciam por seu rosto tão perfeito me diziam isso. E, droga, eu estava me segurando para não deixar tudo tão às claras, me questionando como que em poucas palavras chegamos a isso. Cadê nossa porra de trégua?

Sentimentos guardados não podiam ser corrompidos. Então, por que agora todos eles explodiam em nós?

— Bebê, eu — Ela fez uma breve pausa, como se também procurasse as palavras certas. Mas elas existiam quando se tratava de nós? — Bryan — o tom de voz antes melancólico agora parecia requerer algo —, pelo menos uma única vez, me beija como se fosse a primeira vez. Faça amor comigo como se nunca tivéssemos nos separado. Diga pelo menos uma única vez que você me ama mais do que me odeia o tempo todo. Uma única vez,

bebê, admita uma única vez que seu coração ainda é meu. — Ela ficou imóvel, ansiosa por uma resposta.

Segundos, minutos, séculos, tudo era tão intenso e difícil demais para expressar em palavras.

Uma resposta? Não houve, mas eu a beijei como se o roçar de nossos lábios fosse a mais sincera das confissões. Beijei-a como se nunca tivéssemos nos separado, e embora a minha razão não compactuasse com a minha louca paixão, era ela, ardendo em meu peito, que ditava as regras agora.

O beijo antes lento se tornou urgente, molhado, impulsivo. Sua boca sugava a minha língua, minhas mãos percorrendo o seu corpo, enquanto as suas, tão hábeis, desempenhavam o mesmo papel. Nossos corpos, queimando por um prazer maior, indicavam que sim, queríamos loucamente um ao outro, como no início, como sempre foi.

Eu a ergui e a coloquei sobre a cama, então cobri o seu corpo com o meu, como se quisesse evitar que ela me abandonasse naquele momento de entrega. Meus olhos nunca deixavam os seus, como se além de querer, precisassem acreditar que eu finalmente voltava a ver entrega e afeto por parte da Angelina. Me livrei da sua roupa, distribuindo muitos beijos pelo seu corpo divinamente perfeito. Ela se contorcia, ansiosa e sedenta por

mais. Quando ela já estava nua e ardendo de desejo por mim, eu me livrei da minha roupa com seus olhos desejosos não perdendo nenhum dos meus movimentos. Voltei a cobrir o seu corpo com o meu, deixando que ela sentisse o tamanho do meu desejo e da minha incômoda ereção, que já implorava para entrar nela e encontrar seu lugar preferido no mundo.

— Me leve de volta, Angie, pelo menos uma vez, me leve de volta a quando nos conhecemos. Me leve de volta a um tempo em que eu tinha tudo, porque meu tudo era você — sussurrei, enquanto ela me permitia entrar cada vez mais em seu corpo.

Em um ritmo lento e cheio de saudade, continuamos querendo um pouco mais do outro. E apesar de nossos quadris intensificarem cada vez mais os movimentos, pela primeira vez em tantos anos, não senti que fazíamos apenas sexo, senti que havia sentimentos ali, sentimentos que eu não ousava nominar, mas que pareciam certos pra caralho.

Entre beijos intensos quase sem fôlego, suas pernas agora ao redor dos meus quadris, suas mãos em minhas costas, com unhas provocando arranhões, intensificamos o nosso vai e vem.

— Por favor, não grite, Angie — sussurrei quando seus gemidos aumentaram.

Ela sorriu, concordando, enquanto meu pau duro deslizava para dentro dela, que de tão molhada me enlouquecia. Encontramos o nosso prazer, e talvez fosse a nossa entrega mais intensa e improvável. Quando exausto me deitei ao seu lado, ela rapidamente se aconchegou em meu peito, passando seu braço por mim, com a respiração ainda oscilando e corpo trêmulo pelo intenso orgasmo. Ela levantou o rosto, se aproximou dos meus lábios e me deu um leve beijo.

— Quanto você paga pela hospedagem em cada hotel que fica? — Angelina me encarou, sem entender a minha pergunta. — É porque eu não te avisei antes, mas aqui é o triplo do preço. E, claro, meus serviços não estão inclusos, vai ter que pagar a parte por eles.

— E qual o valor? — questionou, arqueando uma sobrancelha, em seguida, deu um sorriso sugestivo.

Porra, ela era tão linda, um rosto tão perfeito e angelical.

— Muito dinheiro, Angelina. Muito até mesmo para uma supermodelo. Mas eu posso dividir, claro.

— Sabe, bebê, talvez eu não precise dividir — ela brincou.

Olhei em seus olhos, e por segundos fiquei preso a eles.

— Seu pai tinha razão, sempre teve, Angelina. Você é uma estrela, e ainda que eu tenha visto seu intenso brilho antes de todos, isso nunca a

impediria de subir e tomar seu lugar.

— E qual é o meu lugar, bebê?

— Entre as estrelas, nas capas de revistas, em desfiles de moda. Seu lugar é lá, sempre foi.

Ela sorriu sem jeito, e por uma fração de segundo achei ter visto certa tristeza em seus olhos.

— Lembra do Billie Johnson? — Neguei. — Aquele homem que me puxou quando estávamos no parque. Ele puxou meu braço, me assustando, daí você ficou puto, querendo bater nele. Então ele começou a falar que eu era linda, disse que era um *scouter*, que trabalhava para uma agência, não lembra?

— Aquele louco que empurrei e falei para ficar longe de você? Aceitou o cartão dele? — perguntei, sem entender em que momento ela aceitou, se eu quase agredi o cara e depois disso não saí do seu lado nem por um minuto.

— Não naquele dia, mas aconteceu... depois...

Acabei dando um sorriso sarcástico por sua confissão.

— Achei que naquela época seu sonho era se casar comigo, não ser modelo.

Esperava que ela me contradissesse, ou ao menos inventasse uma desculpa, mas Angelina ficou em silêncio.

— Teve ajuda dos Hermestoffs também?

— Não. — Ela desviou o olhar. — Naquele momento eu não tinha nada, Bryan. Não tinha dinheiro, ajuda ou amigos. Eu estava sozinha, e embora nunca tivesse confiança em mim mesma, e não acreditando em nada do que ele falou, depois — ela engoliu um choro tão dolorido — de toda a merda que aconteceu, eu... eu estava muito na merda para contestar. E, acima de tudo, eu precisava ir embora, Bryan, esse foi o único motivo que me fez ir com ele para outro lado do mundo. Ele me propôs passar dois meses em Paris, e eu sequer pensei muito, simplesmente juntei minhas coisas, coloquei algumas roupas na mochila, e sem dinheiro ou perspectiva alguma, eu fui. Eu era só uma menina que não sabia o que a esperava. Eu me sentia tão envergonhada e suja, que só queria fugir...

Engoli em seco. Esse era o plano que ela me propôs e eu, incrédulo demais, tentei convencê-la de que não daria certo.

— Seus pais permitiram? — disse, com a voz embargada. — Porque isso não é algo que eu esperava deles, você sabe, eles sempre foram tão tradicionais e cheios de planos para a sua vida.

— Meu pai — ela soltou um riso triste — sempre estava longe demais para se opor. E minha mãe nunca se importou de fato, acho que até ficou aliviada quando eu disse que iria embora. Naquele momento, tudo que Dayse queria era me ver longe, eu era uma enorme vergonha para a sua família perfeita.

Desviei o olhar, imaginando que a vergonha que sua mãe sentia era por um dia Angelina ter se relacionado com um fodido como eu.

— E foi assim? Ele te levou para a agência e teve seu contrato? — perguntei após alguns minutos.

— Fiz minhas primeiras fotos. Na época, eu estava excessivamente magra, e você deve imaginar o porquê. — Desviei o olhar, se ela se referia ao nosso término, não fazia sentido algum, já que ela e Adryan estavam juntos. — Engraçado que Johnson alertava sobre os nãos que eu deveria receber, e essa parte eu até entendi, eu só não esperava que fossem tantos. Eu ia aos *castings*, eles me olhavam e simplesmente falavam não. Pode parecer chocante para alguns que não conhecem esse mundo, mas nós, modelos, somos um produto, e como tal, somos avaliados. Dizem o que pensam sem poupar palavras ou usar de delicadeza. E estando lá, eu pude confirmar tudo que a sua amiga Sabrina falava de mim. Uma hora eu era estranha, outra era feia demais, outra não tinha as medidas necessárias, o que era irônico, porque eu estava pele e osso. Lembro-me deles tocando no

meu rosto, olhando em meus olhos e dizendo que eu era feia demais. Uma vez, ouvi que nunca conseguiria, que eu não me encaixava no que a moda procurava, que não era comercial o suficiente, ou, em outras palavras, não era loira e branca, e que nunca estaria em uma capa de revista. E a cada nova negativa eu me sentia mais machucada.

— Mas era sempre assim? Quanto tempo durou isso?

— Meses, mas pareceram anos. Nessa época eu dividia um apartamento com várias modelos, todas como eu, tentando uma chance. E cada menina que era escolhida, eu sentia que nunca iria acontecer, não pra mim, e foi nessa época que comecei a fumar.

— Ansiedade? Uma fuga?

— Fome, Bryan, fumava para aliviar o estresse de sempre estar com fome. E quando eu comia, no minuto seguinte, eu me forçava a vomitar para não engordar. E novamente eu estava na merda, deprimida, nunca me achava magra o bastante, boa o bastante, e estava longe de ser linda ou chamar atenção. Já tive fases de chorar enquanto comia. E mesmo após anos, eu tenho essa obsessão, o que piora muito na semana de moda.

— Mas por que tudo isso? — perguntei, perplexo.

— Modelos são divididas por categorias, fashion e comercial. Você pode se adequar a apenas um ou ambos os perfis. No primeiro caso, estão as

modelos de passarela, que desempenham o papel mais popular associado à atividade, são as que participam dos desfiles. Para esse grupo, é estabelecida uma altura mínima, ainda que possa haver exceções raras. Nossa cintura e o busto não devem ultrapassar os oitenta e oito centímetros. Essa exigência também é imposta às modelos comerciais, que trabalham em campanhas publicitárias.

— Isso é sério mesmo? — Ela confirmou. — Mas você ainda passa por todas essas merdas? Caramba, vocês pregam tanto a aceitação do próprio corpo e se submetem a isso?

— Faz parte da profissão. Em todos esses anos de carreira, eu nunca conheci uma modelo que não esteja de dieta. Esse mundo é lucrativo, então a maioria está pouco se lixando se modelo X ou Y está passando fome para entrar na sua roupa. O importante para eles é o quanto de dinheiro cairá nas suas contas no fim do mês.

— E por que não voltou para casa? Por que continuou se martirizando dessa forma?

— Depois do aborto, acha que minha mãe me deixaria voltar? E voltar para onde, se tudo que eu conhecia e me importava tinha ido embora? — ela perguntou, com lágrimas nos olhos. Era a primeira vez que ela mencionava o aborto diretamente, então ele foi mais um dos sacrifícios para

manter a carreira? A pergunta estava presa, mas eu não tinha esse direito, não em um assunto tão pessoal que só pertencia a ela e a Adryan. — Em um desses *castings*, havia várias pessoas na sala, eu havia perdido mais peso e estava um pouco mais confiante por isso. Eles então me pediram para tirar a roupa, fiquei apavorada, não era duas ou três, mas várias pessoas, todos avaliando, então eu tirei e notei alguns risos e comentários de deboche. Naquela noite eu quis voltar para casa, meses naquela merda de lugar e tudo que eu acumulava, além dos vários nãos, eram dívidas. Johnson tentava me animar dizendo que o exótico de hoje poderia se tornar o belo de amanhã. Mas, apesar de suas palavras, só tinha mais dois *castings* para finalizar o mês, e um deles era para Bianco Antoinette, um editorial de revista da sua nova coleção. — Seus olhos se encheram de lágrimas novamente. — Bryan, você sabe como eu sempre tive insegurança quanto ao meu corpo e aparência, e naquele momento isso já havia evoluído para algo drástico.

Respirou fundo.

— Não havia confiança alguma, eu estava nervosa, trêmula, não havia chance, não para mim perto de todas aquelas modelos loiras e lindas. Elas pareciam tão profissionais, e eu me perguntava o que estava fazendo lá. Todas tinham alguma experiência, exceto eu. E ali, eu me sentia tão na merda, que achei todas muito mais lindas. Ele queria algumas fotos específicas para sua revista, e eu sequer imaginava quem ele era. Talvez

tenha sido essa a minha vantagem, não saber que eu estava diante de um dos maiores estilistas. Quando eu entrei, Bianco me olhou com ar intrigado, então se levantou, chegou próximo o suficiente, deu a volta por mim, parou de frente, me fez encará-lo e não falou nada, apenas saiu. Eu já tinha dado por certo que havia perdido a chance. Fiquei esperando junto a outras modelos, e depois de minutos me informaram que eu havia passado. — Ela enxugou novamente as lágrimas. — Três meses depois, eu estava morando na casa dele, e em seis meses, ganhei minha capa. Bianco aperfeiçoou meu *catwalk*, me mostrou meus melhores ângulos e a tirar proveito deles. Ouviu toda a minha história, chorou comigo quando eu contei sobre nós. Bianco me acolheu como uma filha, pagou vários cursos de aperfeiçoamento e, o principal, nunca me deixou desistir de mim mesma. E como Johnson disse, o tempo passou e o exótico se tornou belo.

Ela ficou segundos enxugando as lágrimas que teimavam em cair.

— Mas sabe, as pessoas glamourizam muito a profissão modelo. Se arrumar para uma festa é uma coisa, ter cinco cabeleireiros repuxando, endurecendo e enrolando seus fios para você ficar alguns segundos na passarela, enquanto seu corpo implora por cama, é outra. Me lembro de tantas vezes que meu único tempo de descanso era entre uma viagem e outra. Uma coisa é se cuidar, outra é ser embonecada profissionalmente. E a

segunda opção está bem longe de ser tão gostosa e gratificante quanto a primeira, Bryan.

— Angie, sinto que tenha passado por tanta coisa, eu não fazia ideia de que o caminho até o sucesso tinha sido tão duro e sofrido para você. Depois de tudo isso, por que segue nessa vida?

— Olha pra mim, Bryan, e me diz o que me sobrou? Eu não tenho nada além da minha carreira. Não sobrou nada, sequer me amo em primeiro lugar, não realmente. — Seus olhos marejaram enquanto ela me dizia essas palavras, e isso me fez querer consertar sua vida que agora eu sabia ser quebrada e fodida. Mas eu não era a merda de um príncipe salvador, na verdade, era quase tão fodido quanto ela.



Capítulo 14

Bryan

O que me restou, Bryan?

Ela continuava a falar, mas essa era a única frase presa em meu cérebro. Tanto dinheiro e fama, para no fim ela estar aqui, se perguntando o que restou.

Angelina estava longe de querer dormir, e eu sabia o motivo — seu vício em remédios, já que eram eles que a faziam dormir e levantar. E foi por isso que uma mulher falante se apossou dela, me contando os vários lugares em que esteve e que sempre que tinha tempo, fazia questão de conhecer sobre a cultura do povo local e tentava aprender o idioma. Falou

sobre a vez que um fã havia invadido seu quarto de hotel e como isso mudou a tática dos seus seguranças, que passaram a vasculhar tudo antes de ela entrar. Falou sobre a primeira vez em que se deu conta de que era realmente famosa e soltou boas risadas por isso.

E foi naquele exato momento que eu me dei conta de que não eram duas Angelinas, minha Angie estava ali, sempre esteve, mas aprendeu a ser fria e cruel, como muitas vezes foram com ela. Ela me contava tudo, como se houvesse uma real necessidade em me mostrar como seu mundo foi no tempo em que esteve longe de mim, mal sabendo ela o quanto eu também sofri. E enquanto ela dizia tudo isso, eu tentava preencher a lacuna do nosso passado, porque, por mais que Angelina insistisse em construir nosso sonho de felicidade, ele estava sobre ruínas e, consequentemente, também iria ruir.

Apesar da confusão interna que ela provocava em mim, mesmo precisando de um tempo, eu continuei ali, na posição de ouvinte, acariciando sua cabeça enquanto ela contava suas aventuras e fazia confissões. Eu não deveria me sentir tão bem em campo inimigo, não deveria baixar a guarda, mas fiz o oposto. Ouvi sua voz e me lembrei do tempo em que meu único medo se resumia a perdê-la, onde a saudade de um dia doía tanto, que eu a convencia de que precisava vê-la. Eu arrumava qualquer desculpa estúpida que a fizesse sair para se encontrar comigo.

Quando ela finalmente se acalmou e o silêncio se fez presente, não demorou para nós dois pegarmos no sono.

Acordei com o corpo pesado, boca seca, assustado por ter sonhado que ela estava desaparecendo. Um sonho sem sentido algum em que Angie simplesmente ia se apagando bem na minha frente, e por alguma razão, eu me senti mal com isso.

Merda! Angelina estava mexendo comigo, bagunçando minha cabeça, e eu não queria e não precisava disso. Por sentir o mesmo medo de antes, eu sabia que não poderia me entregar. Precisando fugir desse sentimento, me desvencilhei do seu corpo quente e vagarosamente deixei a cama. Sentindo o chão frio sob meus pés, dei passos cuidadosos e saí do quarto. Só quando cheguei à cozinha e olhei para o relógio é que me dei conta de que a noite havia acabado.

Ainda estava escuro, mas decidido a aproveitar o dia na companhia dos meus pais e esquecer essa merda, coloquei a água no fogo para preparar o café. Enquanto a água ia aquecendo, a imagem de Angelina tão frágil sobrevoava a mente.

Bryan, porra! Não faça isso, cara, você sabe como termina.

Não, eu não podia. Se eu entrasse nessa de novo, não sobreviveria. Independentemente do quanto ela ficasse agora, no fim, Angelina ia embora

e eu sabia muito bem como doía depois. E por saber disso, que eu tinha que refrear toda e qualquer vontade de cuidar dela, porque o melhor para nós dois era ficarmos longe um do outro.

Preparei o café com a imagem dela até na água fervendo. Me servi uma generosa xícara enquanto reprimia toda e qualquer vontade de voltar para o quarto. Enquanto tomava em pequenos goles, ouvi passos e não demorou para minha mãe, sorridente, surgir na cozinha.

— Dormiu bem, amor?

Desviei meus olhos dos seus para a mentira sair mais convincente.

— Claro, mãe, e você?

— Ótima, maravilhosamente bem depois de ver vocês dois assim. Sabe, querido, no início eu tive tanto receio, porque foi tão repentino, mas depois de ver vocês juntos, eu tive certeza de que sempre foi Angelina. — Ah merda! Eu precisando tanto tirar isso da minha cabeça, e minha mãe vinha com essa. — Ontem foi como voltar no tempo ao ver seus olhos ganhando aquele mesmo brilho intenso ao olhar para ela.

— Mãe, isso não existe, você está exagerando...

— Não estou e você sabe disso, querido. Você a ama — ela disse, sorrindo, enquanto por dentro eu chorava por saber que infelizmente era

verdade, a mais indigna de todas. — Coração de mãe não se engana. E agora tudo que eu e seu pai pensamos são nos netinhos que vocês nos darão.

Antes que pudesse responder, ela se aproximou e delicadamente começou a massagear meus ombros. Se ela soubesse a nossa realidade, jamais desejaria que tivéssemos uma criança. Angelina não quis um filho do Adryan, que é bem melhor que eu, imagina um de um fodido como eu.

— Mãe, pelo amor de Deus, esqueça isso. Não crie expectativa, porque não vai acontecer. Angelina tem uma carreira a zelar, e filhos definitivamente não estão nos nossos planos. — Tentei finalizar o assunto.

— E qual o problema em sonhar? Eu nem esperava uma nora e você me deu uma.

Ela continuou falando, e rapidamente a escuridão deu lugar a um novo dia. Minha mãe começou a preparar a mesa para o café, e quando dei por mim, já estava fazendo o café da manhã da Angelina e colocando tudo em uma bandeja. Que merda era essa, Bryan?! Resolvi que a melhor forma de lidar com tudo isso era não racionalizar nada. Eu reagiria ao que acontecesse, ou ao que a Angelina me mostrasse esta manhã. E antes de deixar a cozinha, ouvi minha mãe dizendo como isso era importante, que meu pai também sempre lhe demostrou esses gestos atenciosos. Ao passar por ela com a bandeja, minha mãe fez um leve carinho no meu cabelo e

abriu passagem para que eu levasse o café da Angelina. Segui pelo corredor e entrei no quarto silenciosamente, depositando o café da manhã sobre a mesinha lateral.

Não era para ficar feito um idiota olhando para a porra do seu rosto perfeito, mas eu fiquei. E indo além, bem mais do que achá-la a mulher mais linda, havia uma veneração tão antiga quanto esse sentimento que me mantinha preso a ela. Apesar de não ter a intenção de acordá-la, vi quando abriu os olhos, e ao fazê-lo, ela os fixou nos meus, parecendo legitimamente tímida e constrangida. Desviei rapidamente os meus, para manter o orgulho. Em segundos, Angelina passou os olhos pelo quarto e parou na bandeja de café da manhã, arregalando os olhos e, surpreendentemente, ficando vermelha como um pimentão, mas ainda assim, parecendo emocionada.

— Bebê, isso é para mim?

— Faz parte do serviço de quarto. — Pisquei e ela sorriu.

— Uau. Acho que não mereço tanto, mas vou aceitar, bebê. E sabe de uma coisa? Gosto muito mais deste Bryan, ele me traz de volta o meu bebê.

— Também não é para tanto, Angelina. Agora coma antes que esfrie — disse, sem jeito e sem saber como lidar com esse lado leve e descontraído dela.

Ela tomou o café, mas dispensou o croissant, e eu já sabia bem o motivo. Pensando em como ela infartaria se soubesse dos planos de gravidez da minha mãe, acabei deixando escapar uma risada, e ela, talvez constrangida e deduzindo ser por sua negativa, pegou o pão e deu uma leve mordida.

— Está uma delícia, obrigada.

— O que acha de sairmos e andarmos por aí, talvez pescar com meu pai. Vamos jogar conversa fora, mas dessa vez só eu falo — brinquei.

— Um passeio romântico e em família? — ela questionou.

— Claro. Pelo contrato temos que ter tempo de qualidade, não é? — Provoquei e ela mostrou a língua.

— Me dê alguns minutos que estarei pronta.

Enquanto ela seguiu para o banheiro, eu vesti uma blusa e calcei chinelos.

Angelina saiu usando um vestido de alças simples, em um tom claro, chinelos e cabelo preso em um rabo de cavalo. Ela se aproximou, ofereceu um sorriso e me abraçou. Ficamos assim por segundos antes de eu me desvencilhar dela e ir ao banheiro. Escovei rapidamente meus dentes e lavei o rosto, implorando para a porra do cérebro ignorar o coração e se deixar

ser guiado pela razão. Quando saí, ela estava na janela, olhando para fora, então me aproximei e a abracei por trás.

— Aqui é lindo!

— Foi onde Adryan e Amy se casaram — falei, fingindo que foi sem querer para não admitir meus reais motivos.

Ela se virou e olhou em meus olhos, eu queria ver o que a revelação causaria nos seus.

— Me chamou aqui por isso? — questionou, sem desviar o olhar.

— Não. Sequer pensei nisso quando a chamei — admiti.

Só não admiti que era difícil acreditar que ela tivesse passado tanto tempo com alguém que não significou nada. Droga, por que tanto ciúme e insegurança se isso não era real?

Continuamos nos olhando e eu não vi nada, ela não demonstrou nenhum sentimento por minha revelação. Ela não desviou seus olhos dos meus, não disse nada, não sorriu ou fez uma mísera tentativa em quebrar o contato. Angelina manteve seu olhar firme, sem medo ou ressalva. E, para a minha maldita sorte, eu não vi nada relacionado a Adryan para satisfazer minha razão, que insistia em tornar isso real entre nós. Bem oposto a isso, eu me vi neles e todas as minhas partes que eu deixei nela.

Momento inoportuno, confissão inoportuna, beijo inoportuno. Sim, nos beijamos continuamente e quase tirei seu vestido, enquanto minha boca insensata beijava sua pele quente. E nesse círculo vicioso, em um minuto eu a odiava para no seguinte recair e voltar a amar.

Por um tempo ela correspondeu aos meus beijos como se precisasse deles tanto quanto eu, até me interromper e se afastar centímetros.

— Bebê, acho que seu pai está te esperando para pescar — Angelina disse, ajeitando seu vestido, enquanto ignorava meu corpo a querendo. E eu, ignorando a imensa vontade de foder com ela, respirei fundo assim que vi meu pai acenando do nosso pequeno barco de pesca.

— Então vamos.

Ela sorriu, e eu odiava ser estúpido o suficiente para deixar tão claro que eu a queria.

Seguimos para o rio de mãos dadas. Que merda eu estava fazendo, que merda ela estava fazendo? Afundando.

Ao contrário do que eu esperava, meu pai deixou o barco assim que nos aproximamos, dizendo que precisava de mais iscas e que iria na casa de Rick, nosso funcionário, pegar mais algumas. Assim que ele se afastou com minha mãe, eu me virei para Angelina.

— Antes que me pergunte, esse é um barco robaleiro de seis metros de cumprimento e um metro e noventa de largura. Meu barco tem borda alta, ideal para pescar em canais, costeiras, rios e ilhas. Equipado com motor elétrico, comporta três pessoas e, o principal, tinha um colete salva-vidas, não tem mais. — Sorri e ela fez careta, sabendo que era uma provocação nítida ao momento quando me apresentou seu iate. — Bem-vinda a bordo, srta. Supermodelo. Diferente do seu iate, aqui vai ter que molhar seus pés para entrar no meu barco.

Revirando os olhos e ignorando a mão que eu estendi para ela, Angelina entrou sem minha ajuda no barco, então o empurrei rio adentro, afastando-o da margem. Assim que liguei o motor, a casa de campo foi ficando pequena à medida que navegávamos rio acima.

— Não vamos esperar seus pais? — ela disse no mesmo instante em que tentava se equilibrar.

— Não vamos demorar.

Continuei navegando até chegarmos a uma parte mais calma, longe de tudo e qualquer som, se não o da natureza. Desliguei o motor e assim que as ondas provocadas pelo barco foram se dissipando, eu me virei em sua direção. Como a cada movimento o barco balançava, percebi seu medo de

que ele pudesse virar. Ofereci minha mão esticando meu braço, então ela veio até mim.

— Eu não entendi. Não trouxe a vara, como vai pescar?

Me sentei na parte central do barco e ela fez o mesmo, evitando movimentos bruscos.

— O barco é pequeno, mas garanto que não vai virar — eu disse.

Ela sorriu sem jeito e se sentou em meu colo, observando o imenso e calmo rio a nossa volta. Beijei seu pescoço, sentindo seu cheiro tão viciante. Continuei beijando até ela virar o corpo, ficando de frente para mim, me dando acesso à sua boca.

Angelina circulou suas pernas pelo meu corpo, estreitando ainda mais a pouca distância que nos separava. Passei segundos venerando a beleza de seu rosto.

— Você é tão linda, mas já deve estar tão cansada de ouvir isso.

— Nunca me cansaria de ouvir, não de você.

Ela sorriu e tocou o meu rosto. Delicadamente, contornou minha boca com seu polegar, para no minuto seguinte fazer o mesmo usando sua língua. Puxei-a para um beijo longo e molhado, e a maneira como ela sorria entre o beijo me enlouquecia. E entre beijos molhados e sorrisos, ela me encarou fixamente, iniciando um carinho no meu rosto e aproximando seus lábios

dos meus, lentamente expulsando a razão, me deixando inconsciente, restando apenas desejo. E era a porra de um desejo que mesmo não levantando uma bandeira branca, estava claro que eu havia me rendido.

Angelina me beijava de uma maneira indecente, insana, e, lentamente, eu ia me entregando mais enquanto ela afundava seus dedos entre os fios do meu cabelo. O vento, o rio, o imenso céu e árvores... tudo tão perfeito. A essa altura, eu estava louco de desejo, pouco me importando com as consequências. Se era um ato premeditado ou coincidência, tudo que meu cérebro processava era ela tão bem encaixada em mim. Nossas roupas nunca me incomodaram tanto. Entre beijos, as carícias se tornaram mais ousadas, e passou a apertar o meu pau sobre a bermuda, arrancando gemidos da minha boca. Estava tão rendido, que já não conseguia desviar meus olhos dela, que agora descia beijos e mordidas pelo meu tórax, parando no v da minha barriga, intensificando ainda mais a minha tortura.

Angelina abriu o zíper da minha bermuda, libertando meu pau que implorava por mais atenção, e começou a masturbá-lo, sem interromper nosso contato visual e mordendo levemente seu lábio, numa sutil provocação. Ela se aproximou e me beijou longamente, enquanto se levantava vagarosamente.

— Não, por favor, não faça isso — implorei. — Volte aqui e termine, ou juro que vai pagar por isso.

Ela sorriu, cheia de tesão e desejo, então subiu seu vestido e me mostrou sua minúscula calcinha ao rebolar suavemente e ficando de costas para mim. Angelina tirou seu vestido e cobriu os seios com seu braço e mão, provocando-me. Meu coração acelerou e não pude mais me controlar, me ajoelhei e puxei seu quadril, e como ela não virou, dei uma mordida no meu objeto de desejo. Sua bunda era perfeita demais.

Como se meu pau já não estivesse duro como aço, por conta de toda a pegação e fricção de minutos atrás, ela se abaixou lentamente, retirando a calcinha e me proporcionando a visão da sua maravilhosa boceta, que já estava prontinha para mim. Salivando, já que além de excitado, não conseguia me conter mais, eu me ajoelhei atrás dela e lambi suavemente toda a sua extensão, como se degustasse o melhor vinho. Mas seu sabor era muito melhor. Surpresa, ela tremeu, mas logo rebolou sobre meu rosto.

— Não aguento mais, Angie, vem cá. Eu quero estar dentro de você agora.

— Seu desejo é uma ordem, bebê. — Ela me fez sentar novamente e montou sobre mim, me conduzindo para o meu lugar favorito no mundo — para dentro da sua boceta.

Lentamente, entre carícias e beijos, tudo era louco e intenso pra caralho. Me esqueci de tudo, de onde estávamos. Minhas estocadas

ganharam vigor, e eu expus seus seios bicudos e redondos, alternando entre mordidas e lambidas neles, enquanto ela me cavalgava com vigor. Nos esquecemos da instabilidade do barco, tudo o que importava era o nosso prazer, que foi concretizado quando me derramei dentro dela.

O barco não virou, mas a agitação que provocamos na água minou qualquer chance de uma pescaria nesse lugar, apesar de que pescar não era a minha intenção ao trazê-la aqui. Ficamos deitados no piso do barco que cheirava a peixe, sem roupa alguma, só olhando o intenso céu. Enquanto minha respiração acalmava, eu fazia carícias em sua cabeça apoiada em meu peito.

— Já parou para pensar que isso seria tudo que eu teria para te oferecer se não tivéssemos nos separado? Quero dizer, nada de dinheiro ou glamour, uma vida simples comparada com a sua — perguntei, ela me encarou por segundos.

— Já parou para pensar que naquela época tudo que eu queria que me oferecesse era uma vida com você? — Continuou olhando em meus olhos, então desviei o olhar.

— Angelina, daqui a algumas semanas vai ter sua vida agitada de volta e...

— E você vai estar nela, como tínhamos planejado — ela me interrompeu.

— Eu não vou, não da forma como você espera. Eu sei que tem toda essa porra de contrato, mas se não vai estar aqui, significa que não tem cláusula para cumprir naquela casa, então posso voltar para minha casa e...

— Nossa casa agora é no rancho, bebê. As minhas viagens a trabalho não mudam o fato de sermos casados.

Desviei o olhar e respirei fundo.

— A minha casa é mais perto da editora, e outra, eu mal conheço as pessoas que trabalham para você e me sentiria melhor ficando na minha casa, já que vou estar sozinho.

— E vai estar sozinho mesmo? — ela me perguntou, e diante da sua sinceridade, não consegui também não ser.

— Não vai ser como na noite de núpcias, eu... não tenho mais contato com a Sabrina. E nunca tive nada com Erika, sabe disso.

Seu olhar assumiu uma postura rígida, me lembrando a Angelina fria. Ela engoliu em seco e desviou o olhar rapidamente, me impedindo de ver seus sentimentos refletidos ali.

— Por que está me dizendo isso agora? — perguntou, fazendo um grande esforço para não deixar a voz vacilar.

— Porque para isso funcionar durante um ano, temos que confiar um no outro, não acha?

— Não sei, Bryan, confiar em você já me machucou demais. E eu não sei se estou forte o suficiente para me permitir estar nessa mesma posição de novo.

Engoli em seco, freando as palavras que queimavam para sair. Eu não entendia como ela podia dizer essas coisas sendo que foi ela quem terminou. Mas, decidido a preservar meu orgulho, ignorei todos os nós e tentei manter o clima de trégua.

— Angelina, eu só quero tentar ficar de boa, entende?

— Tudo bem, eu... quero confiar em você. Se vai se sentir melhor na outra casa, não vou me opor. Mas, por favor, não faça nada que me envergonhe ou... machuque. Estou escolhendo confiar em você novamente e...

Antes que eu falasse minhas merdas e jogasse algumas verdades em sua cara, puxei-a para um beijo, impedindo que nós dois falássemos. Ela correspondeu, parecendo querer o mesmo, e não desejando que isso virasse outra sessão de sexo, vestimos nossas roupas. Com ela me abraçando, voltamos para a casa.

Nosso domingo com meus pais foi tranquilo, enquanto eu e meu pai fomos pescar, Angelina ficou fazendo companhia para a minha mãe, que preparava o almoço. Decidimos ir embora na segunda de manhã, estendendo o prazo. E, de repente, eu, um cara que evitava toda essa merda de sorrisos pela manhã, beijos apaixonados e dormir de conchinha, estava fazendo isso. Eu não deveria, não sabendo que tudo isso tinha um curto prazo de validade, mesmo assim correspondia à cada beijo com desejo e luxúria. Eu deixava claro o quanto amava sentir seu cheiro, dormir acariciando seu cabelo e com meu corpo tão agarrado ao dela, sem nenhuma roupa entre nós.

E para a minha merda de sorte, eu amava cada vez mais a nossa entrega, simplesmente pelo fato de ser com ela, nada além disso. Apesar de fingir estar tudo bem, eu não me sentia tão bem assim sabendo que Angelina estava prestes a ir embora, mas isso fazia parte do plano. E como todo o resto, essa parte eu também estava disposto a seguir.



Capítulo 15

Bryan

Flashs e mais flashs pipocavam em nossa direção, e ainda que nesses últimos meses tenha se tornado algo tão habitual, era impossível me acostumar. Principalmente em uma segunda de manhã, no aeroporto lotado, onde as pessoas sempre pareciam com pressa.

Junto a seus seguranças, seguimos para o rancho. Angelina se sentia indisposta, e acreditando ser a falta dos remédios, perguntei se precisava de alguma coisa. Quando ela negou, esperei apenas que se acomodasse. Tomei um banho rápido e segui para a editora. Bastou chegar à minha sala, revisar arquivos e contratos, tomar meu café, para que na primeira hora de folga,

Sarah, minha produtora editorial, viesse feito um furacão com novas propostas. Não vou negar que sempre sonhei em publicar escritores renomados, mas saber que todo mérito era decorrente do meu casamento com Angelina era deprimente.

Apesar da minha negativa inicial, Sarah foi persistente e só deixou a sala quando sinalizei um positivo para as suas novas empreitadas no ramo editorial. Ao pensar em Angelina, cheguei a ligar, mas não tive sucesso, sempre caixa postal. Por um momento me lembrei da sua confissão em ter dois números, o mais conhecido estava à mercê da sua assistente, Jane Wilson, que filtrava as conversas e repassava o mais importante para o seu telefone verdadeiramente privado. Era bobo e infantil, mas só agora me questionava qual dos dois números as minhas mensagens eram endereçadas, já que não obtive resposta.

Achei estranho receber uma ligação de Erika no telefone do escritório, ao invés do particular.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei, receoso, assim que Cibelly me passou a ligação.

— Não — foi rápida — quer dizer, te mandei mensagens no fim de semana e não me respondeu, fiquei preocupada. Sabrina também tentou contato e não conseguiu. Está acontecendo alguma coisa?

— Passei o fim de semana na casa de campo, você sabe, sem rede.

— E sua digníssima esposa não surtou por isso, já que ela quer sempre estar no controle de tudo? — ela brincou, provocando.

— Angelina foi comigo. — O silêncio pairou por segundos, engolindo qualquer tentativa de uma conversa civilizada. — Até que eu consiga sair disso, quero ter paz, Erika, eu...

— Não precisa se justificar, Bryan, é sua vida. Só me preocupei por ser sua amiga. — Prendi os lábios ao ouvi-la, sem saber o que dizer, na verdade. — Bom, eu só queria saber como está, fico feliz que esteja bem. Preciso desligar agora, tenho que me programar para uma audiência.

— Tudo bem, obrigado por se importar.

— Só tome cuidado, Bryan, toda ilusão tem seu preço.

— Eu sei, mas, no fim das contas, só eu irei pagar, não é?

Sem meias-palavras ou meias-verdades, não menti, mas sabia que mediante a tudo que Erika sabia da minha vida, minha resposta direta a afastaria. E eu nem sabia ao certo o que sentir sobre tudo isso e, principalmente, sobre meus sentimentos por Angelina.

As horas foram se arrastando, mas antes de deixar a editora, acabei pegando o diário novamente, mais por necessidade do que curiosidade. Eu me sentia inesperadamente ligado a Angelina enquanto lia seus mais

secretos pensamentos. Estranhava ter a necessidade de ler uma Angelina que ficou para trás, mas com a qual eu parecia voltar a querer me conectar. Na verdade, isso era deprimente, eu sabia, no entanto, de alguma forma isso me trazia algum conforto e aliviava o fato de me sentir tão idiota, me confortava saber que naquela época seus sentimentos eram reais.

10 de junho de 2008

Diário,

Eu sei, tenho sido péssima e muito pouco regular com você. Mas, Diário, como escrever em palavras se tudo que consigo é sentir e pensar no Bryan? Eu o amo, amo com todas as minhas forças. Ainda não fizemos amor, mas sei que estamos próximos de nos entregarmos por completo. Cada vez que penso nisso, fico assustada e ansiosa. O Bryan me desperta uma coragem e uma vontade de me entregar às coisas novas, e isso me assusta ao mesmo tempo em que me enche de vida.

Bryan sempre é gentil, meigo e disse que só vai acontecer quando eu me sentir preparada. Mas me pergunto se já não estou. Meu corpo fica em chamas quando ele me toca ou beija minha boca, e tudo que eu quero é que ele não pare nunca. Me sinto perfeita quando estamos

juntos, e mesmo sendo mentira, me vendo através dos seus olhos, quase acredito ser bonita como ele diz.

Mas em frente ao espelho essa insegurança muda por completo, e não sei se ele vai continuar me achando tão bonita assim depois que acontecer.

Essa é a semana de provas, ele tem se mantido tão focado, que nas vezes que nos vemos, Bryan parece um pouco distante. Eu entendo, ele precisa manter as notas altas para se sair bem no sat e ser aceito na universidade que escolheu, mas é justamente nesses momentos em que ele fica tão pensativo que eu, silenciosamente, fico admirando o quanto ele é lindo. E com isso esse meu coração se enche de temor. E se depois que fizermos amor ele não gostar mais de mim? E se eu for péssima em fazer amor? Mamãe me disse que garotas sem graça tem um sexo sem graça, por isso os garotos perdem o interesse rápido.

Acho que ela se referia a mim e ao Bryan.

Às vezes acho que mamãe me odeia, ou talvez eu realmente seja insuportável.

Prometo que volto em breve,

Angelina Paytron.



11 de junho de 2008

Diário, desculpe ser tão direta, mas hoje estou péssima, talvez seja só uma idiotice minha, mas, no vestiário, enquanto trocávamos de roupa para aula de educação física, não pude deixar de prestar atenção em Sabrina e Gessy. Eu nunca me troco na frente das meninas, mas não significa que não fique atenta à conversa delas quando estou lá.

Elas estavam rindo enquanto se trocavam, então pensei em sair, mas fiquei imóvel no canto, quase imperceptível. Olhei para seus corpos tão perfeitos, Sabrina é tão linda e perfeita, que não entendo o que Bryan viu em mim. Ouvi as meninas dizendo algo sobre garotos e quem Sabrina escolherá para acompanhá-la à festa. Não dei atenção e até pensei em terminar rápido, mas congelei ao escutá-la dizendo que não só escolherá Bryan, mas que até o fim do ano eles estarão juntos.

“Bryan é um bolsista pobretão que não tem futuro algum, ele não vale nada e não sei que graça você vê nele, Sabrina, merece coisa muito melhor, mas é minha opinião, claro.”

Gessy foi rude demais, ela não o conhece como eu, caso contrário, só falaria bem dele. Mas diferente do que eu esperava, Sabrina não o defendeu, apenas gargalhou. Que pena que elas não conseguem enxergar a pessoa maravilhosa que ele é, mas eu sim, eu tenho o privilégio de tê-lo na minha vida, e agora no meu coração.

"E formou sua opinião antes ou depois de ele ter comido e dispensado você, Gessy?"

Meu coração quase parou ao escutá-la. Mesmo encolhida no canto, não pude deixar de espiar o rosto ruborizado de Gessy.

"Não fique chateada, Gessy, o único que não pode saber sobre isso, e não sabe, é o seu namorado Paul. Eu prometo não contar para ninguém, e não é como se eu fosse me casar com Bryan, claro que não. Mas escreve o que eu estou te falando, até o final do ano eu e ele estaremos juntos, porque, ao contrário de todas as outras líderes de torcida, eu sei me valorizar e ele sabe disso."

Gessy saiu pisando duro, deixando Sabrina com um sorriso de vitória. E quando terminou de se trocar, ela me encarou através do espelho, me olhando como se eu fosse um animal ou um ser repugnante. Eu olhei para o seu corpo, ela é tão bonita e sabe disso. Me ignorando, como todos naquela escola passaram a fazer, ela saiu, já pronta para

dar seu show com as outras meninas. Doeu, doeu tanto que chorei. É horrível me sentir tão feia e inferior ao restante das meninas, pior ainda saber que Bryan já havia feito sexo com outra garota, uma bem mais interessante que eu.

Saber que ele largou alguém como Gessy me faz questionar o porquê de ele se interessar por mim. E agora já não tenho certeza se ele realmente gosta de mim. Mas, Diário, o pior de tudo é que não sei mais como viver sem ele. Eu sou uma completa idiota, não sou?



15 de junho de 2008

Eu estraguei tudo!

Diário, eu estou tão triste, que parece que meu coração foi partido em mil pedaços. Eu me sinto tão vazia.

Transei com Bryan, e como a minha mãe já havia previsto, parece mesmo que eu sou péssima nisso. E só de lembrar dos detalhes, não consigo me conter e não chorar.

Não era para ter acontecido, não dessa forma, não sexta. Mas aconteceu. Nos encontramos na casa da árvore, antes de escurecer. Bryan estava péssimo, chateado, achando que havia ido mal na prova, e mesmo tentando consolá-lo, ele não parava de se lamentar. Olhei para a janela, o céu anunciava chuva, sorte minha que antes de sair escondida, disse para a mamãe que estava com dor de cabeça e iria dormir, assim não levantava suspeita. Teríamos tempo, e eu queria estar com ele, só não esperava que esse tempo evoluísse para algo mais.

Bryan se queixava do colégio e do professor, dizendo o quanto o odiava e que a única parte boa era ter me conhecido. Eu queria perguntar sobre Gessy, mas no momento achei inoportuno, e também temi pelo que ele poderia dizer. Tive medo de perguntar e que ele começasse a nos comparar por conta da pergunta, e que percebesse que eu não era tão bonita. Tive medo de que ele me deixasse e eu não pudesse mais vê-lo.

"Eu odeio cada pessoa daquele lugar, um dia vou embora daqui. Ali todos são mesquinhos, tudo que importa é sempre dinheiro."

"Eu não me importo com dinheiro, Bryan."

"Eu sei, Angie, por isso está comigo, você é diferente."

"Mas uma nota ruim pode te fazer perder a bolsa?"

“Não apenas uma, mas eu não esperava por isso, e sei que vou decepcionar meus pais.”

Ele ficou olhando pela janela, pensativo. E quando voltei a encará-lo, Bryan estava com olhar fixo no meu rosto.

“Sábado é seu aniversário, o que vai fazer?”

“Passar com minha pessoa favorita no mundo.”

“Seu pai virá?”

“Não sei, mas me refiro a você.”

Ele sorriu e me deu um beijo casto, porém seus lábios se demoraram no meu rosto, e seu gesto de carinho me fez esquecer as minhas inseguranças.

Continuamos nos beijando, abraçados tempo suficiente para fazer com que nossos hormônios borbulhassem. Eu não afastei sua mão quanto ele me tocou intimamente, nem mesmo quando ele tirou meu sutiã e subiu meu vestido eu o impedi, deixei que sua boca beijasse os meus seios, e até gemi quando ele me chupou forte. Uma coisa que uma dama não faria, como diz minha mãe.

Eu estava gostando de tudo o que o Bryan fazia comigo, de tudo o que ele provocava em mim. E foi então que um pequeno alerta acendeu quando ele tirou sua blusa, mas eu não queria que ele parasse. Não era

como se não já tivéssemos feito isso. E estava tudo bem, eu ainda o queria. Apesar de estar muito nervosa, eu sabia que seria com ele. Bryan colocou minha mão dentro da sua cueca e eu senti o seu... seu membro. Fiquei assustada e minhas bochechas queimaram, então ele riu e voltou a me beijar, pareceu entender meu momento de constrangimento.

Achei estranho, porque quando eu olhava em seus olhos, era diferente das outras vezes. Não sei explicar, eles estavam fixos em mim, no meu corpo, parecendo me queimar. Bryan afastou minha calcinha e passou a roçar seu membro na minha entrada. E apesar da apreensão, não pude conter meus gemidos, eu já não tinha controle sobre meu corpo e minhas ações. Tudo era tão diferente do que eu sabia ou esperava. Tão intensamente bom. Só poderia ser com ele. Só ele desperta tantos sentimentos em mim. Ele continuava a me beijar, dizendo a todo momento como me queria, eu também o queria, queria muito. Ele me dizia com os olhos e com palavras como eu era linda, e eu acreditei. Ele conseguia isso tão fácil, que me senti especial e bonita. Mas ao mesmo tempo, tudo era novo, estava diferente de todas as outras vezes em que nós nos beijávamos. Eu não conseguia me concentrar, nós parecíamos querer mais. Eu senti quando ele se posicionou entre minhas pernas, afastando-as com seu corpo, me

olhando como se pedisse permissão ou me analisasse, talvez medo que eu fugisse, não sei, e naquele momento eu não queria sair dali, eu não queria correr. Ele colocou seu membro duro e grande próximo da minha intimidade, então fiquei assustada, mas eu não queria estragar o momento, tinha que ser perfeito e eu não queria ser como minha mãe disse, uma garota ruim de sexo. Eu queria que fosse bom para ele. Que ele não ficasse decepcionado comigo.

Bryan começou a empurrar seu membro para dentro de mim. Senti uma dor horrível, daí tentei me controlar, não queria chorar, mas quanto mais ele empurrava, mais doía, doía tanto que sentia como se estivesse sendo rasgada. Eu não sabia como lidar com tudo isso.

Tentei não pensar na mamãe, tentei não pensar em Gessy e ele juntos, tentei não pensar na Sabrina, mas era tudo que estava em minha cabeça. E era sentindo essa imensa dor, que eu quase podia ouvir as palavras da minha mãe sussurradas em meu ouvido. Soltei um grito quando ele empurrou mais, doeu muito, muito mesmo, e se isso era fazer amor, com tanta dor, não tinha como ser bom. Eu só queria que acabasse rápido.

Demorou, demorou muito para ele me penetrar, e nem chegou a colocar todo o seu membro, ele ofegava e gemia muito, suando. Parecia estar vidrado, gostando. Talvez eu realmente fosse péssima nisso tudo,

talvez meu corpo magro e defeituoso não fosse preparado para os rapazes, como os das outras meninas. Não queria pensar nisso naquela hora. Não queria desmontar ali, só queria que tudo acabasse.

Quando ele olhou nos meus olhos, eu esperava escutar algo gentil, mas ele apenas disse: Que delícia!

Quase chorei. E já não suportando mais, pedi para ele parar.

A princípio ele não entendeu, Diário, percebi certo choque nos seus olhos, mas fui clara ao repetir em bom tom, e, imediatamente, ele saiu de cima de mim. Eu comecei a chorar e ajeitei o meu vestido, me perguntando se foram essas as palavras que ele disse para a Gessy também: que delícia!

Ele perguntou o que houve, e a única coisa que eu disse foi para ele ir embora. Eu só queria colocá-lo para fora o mais rápido possível, queria o Bryan longe. Ele tentou contestar, insistindo que queria entender o que estava acontecendo. Eu precisei gritar para ele ir embora, e precisei gritar mais três vezes. Ele parecia perplexo, e demorou apenas mais alguns segundos para ele entender que era mesmo real. Ele vestiu sua roupa e saiu, só depois eu percebi que estava chovendo muito.

Cheguei a minha casa molhada, dolorida e me sentindo idiota. Mas o que mais dói é admitir que mamãe tem razão. Transamos na sexta, hoje é domingo, e desde então Bryan não me mandou uma mensagem sequer. Nem mesmo no meu aniversário. Agora sinto como se eu não tivesse significado nada para ele. Mas acho que eu estraguei todas as minhas chances com ele, o que só piora a dor. Dói tanto que acredito que em algum momento meu coração irá parar de bater. Porque agora, mesmo depois de tudo, mesmo depois de não ter nenhuma mensagem dele, eu ainda sinto sua falta e não sei como aliviar o aperto no peito.

Eu sou uma completa idiota.



Me sentindo mal por ler isso, deixei o diário na gaveta. Foi necessário respirar fundo algumas vezes para entender o que aconteceu. Me sentia tão estúpido por não ter conseguido ler os sinais, porque mesmo agora, apesar de saber que não saiu como planejávamos, não tinha ideia de que para ela havia sido tão ruim. Eu era um asno, um estúpido. Como não percebi isso?

Eu estava definitivamente arrasado por descobrir que tinha machucado a Angelina tão profundamente.

Naquele momento, estávamos tão rendidos, com tanto desejo, que não me passou pela cabeça que ela estava se sentindo tão mal. Eu sempre fui uma merda para ler os sinais, Erika tinha razão sobre isso, e talvez esse tenha sido o começo do nosso fim, talvez por isso ela tenha passado a me odiar.

Sem rumo e querendo de alguma forma me desculpar, saí da editora, entrei em meu carro e segui direto para o rancho. Teria sido esse o motivo do seu ressentimento por todos esses anos? Mas depois disso, nós continuamos juntos.

Gessy mentiu, nunca transei com ela, só foi um beijo sem sentido que ela me deu. Se Angelina tivesse ao menos falado, eu teria dito a verdade, apesar de não ter certeza se ela acreditaria. Mas assim como foi a sua primeira vez, era a minha também, e eu achei que estava agindo certo, mas agora me sentia um imbecil. E era tarde demais para corrigir.

Ansioso, entrei a passos rápidos pela grande sala central, mas antes de subir a escada, ouvi Holanda chamar o meu nome.

— Boa noite.

— A srta. Paytron — ao perceber o erro, ela se corrigiu —, me desculpe, quero dizer, a sra. Paytron não se sentiu bem o dia todo. Tentei fazê-la comer, mas nada, nem mesmo um suco, ficou o tempo todo trancada no quarto. Eu quis entrar em contato, mas ela nos proibiu. — Sua preocupação era nítida.

— Vou falar com ela.

— Por favor, não diga que eu...

— Não se preocupe, prepare uma sopa ou algo que ela goste. Vou tentar fazê-la comer.

Subi rapidamente a escada, entrei no quarto e a ouvi vomitando no banheiro. Imaginando o motivo de isso estar acontecendo, não hesitei em entrar no banheiro sem bater, encontrando-a debruçada, vomitando. Ignorei o cheiro de cigarro e me aproximei, chamando seu nome. Ela então me encarou, estava pálida.

— Passou mal o dia todo? Por que não me ligou? — perguntei, ela se levantou.

— É só ansiedade, sabe. O cigarro. Tenho tentado muito parar. — Olhei para o cigarro aceso no lavatório. — Eu acendi esse porque achei que conseguiria aliviar a vontade com o cheiro. — Encarei-a, procurando a

lógica na sua explicação. — Eu sei, é burrice, agora estou vomitando pelo cheiro, gosto ruim na boca...

Ela veio até mim e me abraçou.

— Comeu alguma coisa? — perguntei, ainda que já soubesse a resposta, e claro, o motivo que consequentemente tinha a ver com a volta às passarelas.

— Tentei, mas não consegui.

— Acha que a ansiedade tem a ver com o fim de semana sem remédios? — Angelina desviou o olhar, apreensiva, e foi então que percebi que não, ela não deixou de tomar os remédios. Respirei fundo, preocupado, querendo uma solução, mas me sentindo de mãos atadas.

— Comprei seus remédios também — disse, ainda apreensiva.

— Que remédios?

Ela seguiu até o armário e o abriu, mostrando vários antialérgicos, bombinhas para a asma e alguns outros que eu nem conhecia. Fiquei em choque.

— Precaução, não é mesmo? Bebê, as pessoas criticam muito quando precisamos de remédios, mas eu entendo, porque sei como é isso. Ficar bem, entende? Sei que às vezes você também precisa de algumas doses de

uísque à noite, e se quiser, posso fazer um bar aqui no quarto. Sem julgamento. Você pode ser você mesmo comigo.

Prendi os lábios, pensando se não fui eu que desencadeou tudo isso. Angelina se aproximou novamente, trêmula, o receio estava nítido em seu olhar, parecia temer me decepcionar.

— Angie, não precisa trazer um bar para o quarto. A verdade é que se nós dois estamos nesse patamar de vício, precisamos de ajuda, não acha? Ainda que eu ache que as nossas necessidades em relação a medicamentos são muito diferentes para se fazer comparativos, eu te entendo. Assim como não há como deixar de se constatar que a minha necessidade de beber, apesar de não ser um hábito saudável, não é como se eu precisasse ter sempre uma garrafa em mãos. — Ela se afastou, visivelmente agitada. — Angelina... talvez a gente precise de ajuda, e nós podemos procurar. Eu te ajudo, estou com você. Vamos super....

— Bryan, não seja ridículo, isso não é vício. É só a porra de um medicamento, entende?

Me aproximei, colocando minhas mãos em seu rosto delicadamente.

— Angie, olhe pra mim. Não é apenas medicamento se um cara consegue pra você, e não um médico. Não é apenas medicamento se isso controla você.

— Pare, Bryan, não vamos brigar por isso. Você não pode dizer essas coisas se não tem conhecimento de causa. Nunca saiu dessa cidade, a maioria das pessoas que conheço tomam coisas muito piores, então não deduza que eu tenho um problema, porque eu não tenho!

Ela foi a primeira a se afastar, saindo do banheiro, e somente após apagar o cigarro, que saí. Era tenso, porque eu não sabia até onde poderia ir para tentar convencê-la, mas, pela sua mudança de postura, de alguma forma cruzei os limites. Fui direto para o closet, peguei a minha roupa e voltei para tomar um banho, me sentindo mais perdido do que quando cheguei. Quando desci, ela estava à mesa de jantar, vestida só de camisola.

Holanda nos serviu, e apesar de tentar demonstrar estar bem, a maneira como ela evitava me olhar nos olhos deixava a verdade exposta. Depois de fazer algumas ligações, até para sua assistente e seu empresário, ela terminou o jantar e subiu primeiro que eu. Com o nó ainda preso na garganta e sem saber como tocar no assunto, eu precisava falar sobre a nossa primeira vez.

Quando fui para o quarto, Angelina já estava na escrivaninha, fazendo algumas anotações. Ainda com um incômodo silêncio pairando entre nós, segui para o banheiro. Enquanto escovava meus dentes, me questionei o porquê de insistir em algo que ficou no passado. Talvez fosse uma ilusão fodida, esquecida no fundo da minha mente, que insistia em trazer à tona

sentimentos de posse e proteção quando eu a via tão frágil. Uma tola ilusão de que ela ainda poderia voltar a ser como era antes e me amar, ainda que fosse em um lugar bem enterrado da sua alma.

Voltei ao quarto e a encontrei deitada, me demorei apenas alguns segundos admirando sua beleza. Angelina era tão gostosa e intensa, mas ao mesmo tempo carregava uma fragilidade, e em alguns raros momentos, uma insegurança que me cativava demais. Eram momentos como esse que me faziam voltar atrás na minha resolução de não tocar mais no seu corpo, pois eu tinha a ilusão de ter a minha Angelina nos braços. Me deitei ao seu lado e não demorou para Angelina se aconchegar em meus braços, se enroscando em mim como se eu ainda fosse seu porto seguro.

— Angie, eu estive pensando sobre nós dois. — Ela se virou para me encarar. Por uma fração de segundos, achei que suas bochechas tinham ficado coradas. — Na nossa primeira vez, embora as memórias possam variar, acho que nunca te perguntei por que achou tão horrível, por que me expulsou na nossa noite. Preciso saber se você se sentiu forçada a algo. Ou se te machuquei de alguma forma.

Ela apoiou o queixo no meu peito e me encarou, seus olhos faiscavam cheios de desejo, e eu sabia bem aonde isso nos levaria. Lentamente ela deslizou seus dedos pelo meu rosto, em uma carícia provocativa. Mas eu

queria ignorar essa nossa fome um do outro, esse desejo que sempre nos deixava acesos quando nossos corpos estavam tão próximos.

— Por que está perguntando isso agora?

— Nós nos reaproximamos, estamos casados e...

— Bryan, eu sempre soube que seria com você.

— Mas não significa que estivesse pronta...

Ela se virou, em seguida, se levantou e ficou de quatro como um gato antes de se sentar sobre mim, sua boceta em contato com o meu pau. Lentamente, aproximou sua boca da minha.

— Naquela época, você me tocava como se eu fosse um violino de tão frágil, mas agora me fode como se quisesse quebrar meus ossos. Então, por que está falando sobre isso agora?

Desviei o olhar. Eu não queria que ela soubesse que eu estava com seu diário, que estava desvendando seus segredos mais íntimos.

— Talvez porque eu tenha te machucado, e apesar do tempo, eu só queria dizer que não tive essa intenção.

Ela riu com luxúria, um sorriso endiabrado, provocativo.

— Não tinha intenção de me machucar? Então, como iria tirar minha virgindade? — Sua voz maliciosa e sexy me fez suspirar.

Como era possível uma mulher que há pouco estava passando mal, agora me olhasse com tanta malícia e desejo.

— Você entendeu, sabe que me refiro a te machucar. Te magoar. Eu nunca quis isso, Angie.

— Você me machucou, claro que machucou, rompeu meu hímen e isso doeu pra caralho, mas olha a contradição, ainda doí quando você fode forte, mesmo assim eu adoro. — Arqueou a sobrancelha, me provocando.

Desviei novamente meu olhar e no minuto seguinte tirei-a de cima de mim e me virei, dando-lhe as costas. Fosse lá o que ela tivesse tomado, isso minou qualquer chance de diálogo. E colocou uma pulga atrás da minha orelha. Ela sentia que eu a fodia apenas para machucá-la? Será que ela não conseguia me ler? Não conseguia enxergar a minha luta para não sucumbir a ela e sofrer como um condenado novamente? Será que eu era um bosta tão insensível aos sinais? Achando que eu não via além do meu mundinho de merda e só queria a machucar muito?

— Não vai me dizer que ficou chateado, bebê? — ela falou, com voz rouca. — Ignorei. — Sabe, bebê, agora eu entendo por que Sabrina fica feito uma cachorrinha atrás de você. Justo ela, que dizia que sabia tanto se valorizar.

— Isso só existe na sua cabeça — revidei e ela gargalhou.

— Jura? Envie uma mensagem para ela e diz que quer vê-la, não demora meia hora para ela estar aqui. Se bobear, ainda aceita ser comida na minha cama.

Me virei, encarando-a.

— Aonde quer chegar com isso?

— Só admitindo que eu entendo, você tem mesmo um pau muito gostoso e sabe tirar proveito, sabe como usá-lo. Já sabia, na verdade, a diferença é que antes fazia amor, agora só fode.

— Eu era virgem — confessei.

Ela demorou alguns segundos para entender.

— Está mentindo por que quer redenção? É isso?

— Não estou mentindo, não preciso disso. Era a minha primeira vez, e tudo que sabia sobre sexo vinha de filmes e revistas pornô. Eu estava tão vidrado em você e te amava pra caralho, talvez por isso eu não soube lidar com a minha inexperiência, os meus e os seus sentimentos — enquanto eu falava, ela se afastou, parecendo realmente surpresa e até mesmo chocada.

— Está me dizendo que não transou com Gessy? Que eram só mentiras dela? Por que ela inventaria algo para difamar a si mesma?

— Ela tinha algum tipo de obsessão por mim, não sei bem o motivo, mas como eu a ignorava por saber que ela tinha namorado, acho que a

intenção era de me queimar com o time. Ela simplesmente inventou tudo isso quando eu disse que não iria rolar.

— Mas eu vi vocês se beijando.

— Viu ela me beijando, e não foi consensual, tanto que me afastei. Ela só conseguiu me beijar pelos segundos em que demorei para me recuperar do choque do beijo forçado. — Ela ficou me encarando por segundos, parecendo até mesmo perplexa. — Você sempre foi boa em saber quem é de verdade e quem é de mentira, então veja isso agora, está aqui, nos meus olhos. — Angelina não se atreveu a me encarar. — Como pôde duvidar dos meus sentimentos e da minha fidelidade a você? Naquela época estávamos juntos... juntos, Angie.

— Por que tudo isso agora, Bryan? — Seu tom de voz mudou completamente, ela parecia nervosa.

— Porque eu estava pensando sobre isso, sobre nós, e como deu merda depois, eu achei que eu...

— Havia feito merda? — ela completou, agora com lágrimas nos olhos. — Não fez. Eu estava insegura, mas queria, o problema era que eu ouvi sua amiguinha e a Gessy falando mentiras sobre você, que juntou com as merdas da minha mãe e deu naquilo. Mas você não me forçou a nada, naquela época você era um príncipe, meu... — Ela voltou a apoiar sua

cabeça em meu peito. Me virei novamente, então ela levantou o rosto, fixando seu olhar ao meu. — É a mesma coisa, Bryan? Foder eu ou Sabrina é a mesma coisa pra você?

— Sabe que não é a mesma coisa. Ela eu só fodi, com você eu faço amor também.

Percebi um sorriso incrédulo em seu rosto.

— Pra fazer amor, tem que antes de tudo amar, Bryan.

— E é justamente por isso, Angelina, que mesmo tentando me enganar, meu coração quase sempre ganha. E são nesses momentos que me perco e faço amor com você. — Antes de qualquer reação sua, eu a beijei.



Capítulo 16

Bryan

Uma semana perfeita e eu começava a duvidar se conseguiria lidar com sua ausência. Erika não ligou mais, apenas Amy, Adryan e, por fim, Mike, querendo que eu confirmasse a nossa presença em sua festa, o que fiz sem pensar muito a respeito. Obviamente tinha a parte chata de sempre ter câmeras em sua direção e, claro, seu nome envolvido em revistas de fofocas, mas perto do que ela me proporcionava, dava para suportar. Era nossa última semana juntos antes de ela ficar meses viajando a trabalho, cumprindo agenda em desfiles, entrevistas, campanhas publicitárias.

Angelina explicou tudo isso, cada passo, os contratos por trás e onde eu poderia encontrá-la, caso quisesse e pudesse ir vê-la, e para quem ligar. Em uma noite, ela fez uma chamada de vídeo com meus pais, falando sobre o tempo que ficaria longe a trabalho e, claro, pediu que eles cuidassem de mim enquanto ela estivesse longe. Era fofo, juro, a maneira como ela parecia se importar com eles. E dava para ver a alegria nos olhos dos meus pais por nos verem bem, mas, bem lá no fundo, eu não podia negar que tinha medo. Eu não sabia para onde toda essa intensa e repentina felicidade nos levaria. Sentia como se de alguma forma estivéssemos jogando com o destino e no fim seríamos julgados por isso. E em um jogo sempre há um perdedor, e eu temia ser ele novamente.

Não houve uma conversa real, nada que esclarecesse as coisas, mas ela estava bem, eu também, e talvez esse era o momento de deixar tudo que nos aconteceu no passado, para trás. Ousava pensar que até poderíamos nos perdoar com um novo recomeço, ainda que fôssemos tão quebrados. Eu sentiria a falta dela, era evidente para os dois, mas preferia não falar para não pôr mais pressão sobre ela.

Na quarta, quando cheguei da editora, mesmo já tendo escurecido, era cedo para encontrá-la deitada na cama, cortinas fechadas, um breu de escuridão.

Acendi as luzes, foi então que ela saiu de debaixo das cobertas, rosto inchado, olhos vermelhos, em lágrimas.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei, preocupado, me aproximando.

Ela então se levantou e me lançou um olhar de ódio.

— Hoje você bateu um milhão de seguidores no Instagram. Parabéns, não é mesmo?

Fiquei confuso, sem entender o tom de ironia e rancor na sua voz.

— Eu sequer mexo nas minhas redes sociais. Então acredito que o motivo seja você.

— Mexia antes — disse, ríspida. — Eu vi hoje, até comentava e curtia todas as fotos das suas amiguinhas, e vi que você não me seguia.

— Angelina, nós não éramos bons amigos, não tinha motivo algum para te seguir. Mas por que isso agora? Entrou no meu Instagram?

— Sim. A Jane conseguiu a senha para mim, fez as mudanças necessárias, restringiu os comentários e agora você passou a me seguir. Depois disso, eu postei uma foto nossa, do nosso casamento, te marquei e você ganhou seguidores. E adivinha só, a primeira a comentar foi Sabrina. Ela colocou a porra de um coração!

Apesar de achar sua atitude uma invasão de privacidade, não era nada perto de tudo que ela fez para estarmos casados e, sinceramente, eu pouco me lixava para o mundinho das redes sociais.

— E está assim por isso?

— Me disse que podia confiar em você, que não tinha mais contato com Sabrina. Eu confiei em você que dessa vez seria diferente. Que burra eu sou — falou, tentando sem sucesso controlar o choro.

— Mas eu não ter contato com ela não impede que ela comente e curta minhas fotos ou as nossas no Instagram, uma vez que a sua conta e a minha são públicas.

— Vai além disso, por favor, não me subestime. Hoje descobri que ela te envia não apenas mensagens, mas fotos da porra da boceta dela! Da boceta dela, Bryan! Ela até pede para você ir vê-la. Isso é falta de respeito, Bryan! E justo ela... você realmente me odeia, não é?! — As lágrimas agora corriam mais desesperadas por seu rosto.

— No Instagram? — perguntei, ainda sem entender porra nenhuma.

— No seu celular! Não se faça de desentendido! — gritou, irritada.

— Provavelmente foi há muito tempo, eu nem tenho essas fotos.

— Pare de mentir, porra! — gritou, descontrolada.

Merda. Respirei fundo, era previsível onde isso terminaria.

— Não estou mentindo, pode conferir se quiser. — Estendi meu telefone a ela, ainda sem entender como ela soube das fotos antigas que eu até mesmo tinha apagado.

— Ela te mandou hoje, Bryan, logo depois de colocar a porra de um coração na minha publicação. Acha que sou idiota?

Agora fiquei ainda mais confuso, eu mal toquei no celular hoje, sequer abri as minhas mensagens.

— O quê? Como assim? E como você sabe disso? — Ela arqueou a sobrancelha, como fazia quando estava com raiva. — Não acredito. Você clonou meu celular? — disse, magoado e decepcionado, na verdade. E ao abrir o celular, não apenas todas as mensagens estavam lidas, como a foto em questão baixada, já que não deixava isso no automático.

— Ela te ligou, não foi? Disse que queria te ver, que estava com saudade e você disse que estava ocupado, que — engoliu o choro — depois conversavam. Depois quando, Bryan? Quando a imbecil aqui estiver longe trabalhando? Quando eu não puder te oferecer uma boa foda e você precisar de alívio? Não sei como pude ser tão burra por achar que finalmente você me daria uma chance, que iríamos tentar de verdade. Eu deveria ter imaginado, você nunca será fiel. O que eu esperava? Que você ia ficar batendo punheta enquanto estou longe? — Angelina riu ao mesmo tempo

em que se apoiava na parede, com lágrimas escorrendo e parecendo esgotada.

Eu quis me aproximar, queria explicar, mas ela estava tão magoada, que voltou a cuspir a sua verdade, o que ela achava que via diante dos seus olhos.

— Você é um imbecil, idiota, e o problema está em você. É da sua natureza. Não vale nada e nunca vai valer, nem sei por que ainda estou surpresa. Você nunca vai me entender e nunca vai entender que suas atitudes com essa mulherzinha me machucam. Mas essa é a última vez que me exponho e me abro para você. Você não merece e nunca mereceu o meu melhor lado.

Engoli em seco, implorando para conseguir ignorar suas ofensas e apenas ser racional. Me lembrei das suas inseguranças com relação a Sabrina e de toda a mágoa que não vinha de hoje. Eu entendia a sua dor, mas não entendia o porquê de ela nunca deixar que eu colocasse o meu lado da história.

— Eu não abri a porra da mensagem, você abriu. A Sabrina tem esse péssimo hábito, se eu ler ou abrir alguma das mensagens dela e não responder, ela me liga, e foi isso que fez. Eu nem sabia sobre as mensagens ou o teor delas, mas ela deduziu que eu tinha lido, por isso me ligou.

Angelina, me escute. Se antes eu raramente abria as mensagens dela, agora isso não acontece mesmo. Poxa, nós conversamos e eu disse que estou bem com você, Angie, que parte dessa merda toda você não entendeu?

— Quer que eu acredite mesmo nesse seu papinho de merda? Quer que eu acredite que iria conversar com ela apenas para reforçar sua condição de casado? Eu não sou tão idiota, Bryan.

— Se quisesse te trair já teria feito.

— Você fez, bem no dia do nosso casamento, na noite da nossa lua de mel. E com a Sabrina! A Sabrina! Não foi? — Prendeu os lábios, tentando conter o choro. — Mas depois mentiu que não, apenas para me convencer a aceitar que voltasse para a sua vidinha medíocre.

Ela estava machucada e queria a qualquer preço me causar a mesma dor. E mesmo que estivesse me ferindo, eu não demonstraria. Eu li o diário dela, sabia de onde vinha essa insegurança com a Sabrina, e justamente por isso precisava fazer com que ela me escutasse. Apesar da minha própria dor e frustração.

— De fato, eu quero mesmo voltar para a minha vidinha medíocre, mas quero que você entenda, eu não te trairia. Você sabe disso, no fundo do seu coração. Basta pensar no que vivemos nas últimas semanas.

Minha resposta a fez vir até mim irritada e em lágrimas.

— Que tipo de homem você é que não assume as merdas que faz, hein? — esbravejou, agora ela estava a centímetros de distância.

— Se clonou a porra do meu telefone, você viu que eu não respondia mais a Sabrina. Pensa um pouco além da sua raiva!

Ela pegou meu celular e o arremessou na parede.

— Foda-se a porra do seu celular, não vai mais me fazer de idiota. Admite vai, admite que está comendo a puta da Sabrina!

— Se eu estivesse comendo a puta da Sabrina, com certeza não estaria comendo você.

A bofetada foi tão forte e precisa, que sequer tive tempo de me afastar.

— Não vai me fazer de imbecil, Bryan, porque eu juro que se fizer merda, eu acabo com você, acabo com a sua vidinha de merda, e acabo com todo o mundinho da sua putinha e da loira sem graça. Se acha que eu sou um demônio, você ainda não viu nada, não tem ideia do que sou capaz. Agora as coisas não são mais como na época do colégio, onde vocês me menosprezavam e eu me recolhia. Pensem bem antes de tentarem me enganar. Ninguém mais ri nas minhas costas, Bryan! — ela ameaçou, impulsiva. Não esperou reação, seguiu para o banheiro.

Tudo isso era demais para a minha cabeça, era humilhante e eu não aguentava mais. Decidido a colocar um fim, fui para o closet pegar a minha mala. Foda-se a porra do contrato, foda-se essa merda de casamento. Fui colocando as roupas, mas antes de fechar a mala, eu a ouvi vomitando. Apesar de toda a humilhação e de reconhecer que essa era uma oportunidade perfeita para ir embora e deixá-la esfriar a cabeça, fiz o oposto, fui atrás dela. E como era de se esperar, estava agachada no vaso sanitário, vomitando, com dois frascos ainda fechados em uma de suas mãos. Ela se afastou, limpou a boca com o braço e, me ignorando, voltou ao armário de medicamentos e continuou a escolher alguns vidros.

— Angelina, pare com isso, não precisa deles. — Toquei seu braço e deslizei minha mão até a sua, tentando tirar o frasco da sua mão.

— Não encoste em mim, porra! — gritou, claramente fora de si. — Isso não é da sua conta. Quer comer sua putinha, vai lá. Mas me deixe em paz. Cansei de ser a segunda opção na sua vida. Isso acabou!

Respirei fundo, implorando para manter a calma. Era exatamente isso que eu precisava, acalmá-la. Essa merda entre nós ficaria para depois, eu só precisava mantê-la segura de si mesma.

— Angelina, eu não estou mentindo.

— Ah, por favor, Bryan, não perca tempo.

— Por favor, me escute. Como estou te traindo, se quando não estou do seu lado, estou na editora, e você sabe disso. Não tenho nada com a Sabrina, nunca tive nada com ela enquanto estivemos juntos. Agora ou na época do colégio. Eu já te disse isso. Ela já me mandou fotos nuas, mas foi antes mesmo de nos casarmos, e na época eu disse a ela para parar, porque sempre tinha que ficar apagando. Então estou tão surpreso com essa atitude quanto você, não esperava isso. Pensa e não deixa que essa idiotice te desestabilize.

Angelina começou a rir.

— Por que está insistindo na mentira? Pelo dinheiro, é isso? Não me surpreenderia. Você não é diferente deles, acho que é até pior, me enoja a sua atitude, sabia? — A ânsia a atacou de novo, então ela colocou a mão sobre a boca, tentando amenizar a situação.

— Você claramente não está bem. Vamos ao médico, precisa de ajuda...

Ao me ouvir, ela começou a gargalhar.

— Ajuda? Eu já precisei de muitas coisas, já estive bem na merda, sozinha, e você, meu príncipe, não veio em um cavalo branco me salvar. Você foi embora, cursar a porra da sua graduaçãozinha de merda. Eu não fui sua escolha antes e não sou agora. Então, meu querido, eu não preciso de

você, não agora, porque toda vez que eu estiver na porra do inferno, eu terei que sair de lá sozinha. Antes eu era uma ridícula ingênua, que acreditava na sua promessa idiota de que depois ficaríamos bem. Deus, eu fui tão imbecil! — Voltou a chorar. — Então se é por dinheiro, estou te dando a oportunidade de ir agora, vai e não precisa voltar nunca mais.

— Sabe que isso não tem nada a ver com dinheiro.

— Ah, me esqueci, é pelo contrato, não é? Pode ir, estou te oferecendo dois milhões e seu contrato de merda. Vai, Bryan, é sua chance. Faz o que faz de melhor, se coloque em primeiro lugar, enfie o rabo entre as pernas e suma daqui.

Engoli em seco. Quando ela abriu a boca para tomar os comprimidos, segurei suas mãos. Tentei fazer contato visual para que ela finalmente enxergasse além da mágoa.

— Angelina, eu entendo que esteja chateada, no seu lugar eu ficaria também, mas se entupir de remédios não vai resolver nada.

— E o que resolve? — Ela estava tão quebrada, em lágrimas, parecia perdida em meio à dor e à frustração. — Hoje eu fiquei imaginando mil formas de te deixar ir, mas não consigo. Droga, eu não consigo. Deve ser por isso que você e sua putinha me acham tão patética, não é? Porque, como sempre, não importa o que faça, esse coração idiota é bom em

esquecer todas as merdas que você me faz, e nessa amnésia louca é fácil sempre abrir as pernas para deixar você me foder. — Ela chorava copiosamente, havia raiva, mágoa, rancor. — E olha pra você, Bryan Martin Claret, nada de especial, nada além de um imbecil que se acostumou a essa vidinha medíocre. — Olhei para ela, me perguntando se ela fazia ideia de como suas palavras machucavam. Talvez sua intenção fosse mesmo me machucar, me humilhar, como ela se sentia agora. — Oh droga, eu sabia, desde o início eu sempre soube que você partiria meu coração, que me quebraria, e agora age como se eu fosse a louca, e tudo por algo tão estúpido. — Fiquei em silêncio. Angelina começou a rir. — Justo ela, que me desprezou tanto, justo aquela vadia, ah, merda... por que um dia fui acreditar em você? Por que deixei que se aproximasse?

Engoliu o choro.

— Esse é um bom motivo, isso deveria ser a porra de um motivo para te manter a quilômetros de distância, mas não é, porque eu mereço, e por merecer eu me contento com o pouco que você quer me dar. Porque a imbecil da Angelina de treze anos que se apaixonou por você ainda está aqui — ela apontou para o seu peito —, e ainda que eu diga para ela que em se tratando de nós não existe a porra de um final feliz, é com você que sonho todas as noites. A idiota ingênua se recusa a me deixar! Ela está no espelho quando me olho. Mas a diferença é que agora eu percebi que jamais

serei a sua escolha, que tenho que me contentar com migalhas. Sabe o quão humilhante é isso, Bryan?

Suspirei ao escutá-la. Era difícil vê-la tão quebrada, sangrando, ainda mais por minha causa.

— Angelina, por mais que eu te diga a verdade, não sei mais o que fazer, porque você já decidiu no que acreditar.

Ela se sentou no chão, encolhendo as pernas, abraçando os joelhos e chorando. Eu estava mal por ela, por mim e por saber que todas essas feridas que existiam em nós não iriam se curar. Ela nunca me daria espaço para falarmos sobre isso, como também não renunciaria ao controle, e por isso nunca haveria limites. Para se sentir segura, ela precisava me ter nas mãos e alimentar isso com ameaças, por isso a porra do contrato, por isso as redes sociais, por isso o telefone clonado. E mesmo me sentindo um merda, como ela estava com os comprimidos na mão, me agachei, de frente para ela, engolindo tudo o que sentia para tentar soar convincente.

— Por favor, me dê os comprimidos, não precisa de tantos.

— Eu não te chamei aqui. Vá embora, estou esgotada, preciso dormir.

Desviei o olhar, respirando fundo. Ouvi seu choro, enquanto escutava a mim mesmo lhe prometendo, anos atrás, que nunca, por nada, a abandonaria. Mas eu tinha consciência que parti, ainda que por escolha

dela. Mas será que poderia ter lutado mais? Eu poderia ter mudado algo lá atrás? Promessas curam? Não, apenas te assombram quando não é capaz de cumprir.

— Angelina, tem razão em estar magoada. No seu lugar eu também ficaria em ver uma foto com esse teor, mas não estou mentindo, eu realmente não conversei com Sabrina desde a nossa... — Não completei, ouvir isso a fazia chorar ainda mais. — Quando atendi a ligação, eu estava em reunião, foi de praxe dizer que depois conversaríamos, não houve intenção de um encontro por trás disso.

Ela continuou chorando, como se sequer fosse capaz de me ouvir. Eu me sentia mal, e até culpado, ainda que toda essa situação não tenha sido provocada por uma ação minha. Por que toda vez acabávamos tão magoados e machucados?

Apesar de estar esgotado a ponto de querer ir embora e deixar essa merda entre nós para trás, meu coração não permitiria que eu a deixasse, não quando ela estava tão machucada. Com um turbilhão de sentimentos dentro de mim — mágoa, razão, ego ferido —, eu não entendia por que ficar se era bem mais fácil partir. No fundo, nós dois sabíamos que não estávamos destinados a ficar juntos, e mesmo dando murros em ponta de faca, eu não conseguia deixá-la. Porque assim como ela, aquele velho Bryan adolescente era incapaz de abandoná-la agora. E foi aí que eu tive a

consciência de que nem sempre o amor era suficiente, e por isso a estrada se tornava tortuosamente insuportável.

Perdido e sem saber como mudar tudo isso, me sentei no chão frio do banheiro, de frente para ela, nossos joelhos se tocando, mas sem nos encararmos. Cada um com seus demônios, cientes de que quando lutávamos contra o destino, o fracasso ficava à espreita.

Olhando para nós agora, eu sabia que nunca ficaríamos bem, não enquanto estivéssemos unidos pelas razões erradas, porque esse casamento em que ela nos colocou era um erro. Mas diferente das outras vezes, mesmo machucado, eu ficaria, e ficaria por ela. Mas não queria dizer que ela aceitaria a ajuda ou a minha presença. Talvez a minha decisão nos levaria a um poço sem fundo, um poço onde só haveria mágoa e ressentimentos. E talvez fosse essa a real verdade por estarmos aqui, unidos por nossa necessidade de autodestruição.

— Por favor, vá embora — ela pediu, fragilizada, uma fragilidade que eu conhecia bem. Nós dois estávamos quebrados, todavia, fodidos demais para tentarmos consertar algo.

— Angelina, eu não menti quando disse que fazia amor com você, não menti sobre Sabrina e não estou mentindo agora. Nós estávamos indo bem, apesar de tudo, tentando...

Ela me encarou, então toquei sua mão e Angelina não a afastou.

— A maior parte do tempo eu me sinto tão confiante, mas então eu vejo uma merda dessas e isso me deixa no chão, Bryan. Uma pessoa não deveria ter o poder de machucar tanto a outra assim.

— Eu sei que deveria ter falado com Sabrina, achei que o fato de ignorar suas mensagens e já ter dito a ela que não iria rolar mais...

— Quando disse isso a ela?

— Naquela noite.

— Depois de transarem?

— Sei que não acredita, mas não aconteceu...

— Eu não consigo confiar em você, Bryan.

— Eu sei, por isso vai ser sempre assim. Afinal, é minha natureza e eu não valho muito, não é? Mas eu não vou embora. Ainda estou aqui e não pretendo ir, talvez seja isso que precisamos, afundar juntos. Merecemos isso, não? — Estávamos com a voz embargada, ambos feridos, sangrando no chão. E nessa luta tão desnecessária, era evidente que não haveria vencedores.

— Droga, eu não queria ter te conhecido nunca. Estou presa a você e não sei como resolver isso. Porque, por mais que eu queira, não consigo te deixar.

— Eu sei — retruquei, cabisbaixo. Nisso concordávamos, porque durante muitos anos, eu também tentei ignorar o que sentia por ela.

— Eu tentei. Durante todos esses anos eu tentei seguir como se você não existisse, mas nada preenchia o vazio que você deixou, porque depois de você não existe mais nada, entende? E eu odeio tanto você por isso. — Voltou a chorar enquanto dava voz aos meus pensamentos. — Não vai acabar, não é? Nunca. — Permaneci em silêncio, e somente depois de engolir o próprio choro, ela voltou a me encarar. — Me fode, Bryan.

Olhei em seus olhos cheios de lágrimas sem entender. Angelina sequer esperou uma resposta minha, apenas se aproximou e deixou seus lábios encostados aos meus. Era doentio, eu sabia, mas isso não me impediu de segurar seu rosto entre as mãos e beijá-la. Um beijo intenso, insano, fodido, e nós dois sabíamos que precisávamos apenas disso para queimarmos. Éramos bons em provocar dor, em salgar as feridas, e nunca, em hipótese alguma, curar, apenas anestesiar quando estivesse insuportável. E estava agora.

Nos beijamos como dois loucos, afundando cada vez mais. Angelina correspondia à cada carícia, ao desejo e, claro, à insanidade que era tão presente. Em se tratando de nós, íamos sempre além.

E não demorou para a minha boca, que era tão desleal quanto meu coração, ignorar a dor e beijar não apenas sua boca, mas todo seu corpo, cada pequena parte dele, beijando, lambendo, se entregando como um animal faminto, desejando ardentemente se saciar. Eu sentia o gosto da sua boceta tão molhada, chupando, querendo loucamente foder, e o amor? Foda-se essa merda de sentimento que não me permitia dar um passo para longe dela. Angelina tirou sua blusa, então puxei seus seios para a minha boca, chupando com tanta força, que seus gemidos, cada vez mais altos, agora preenchiam todo o ambiente.

Sendo os dois tão previsíveis, não demorou para eu estar com o pau duro debaixo dos seus quadris, e ela, em um violento vai e vem, me fazendo gemer feito louco. Angelina apertava meu pau com sua boceta molhada. Que caralho de mulher era essa? Ela sabia, sempre soube, que me tinha aos seus pés. E em momentos como esse, eu me perguntava como meu pau se encaixava tão perfeitamente nela. Com beijos obscenos, Angelina, cada vez mais rápido, cavalgava em mim.

Era uma tortura me segurar. Ela era boa em me levar ao céu para no minuto seguinte me chutar para o inferno. E sem vergonha alguma, eu estava disposto a ir de mãos dadas com ela. Esperei apenas que gozasse bem gostoso, e quando o fez, a pus de quatro, agora era a minha vez e eu queria muito foder Angelina. Cuspi em meu pau já tão molhado por sua

boceta, e antes de foder seu cuzinho, cuspi nele também, então ela estava ciente do que viria a seguir. Ela não gemeu, Angelina gritou, e era doentio ter um sorriso no meu rosto enquanto ela gemia de dor e prazer. Fodendo seu cuzinho, não demorou para que a cada estocada seus gritos se tornassem mais intensos. Ela tinha razão, éramos bons em fazer amor, melhores ainda em foder, fosse no sexo ou com o nosso coração.

Gozei tão gostoso, que provavelmente isso era mesmo errado. Ela se deixou cair no chão, exausta, e eu fiz o mesmo ao seu lado, tentando recuperar o fôlego. Depois disso, me virei e a vi me encarando.

— Angelina, contrário ao que você pensa, embora não pareça, insistimos pelos mesmos motivos. E hoje você venceu, já fez dessa situação a sua verdade — eu disse. Ela não respondeu, apenas continuou me olhando. — Preciso do meu celular para trabalhar e você o quebrou. Como o contrato não te dá direito a isso, eu quero outro pela manhã — afirmei.

Tomamos banho juntos, mas era como se não estivéssemos perto do outro. O jantar foi feito em um silêncio amargo, e eu sabia que Angelina não falaria mais disso, nem se eu quisesse.

E a noite, sem meias-palavras, ambos já haviam escolhido suas companhias — eu com minha garrafa de uísque, ela, com seus cigarros. Os

dois na mesma cama, cada um com sua tristeza e ilusão. Perto demais para tocar no outro, longe demais para uma real aproximação.



Capítulo 17

Bryan

Pela manhã, como já era esperado, um novo aparelho de telefone estava na mesa de cabeceira do meu lado. Não havia sinal de Angelina, mas, ao invés de isso me tranquilizar, parecia me causar certo pesar. Devia ser masoquista. Me levantei, e após me arrumar, segui para editora, com o mesmo nó na garganta.

O dia foi deprimente, não a parte profissional, mas algo em mim pareceu perder o foco. Passei cada segundo sentindo uma angústia sem fim, nada tirava Angelina e a nossa briga dos meus pensamentos. Ao chegar ao

rancho, não houve alívio, ela estava a anos luz de mim, fechada no seu mundo e nas suas conclusões precipitadas, totalmente apática.

Eu queria entender como chegamos a isso, em que momento o erro foi tão grave que nos empurrou direto para o precipício. Eu queria uma única chance real para conversar, porém, Angelina estava presa em intermináveis reuniões, sempre com o telefone em mãos. Eu diria até que ela evitava fazer qualquer contato visual comigo, e isso me magoava profundamente. Algo deveria mudar para isso não afundar de vez, mas não iria, e talvez toda essa inquietude em mim fosse causada por saber dessa verdade insana. Ela viajaria somente na segunda, mas já estava submersa no trabalho.

Não houve abraço ou beijo, apenas eu, ela e um oceano de incertezas entre nós. Essa distância não deveria me magoar, não depois de tudo, mas ainda machucava, e eu sabia que Angelina sempre seria capaz de me fazer sangrar.

Na madrugada, fui acordado sentindo seus lábios em minha boca, e eu adoraria dizer que o meu orgulho falou mais alto, ou mesmo que diferente dos outros, esse não foi bom, mas seria mentira. A contradição de tudo isso era que nos entregávamos como se precisássemos estar no corpo um do outro para nos sentirmos vivos, como se continuar dependesse de ser tocado pelo outro. E eu, imbecil demais, deixava claro como a queria. Não que

confessasse em palavras, elas eram irrelevantes no momento, mas a porra do amor falava, e o nosso, um louco fodido, gritava quando nos amávamos. Quando a exaustão se fez presente, ela se deitou em meus braços e adormeceu, enquanto eu via as horas avançarem sem conseguir silenciar as vozes na minha cabeça.

Velhas perguntas borbulhavam em minha mente, me pegando em um momento frágil. E sem respostas, como um disco arranhado, elas apenas se repetiam continuamente. Por que nunca conversar? Por que se comportar como se eu fosse o grande culpado, sendo que anos atrás, quando nossos sonhos ainda eram os mesmos, em nosso último encontro, não houve um fim? Em alguns momentos eu queria entender, entrar em sua cabeça e fazer com que todas essas eternas dúvidas desaparecessem. Em outros eu achava ser impossível, e por mais que quisesse desvendar Angelina e entender suas expectativas, havia uma grande lacuna em nossa história. Talvez ali tenha sido o nosso fim, e preferindo ignorar que acabou, fingimos continuar a não saber as razões.

Eu a conhecia o suficiente para não esperar por um pedido de desculpas, mas incomodava ela nunca admitir que errou. Era como se meu erro fosse tão grave, que ainda que os papéis fossem invertidos, Angelina estava no seu direito de nunca ter que se justificar ou redimir.

Antes, eu não me sentiria tão magoado por suas palavras, mas depois da casa de campo, depois de uma semana vivendo a porra do nosso enfim felizes, ser chutado para o mesmo lugar de antes era deprimente.

Após o horário do almoço, fui surpreendido com a visita de Amy com Bia e Erika. A bebê estava cada vez mais parecida com o Adryan, não tinha nem como negar, era muito fofinha. Olhei para Amy, e apesar de forçar um sorriso, ela parecia preocupada, já Erika, tentou se manter indiferente e eu sabia bem o porquê.

— Eu não quero ser enxerida — Amy disse após uma breve conversa sobre nossas famílias, sem tocar no nome da Angelina, claro —, mas tenho te achado distante. Parece que não nos vemos há anos, e mesmo quando acontece, não é como antes. Entende? — sentada de frente para mim, ela concluiu, sem jeito.

Erika ficou em uma das poltronas, com Bia no colo, brincando de se esconder atrás da sua valise.

— Está tudo bem, não se preocupe. Só ando ocupado, Amy. Mas como sabe, Angelina voltará a viajar a trabalho e vou ter mais tempo para fazer visitas regulares — brinquei.

— Bryan, você não é bom com mentiras, isso está sugando você. Não é como antes, que eu chegava e sempre tinha uma piada pronta. Você era o

cara que fazia todos sorrirem, agora nem mesmo você sorri. É o casamento, não é?

— Não, quer dizer, na verdade, eu estou em vantagem em relação a você e Adryan. Meu casamento ao menos tem prazo de validade. — Era para soar como piada, mas nem mesmo eu conseguia rir, quando a piada era minha própria vida.

— Vai levar isso adiante por um ano?

— Amy, não é tão ruim assim.

Erika acabou rindo ao me ouvir.

— Deixou de me seguir nas redes sociais, Bryan, até a Sabrina também. Quer dizer, ela foi bloqueada, não atende mais nossas ligações e o Bryan que eu conheço não fazia isso com os amigos. Fiquei até na dúvida quando Amy me chamou para vir aqui, se poderia, claro. Por que a mudança repentina? — Erika perguntou, tentando disfarçar o rancor.

— A assessoria da Angelina que cuida disso agora. — Respirei fundo.

— Ah meu Deus! — Erika articulou, levando uma das mãos à boca, nem Amy conseguia disfarçar o choque.

— Mas por que isso? Até o seu celular? Bryan, eles cuidam do seu celular ou foi você que quis me bloquear?

— Não, eu não faria isso. Entendo que esteja preocupada, mas tem a ver com tudo afetar diretamente a imagem dela, sabe?

Ela soltou um riso.

— E a sua imagem? Já parou para pensar que essa mulher pode te arruinar? Bryan, ela é a supermodelo, tem milhões de fãs fiéis, e a imagem que tomarão como verdade será a que sair da boca dela, já que você não passa de um amigo do ex-noivo que se aproveitou do momento de fragilidade da modelo para se aproximar. Já parou para pensar que ela pode querer foder a sua vida mais do que já faz? Já parou para pensar o que um simples vídeo aos prantos, dizendo que você é abusivo, que a iludiu, traiu, que queria apenas o dinheiro, pode fazer a você? Se não parou, então pare e pense a respeito, porque depois que acontecer, já era a sua vida. A internet virou um tribunal e os juízes on-line estão prontos para darem o veredito sem conhecer os dois lados. E, amigo, ela vai se sair como a vítima. — Erika vomitou suas verdades.

E apesar de ser exatamente isso, doía demais para ser considerada imprópria.

— Eu estou bem, Amy, a situação está sob controle, não se preocupe — disse, ignorando que tudo que Erika disse me atingiu como raio.

Ao me ouvir, ela revirou os olhos.

— Isso é ridículo! A loucura dela te contaminou, não tem outra explicação — Erika falou com grosseria.

O seu tom de voz rude fez Bia chorar, então ela se levantou e se desculpou com Amy, dizendo que esperaria lá fora enquanto entregava a bebê. Ela saiu da sala sem se despedir de mim.

— Bryan, eu espero mesmo que esteja bem — Amy disse, tentando amenizar o clima tenso e acalmar Bia. — Na verdade, a visita também é um convite. Vamos fazer a noite das garotas, eu, Erika, Priscila, Olívia e Sabrina, e adoraríamos ter você. Ah, talvez Hellen e o marido também irão.

Acabei rindo.

— Uau, um clube da Luluzinha, estou lisonjeado. Mas onde entra o Adryan aí?

— E você também tem o segundo convite, que claro, será na mesma noite, no Star. Mas o deles é super sem graça, se resume a Mike, Adryan e Markus bebendo e jogando sinuca.

— Sem graça mesmo — brinquei. — E por que o convite não partiu deles?

— Combinaram na quarta. Estavam lá em casa, todos te ligaram, mas deu caixa postal.

Respirei fundo, ciente do motivo — telefone quebrado.

— Obrigado pelo convite, vou pensar a respeito.

— Não pense, amigo, só vai. E falando em ir, sábado tem a festa do Mike, mas na próxima semana, como ela vai viajar, te esperamos. Não quero que fique sozinho.

Agradeci-a pelo convite e ela se despediu. Era bizarro que, mesmo depois de tantos anos, ainda havia uma parte em mim que tentava amenizar as atitudes de Angelina. Talvez inconscientemente convencendo aos outros, eu convenceria a mim mesmo de que ela tinha seus motivos. Olhei para a poltrona onde Erika estava e vi que ela tinha esquecido a pasta. Me sentia mal por estarmos assim agora, justo ela, uma pessoa que sempre me ajudou, escutou e apoiou, mas não queria envolvê-la mais do que já havia envolvido. Quando peguei a valise para ir levar para ela, a porta se abriu.

— Esqueci a pasta. — Ela veio até mim.

No minuto que estendi para ela, continuei segurando firme, impedindo que ela saísse. Erika suspirou, desviando o olhar.

— Por favor, não faça isso. Não precisa ser assim, não entre nós dois.

Ela soltou um grande suspiro, magoada, e tinha razões para estar.

— Eu não entendo, por que você mente? Para defendê-la, é isso?

— Erika, a vida dela é uma merda, das grandes, e eu não quero tornar isso pior. Temos um acordo, um ano, talvez antes disso ela desista. Sem

contar que é provável que nos próximos sete meses nos veremos pouco, então vou usar esse tempo para organizar a minha vida.

— Isso não dá a ela o direito de dominar a sua vida, Bryan. E é inadmissível que aceite isso.

— Eu concordo, mas às vezes entre ter razão e paz, preferimos a paz. Eu só não quero que isso atrapalhe a nossa amizade. — Ela prendeu os lábios, em seguida, se aproximou e foi instintivo nos abraçarmos. — Eu já perdi muita coisa, não quero que você seja mais uma entre elas — falei, com sinceridade.

Ela olhou em meus olhos e sorriu.

— Uau. Isso é tocante e soa poético — Angelina disse, encarando a nós dois. Rapidamente nos afastamos. — Vai me apresentar a sua amiga, Bryan? — ela perguntou com rispidez.

Ainda sem jeito, Erika, agora ao meu lado, se virou em sua direção. Gostaria de dizer que não houve nenhuma intimidação, mas era impossível, Angelina conseguia, com sua presença marcante, intimidar qualquer um.

— Erika, essa é Angelina — olhei para Angelina —, essa é a Erika.

— Sua...? — Angelina questionou, arqueando a sobrancelha.

— Amiga, óbvio.

Ela riu, não um simples riso, mas daqueles de tirar o fôlego, capaz de abalar a confiança de qualquer mulher.

— Acho que já vi esse rosto em algum lugar — Angelina disse, se aproximando enquanto articulava com uma das mãos. — Médica ou...?

— Advogada.

— Interessante. Excelente profissão, admirável até. E suponho que trabalha com Millers ou Brassanini? Os melhores dessa cidade, claro. — Erika parecia surpresa pela pergunta. Eu encarei Angelina, sem entender aonde ela pretendia chegar. — Bom, você tem perfil para o escritório Brassanini, acertei?

Erika negou.

— Trabalho no escritório Millers.

— Ah, que pena, errei. O que não é nenhuma surpresa, claro, eu sou péssima para adivinhações. — Sorriu.

Quem olhava para ela, diria que Angelina sequer se incomodou, mas eu a conhecia bem para saber que sim, isso teria consequências. Erika evitada encará-la, e talvez por isso, antes que o assunto rendesse, se justificou dizendo que Amy a esperava com a bebê. Ela mal se despediu, e saiu, sendo acompanhada pelo olhar de Angelina. Ainda encarava Angelina quando recebi seu olhar de volta, agora bem mais frágil.

— Eu fico realmente feliz que posso confiar em você. — Suspirei, revirando os olhos. — Não, não, Bryan, eu entendo, isso não tem nada demais. Você dizer para outra mulher que já perdeu demais e não quer perdê-la também é algo do qual dizemos para todos os amigos. Eu sou a perturbada aqui que enxerga coisas demais. A irracional. Você tem razão.

— Eu não vou me justificar, porque você já escolheu no que acreditar, e eu não me importo.

Ela engoliu em seco, e sem dizer mais nada, deixou a sala. Mais tarde, minha mãe me ligou dizendo que Angelina havia almoçado com eles e perguntou se ela passou na editora, como disse que faria. Apenas confirmei que sim, sem fazer objeção alguma enquanto ouvia os elogios que minha mãe fazia para a minha grandiosa esposa.

Não houve ligação depois disso, e eu sabia que não haveria. Por mais que não fosse algo planejado ou mesmo com a intenção de machucá-la, não era como se ela não tivesse feito isso comigo várias e várias vezes. Com a sutil, mas significativa diferença, de que ela planejava e fazia sim para me machucar.

Esqueça essa merda, Bryan, ela vai embora e você segue com sua vida.

Já passavam das seis quando cheguei ao rancho. Vi alguns carros na entrava e não deveria, mas foi instantâneo ter o coração disparado. Entrei correndo, e ao procurar pela casa, cheguei ao salão de festas e vi um pequeno estúdio montado. Angelina estava toda produzida, usando nada além de uma meia arrastão, boina, cabelo solto, maquiagem marcante, sentada de lado no chão com uma das pernas dobrada encostada ao seu seio. Flashs e mais flashs. Linda, claro, sensual, perfeita. Com os comandos que recebia do fotógrafo e equipe, não sabia dizer se ela havia notado a minha presença, já que toda a luz se concentrava apenas nela.

— Quem a vê trabalhando agora, não faz ideia de que há minutos essa menina estava vomitando — Holanda disse, próxima a mim, me tirando dos meus próprios devaneios.

— É sempre assim quando ela vai viajar? Digo, toda essa ansiedade? — perguntei e Holanda me encarou.

— Acho que se agravou no último mês, com toda essa tensão.

Sua voz fria e cortante foi o suficiente para me atingir. Claro, eles escutavam cada uma das discussões, então, provavelmente, sua equipe associava o mal-estar da Angelina aos conflitos do nosso casamento, e não ao fato de ela se entupir de medicamentos.

Sem responder, deixei a sala e segui para o nosso quarto, indo direto para o banheiro. Demorou para que ela viesse vestida em um roupão, indo direto para o banheiro. Quando terminou, não havia resquícios de maquiagem e seu cabelo estava lavado. Seu cheiro inebriante estava por todo o quarto, até mesmo ele era viciante.

Quando descemos para o jantar, a casa já havia voltado à normalidade. Ela não tentou puxar assunto, com uma única exceção ao questionar se a minha mãe havia gostado das mudas de suculentas, todas raras, claro. Mamãe não gostou, ela amou, e repetiu várias vezes ao telefone, ressaltando que eu também deveria agradecer a Angelina. O que fiz, claro, me limitando apenas ao *obrigado por isso*.

Na cama, olhares vazios, fumaça de cigarro, vozes na minha cabeça, problemas de confiança e um silêncio sufocante que era interrompido por seu choro, que nos últimos meses se tornaram constantes. Mas antes o choro era meu, porém, o tempo passou e provando que o carma existe, agora eu a ouvia chorar. Eu deveria me sentir melhor, de alguma forma vingado por todo mal que ela me causou, mas dentro de mim era bem oposto a isso, porque, de alguma forma, toda a sua dor latejava em mim também. Aquele fio invisível que todos zombam quando você diz existir agora ligava a nossa dor. Era uma droga, porque nós deveríamos ter deixado

essa estrada há anos, seguir em frente como pessoas normais, mas não. E tempo nenhum parecia ser suficiente para apagá-lo.

Estava com o coração acelerado, boca seca, mas antes de me render e pedir desculpas, dando crédito ao seu orgulho, coloquei meus fones de ouvido e me virei de costas, dando play no celular. Enquanto escutava músicas aleatórias, esperava que uma delas tirasse Angelina da minha cabeça. Eu a senti se mexendo, mas só notei a proximidade quando ela me tocou, tirando um dos fones. Me virei novamente, dessa vez a encarando.

— Bryan, vai poder ir me ver quando...

— Provavelmente não — eu a interrompi.

Ela desviou o olhar, e apesar da escuridão, a pouca claridade que adentrava me permitiu ver seus olhos vermelhos, rosto inchado... dor, era sempre isso, dor... amor... loucura.

— Tudo bem. Eu dou um jeito de vir e ligo antes. — Respirou fundo e eu continuei calado. — Bryan, nós somos uma família agora, e eu preciso de você, eu... — Suspirou, enxugando as lágrimas. — Me perdoe por ter clonado seu chip, eu sei que fui longe demais...

Quase como ironia do destino, enquanto escutava Angelina se desculpar, *Gavin James* cantava *Always* no meu fone, e ele conseguia ser mais sincero que nós dois quanto a tudo que vivíamos.

O que é que deveria fazer sem você?

É tarde demais para juntar os pedaços?

Muito cedo para deixá-la ir?

Você se sente danificada assim como eu me sinto?

Seu rosto, faz meu corpo doer

E ele não vai me deixar em paz

E isso parece afogamento

problemas para dormir

Sonhos inquietantes

Você está na minha cabeça

Sempre, sempre

E eu estou com medo

Sempre, sempre

Eu prefiro me sufocar com minhas más decisões

e então carregá-las para a minha sepultura

Você está na minha cabeça

Sempre, sempre, sempre

Rachaduras não vão se consertar e as cicatrizes não vão desaparecer

Acho que devo me acostumar com isso

O lado esquerdo da minha cama, um espaço vazio

Eu me lembro que éramos estranhos

Então me diga qual é a diferença

Entre antes e agora?

E por que isso parece como estar me afogando?

Problemas para dormir

Sonhos inquietantes

Você está na minha cabeça

Sempre, sempre

Eu estou com medo

Sempre, sempre

Eu preferia sufocar em minhas más decisões

Que carregá-las para a minha sepultura

Você está na minha cabeça

Sempre, sempre, sempre

Eu sei que não há mais nada para se agarrar

Mas eu ainda estou chamando seu nome

Você está na minha cabeça

Sempre, sempre, sempre

Quando ela terminou, a música estava finalizando. Tirei o outro fone e deixei o telefone de lado. Ela se deitou, encostando-se a mim, então olhei para o seu rosto, seus olhos encontrando os meus. Com a respiração oscilando, éramos dois condenados sem chance de redenção.

— Eu vou sentir muito a sua falta, Bryan, não tem ideia do quanto.

— Eu tenho. Tudo isso eu senti quando você escolheu o Adryan. Eu chorava tanto, que chegava a passar mal. Parece mentira, mas eu tinha até febre, então eu entendo sim o que está sentindo, e por isso sou sincero quando digo que também vai passar.

Isso a atingiu em cheio, seu olhar vidrado exalava dor. Não houve mais palavras, deitados na mesma cama, quebrados, sem forças, mas sustendo a mentira de que iria passar apenas pelo prazer de causar dor.

Pela manhã, acordei com ela ao telefone conversando com o empresário. Agitada, como na maioria das manhãs, conferi as horas. Cinco e meia e ela já estava falando de trabalho. Me virei e voltei a dormir.

Quando abri os olhos novamente, eram dez e meia da manhã. E mesmo tendo dormido muito, passei praticamente todo o meu dia na cama, lendo Haunted, um livro de fantasia de uma escritora iniciante no mercado. A leitura era interessante, com um enredo que realmente prendia, e teria mais minha atenção se a minha mente não variasse em lembranças quase perdidas.

Era doentio e eu já havia me convencido disso. Insistir era percorrer por uma estrada sem saída, onde dois loucos se viciaram em machucar um ao outro.

O dia passou, e nas poucas vezes que desci, ela estava submersa em trabalho, fosse nos negócios do rancho ou na carreira de modelo. Não trocamos uma palavra sequer, e não houve esforço para isso. Quando a noite enfim iniciou seu turno, não diria que esperava uma desistência anunciada, mas como me ignorou, achei que faria o mesmo com a festa do Mike. Ela havia saído há uma hora e não esperava que voltasse a tempo, até julguei que ela tivesse saído para não precisar se justificar.

Perto das dez da noite, sem ânimo algum, me propus a cumprir o que havia combinado com Mike. Escolhendo blusa e calça aleatórias, mal me olhei no espelho. Ao descer a escada, já pronto para sair, fiquei chocado ao ver Angelina me aguardando na grande sala principal.

Dizer que ela estava linda não faria jus a sua beleza, ia além. Apesar de todas as vezes que a vi produzida, nenhuma delas, com exceção do casamento, me tirou as palavras como naquele momento.

Não era apenas estar linda, em momentos como esse acreditava que Angelina havia feito algum pacto com o diabo para me envolver daquela forma. Foi necessário me controlar para não me ajoelhar aos seus pés e adorá-la.

Ela estava com um vestido preto e de mangas da *Gucci*, justo até a metade das coxas, deixando à mostra suas poderosas pernas de modelo. A cintura parecia desenhada a mão, os seios, apesar de não ter decote, estavam perfeitamente marcados no vestido que não permitia sutiã. O cabelo preso em um coque baixo e arrumado evidenciava o contorno bem-marcado de seu rosto. Nos intensos olhos verdes, nenhuma maquiagem forte, porém, nos lábios... puta que pariu, um vermelho tão vivo e lindo, que eu, pobre mortal, quis beijá-la.

A roupa não estava exagerada, longe disso, mas tendo uma beleza tão chamativa, era impossível não ser o centro das atenções. Estando tão na cara a minha veneração, ela sorriu e deu uma volta, só então notei as costas completamente nuas.

— Só para ter certeza, estamos indo para o mesmo lugar? — perguntei, envolvido por sua áurea.

— Claro, querido, você de *Armani*, e eu de *Gucci*. Estilosos, porém casuais. — Piscou.

Antes que fizesse menção, disse a ela que não era necessário que o segurança nos acompanhasse, afinal, estaríamos no apartamento do Mike, e entre amigos. Quando entramos no meu carro, me dei conta de que era a primeira vez que andávamos sozinhos nele.

Enquanto seguíamos para a festa, Angelina colocou *Carla Bruni* para tocar, e cantava junto com seu francês fluente. Com a sua mão sobre a minha coxa, ela parecia relaxada, ao menos era o que queria transparecer. E eu esperava mesmo que essa noite fosse apenas isso, um ponto neutro antes de ela partir.



Capítulo 18

Bryan

Ao estacionar, reconheci alguns carros parados na rua. E ainda que continuasse a manter a pose, a respiração oscilante denunciava que sim, assim como eu, Angelina estava nervosa. Não estávamos habituados a sair como um casal, não na frente dos meus amigos, e naquele dia seríamos vistos e analisados por muito mais gente do que gostaríamos. Não era como estar em frente às câmeras, um evento público que iria requerer um mínimo de entrosamento nosso. Ali, a verdade estaria na corda bamba e a plateia era íntima demais para forçarmos um teatro.

Engoli em seco antes de descer do carro e dei a volta para abrir a porta para ela. Estendi a mão para que contasse com meu apoio para sair. Angelina desceu, ficando a poucos centímetros de mim, e juro que se continuasse a olhá-la, beijar sua boca seria inevitável. Seu perfume, o calor do seu corpo, a maneira como meu corpo reagia à sua presença... sim, eu era corrompido por essa intensa sensação que ela me causava. Queimava como febre, danoso como doença, viciante como droga.

Me identifiquei no interfone e não tive resposta do outro lado, apenas som alto, mas, em seguida, o portão se abriu. Seu semblante agora sério me fez pensar que esse, provavelmente, não era o tipo de festa que ela estava habituada. Nada de glamour ou holofotes, apenas amigos, e ela, na verdade, não tinha amigos aqui. Estava apenas para ostentar a sua posição de esposa e queria mostrar ao mundo a sua "felicidade". O quão irônico podia ser isso, dada a nossa situação.

Adentramos o hall e seguimos direto para o elevador, então apertei o nono andar — ele morava na cobertura, claro. Talvez essa fosse a parte da ostentação da noite. E ali, sozinhos, foi difícil não me concentrar nos deliciosos bicos pontudos dos seus seios. Quando levantei o olhar, dei de cara com o seu sobre mim.

— Com frio? — perguntei, maliciosamente, com meu pau já dando sinal de vida.

Angelina suspirou, levando em seguida as mãos aos seios.

— Não, mas ao sair do carro estava ventando, acho que foi isso. — Acariciou os seios, tentando aquecê-los para disfarçar.

Se surpreendeu quando a puxei, fazendo o mesmo com minhas mãos, e o acariciar se tornou apertos que nos fizeram soltar gemidos. Ela se virou, como se ofertasse seus lábios para serem beijados. E eu não recusei o delicioso convite, aproximei meus lábios dos dela e olhei fixamente em seus olhos. Angelina inclinou levemente a cabeça, e roçando nossos lábios, atrevidamente contornei com a língua sua boca. Ela respirou profundamente, antecipando a tempestade de prazer que sentiria.

E o que se iniciou lento, se tornou urgente, com nossas línguas quentes e molhadas, entrelaçadas em um ritmo frenético. Era isso, bruxaria, as sensações que essa mulher provocava em mim, um puta prazer fodido só por poder tocá-la. E quando o beijo já não era mais suficiente para saciar meu desejo, puxei seu corpo contra o meu, apertando sua bunda e cintura, e tudo isso alimentava mais ainda o tesão louco que eu sentia por ela.

Eu estava tão louco de tesão, que coloquei minha mão por baixo do vestido, afastando sua calcinha. Angelina gemeu quando enfiei meus dedos em sua boceta, estimulando-a. Excitados e loucos, perdemos a noção de tempo e lugar, entregues a muitas sensações que nenhum de nós ousava

nominar. A mulher que há poucas horas eu amaldiçoava ter conhecido, agora, me submetia a sua vontade, a seus desejos, e eu estava totalmente rendido. Eu queria que a porra do elevador quebrasse e nos deixasse presos aqui por horas.

O beijo foi interrompido quando o elevador parou. Merda de elevador. Respirei fundo, tentando controlar o tesão, enquanto Angelina fazia o mesmo, ajeitando o vestido, retocando o batom. Chupei meus dedos molhados pela sua boceta e ela sorriu com malícia ao ver o seu desejo refletido em mim.

Assim que as portas se abriram, Angie segurou a minha mão, e sem nos olharmos seguimos para o hall do andar. O desejo e a conexão foram quebrados e isso incomodou. A noite estava começando mal para mim.

No corredor havia muitas pessoas fora do meu círculo de amizade, deixando claro que não seria assim tão familiar. Elas olhavam para Angelina, algumas curiosas e surpresas, outras admiradas, e a pior parte foi ter vários celulares em nossa direção. Angelina abaixou a cabeça em uma inútil tentativa de não atrair a atenção de todos para si.

Seguimos até a porta sob intensos flashes sendo disparados. Eu me sentia um peixe no aquário e nem conseguia imaginar uma vida sob os holofotes. Ao contrário de mim, eu conseguia enxergar uma Angelina mais

forte por lidar com toda essa merda. Olhei em seu rosto e percebi como estava desconfortável, claro, até mesmo eu estava. Por fim, acreditei que nem para ela era tão simples lidar com toda essa atenção.

Passamos pela porta aberta ainda de mãos dadas. Apesar de ter uma sala ampla e ser muito inteligente, Mike estava longe de saber organizar uma festa. As mesas espalhadas davam um ar de desconexão, som alto e bebidas. Olhei por entre o aglomerado de pessoas e vi, em uma mesa à esquerda, Adryan, Amy e Erika sentados, Markus e Olívia também estavam com eles. Não vi Sabrina, mas também não me atrevi a continuar olhando ao redor para não colocar minhocas na cabeça da minha esposa, caso me deparasse com ela. Continuamos andando por mesas, até sermos interrompidos pela voz do Mike.

— Com licença, com licença. — Mike vinha em nossa direção. Ele me abraçou e sussurrou: — Obrigado, realizou meu sonho. — No minuto seguinte, me afastou e abraçou atrevidamente Angelina, que ficou sem reação, claro. Em sua mão, sustentava seu iPhone. — Primeiro a foto com o aniversariante — depois de bater a foto, ele me encarou —, com você não preciso, nós temos várias.

Revirei os olhos enquanto Angelina lhe desejava feliz aniversário. Antes que ele começasse a falar demais, ainda segurando a sua mão com força, fiz sinal para seguirmos.

Os flashs continuaram e eu estava achando aquilo uma merda. Chegamos à mesa e todos, podendo até mesmo incluir Adryan e Amy, olharam diretamente para nós. Cumprimentei meus amigos enquanto Angelina se limitava a fazer isso em um gesto, então me sentei e ela fez o mesmo ao meu lado. Evitei encarar Erika, e a posição ajudava, já que estava de frente para Amy e Adryan. Queria que essa noite fosse tranquila e sem mais problemas com a Angelina, e eu sabia que a Erika era um dos grandes para minha esposa.

— Desde quando Mike tem tantos amigos assim? — disse, ao ser servido de uísque por Adryan. Mas quando ele fez menção em servir Angelina, ela dispensou.

— Não tem. Mas ele usou o nome da sua mulher, dizendo a todos que a modelo Angelina Paytron estaria em sua festa.

— Puta que pariu! — Saiu mais rápido que qualquer outro pensamento.

— E por esse assédio, duvidei até o último momento que vocês viriam — ele disse, com sorriso no rosto.

Amy já havia voltado a conversar com a Olívia e a Erika. Markus continuava a olhar para Angelina, quase como se estivesse hipnotizado, o

que me incomodava, mas ela parecia alheia a toda a atenção masculina, e até mesmo parecia fora de lugar.

Passei meu braço por seus ombros no momento que senti sua mão na minha perna, quase como se buscasse alguma segurança. Adryan parecia entediado, tomando o uísque, também alheio a todo o burburinho da festa. Quando olhei para Angelina, notei seu olhar fixo em Erika, Amy e Olívia, que falavam sobre maternidade. Continuei como Markus e Adryan, entre goles de uísque e sem muitas palavras. Quando Priscila voltou para a mesa acompanhada por Sabrina, o clima já pesado se tornou tenso. Ambas sorriam animadamente entre cochichos até notarem a nossa presença. Priscila nos cumprimentou, e Sabrina o fez mais discretamente, sentando-se ao lado de Erika, evitando olhar na nossa direção.

— Viaja essa semana? — Adryan perguntou a Angelina, que confirmou. — Nova Iorque, Paris, Milão, Londres, Tokio e assim por diante?

— A mesma loucura, você sabe.

Ele confirmou, mas em nenhum momento os dois fizeram contato visual. Apenas Amy, que no momento que os viu conversar, voltou seu olhar interrogatório para mim. Todos nós éramos íntimos, mas na presença da Angelina parecíamos perdidos. Como se uma grande tempestade

estivesse se formando, e eu ali, preso e sem saber que merda fazer para consertar tudo.

Adryan chegou a cochichar algo no ouvido de Amy, que respondeu que ainda era cedo, acabei rindo ao deduzir que era um pedido para irem embora.

— Angelina — uma garota se aproximou, um pouco eufórica —, desculpa, eu sei que não é o momento, mas sou muito sua fã, muito mesmo. Seria pedir demais que você tirasse uma foto comigo e com as minhas amigas?

Pelo seu olhar a resposta era não, e por segundos eu realmente achei que negaria, mas o que saiu da sua boca no minuto seguinte foi um *sim, claro*.

Bastou apenas se levantar para surgir uma aglomeração ao seu redor. Mike começou a fazer gracinhas dizendo que iria cobrar por cada foto, e óbvio, ele tinha que estar em todas. Se já não era, bastou apenas isso para Angelina se tornar o centro das atenções, inclusive das pessoas que estavam à nossa mesa. Naquele momento, olhei para Sabrina, que junto a Erika me encarava. Eu estava odiando a porra toda, corrompido pelo ciúme que eu não conseguia disfarçar. Todos chamando seu nome, querendo um pedaço dela como se ela fosse de todos. Engoli em seco, já estava na cara meu

desconforto, afinal, Angelina era uma pessoa pública e parecia saber lidar com toda a porra desse assédio.

— Não fique chateado — Mike sussurrou no meu ouvido ao aparecer por trás. — Só estou melhorando minhas chances, afinal, se você teve uma chance, quem sabe um dia, quando ela se cansar de você, eu tenha também — falou com sua voz de bêbado e eu odiei cada palavra. Markus e Adryan acabaram rindo. Para todos, eu era bem isso, uma parada até ela se cansar e arrumar outro brinquedo.

— Tente a sorte, imbecil! — disse, me levantando.

Adryan e Markus me encararam, surpresos. Não dei tempo para nenhum dos dois falar nada. A porra de um ciúme louco fervia dentro de mim. Eu queria arrancá-la do meu coração, mas ao mesmo tempo queria gritar e mostrar ao mundo que Angelina era minha. Os sentimentos conflitantes me consumiam há muitos anos, e eu estava pirando com tudo isso.

Decepcionado comigo mesmo, eu esperava que a essa altura do campeonato, eu fosse bom em mascarar essa merda toda. Era deprimente olhar para os meus amigos e me sentir tão deslocado. Será que todo mundo tomou a porra do elixir da felicidade e só eu fiquei de fora? Ou será que era o efeito da bebida que dessa vez não foi capaz de silenciar meus demônios?

Fugindo dessa bagunça, fui direto ao bar e peguei uma garrafa de uísque. Antes de ir para a sacada, olhei uma última vez para Angelina, a estrela da noite. Quem eu era perto dela? Porra nenhuma. Ela brilhava até sem querer brilhar, mas apesar dos sorrisos, parecia mais perdida do que eu ao ser obrigada a manter a pose em cada uma das fotos. Quando acabou, Angelina olhou em direção à mesa e, não me vendo, seguiu para direção oposta, então imaginei que estivesse indo ao banheiro. Abri a garrafa e sozinho, de costas para toda aquela gente, passei a beber direto dela, preso nas velhas lembranças. Por ironia do destino, bem em frente à sacada tinha um outdoor com Angelina.

Não sei quanto tempo se passou, mas foi o suficiente para eu tomar quase uma garrafa, enquanto sentia o vento cortante e observava os carros com suas luzes acesas vagarem por ruas pouco iluminadas. Uma chuva fina começou a molhar as ruas, que iam aos poucos sendo preenchidas pelas gotas.

— Ainda bem que não é tão ruim assim, não é, Bryan? — A voz de Erika ecoou ao meu lado. Ela então encostou os braços no parapeito, me dando um vislumbre de sua imagem. Na mão direita, segurava o copo de bebida.

— Erika, por favor, eu...

— Só quer paz, eu sei. Mas já percebeu como olha pra ela? — perguntou, com a voz tensa.

— O quê?

— Eu não entendia antes, juro, mas depois de ver vocês juntos hoje, eu entendi, Bryan.

— Não viaja, vai.

— Não. É sério. Você finge que não se importa, finge que não dói, mas dói, doí tanto que fica difícil respirar, não é? A veneração está tão na cara, que até um cego é capaz de enxergar.

— Você está bêbada, não sabe o que está falando. — Tomei um gole, que desceu amargo demais.

— Talvez. Mas não bebi tanto quanto você a ponto de não conseguir admitir a verdade.

Me virei para a encarar.

— Por que está chorando? — perguntei, preocupado.

— Porque meu melhor amigo está afundando e eu não sei como fazê-lo enxergar isso. Bryan, Angelina é um monstro, e você não faz ideia de como ela vai acabar com você e com tudo o que é importante para você.

— Está exagerando...

— Bryan, essa mulher vai te destruir, e todos que tentarem te alertar sobre isso.

— Caramba, Erika, que loucura é essa?

— Loucura? Depois que a porra daquela mulher perguntou onde eu trabalhava e eu disse, sem motivo algum, fui demitida.

Arregalei os olhos ao escutá-la.

— O quê?! — Estava estático.

— Ela acabou de encontrar comigo e com Sabrina no banheiro, e depois de nos humilhar, ainda se vangloriou da sua influência, alertando que acabaria conosco caso continuássemos a nos encontrar com você. Como eu disse, essa víbora não vai sossegar enquanto não te afastar de todos que possam te alertar para a pessoa mesquinha que ela é. Tenha muito cuidado, Bryan.

— Você não pode estar falando sério.

— Bryan, Angelina é um demônio e vai te destruir. Você não pode ser tão cego a ponto de não perceber que ela está fazendo você afundar. — Erika enxugou as lágrimas.

— Mas o que Angelina disse que te fez ter certeza de que foi ela a responsável por você perder o emprego?

— Primeiro, ameaçou a Sabrina dizendo que se não se afastar de você, vai destruir a carreira que ela sequer tem.

— Como? — Merda! Isso era ir longe demais, não podia ser verdade.

Erika continuou falando sobre a humilhação que Angelina a submeteu. Mesmo Erika insistindo que éramos apenas amigos, Angelina continuou dizendo que apesar de ser sem graça e que eu nunca a enxergaria como mulher, era seu último aviso. E replicou que apesar de não a ver como real ameaça, minha amiga era enxerida demais e que precisava de algo para se preocupar, afinal, tinha muito tempo para se envolver em nossa vida. Foi então que Erika perguntou se ela tinha usado de sua influência para fazê-la perder o emprego e Angelina confirmou que sim. Meu Deus, eu não queria acreditar que ela fosse capaz disso. Tudo bem que já havia feito muitas merdas comigo, e até mesmo com Amy, mas eram pessoas que estavam diretamente envolvidas com ela, no entanto, Erika não tinha porra nenhuma com isso.

— Bryan, eu não estou te dizendo isso pelo emprego, estou te fazendo um último alerta. Essa mulher vai te arruinar. Empregos acho aos montes, mas acredito que a sua vida, reputação e felicidade são únicas e estão em jogo. Caso não se submeta aos caprichos dessa mulher, ela vai acabar com você e não restará nenhuma coisa boa depois disso tudo.

Ouvir tudo isso me remeteu a sensação de ter uma faca fincada no meu pescoço.

— Bryan, ela não ama você. Amy me contou que Angelina procurou o Adryan, que eles tiveram uma conversa a portas fechadas no escritório da casa dela. Adryan não detalhou o teor, mas Amy disse que quando saiu, ele estava abalado, não apenas ele, mas ela saiu de lá chorando.

Doeu ouvir isso.

— Que dia foi isso? — perguntei, implorando para ser antes da casa de campo, antes de conversarmos.

— Quarta — Erika revelou.

Foi necessário esforço para não chorar. Por isso aquele teatro todo em relação a Sabrina, ela queria me infernizar apenas para descontar sua raiva, mas como sempre, seu motivo continuava sendo o Adryan.

— Por que Amy não me contou isso na sexta? — perguntei, forçando a voz a sair.

— Porque desde que se casou com essa mulher, ou melhor, foi obrigado a se casar, você parece sempre péssimo, Bryan. Amy sendo quem é, quis te poupar, afinal, Adryan ainda não falou sobre o que conversaram e ela não quer tomar decisões precipitadas. Mas você sabe, eles se amam e

Adryan não renunciaria à família por nada, além disso, ele respeita você e Amy.

Merda! Prendi os lábios para não chorar, era difícil pra caralho.

— Pode me dar dois minutos, por favor? — pedi em voz baixa, quando ela tentou se aproximar.

— Bryan, você está apaixonado por uma víbora, e não quero que sofra por alguém como ela. Angelina não merece seu amor, nunca mereceu.

— Erika, por favor! Eu sei, e sei também que tem a melhor das intenções ao ficar ao meu lado, mas quero ficar só. Só me dê dois minutos. Eu já estou indo.

Ela saiu e eu não consegui mais segurar as lágrimas. Como alguém podia ser tão mesquinho como Angelina? O tempo todo mentindo, tramando, fingindo sentimentos. Será que ela ainda me enxergava como um boneco manipulável e submisso aos seus caprichos? Que pergunta idiota, afinal, eu acabei de cair novamente no seu jogo tão ultrapassado, como o grande imbecil que eu era. Angelina deveria pensar o mesmo de mim, pronto para ser usado e descartado ao seu bel-prazer.

Engolindo todo ódio e raiva, terminei a garrafa e segui pronto para dar um fim ao nosso show. Essa farsa chegou ao fim, eu ainda pretendia sair

disso com ao menos a minha dignidade, já que tinha acabado de falir e foder com o negócio da minha família.

Aproveitando a deixa de Adryan e Amy, fiz o mesmo ao me despedir de Mike. Apesar de não lhe dirigir uma palavra sequer, Angelina me acompanhou e nós quatro entramos no elevador. Olhando para Adryan, eu entendi o porquê de ele evitar me encarar, entendi o olhar cabisbaixo de Amy, constrangida com a situação, mas, por Deus, era a última vez que Angelina me fazia de idiota. Não me atrevi a olhar em sua direção, foda-se como ela se sentia agora. Dessa vez Angelina iria se arrepender. Ela entenderia de uma vez por todas que eu não era o imbecil que ainda podia usar.

Em poucas palavras nos despedimos, e assim que Angelina entrou no carro, eu corri feito louco por ruas. A farsa iria acabar hoje, ela não brincaria mais comigo. Eu poderia estar queimando, fazendo o papel de bobo, mas seria a última vez. E se era com fogo que esse demônio queria brincar, era exatamente com fogo que ele queimaria.

Chegando ao rancho, com uma freada brusca, estacionei em frente à porta. A passos rápidos entrei e subi a escada e fui direto para o quarto, sentindo os pulmões arderem. Já estava dentro do closet quando ouvi os passos de Angelina se aproximando.

— Bryan, o que foi? Está acontecendo alguma coisa?

— Chega! Deu seu show, mas acabou! — eu disse, pegando a minha mala.

— Não estou entendendo, o que está acontecendo? Está chateado pelas fotos? — Olhei diretamente em seus olhos, e se eu fosse um pouco mais idiota, seria fácil de ela me convencer com sua expressão de que não sabia o que estava acontecendo. Seria, se eu não soubesse a verdade. — Entendo que aquele assédio pode ter te deixado desconfortável, mas você sumiu e eu fiquei te procurando.

— Cala a porra da boca! Acha que sou tão imbecil a ponto de ter a verdade à minha frente e não enxergar? — perguntei, magoado.

Eu não queria deixar transparecer a minha mágoa, mas era demais para a minha cabeça.

— Bryan, eu não estou entendendo aonde quer chegar, eu... Se ainda está chateado pelo celular eu compreendo, mas dói demais a simples possibilidade de perder você. Às vezes, eu sei que ajo feito uma louca, mas eu...

— Angelina, pare! Chega! Você não me engana mais. Não existe mais um trouxa aqui para você forçar algumas lágrimas e ele acreditar.

Ela enxugou as lágrimas que já desciam por seu rosto. Odiei ver a sua encenação. Abri a mala e comecei a colocar as minhas roupas, então Angelina se aproximou e, sendo uma falsa do caralho, fingiu ficar desesperada com o meu ato.

— Bryan, me diz o que eu fiz de errado, eu realmente não estou entendendo — implorou.

E, porra, até mesmo nisso essa cobra era convincente.

— Pare, caralho! — Me afastei quando ela tocou no meu braço.

— Por favor, só me diz o que está acontecendo. Eu não quero viajar e deixar as coisas assim entre nós. Estou confusa sobre o que me desculpar.

— Vai se foder, Angelina. Cansei de ser seu brinquedo, de ser usado, de me ferir como se eu não fosse nada. Deus, eu não entendo como você pode ser tão perversa.

— Bryan, se está falando isso por causa da conversa que tive com Sabrina, eu não...

— Então admite que fez merda, não fez? Ameaçou a Sabrina e fez a Erika perder o emprego.

Ela arregalou os olhos.

— Não, eu não fiz isso. Eu só disse a Sabrina que somos casados, e estamos tentando de verdade...

— Ah, meu Deus, acha que vou acreditar em você? — Continuou chorando. — Você procurou Adryan, queria a qualquer custo acabar com o casamento dele.

— Não! — A negativa foi rápida e com convicção. — Não, Bryan, não foi por isso que eu o procurei — disse, tirando minhas roupas da mala.

— Então me diz, seja sincera pelo menos uma vez na vida. Por que procurou o Adryan?

Angelina continuou chorando e não disse nada. Ela era tão boa em fingir estar desesperada, que era capaz de convencer a Deus e até mesmo o diabo.

— Acabou! Não caio mais no seu jogo. Quer me processar, processe, porra! Deixe meus pais saberem que tipo de demônio você é. Como eu disse, com esse casamento doentio, me deu a chance de sair como a vítima para quem eu realmente me importo e amo. E foda-se o resto.

— Bryan, por favor, eu fui falar com Adryan sobre...

Ela continuou chorando, implorando, mas não concluiu a frase.

— Foda-se. Eu não acredito em nada que saia da sua boca. Quer saber? Você fez toda aquela merda no lançamento do livro para acabar com o casamento do Adryan e Amy, mas não adiantou, então usou esse casamento para tentar provocá-lo, só que não deu em nada. Isso deve doer

pra caralho, não deve? Uma garota não tão bonita, não tão astuta, uma garota bem aquém de tudo que você é, tirar seu noivo de você deve ter doído muito. — Acabei rindo. — E quer saber mais, Angelina? Você só serve pra isso, a porra de uma foda. São com mulheres como Amy, e incluo a Erika também, que homens como eu e Adryan queremos nos casar. De fato, elas não são bonitas como você, mas têm caráter, coisa que você nunca terá.

Havia tanto ódio em mim, que eu queria fazê-la sangrar tanto quanto eu sangrava naquele momento.

— Bryan, por favor, não fale isso. Eu sei que está bêbado e talvez tenha ficado incomodado com...

— Acabou. Acabou!

Ela tentou segurar meu braço.

— Eu te amo e preciso muito de você — chorando, ela implorava.

Apesar de tudo, ainda havia um Bryan idiota o suficiente para se comover com essa merda. Respirei fundo para tentar raciocinar, agora eu também estava chorando.

— Angelina, sua vida é uma merda que eu não desejaria nem para o meu inimigo, e por mais que você seja uma pessoa péssima, por tudo que um dia vivemos, eu queria poder te salvar, te ajudar. Mas não tem como,

porque estando perto de você, eu também preciso ser salvo. Então acabou, não fode mais comigo, porque a partir de agora, eu estou fora da sua vida.

— Bryan, por favor — suplicou.

— Eu cansei! Cansei dos seus joguinhos, da loucura, de toda essa merda. Acabou! Estou indo embora e se você fizer merda, amanhã exponho os seus vícios, faço da sua vida um verdadeiro livro aberto, daí vamos ver quem vai sair perdendo.

Ela levou a mão à cabeça, destruída. Puxei a mala e terminei de jogar minhas coisas dentro.

— Bryan, por favor, eu preciso de você, e não só eu...

Comecei a gargalhar.

— Você deve achar que eu sou muito idiota, não é possível — disse, despejando sobre ela o meu rancor.

Com ela ainda chorando, fechei a mala, mas antes de sair, senti quando segurou meu braço.

— Bryan, por favor, não faça isso eu... estou grávida.

Ah, meu Deus! Olhei em seu rosto, não acreditava que Angelina estava descendo a esse nível, mentindo descaradamente, usando uma gravidez falsa para me manter ali, porque não conseguia explicar o motivo

de ter ido atrás do Adryan. Eu me virei, ciente de que era só a porra de uma mentira.

— Lembra-se de todas as vezes que me disse que eu não era bom o suficiente para você? — perguntei, olhando em seus olhos cheios de lágrimas. — Tinha razão, eu não sou. Mas diferente daquele tempo, hoje eu sou muito grato por isso. Lembra-se quando disse que eu era um alcoólatra? Então, tem razão nisso também, Angelina, eu sou mesmo. Mas pior é você, que não passa de uma louca viciada em remédios. Dois loucos bem fodidos que nunca serão o certo juntos. Então, querida, faça um favor a essa criança, não permita que ela venha para esse inferno, poupe-a de ter que conviver conosco.

— Bryan, por favor, não fale isso. Não você. — Ela colocou as mãos nos ouvidos. — Não você. — Seu choro se tornou desesperador. — Não fale, por favor.

— Se lá atrás foi tão fácil pra você se livrar de um bebê, hoje, sendo a Angelina Paytron, a modelo mais bem paga do mundo, se livrar de outro que só existe na porra da sua cabeça fodida vai ser fichinha! Porque você é assim, um demônio que não vale porra nenhuma — sussurrei, bem perto do seu ouvido.

— Ah meu Deus... — Ela chorava desesperadamente, lamentando quase sem voz.

— Nunca mais me procure, ou você vai se arrepender — ameacei.

Me afastei, pegando minha mala e deixando Angelina chorando no chão do closet. Desci a escada como se a minha vida dependesse disso.

Acabou. Dessa vez ela perdeu, a farsa foi descoberta. Todas aquelas lágrimas eram apenas por isso. Falsa do caralho. Ainda teve a coragem de inventar uma gravidez achando que eu iria acreditar nisso, como se um bebê fosse sobreviver a todo aquele coquetel de remédios e cigarros. Angelina é uma louca com a cabeça bem fodida, mas eu não ia mais permitir que esse sentimento de merda que me manteve preso a ela me fizesse sentir culpado. Nunca mais. Mesmo com o coração em pedaços, me sentindo péssimo, dei partida em meu carro, decretando a mim mesmo que estava acabado.

Dois malditos meses em um inferno, mas eu finalmente iria me livrar dele e ter minha vida de volta. E ela não incluía uma porta aberta para Angelina. Nunca mais.



Capítulo 19

Bryan

Entrar em casa depois de dois meses longe deveria ser mais animador. Eu estava puto de ódio, raiva e sei lá que merda mais. O cheiro que antes era tão familiar havia se tornado estranho, como se depois de ter o cheiro da sua pele em mim, fizesse meu olfato renegar qualquer outro que não fosse o dela.

Foda-se, Angelina! Nunca mais vai me fazer entrar no inferno de novo.

Joguei a mala em um canto qualquer e caminhei pela sala, sentando-me no sofá. Minutos depois fui à cozinha, depois ao bar, perambulando

como um cachorro reconhecendo o território. Peguei uma garrafa de uísque, e quando finalmente fui ao quarto e me joguei na cama, estranhamente ela me pareceu grande e vazia demais.

Sem querer pensar e desesperado para manter Angelina longe de mim, comecei a beber, deixando o álcool fazer o trabalho de me apagar naquela noite. Esse não deveria ser o momento que eu soltaria fogos por finalmente estar livre, não só dela, mas de toda a merda de vida que nos envolveu? Não era o momento de enterrar de vez nossa história, nossas promessas? De esquecer o gosto da sua boca, da maneira como meu corpo amava sentir seu toque? Não era a porra do momento, a grande virada?

Se era o momento, por que o nó na garganta persistia como se ainda tivesse uma faca? Não era para eu me sentir em casa agora? Finalmente em casa? Merda! Eu não queria chorar, mas estava chorando mesmo assim. Chorava tanto, com um sentimento tão angustiante, que preenchia tudo dentro do meu peito. Incomodava como se estivesse rasgando a carne.

Por que eu sempre acreditava? Por que eu sempre caía tão fácil no seu jogo perverso? As pessoas sempre dizem que cada um tem o que merece. O que eu fiz para merecer essa merda? Andava em círculos, farejando suas pegadas como se de alguma forma elas pudessem nos levar ao primeiro encontro, à primeira promessa, ao primeiro beijo.

Uma montanha-russa de sentimentos se chocava violentamente dentro de mim, enquanto meu corpo estático permanecia na cama, com lágrimas nos olhos, nó na garganta e eu, tão patético como sempre estive quando se tratava dela, perdido em meio ao grande vazio que Angelina sempre deixava. Agora eu tinha milhões de perguntas, que se juntaram a outros milhões, e todas zombam de mim por nunca ter as respostas.

Pela manhã, acordar com dor de cabeça e com mais garrafas que me lembrava era de se esperar. Não tive nenhum sonho, nada, apenas o vazio junto ao gosto amargo do uísque na boca. A possibilidade de me levantar passou pela cabeça, mas o desânimo falou mais alto. Só fiz isso depois que passou do meio-dia. Coloquei o telefone para recarregar e preparei um café forte, sentindo o gosto preencher a minha boca.

Fui para a sala e me deitei no sofá por um tempo, depois segui para o quintal e fiquei encarando o chalé, o jardim à frente, e tudo parecia tão imenso e solitário. Me lembrei então de quando trouxe minha mãe aqui, dizendo que esse seria meu novo canto. Eu demorei tanto para sair da casa deles, e ainda assim ficaram magoados — a mamãe, na verdade, dizendo que depois da faculdade queria que eu fizesse isso quando fosse me casar.

Voltei para dentro e liguei a tv, e pareceu confortável ter algum diálogo pela casa, então aumentei o volume e segui novamente para o quarto e encontrei tudo organizado como a diarista sempre deixava. Livros

em seus devidos lugares, guarda-roupa organizado, bebidas, cada canto da casa estava em ordem. E foi então que eu me dei conta que apenas eu e minha desorganização interna já davam toda a sensação de desordem. Procurando pretextos para não pensar, peguei a mala e a abri, tirando tudo dali de dentro.

Achava que todo mundo já tinha sido feito de trouxa uma vez, tudo bem que eu talvez tenha sido feito três ou quatro, mas alguns precisavam de mais que uma experiência para aprender. Agora eu tinha certeza de que eu me incluía nesse grupo. Depois de tudo no lugar, guardei a mala e me joguei na cama, indeciso sobre ligar ou não o telefone. Decidi por fazê-lo.

Várias mensagens de amigos, mas nenhuma dela.

Eu não me amo em primeiro lugar, não realmente.

— Não, não, não, Bryan, não faça isso, cara — implorei ao notar meu cérebro reproduzindo a voz dela na minha cabeça.

Era tudo falso, teatro para me fazer acreditar que ainda existia um pouco da Angelina por quem me apaixonei, mas talvez até mesmo ela tivesse sido uma ilusão. Peguei o telefone e liguei para o primeiro número, foi sorte ser Amy.

— Oi, Bryan, que milagre é esse em pleno domingo?

— Putz, liguei errado — brinquei e ela riu, em seguida, colocou em chamada de vídeo. Amy e Adryan estavam deitados em uma rede. — Isso é uma rede de índio? — debochei.

— Ou, como as pessoas intelectuais chamam, um lugar perfeito para descansar a mente — Adryan retrucou, com deboche.

— Angelina já viajou? — Ela perguntou, e eu confirmei.

— Li-ber-da-de — Adryan disse, fingindo uma tosse.

Eles riram.

— Eu mereço — brinquei. — E então, foram embora cedo da festa, aconteceu alguma coisa? — disse, apenas querendo dar crédito a minha razão.

— Ah, nem me fala, Mike deveria perder o emprego por ter nos forçado àquilo — Adryan disse, sendo logo repreendido por Amy.

— Adryan, deixe de ser rabugento. Se depender dele, Bryan, só ficamos em casa. Ele sai para trabalhar, volta e se tranca em casa de novo.

— Porque eu me casei, e quem casa quer casa. — Acabei rindo dele, que levou um cutucão. — Ai, amor, esse doeu.

— Eu tenho certeza de que você vai falar isso ao Mike, sem se importar com os sentimentos dele.

— Ele não se importou com os meus sentimentos ao me obrigar a ir àquela algazarra. — Amy revirou os olhos. — Olha, o problema não sou eu, tenho certeza de que Bryan e Angie concordam comigo, certo? — perguntou.

Amy voltou sua atenção para mim.

— Ela ia viajar, então você sabe como é — eu disse, um tanto confuso sobre como eles pareciam relaxados tocando em seu nome.

— Sabe bem até demais — Amy revidou com um tom de voz provocativo a Adryan, até se dar conta de que eu estava do outro lado, então soltou um: — Oh, eu também sei. Viagens são cansativas. — Tentou disfarçar. — Já que está sozinho, por que não vem almoçar com a gente? — disse, mudando o rumo da conversa.

— Por que nós já almoçamos? — Adryan interrompeu, levando outro cutucão de Amy. — Amor, eu não preciso mentir para o Bryan. O cara é meu melhor amigo, me conhece desde que eu era um esperma. Ele sabe que eu não gosto de me deitar na rede, não sou índio, mas você queria e eu só vim porque quero sexo.

— Adryan! — ela o repreendeu, me fazendo rir. — É mentira desse ridículo, Bryan. Não ligue pra ele.

— Ele sabe que não é. E você disse, Amy, que se eu fizesse a Bia dormir poderíamos brincar na rede. — Ele, como sempre, direto.

Esses dois eram uma piada juntos. Quem diria que eles seriam tão felizes. Ela tentou se justificar, mas Adryan pegou o telefone e apenas mandou um beijo sob os protestos de Amy, se despediu e desligou.

Era isso. Era diferente quando se encontrava a pessoa certa, tudo se tornava melhor, até a porra de um domingo sem graça.

E o meu foi bem isso, as horas passando lentamente enquanto eu me esquivava de cada lembrança que me levaria de volta a nós.

Na segunda, apesar de tudo que tinha passado, eu sabia que precisava sobreviver um dia de cada vez até que tudo que aconteceu virasse apenas lembrança de um tempo louco que desperdicei com quem não merecia. Estava disposto a isso, não me permitiria mais me machucar. Não por ela e não dessa forma.

Troquei de número e mudei as senhas das minhas redes sociais, Mike me ajudou nisso com uma senha realmente forte. Na segunda mesmo ele me ligou pedindo desculpas caso tivesse extrapolado, mas eu reforcei que estava tudo bem. Após o expediente, passar no Star para me encontrar com amigos foi como marcar um *checkpoint* nessa nova etapa. E apesar de forçar um sorriso e transmitir a mensagem de que melhor era impossível, na

cama a farsa caía por terra. Eu sentia sua falta a ponto de a solidão machucar.

E era tão dolorido como um luto. Eu já havia lido sobre isso, queria e precisava reviver as fases para enfim afastar Angelina da minha vida. Conversei com Erika sobre a questão do emprego, me sentia diretamente culpado, e prometi ajudá-la com isso. Pedi um milhão de desculpas por envolvê-la e vê-la pagar um preço alto, mas minha amiga insistiu que estava tudo bem, que, apesar de tudo, o emprego não era nada perto da minha liberdade, e era com isso que Erika se preocupava.

Eu poderia, mas não falei sobre a briga e todas as consequências do último confronto, somente me desculpei e confirmei quando ela perguntou se Angelina havia viajado. Mesmo insistindo que estava tudo bem, Erika sabia que eu a pediria desculpas todos os dias até vê-la em um novo emprego. Lógico que me ofereci para arcar com as suas despesas até que ela estivesse empregada novamente, o que minha amiga negou, mas eu o faria mesmo assim.

Comecei a ler livros de autoajuda e troquei o uísque por chá, porque não queria mais maquiar a dor. Eu queria sentir até que não doesse mais. Segui fielmente minhas regras de nunca ligar, procurar saber ou sequer ler algo a respeito. Aos poucos, eu conseguiria recuperar a sanidade e dessa vez seria diferente. Angelina me deu todos os motivos, menos as razões, e

justamente por isso eu estava pronto para virar a página. Era o que eu repetia até o chá acabar e o uísque passar a fazer companhia.

Porra!

Sentia sua falta a cada maldito dia, e na quinta até mudei nossas noites de encontros, que segundo Amy, seria no sábado. Fiz todos eles me encontrarem no Star. Foda-se se eu estava sofrendo, ela não merecia, nunca mereceu e eu não iria me isolar nessa melancolia. Mas sozinho, na cama, era difícil não lamentar, difícil não pensar no sorriso daquele demônio. Difícil fechar os olhos e não a imaginar nua, sentada sobre mim. Sentir sua falta era doentio, e eu estava completamente consciente disso, mas não sabia como me livrar.

No banho, bastava uma fagulha de pensamento sobre ela para ter meu pau duro, louco de tesão. E como essa praga previu que aconteceria, ainda que duvidando, lá estava eu, numa cena patética batendo uma punheta pensando naquele demônio de mulher. Depois disso? Depois disso eu chorava, lamentando por ter tantas partes inacabadas dela em mim.

Era uma merda, e eu não sabia como continuar fingindo estar bem. Como podia o coração amar e odiar alguém na mesma proporção? E onde ela estava agora? Provavelmente rindo por ter conseguido bagunçar a minha vida.

O seguir em frente parecia tão danoso e difícil quanto se manter sempre na mesma posição. Os dias seguiam e me levavam juntos, e eu sabia que minhas péssimas decisões me levaram ao local onde estava agora. Eu poderia ter sido firme com Amy em não assinar o contrato, mas foi tão mais fácil querer acreditar que algo de bom poderia vir dela. Ou que finalmente poderia ter respostas. Joguei novamente com o diabo e perdi.

No sábado, aceitei o convite do Adryan e Mike, que estavam no Star, enquanto Amy e as meninas foram ao chá de bebê da Helen, que eu nem sabia que estava grávida. Depois elas se encontrariam conosco.

Pedi uísque, Adryan e Mike já estavam bebendo, então me aproximei, mas antes de me sentar ao lado de Mike, abracei-o por trás e beijei seu rosto.

— Oi, gostosão — brinquei, me sentando ao seu lado.

Ele me ignorou e continuou a insistir com Adryan, que estava entediado.

— Mas ela disse isso mesmo, Adryan? — Mike perguntou, parecendo chateado.

Adryan apenas confirmou. Mike suspirou e, ao me encarar, vi que seus olhos estavam lagrimejando.

— O que foi, gatinho? — provoquei.

— Priscila o bloqueou em todas as redes sociais — Adryan esclareceu.

Acabei soltando uma gargalhada.

— Eu não entendo, cara, eu faço tudo por aquela mulher e ela me trata assim. — Adryan sorriu também. — Não, vocês ficam debochando, mas Adryan sabe disso.

— Só por curiosidade... e como fazem no serviço? Como ela te bloqueou lá? — perguntei, rindo.

— Ela só o cumprimenta ou responde depois que entra na empresa.

Ri demais ao escutar isso.

— É tão humilhante. Eu tô mal mesmo, cara. Priscila foi a primeira pessoa que eu convidei para a festa, e nós temos uma história juntos.

— Aí é pesado. — Debochei.

Adryan prendeu os lábios para não rir.

— Na segunda, após a festa, fui buscá-la, você sabe, nós sempre vamos juntos, e mesmo eu estando na porta dela, ela pediu um táxi.

— E o que você fez? — perguntei, curioso.

— Seguiu o táxi — Adryan respondeu, então não aguentei e caí na gargalhada.

— Vocês são meus amigos mesmo, hein — ele disse, contrariado.

— Desculpa, mas qual foi o motivo dessa vez? — perguntei.

— Não teve. Acho que ela ficou um pouco chateada pela festa, mas foi legal, todos nós nos divertimos. Não nos divertimos?

— Claro! — Adryan foi o primeiro a mentir.

— E outra, que motivo eu dei para ela me bloquear?

— Tirar foto e cantar todas as mulheres da festa? — Adryan revidou, sugestivo.

— Bryan, isso é motivo? Festa é sinônimo de diversão cara, curtir...

— Eu acho que isso não é motivo, não, ainda mais um rapaz gostosão igual a você, fica difícil se controlar. Eu entendo. — falei, sério.

— Você fala essas merdas pra ele, Bryan, daí Mike acredita e só se ferra com Priscila — Adryan retrucou, enchendo o copo novamente.

— Só trabalho com verdades — brinquei, virando meu copo. — Mas Adryan pode te ajudar.

— Como? — Mike perguntou, interessado.

— É, como? — Adryan insistiu.

— Pode dizer que colocaram droga na sua bebida.

Nós dois rimos e Mike me encarou, sério.

— Sério, Bryan, drogas?!

— Ou, então, que você é idiota, mas...

— Essa do idiota eu já usei.

— Adryan, não estamos na empresa, então vai à merda! — Mike se irritou, nos fazendo rir.

— Tem oito anos que eu conheço você e Priscila. Que você é idiota ela já sabe Mike, todos sabem, até o Bryan, que chega a ser mais.

— Falou o gênio! — rebati.

Mike continuou lamentando por seu bizarro relacionamento com Priscila, mas quando se tratava de relacionamentos, eu não tinha sequer direito de opinar. Uma semana e eu continuava tão preso a Angelina como sempre fui. Tentava ignorar sua falta, inventava mil motivos para me esquivar de pensar, mas no fim da noite era sempre a mesma merda.

Estar com Mike e Adryan foi agradável, mas quando Angelina virou pauta, talvez encorajado pelo álcool, disse a eles que era um casamento de contrato, que nada era real, uma ação de marketing. Não consegui ler as expressões de Adryan, mas a Mike foi fácil convencer. E quando a noite terminou, como bons amigos, deixamos Mike em casa e depois seguimos cada um para sua.

No domingo, fui com Erika visitar meus pais. Até Adryan estava usando de sua influência para conseguir um emprego para ela no escritório Brassanini. Não tive coragem de falar aos meus pais, mas para Erika falei tudo, e me senti sortudo por Angelina não ter conseguido estragar a nossa amizade. Ela me aconselhou a esperar que a minha ainda esposa desse o próximo passo, assim me resguardaria de sofrer outra ação.

Uma semana se tornaram duas, três, e como eu não procurava mais saber e me esquivava de qualquer comentário sobre ela, as poucas câmeras que ainda eram apontadas em minha direção, ou as matérias que saía sobre o seu trabalho passaram a ser irrelevantes, uma vez que eu sempre estava com amigos em bares, boates, cinemas e restaurantes.

Na sexta, faltando poucos dias para completar um mês sem Angelina, ainda doía como se fosse o primeiro dia, e eu já não suportava mais viver essa angústia. Ainda assim, eu me forçava a continuar com a esperança de que isso um dia teria fim.

Então, fiquei surpreso, quando no final do dia, Evelyn entrou em minha sala e me entregou um envelope com Angelina como remetente. Havia chegado há uma semana, e como de praxe, ela o entregou diretamente à Sarah com todas as correspondências achando que era referente à editora. Assim que constatou que era da Angelina, Sarah devolveu para a minha assistente me entregar.

Imaginei que era um processo pelo contrato do livro ou qualquer coisa do tipo. E pensando o pior, esperei apenas que minha assistente deixasse a sala para abrir o envelope. Fiquei chocado. Era uma citação informando que Angelina deu entrada no processo de divórcio. Não apenas isso, mas junto a papelada estava o contrato original da publicação do livro e um recibo de depósito em minha conta equivalente a duas vezes o valor da multa por ela ter rompido o acordo nupcial.

Antes que qualquer sombra de sorriso aparecesse, veio a incerteza. Deixei os papéis de lado, pensando que eu estava tendo uma reação uma semana atrasado, uma vez que era para ter recebido antes. Apoiando os braços na mesa, levei as mãos à cabeça enquanto tentava entender por que esse sentimento era tão conflitante. Não era exatamente isso que eu queria desde o início?

Uma dor sufocante e contraditória era querer o fim, mas se sentir derrotado por ver nossa história finalmente ter um ponto final. Várias lembranças invadiram a minha mente — a primeira vez que a vi, seu primeiro sorriso para mim, nosso primeiro beijo, cada uma das promessas —, então senti as lágrimas descendo.

Não, Bryan, não faça isso. Já percorremos um longo caminho para permitir que esse coração idiota regressasse ao mesmo inferno de antes.

Juntando os papéis, decidi que enviaria tudo para Erika no dia seguinte. Não ia me permitir me machucar mais, não por isso. Abri a última gaveta que vinha evitando desde a nossa última briga. Lá estava ele, seu velho diário. Respirei fundo, joguei o envelope lá dentro e a fechei, mentalizando que só precisava ir embora. Os passos foram firmes até a porta, mas covardemente voltei e peguei o diário, levando-o comigo e jurando que seria a minha última noite dedicada a ela.

O diário era o último vestígio sagrado do tempo em que Angelina era só minha e eu dela. Antes de processar o nosso fim, eu precisava dele, mais que nunca eu precisava ler a minha Angie e sentir que apesar de todas as mágoas que causamos ao outro, foi real. Nosso amor ali era real, e antes de seguir, eu precisava ter isso uma última vez como uma despedida. Tranquei a gaveta e a sala, e como um viciado, corri para a casa querendo entorpecer a dor nas páginas amareladas escritas à mão por ela.

Após um banho rápido, me deitei na cama com ele em mãos com a mesma e velha expectativa. Chorei ao ler suas juras de amor. A cada página, eu não entendia como ela, tão doce e meiga, pôde se tornar uma pessoa tão amarga. Faltando poucas páginas para terminar e ciente de que não teria respostas, continuei a devorá-lo.

14 de agosto de 2009

Diário, no início do outono, Bryan irá para a universidade, e eu não estou apenas mal com isso, vai além, é como se toda minha vida só ganhasse sentido depois de ele e eu termos ficado juntos. Não sei o que fazer quando tiver que lidar com sua ausência. E apesar de doer tanto saber que vou ficar longe do meu único amor, hoje, algo está me assombrando muito mais. A minha menstruação está atrasada há um mês, e eu queria poder falar a ele, mas, ultimamente, temos discutido muito e eu tenho receio de que ele ache que é apenas mais um drama para que ele não vá.

Em casa, escutei mamãe dizendo a Susan, sua amiga, que graças a Deus esse garoto vai estar longe, que com isso finalmente vou sair do cio. Chorei muito, porque se tinha medo em falar com Bryan, em se tratando dela, o medo era bem pior. Ela continuou dizendo à amiga que isso era da minha natureza, estava no meu sangue, que até mesmo meu pai havia notado, porém, ele mantinha a esperança de um dia eu poder lhe dar orgulho.

Não sei se papai disse realmente isso, mas ele sempre estava tão distante, que já não era mais uma opção para mim.

Chorei muito, mas ainda estou na esperança de que essa semana chegue. Estou arrasada com Bryan indo embora, com medo de ele me esquecer, ou se apaixonar por outra, talvez seja só por isso. Porque

usamos camisinha, e quando não acontece, ele sempre goza fora, então acho que estou só neurótica. Espero acordar desse pesadelo.



22 de agosto de 2009

Minha menstruação não veio, duas semanas e estou apavorada, e para completar, papai esteve aqui e meu estômago embrulhou muito ao receber seu abraço e sentir seu perfume. Até então não havia acontecido, mas depois disso, não apenas o cheiro do perfume do papai, mas as flores do meu quarto também me incomodam. Pela manhã, acordo cedo e coloco todas no lixo, antes que mamãe perceba e desconfie de algo. Eu e Bryan não conversamos mais, ele sempre está com a cara enfiada em um livro, e, no fim, acho que até ele está me achando chata. Quando recebo uma mensagem para nos encontrarmos é apenas para transar. Eu sei, me sinto idiota. E depois da última vez em que ele fez isso, prometi que não aconteceria mais, talvez assim ele notasse algo errado. Mas não notou, e já tem uma semana que não nos vemos ou transamos. Na última tentativa, só de ele chupar meus seios

incomodou, eles estão extremamente sensíveis e eu ainda não tive coragem para fazer um exame.

Mas na sexta, já não suportando de saudade, passei o dia na casa do Bryan. Estamos nas férias de verão e ele vai embora assim que acabar. As brigas se intensificaram, ele até falou como estou chata e estranha, porque não quero mais ficar totalmente pelada na frente dele, nem mesmo para tomar banho. Tenho usado roupas mais largas, não sei se é apenas da minha cabeça, mas sinto a região do ventre bem rígida, e todas as noites eu choro, porque me sinto sozinha. Bryan está tão empolgado com a universidade, que acho que nem enxerga isso. Ele não faz por mal, eu conheço seu coração e sei que ele me ama, e por amá-lo não quero que ele desista dos seus sonhos. Eu só não sei como posso resolver isso. Talvez eu possa fugir, não sei, estou perdida.



28 de agosto de 2009

Diário, hoje fiz um teste, inventei ao Bryan que estava doente e fui com Cristal para a cidade vizinha e comprei um teste. Fiz na casa

da árvore e deu positivo. Passei todo o dia chorando, e quando voltei para a casa, mamãe estava me esperando no quarto. Perguntou por que o choro, então menti que eu e Bryan havíamos terminado. Ela sorriu, logo soltou um aleluia e falou que eu teria poupado sofrimento se tivesse ido com ela à casa dos Hermestoff. O filho mais velho está em casa, já iniciou Medicina e é um pedaço de mau caminho. Ele sim seria alguém que ela e papai se orgulhariam. Mas que eu, como sempre, estava correndo feito uma cadela atrás do Bryan.

Não respondi, eu estava péssima demais para sequer discutir. Ela continuou dizendo que como eu acabei de completar quinze, deveria começar a pensar em homens, mas os de verdade, não um pobretão como o Bryan. Já desistindo e irritada pelo meu silêncio, ela deixou o quarto. Não tenho ânimo para escrever mais hoje. Desculpe.



08 de setembro de 2009

Diário, faltam apenas alguns dias e eu não sei o que fazer. Estava com Bryan na casa dele, ajudando-o a fazer as malas. Ele perguntou

por que eu estava tão calada, e eu disse a ele que era porque não queria que ele me esquecesse. Essa era uma frase constante em minha boca, e em todas as vezes ele sempre se mostrava chateado.

“Bryan, às vezes você pode estar deixando algo bem mais importante que sua graduação para trás.”

Falei e ele me deu um sorriso frio, irritado, depois disse que isso era demais, que ele entendia meu ciúme e insegurança, mas que desde que me conheceu, ele deixou claro que iria para a universidade, que era seu sonho e que na época eu concordei, então era mesquinho da minha parte querer comparar a importância do nosso relacionamento com sua graduação, porque em níveis diferentes, ambos eram importantes.

Ele parecia mesmo irritado e eu apenas chorei, e como isso também havia se tornado habitual, só o deixou mais irritado. Ele então se ajoelhou à minha frente e perguntou o que estava acontecendo comigo, por que eu estava tão diferente, o que ele estava fazendo de errado para eu ficar tão mal quando estávamos juntos? Em vez de olhar em seus olhos, me vi olhando para os livros, me lembrando de ele passando noites acordado, estudando, para conseguir a sonhada vaga na Universidade Wigner. A mesma que seus pais cursaram. Me lembrei da sua mãe me dizendo para apoiá-lo, que esse era o sonho dele e que ele ir para a universidade não significava que estávamos terminando.

Me lembrei de outra ocasião em que ela nos disse para usarmos preservativo, porque um bebê agora arruinaria nossos planos. Tudo isso pesou, Diário, e eu me senti estúpida. Pedi desculpa, nos beijamos e ele então disse que era difícil para ele também, mas que depois ficaríamos juntos, que depois ficaria tudo bem. Eu queria tanto acreditar.



13 de setembro de 2009

Bryan já estava com tudo pronto para ir para a universidade. As férias de verão acabaram, e como a maioria dos alunos, ele irá embora para outro estado. Ultimamente, eu havia me tornado uma péssima companhia. Fazemos amor de um jeito estranho, ele não diz, mas sei que detesta, porque eu não o deixo mais beijar ou tocar meus seios, não o deixo tirar minha blusa, apenas calça e calcinha, e mal o deixo me tocar. E apesar de ter um grande motivo para isso, como estou abrindo mão de dividir com ele sobre a gravidez para que possa seguir seu sonho, ele não entende.

Na nossa última noite, odiei o fato de ele incluir o tal amigo Adryan, aquele que minha mãe adora, aquele que sempre tive que implorar a Bryan para nunca falar sobre nós dois, porque eram inúmeras as vezes que mamãe jantava com seus pais, e ela odiaria se outros comentassem sobre mim e Bryan.

E o garoto, o bom exemplo que minha mãe tanto fala, conseguiu documentos falsos para entrarmos em uma boate. Bryan estava empolgado e eu estava indo apenas por ele, porque era nosso último dia juntos. Ainda que estivesse chateada, meu coração não me perdoaria se eu deixasse de vê-lo. Quando entramos, os dois se abraçaram como se fossem irmãos, mal olhei para Adryan. Bryan nos apresentou como amigos, e doeu tanto saber que isso poderia se tornar verdade. Acho que foi por acreditar em Bryan que notei que seu amigo não tirava seus olhos de mim.

O tempo foi passando, apenas os dois conversavam e bebiam, eu não aceitei nada, nem mesmo um refrigerante, meu estômago embrulhava muito e tudo que eu queria era ir embora. Quando disse isso ao Bryan, a decepção ficou evidente em seu rosto. Ele se despediu do Adryan, e fiquei surpresa quando o garoto veio até mim, e após um abraço, beijou meu rosto. Claro que estava bêbado, caso contrário,

teria percebido que eu e Bryan éramos mais que amigos, apesar de ele não ter dito.

Mas naquele momento os detalhes pareciam insignificantes. Seguimos em silêncio até que perguntei se ele queria ter ficado com o amigo. Diário, ele disse que sim, e isso me destruiu. Nós brigamos feio, claro, ele me magoou muito falando isso, mas desesperada por uma solução e ciente que era minha última chance, sugeri que ele me levasse junto. Primeiro ele não achou que eu estava falando sério, depois ficou chocado. Insisti que depois poderíamos fugir, mas com a mesma insistência que eu tentava convencê-lo, Bryan dizia que não era possível. No fim, ele se desculpou. A noite já havia terminado e ele precisava ir, então nos beijamos e apesar de amá-lo tanto, naquele momento entendi que mesmo o amando eu estava sozinha.

Chorava feito um louco, desesperado. As lágrimas caíam e manchavam as folhas, quase nas mesmas marcas que as lágrimas dela fizeram. Naquele instante, todas as lembranças daquele último mês começaram a fazer sentido. Quase implorei a Deus para voltar no tempo, tomar as decisões certas, suplicar perdão a Angelina, dizer que eu era a porra de um imbecil e que ela sempre seria a mulher da minha vida.

Desesperado, peguei o telefone e liguei para o seu número, mas não chegou nem a chamar. Liguei para Adryan, pensando que talvez ele tivesse o telefone de mais alguém da equipe de Angelina. Eram duas e meia da madrugada, mas mesmo assim eu insisti. Chorava com um idiota, me achando o mais imbecil dos homens. Depois de tanto persistir, ouvi a sua voz.

— Fala, Bryan.

— Adryan — falei, desesperado, em meio ao choro. — Adryan, por favor, só me escute. O aborto da Angelina... eu... — Ele ficou em silêncio. — Adryan, por favor, cara, me ajude, eu não sei o que fazer. Eu fui um imbecil — implorei, chorando.

— Você só soube agora? — ele perguntou, confuso, com a voz sonolenta.

— Você já sabia?

— Angelina me contou faz um tempo.

— Ah merda! — Lamentei, sabendo agora o que eles conversaram. — Vocês estavam juntos e ela decidiu abortar porque você não era o pai.

— Não, não foi assim. Havíamos ficado apenas uma vez, e quando eu soube do aborto, sequer me passou pela cabeça a possibilidade de não ser meu. Até mesmo essa informação veio através dos meus pais, tanto da

gravidez como o aborto, e ela não falou nada na época. E agora eu entendo o porquê.

— Ah, meu Deus.

— Eu sinto muito, Bryan. Angie me procurou um pouco antes da festa do Mike e me contou como foi que aconteceu. Entendi o motivo de ela ter mentido na época, ela só tinha quinze anos. — Suspirou. — Enfim, ela me pediu perdão por ter mantido o nosso relacionamento por todos esses anos, disse que te amava, que sempre amou e que queria ter uma chance de ser feliz ao seu lado. Falou que estava esperando o momento certo para vocês conversarem. Mas depois você disse que era um casamento de fachada e agora está me ligando. Não estou entendendo...

— Porque eu sou um imbecil, sempre fui e não enxerguei o que estava bem na minha frente — disse, chorando.

— Bryan, estou indo aí. Vamos conversar e vocês podem resolver isso, afinal, ela te contou, então...

— Não — o interrompi. — Eu preciso ficar sozinho agora. Obrigado.

— Se culpar não é a solução. Todos nós éramos tão jovens.

— Adryan, eu tinha obrigação de estar ao lado dela, e se não tivesse sido um puta egoísta, talvez Angelina tivesse optado por manter a gravidez.

— Angie foi obrigada pela mãe a abortar, não foi uma escolha dela.

Chorei mais ainda ao ouvir suas palavras.

— Não se culpe, você não sabia sobre a gravidez.

— Mas se fosse a porra de um namorado melhor, ela teria confiado em mim e me falado a verdade. Eu sabia que tinha algo errado, mas não insisti porque estava focado demais na porra da universidade. Agora entendo o motivo de ela ter passado a me odiar, até eu me odeio. Eu sou um merda e é tudo minha culpa.

— Bryan, ela te ama. E se não te contou antes é porque é um assunto muito frágil que ainda causa muita dor. Angelina se sente muito culpada, e tem muita vergonha. Infelizmente, eu tentei reverter essa culpa, mas a mãe dela fez uma lavagem cerebral em sua cabeça.

Todas as merdas que eu disse a ela em nossa última briga sobrevoaram a minha mente enquanto Adryan falava. Deus eu fui tão imbecil, tão cego.

— Adryan, eu preciso vê-la. Sabe onde ela está? Eu tentei ligar e não consegui.

— Eu vou ligar para o Charlie, assim que tiver algo eu te falo. Agora se acalme, ficar se torturando não vai resolver. Ainda não é tarde para vocês, Bryan, foque nisso que tudo vai dar certo. Eu vou desligar agora e fazer algumas ligações, assim que tiver algo eu...

— Me passa o contato que eu...

— Não, Bryan. Agora só suas emoções falariam, e não é um bom momento. Eles podem impedir que ela receba a mensagem. Eu vou resolver isso.

— Obrigado, Adryan.

— Fica bem, cara.

Deixei o telefone ao lado, ainda me perguntando como pude ser tão cego. Agora eu entendia tudo. Prometi a ela que tudo ficaria bem e não fui capaz de cumprir porra nenhuma. Queria ter a chance de voltar atrás e fazer diferente. E para piorar a minha situação, Angelina poderia estar grávida novamente e eu fiz a mesma coisa. Eu a abandonei, duvidei dela. Deus, eu queria, mas não merecia uma chance. Ainda que conseguisse o seu perdão, eu nunca seria capaz de me perdoar.



Capítulo 20

Bryan

Horas angustiantes se acumulavam, tornando-se dias. Eu soube através de Adryan que a equipe dela não iria facilitar uma aproximação. Quando insisti em saber o porquê, sem jeito, ele revelou que falaram que Angelina ficou muito mal em nossa última briga, que a nossa relação era tóxica demais e que para protegê-la, eles estavam até mesmo dispostos a conseguir uma medida protetiva.

— Ela não quer me ver? — questionei, magoado. A culpa era minha e tinha ciência disso, mas saber não fazia doer menos.

— Bryan, eu não acho que seja ela, já que nem o telefone particular Angelina tem posse mais. Parece que agora a equipe controla tudo, até mesmo contatos mais íntimos.

— Merda! Eu a tinha tão perto e...

— Eu vou continuar insistindo e te dou notícias.

— Obrigado, Adryan.

Todos os dias eu enviava mensagens, que não chegavam ao destino, e-mails, que nunca eram respondidos, e ligações, que sequer chamavam. Eu implorava perdão e queria uma chance de recomeçar, enquanto a sua ausência estava me enlouquecendo. Sonhava todas as noites que tinha a chance de tê-la de volta, mas a falta de respostas me dizia que finalmente chegamos ao fim.

Eu estava arrasado, sem rumo, desesperado para falar com Angelina. Sabia que era tarde demais para voltar atrás e consertar meus erros, tarde para dizer que sentia muito e implorar uma chance. Como também sabia que nenhuma pessoa da sua equipe acreditaria e me ajudaria a chegar até ela.

Finalmente entendi que o que me fez aceitar a proposta louca da Angelina não foi o desespero ou a sua chantagem. Na verdade, ambos buscavam reviver uma emoção que sempre esteve trancada em nós, bem lá

no fundo, escondida do resto do mundo, mas ainda viva em nossos corações.

Cheguei a ir ao rancho e descobri que lá também não era bem-vindo. Eu insistia que queria minha antiga vida de volta, que em algum momento percebi que sem Angelina isso não seria possível. Mas não era só um querer a vida que tínhamos, era querer construir algo novo com ela, algo que achei que tinha perdido lá atrás, ao nos separarmos. Eu queria acreditar que ainda poderíamos ter a vida que sonhamos quando namorávamos na adolescência. Pela primeira vez, eu me permitia acreditar e lutar por ela, porque toda a situação que nos cercou, me fez ver que ainda valia a pena lutar por isso.

Eu sentia sua falta a cada segundo do dia. Para os meus pais, eu mentia que estava bem. E os amigos, com exceção de Erika e Amy, que sempre faziam questão de ligar, eu me isolei deles, e entre todos, apenas Adryan sabia o que estava acontecendo. Quando Erika insistiu em saber, acabei revelando toda a verdade que soube através do diário, mostrei a citação do divórcio também.

— Então é isso? Agora que finalmente conseguiu o divórcio, vai atrás dela para tentar resolver algo que ficou no passado? Bryan, eu nunca achei certo você ler esse diário, porque Angelina não é mais a mesma. Você conviveu com ela, sabe disso.

— Erika, ela é a mulher da minha vida, e outra, Angelina me disse que...

— Você fica revirando um sentimento que ficou no passado. Não percebe que essa é a sua chance de ser feliz? Apesar de ter se apegado tanto a esse amor louco de vocês dois, talvez seja o momento de deixá-la viver a vida dela, entende? Essa história entre vocês já machucou muito. Está há dias abatido, tentando como um louco falar com ela, e onde ela está? Distante demais para que a alcance.

— Eu não vou desistir agora, nada é capaz de me fazer desistir. Eu finalmente entendi que estamos em páginas diferentes. Minha cegueira a fez pagar um preço alto, e agora quero que estejamos na mesma página, quero uma vida com ela. Não vou desistir sem lutar, não desta vez.

— Mas já pensou na possibilidade de ela ter desistido? Afinal, você soube da verdade pelo diário, Angelina teve a oportunidade e não quis te contar.

— Porque eu não dei abertura. Porque eu estava focado demais no meu mundinho e no que eu achava que sabia.

— E o Adryan deu? Bryan, ela o escolheu para ser o pai do bebê, manteve um relacionamento com ele durante dez anos, e mesmo casado com Amy, foi a ele que ela confidenciou a verdade.

— Então, talvez eu precise melhorar para que ela confie em mim também.

— Ah, meu Deus, isso é tão doentio. Desisto.

— Eu não dei abertura para isso ser uma pauta sobre concordar ou não. Está decidido. Eu não vou desistir enquanto não conversar com Angie.

Ela não insistiu, mudou de assunto e, por fim, nos despedimos.

Na sexta, Adryan me ligou dizendo que conseguiu o telefone da sua assistente. Ele insistiu que precisava falar com a Angelina sobre negócios, que era um assunto urgente, então finalmente Jane cedeu, só então ele mencionou que viajaria até ela para resolverem isso. Jane informou que Angelina chegaria a Paris no próximo sábado, e pela manhã, ela poderia recebê-lo e já deixaria liberado o acesso dele ao quarto.

Como um louco e sem pensar muito, apenas comprei a passagem. Adryan me levou ao aeroporto e me aconselhou a manter a calma para que pudesse resolver tudo. Perdi a conta de quantas vezes eu o agradeci. Só fui me dar conta de que realmente estava acontecendo quando já havia embarcado.

Com a cabeça a mil, eu estava péssimo, pensando em como convencê-la a me dar uma chance, mas com medo de não conseguir e ver desaparecer meu último fio de esperança.

Me pareceu um século até que todos os passageiros se acomodassem e o avião finalmente decolasse. As horas pareciam se arrastarem em meio ao meu sofrimento. Uma confusão interna me enlouquecia. Minha Angie sempre esteve ali e sofreu tanto, e agora, seus relatos na casa de campo se misturavam com as revelações no diário. A única pessoa para quem ela se abriu e amou, virou as costas para ela quando precisou. Como conseguir o perdão, se eu não conseguia *me* perdoar?

A dor em meu peito ardia, incomodava, e a saudade parecia rasgar a carne. Eu nunca havia saído do país antes, falava apenas meu idioma, mas a única preocupação latente era conseguir o perdão dela. Quando o silêncio predominou no voo, encolhido em minha poltrona, senti as lágrimas descerem, que eram em boa parte camufladas pelos óculos escuros. De relance, notei a jovem ao meu lado olhando diretamente para mim. Ela até tentou um diálogo, mas eu estava esgotado emocionalmente para ser educado.

Uma eternidade, com duas conexões, a viagem durou mais de dez horas. Mas agora a distância era mínima e eu estava ansioso pra caralho. Só ao desembargar que me dei conta que sequer levei uma mala de mão, nada além da roupa do corpo, passaporte e carteira com cartões de crédito e algum dinheiro. Tomei um café e segui para a área do táxi.

Entrei no primeiro, e ao entender que eu não falava seu idioma, pelo meu celular, mostrei o endereço ao motorista, que seguiu o trajeto. Foram algumas ruas até pararmos no extravagante e luxuoso Hotel Four Seasons George V. Meu coração batia freneticamente com a aproximação.

Após pagar ao taxista, atravessei a rua e segui para o grande hotel. Peguei o telefone no bolso e conferi as horas. Dez e meia da manhã. Precisava me apressar, já que Adryan disse que ela estaria disponível às dez em ponto.

Entrei no hotel e ignorei todo o luxo à minha volta, era muito além da minha realidade. Segui direto para a recepção e disse que Angelina Paytron me esperava. Graças ao bom Deus, o funcionário em questão, ao invés de me pedir a documentação, pediu, com um sotaque carregado, para que eu repetisse com calma. Falei novamente o nome de Adryan, então ele ligou para o quarto. Reconheci a voz de Jane do outro lado perguntando quem gostaria.

— Adryan Hermestoff — ele repetiu o nome com certa dificuldade, mas foi o suficiente para ela entender e liberar a minha entrada.

— Os elevadores ficam à esquerda, pode seguir para cobertura. *Mademoiselle* Angelina o aguarda.

Foi a porra de um grande alívio. Sem demora, segui como ele indicou. E a cada andar, sentia minhas mãos suando frio. Foi difícil controlar as emoções, eu estava com muita saudade.

Bryan, dê espaço a ela, deixe que Angelina se abra com você. Só fale sobre o que houve se ela der liberdade.

Quase podia ouvir a voz do Adryan na minha cabeça. E eu iria seguir seu conselho. Estava com as mãos trêmulas, coração batendo em descompasso e louco por saber que finalmente iria vê-la. Quando as portas do elevador finalmente se abriram, saí para o corredor e encontrei dois seguranças bem em frente à sua porta. Por sorte ou azar, não os conhecia.

— Por favor, eu preciso falar com Angelina.

Um deles me encarou por alguns segundos, enquanto o outro ligou para Jane. Era inacreditável que a mulher que antes dormia todos os dias comigo, agora estava cercada de toda essa gente que me impedia de vê-la. Após confirmar ele me deu passagem, foi surreal a emoção de saber que finalmente estaríamos juntos de novo.

Entrei em seu quarto e me deparei com uma sala luxuosa e bem decorada. Ouvi a voz de Angelina dizendo para Adryan esperar dois minutos que ela já iria atendê-lo.

— O que é tão urgente que te fez voar a Paris? — perguntou, sorrindo, mas assim que me viu, ela congelou.

Meu coração palpitou mais forte diante da intensa necessidade de abraçá-la. Ela estava perfeita.

Angelina continuou sem reação, quase não acreditando, boca levemente aberta, cabelo preso, e somente quando desci meu olhar para o seu corpo, a camiseta justa deixava em evidência a gravidez que começava a despontar em seu ventre.

Quanto tempo eu perdi para estar já ganhando forma? Meus olhos se encheram de lágrimas. Era verdade. Angelina carregava o nosso filho, e eu fui novamente um imbecil com ela. Percebendo para onde eu olhava, ela rapidamente fechou o casaco em um ato protetor.

— Não sei o que veio fazer aqui, mas tudo que queira falar ou reivindicar, pode ser resolvido com os meus advogados — disse, já pegando o telefone.

— Angelina, por favor, eu preciso conversar com você — implorei, com voz embargada, dando alguns passos em sua direção. Quando ela desviou o olhar, eu entendi que estava magoada, mas não desistiria enquanto não me deixasse falar. — Por favor, eu...

— Não temos mais o que conversar. — Ela foi incisiva.

Dei mais alguns passos em sua direção, mas ela levantou a mão em um claro sinal para eu não me aproximar mais. Ao contrário de mim, que estava uma visível bagunça, seu semblante duro me dizia que ela parecia decidida. Eu precisava romper essa barreira.

— Por favor? — Juntando as mãos, eu implorei novamente.

— Por que veio? — perguntou, confusa.

— Eu preciso falar com você, dizer que sinto muito por tudo que nos aconteceu — ela continuou me encarando friamente —, Angie, eu sei que as coisas ficaram pesadas entre nós, sei que eu a magoei, que não mereço o seu perdão. Até entendo que...

— Por que veio, Bryan? Corta o papo meloso e vá direto ao ponto. — Ela insistiu na pergunta, como se não tivesse ouvido nada do que falei.

Só então notei como sua voz estava embargada. Angelina estava ferida, machucada, e como sempre, o culpado era eu.

— Porque eu amo você.

A resposta a fez congelar por alguns instantes, em seguida, desviou o olhar e a sombra de um sorriso incrédulo apareceu em seus lábios.

— Agora me ama? — perguntou, com rancor. — Quantas vezes eu te implorei para me dizer isso? Estranho que agora consiga falar tão fácil. Mas você já sabe que é um pouco tarde para isso, Bryan? Já fizemos as nossas

escolhas. Você conseguiu o divórcio e vai manter o negócio da sua família intacto. Saiu desse casamento como o filho perfeito e um grande homem de negócios, não é? O que mais quer de mim? Porque dinheiro já não é um problema para você.

— Não fale assim, por favor. — Voltei a me aproximar, e sem pensar muito a respeito, estando tão perto e com a saudade queimando em meu peito, eu a abracei. E quase chorei ao sentir seu cheiro tão familiar.

Angelina não me afastou, mas também não retribuiu, permaneceu imóvel e com os braços estendidos ao longo do corpo. Parecia que eu abraçava uma boneca sem vida, e isso feriu ainda mais o meu coração. Eu queria aquela velha emoção em seus olhos, não essa distância fria.

— Bryan, por favor, está me apertando. Se quer conversar, vamos conversar. Sente-se. Mas você não tem mais permissão para me tocar. Nosso tempo acabou.

Recuei alguns passos, ainda chocado com a dureza de suas palavras. Ela me indicou o sofá, então me sentei e Angelina fez o mesmo antes de nos encararmos por segundos.

— Angie, eu realmente sinto muito por tudo que eu disse e fiz, por não ter acreditado quando me disse sobre a gravidez.

Ela soltou um suspiro frustrado, ainda mantendo o casaco fechado.

— Eu não esperava por isso e não sei como processar a sua vinda. Mas não quero mais ter que lidar com esse drama, Bryan. Você teve a sua chance de entrar nessa comigo, mas ela já passou.

— Eu entendo. Eu só não tive a intenção de renegar o bebê, pra mim não era real.

— O que é real para você, Bryan? Vivemos mais de dois meses juntos, todos os dias, compartilhamos intimidade e eu lutei muito por você. Confesso que não tenho orgulho de ter feito o que fiz para estarmos naquela casa, mas achei que em algum momento você entenderia meus motivos e perceberia a sinceridade dos meus sentimentos por você. Mesmo eu te implorando, você não entendeu, não quis me dar uma chance. Você escolheu acreditar em tudo, exceto na mulher com quem dividia a sua cama. Mas, claro, havia me esquecido de que sua cama não é um lugar especial, é lugar comum em seu círculo de amigas. Eu demorei pra entender, Bryan, que eu estava só naquele casamento, que eu sentia sozinha, que sonhava sozinha, que amava sozinha. Mas eu acordei e vi que vida você quer, e como você mesmo disse, não estou inclusa nela.

— Angelina, não agimos pelos motivos certos, mas eu....

— Mas como você mesmo enfatizou e agora eu acredito, nós juntos não somos o certo. Eu não quero falar sobre o que aconteceu, embora ainda

machuque lembrar, é passado. E é exatamente aí que eu pretendo deixar a nossa história. Insistir em algo que já teve um fim é prolongar o sofrimento. Eu estou grávida, isso é real, não é mais só sobre mim. E como você disse, mesmo que eu tenha uma cabeça muito fodida, vou tentar por eles...

— Eles? Você está grávida de...

Eu mal me segurava são naquele momento, fazia uma força tremenda para não desabar na sua frente. Gêmeos, meu Deus! Eu queria aquela vida, queria ser o pai deles!

— Você sabe como as nossas noites eram loucas, e ao contrário do que pode estar pensando, apesar de que não saber se acredita em mim, não foi planejado. Acho que a mudança de medicação, ou o excesso, tenha cortado o efeito do meu anticoncepcional, e como consequência de todas as nossas fodas, vieram dois.

— E como está sendo lidar com tudo isso? — perguntei, preocupado, tentando controlar as minhas emoções.

— Está preocupado comigo agora? Sério?

— Angelina, você me conhece, sabe que...

— Conheço, é só por isso que está nesse sofá. Mas o conhecer não me fará dar outra chance a nós. Não tem como ressuscitar os mortos, Bryan, tudo que vivemos ficou enterrado lá atrás.

— Por que está sendo tão fria?

— Porque eu não posso mais me permitir estar naquele mesmo lugar de antes. Como eu disse, não é apenas por mim. Você me magoou muito, Bryan, e daria para aceitar, engolir e fingir que não doeu se fosse apenas eu, mas não posso perdoar o que disse aos meus bebês.

— Angie, por favor. Eu sei que fui um imbecil, mas não tive a intenção de...

— Eu sei que não, você nunca tem, não é, Bryan? Mas magoa mesmo assim. Para ser sincera, só o fato de estar aqui teria amolecido o coração daquela tola Angelina de antes, mas agora eu tenho problemas maiores, tenho outras coisas com as quais devo e preciso me preocupar. Uma gravidez complicada pela frente, medo, insegurança, ansiedade, medo por eles, medo de não ser a pessoa que eles precisam que eu seja, e minha cabeça continua sendo bem fodida, que torna tudo pior.

Desviei o olhar. Por que diabos fui falar isso para ela?

— Eu errei, errei muito, mas por que não me deixar passar por isso com você? Eu posso e quero estar ao seu lado, passar por tudo isso juntos, como família.

E o sorriso incrédulo e triste estava em seus lábios novamente.

— Porque você traria várias outras inseguranças para a minha vida nesse momento, e isso me faria esquecer do que nos faz bem, tornaria a luta mais difícil — ela disse, e, involuntariamente, colocou as mãos sobre o ventre já aparente pela gravidez.

Isso provocou um nó quase insuportável demais.

— Angie, estou implorando, por favor. — Segurei sua mão delicada e acariciei sua pele macia antes de levá-la a minha boca e a beijar. Em seguida, senti seu cheiro e olhei em seus olhos, encontrando muitas emoções ali. — E se eu disser que dessa vez será diferente? Me deixe cuidar de você. Estou tão perdido, sinto tanto a sua falta, você não faz ideia. Eu quero estar na vida dos bebês, Angie, e eu sei que legalmente estarei, mas não é por isso que estou aqui. Eu voei até aqui por você, é por você que estou lutando, para ter a nossa vida de volta. — Me aproximei e, no minuto seguinte, eu a abracei, querendo loucamente beijá-la. — Por favor, Angie, eu nunca vou me perdoar pelas merdas que te falei, mas eu preciso de você. Eu amo você, sempre foi e sempre vai ser a mulher da minha vida. A única que amo. — Com o olhar fixo ao meu, vi suas lágrimas descendo quase no mesmo instante que as minhas. — Eu te amo, amo mesmo, vamos fazer certo dessa vez, eu...

— Bryan, não vamos. Não existe jeito certo para nós. É a minha escolha colocar um fim, eu já decidi. Não significa que vou te tirar da vida

deles, não. Não faria isso a você ou aos seus pais, mas não posso mais me permitir sofrer novamente. Já foi um início muito turbulento para eles, não que seja fácil agora, mas eu estou tentando.

— Angie, meu amor, por favor. Só me fale o que eu tenho que fazer, por favor, vamos recomeçar do seu jeito. Pode controlar tudo eu...

— Bryan, não é certo, eu não posso controlar sua vida.

— Já controla, porque desde que eu deixei aquela casa, cada pensamento é destinado a você, a nós — disse, desesperado. — Me ajude, por favor. Eu não sei o que posso fazer para te convencer, me diz o que quer que eu faça. Só não me deixe voltar sem você.

— Eu não posso fazer isso, Bryan, foi errado. É errado e sempre vai ser. Eu demorei e sofri muito para entender que não vamos reviver o passado, eu não vou voltar a ser sua Angie, e nem você o meu bebê.

— Não faça isso, por favor. Estou implorando. Não sabe o inferno que é estar sozinho sem você. Só me diz como funciona e eu abro mão. — Acariciando seu rosto, sequei suas lágrimas enquanto as minhas desciam. Angelina fez o mesmo, segurando meu rosto entre suas mãos.

— Por favor, eu preciso desse tempo.

— Não, eu não posso ficar longe de você. Já perdemos tanto tempo.

— Bryan, não...

— Angie, eu sou idiota. Eu entendo e queria ter algo de bom para oferecer, mas tudo que eu tenho é meu amor, que assim como eu, não vale muito. Mas, por favor, eu não posso mais ficar longe de você.

— Não fale assim. Droga, você sabe que vale muito, sabe que tem um coração lindo, e eu sei que errei muito com você. Nós erramos, nos machucamos, nos quebramos, Bryan, de um jeito que talvez não tenha conserto.

— Então vamos pegar os pedaços que sobrou e tentar seguir, por favor, Angie. Me perdoa?

— Bryan, eu já te perdoei, mas não quero ser aquela Angelina. E sei que em relação a você, meu ciúme é doentio, não é fácil admitir. Eu quase enlouqueço de ciúmes...

— Ah, meu Deus, você não está entendendo. Eu te amo mesmo, e droga, não percebe que não quero ninguém além de você?

Ela continuou em lágrimas.

— Eu também te amo, mas fazemos mal um ao outro e eu... — Quando fui beijá-la, Angelina desviou o rosto. — Não faça isso, por favor. Porque se fizer, eu vou corresponder e vamos terminar na cama. — Afundei a cabeça entre sua cabeça e ombro, deixando meus lábios encostados em

seu pescoço. — Bryan, por favor, não faça isso, por favor. Me ajude a te manter distante, porque sozinha eu não consigo.

— Amor, eu não posso te ajudar, porque longe de você eu enlouqueço.

Continuei a abraçá-la e senti quando ela correspondeu ao abraço.

— Imagino que tenha feito uma longa viagem, e, pelo visto, não dormiu. Tome um banho, depois descanse. Onde está hospedado?

— Em lugar nenhum. Adryan disse onde estaria e eu vim direto.

— Nenhuma mala? Nada? — Confirmei. — Se quiser, pode tomar um banho, Jane providencia roupas para você. Mas se preferir, vou pedir para a Jane para comprar a sua passagem. Ela não vai demorar, só foi comprar...

— Se não me der uma chance, não precisa se preocupar comigo.

— Apesar de tudo, você sabe que eu não te desejo nada além do melhor.

— Acha que vou conseguir ficar tão próximo sem beijar e tocar você? — disse e beijei seu pescoço.

— Bryan — ela gemeu —, por favor. É doentio, eu sei que é...

— Angie, estou pouco me lixando se é ou não doentio. Eu quero você e agora somos mais conscientes dos nossos erros e do amor que existe entre nós. Agora temos alguma chance de dar certo, e não é só pelos bebês, embora eles sejam a prova que podemos fazer coisas lindas. Mas sabemos do nosso lado frágil e dos defeitos. Podemos nos ajudar. Eu quero estar com você, preciso estar com você.

— Bryan, eu não sei, eu...

Quando fui aproximar novamente meus lábios dos dela, ela colocou seu dedo entre nossas bocas.

— Por favor, não me beije.

— Não me quer?

— Se eu vivesse dez mil vidas, em todas elas eu iria querer você. Mas é errado.

— Vamos errar juntos, então. Por favor? — disse, com a voz rouca. Fechei os olhos, esperando que ela me empurrasse, que colocasse distância entre nós, mas ela permaneceu parada, como se estivesse em transe, parecendo tentar convencer seu cérebro a me mandar embora.

Angelina estava a centímetros, tão perto e tão longe emocionalmente. Eu queria mergulhar na sua imensidão e eu queria tudo — a dor, a mágoa e a frustração —, porque dessa vez eu tinha certeza de que seria capaz de

colar todos os nossos cacos e cicatrizar as feridas. Eu não perderia essa chance e não a deixaria grávida e sozinha, mesmo que agora ela me mandasse embora. Me aproximei mais, com nossos joelhos se tocando, e lentamente levantei minha mão e deslizei os dedos abaixo dos seus olhos, limpando suas lágrimas. Beijando suavemente sua bochecha, repetindo a ela que este não seria nosso último erro, porque agora eu tinha certeza dos meus sentimentos por ela.

— Eu não quero beijar você, mas quero ser beijada por você e isso é tão confuso. Você faz todo o meu querer virar pelo avesso, e isso é uma merda.

Ela desviou seus lábios da minha boca, para no minuto seguinte me deixar senti-los em meu pescoço, e bastou apenas isso para despertar todo tesão e loucura em mim. Com o coração ardendo no peito, queria loucamente estar e ser completamente dela. Eu a envolvi com meus braços, querendo protegê-la de toda e qualquer mágoa e dor.

Era todo o meu mundo envolvido ali — minha mulher e meus filhos —, e eu não desistiria deles sem lutar. E lutaria muito dessa vez. Angelina voltou sua atenção aos meus lábios, desejando ir além, e foi um tesão sentir sua boca roçar na minha, iniciando um beijo tão intenso quanto urgente. Senti suas mãos em minha blusa, querendo loucamente se livrar dela, então fiz o mesmo com seu casaco e levantei sua camiseta, enquanto nossas bocas

se esforçavam para não se afastarem. Meu pau incomodava na calça de tão duro, e quando senti seus seios no meu peitoral, gemi como um louco. Antes de poder abocanhá-los, nossa breve e frágil bolha de felicidade foi quebrada quando Jane entrou e parecia ter fogo nos olhos.

— Angelina! — disse, parecendo surpresa por minha presença e nossa proximidade. — Bryan? Não era o Adryan que viria? — perguntou, contrariada.

Angie abaixou a blusa e eu peguei a minha, que estava jogada no chão, e a vesti.

— É uma longa história. Agora preciso que me faça um favor, Bryan precisa descansar um pouco e...

— Posso providenciar um quarto para ele agora e...

— Não, não precisa de quarto — Angelina disse e parecia sem jeito. — Ele vai ficar aqui, mas preciso que providenciei algumas peças de roupa para ele. Por hoje é só isso, obrigada.

Jane engoliu em seco, nitidamente desconfortável e querendo contestar, mas não o fez.

— Se é o que deseja, vou deixá-los a sós e providenciar o que me pediu.

— Obrigada por entender.

— Não, eu não entendo, Angie, eu só sigo ordens. Mas espero que esteja certa quanto a isso.

— Eu estou, obrigada.

Tão rápido como entrou, Jane saiu, parecendo terrivelmente constrangida. Angelina tinha razão, eu estava esgotado, e apesar de ela não me pedir para ficar, tomar um banho e dormir um pouco me daria mais algumas horas ao seu lado. E eu não desperdiçaria mais nenhuma chance da vida.

— Deus, essa mulher parece me odiar.

Angelina riu por meu comentário.

— Porque ela só conhece um lado seu, e ele costuma despertar meus instintos mais sombrios, e disso ela sabe bem. Fora que eu a fiz prometer que não me deixaria sequer conversar com você.

— Isso explica muita coisa.

— Não leve para o lado pessoal, ela só quer o meu bem.

— Eu sei. Obrigado por me deixar ficar. — Dei um beijo casto em seu rosto. Mesmo querendo ir muito além, eu respeitaria seu momento.

— Eu também estou cansada, foram quase quarenta dias em desfiles e eventos. Tenho só três dias de folga e preciso dormir, afinal, agora faço isso por três.

Ela sorriu e me acompanhou até o banheiro. Depois de um banho relaxante, foi difícil não pensar em fazer amor com ela, mas o clima já havia esfriado e eu não queria forçar, apesar do meu louco tesão. Quando saí enrolado em uma toalha, não tive como esconder a ereção. Angelina sorriu quando olhou diretamente para o meu pau, mas não deu margem para uma aproximação. Assim que me deitei, ela já estava na cama, esperou apenas isso para me mostrar o exame em imagens. Dois pequenos feijões.

— Minha mãe vai ficar tão feliz com isso. Parece aquelas promoções, compre um e leve dois.

— Oh, Bryan, às vezes você é tão idiota. — Nós dois rimos.

Me virei para ficar de frente para ela, olhos nos olhos, respiração pesada. Naquele momento, eu soube que não seria nada fácil ter Angelina de volta na minha vida. Não que não tivesse sentimentos, isso eu tinha certeza de que havia, mas tinha muita mágoa também. Mas dessa vez, eu seria o nosso pilar de força, eu lutaria pela minha família.

Quando ela colocou o exame de imagens na mesa de cabeceira, eu me aproximei e beijei sua bochecha, em seguida, deslizei meus dedos por seu rosto, descendo pelo pescoço e braços, parando minha mão sobre seu ventre. Isso pareceu tocá-la, mas somente por um breve momento.

Aproximei nossos lábios e ela iniciou o beijo, mas segurou minha mão, que já estava entre suas pernas, me impedindo de tocá-la intimamente.

— Bryan, não.

Dor e frustração me cortaram nesse instante. Seria difícil controlar meu louco desejo por ela, mas entendia e seguiria lutando por nós.

Acabei adormecendo primeiro que Angelina, e depois de semanas, eu sabia que finalmente dormiria melhor só por estar ao seu lado. Não sei quanto tempo passou, mas sua voz me chamando lá no fundo foi intensificando, até me acordar por completo.

— Não vai me abraçar? — ela perguntou.

Eu não entendi direito, então ela repetiu a pergunta e, sonolento, me virei e a abracei.

— Estava sonhando com alguém? — O quarto estava escuro, cortinas fechadas e eu ainda com sono. — Bryan, me responde.

— Não, não sei...

— Há quanto tempo não transa, Bryan? — ela perguntou e acendeu a luz do abajur.

Merda. Eu era péssimo com datas e Angelina sabia disso.

— A última vez que transamos foi no banheiro, não — pensei por segundos — não, na cama. Foi a última, na cama — respondi, para no minuto seguinte balbuciar.

— Eu não perguntei sobre a nossa última vez, perguntei sobre a sua última.

— E eu respondi, porque foi com você. Por que acha que estou com esse tesão fodido?

Ela continuou me encarando, desconfiada.

— Por isso não me abraçou?

— Se eu te abraçar sobe de novo. Por quê? Você quer? — perguntei, com malícia.

Ela continuou apenas me analisando, deitada de lado.

— Trocou seu número de telefone?

— Troquei.

— Por quê?

— Porque eu achei que era o fim, mas...

— Mas é o fim!

— Estou implorando aos céus para não ser. — Com o olhar fixo em seus olhos, me aproximei.

— Eu não consigo acreditar que não tenha transado com nenhuma mulher. Não quando transei em dois meses com você mais do que transei em toda a minha vida — ela disse, séria, e isso me fez rir. — Por que está rindo?

— Nada.

— Não estou mentindo. Não acredita em mim?

— Acredito, e gostaria que acreditasse em mim também. Meu telefone não tem senha, e nada foi apagado ali, pode conferir.

— Não. O dr. Jordan disse que isso é errado.

— Tem uma diferença gritante entre clonar e receber permissão. Pode olhar se quiser, não estou mentindo. — Ela ficou me encarando por segundos. — Você também ficou todo esse tempo sem...

— Ah, por favor. Grávida e vomitando a cada troca de roupa, em todos os desfiles. Em que momento? — respondeu, meio irritada por minha sugestão.

— Tudo bem, você venceu.

— Transou com outra? — Insistiu.

— Não, mas quero transar com você. Meu pau já está duro só por essa conversa. Você quer transar comigo?

— É o melhor que pode fazer para me convencer? — Ela arqueou a sobrancelha. Porra, Angelina era tão linda. — Falar que quer transar e que seu pau está duro?

Acabei rindo por sua provocação desdenhosa. Me aproximei o suficiente para beijar sua boca.

— E se eu beijar sua boca, te convenço?

Ela deu um sorriso endiabrado.

— Não.

— E se eu beijar seu pescoço? — disse, para no segundo seguinte roçar minha boca em seu pescoço, arrancando leves gemidos roucos. — E se eu chupar seus peitos?

Tirei sua camiseta, lambendo delicadamente as auréolas dos seus seios tão enrijecidos só para provocá-la. E, porra, que delícia. Seus seios estavam tão grandes, bicudos e lindos.

— Ainda não. — Sua voz rouca e ofegante me dizia exatamente o contrário.

Lentamente, fui descendo os beijos, me posicionando entre suas pernas. Ela as abriu, me permitindo um encaixe melhor, então me enfiei debaixo do edredom, ainda entre elas, beijando seu abdômen até chegar ao seu ventre, deixando vários beijos. Desci mais um pouco e mordi sua

calcinha, puxando-a com a boca para tirá-la. Ela ajudou quando cheguei à altura dos joelhos, tirando com seu pé.

— E se eu chupar você? Te convence?

Ela gemeu, se contorcendo de prazer.

E quase enlouqueci ao meter a língua em sua boceta e senti-la tão molhada.

— Ah, bebê, você é tão bom nisso, continue para me deixar bem convencida.

— Safada!

Continuei a chupá-la, e quando ia penetrá-la, ouvi sua voz rouca implorando por mais. Continuei a torturá-la, esfregando a cabeça do meu pau, que já babava louco por ela, na sua entrada em um vai e vem gostoso.

— Bryan, por favor, me fode, me faz gozar, estou louca de tesão... — ela implorou e não demorou para penetrá-la gostoso.

E era prazeroso pra caralho estar de volta ao meu paraíso. Continuei a penetrá-la, tentando controlar a intensidade de cada estocada, mas nenhum dos dois, graças ao tempo sem sexo, conseguiu se segurar por muito tempo. Ela gozou e não demorou mais que isso para eu gozar também.

Me deitei ao seu lado, suado, exausto, ofegante. Demorou um pouco, e graças a minha asma, Angelina sempre recuperava o fôlego primeiro que

eu.

— Merda! Isso é muito bom. Um medicamento realmente eficaz para todo o caos e estresse que é a minha vida — ela disse, com sorriso obsceno.

— Por quê? Você trocou os medicamentos?

— O médico receitou novos, não valem muito, mas parece que são os únicos que posso tomar estando grávida.

— E está conseguindo lidar com tudo isso? Abstinência do cigarro e medicamentos, a ansiedade que deve vir com isso? — perguntei, preocupado. Eu sabia que não podíamos misturar sexo com uma nova chance, mas se tratando de nós, não era como se não significasse nada.

— Eu poderia dizer que sim, mas estaria mentindo. E você me conhece, saberia na hora, me lê melhor que qualquer um dos que estão à minha volta. Além disso, mentir não me faria ganhar o título de boa mãe — disse, frustrada. — Você sabe que eu já o perdi só por ser quem sou. Mas tenho me esforçado. Não é um mar de rosas, há dias bem fodas e loucos. No entanto, eu finalmente segui seu conselho, estou fazendo terapia, ioga, meditação e, claro, tentando com os novos medicamentos para ajudar a controlar, dessa vez receitados e acompanhados por um médico especialista. Dois, na verdade. — Sua voz agora mostrava toda a sua fragilidade, me deu um vislumbre de como deveria estar sendo difícil para ela. Eu queria estar

ao seu lado, minimizar tudo isso como a porra de um príncipe que Angelina sempre sonhou e que eu nunca consegui ser.

— Angie, eu... — Meu telefone começou a tocar insistentemente. Achei que a pessoa desistiria após o terceiro ou quarto toque, mas não aconteceu. Quando pensei que finalmente a pessoa do outro lado iria desistir, o recado da caixa postal me paralisou.

Bryan, é a Erika. Não sei como te dizer isso, ou se existe um jeito melhor, mas precisa voltar. A sua mãe passou mal e está internada, eu...

Merda! Me deu um desespero tão grande, que me levantei enquanto ligava de volta para a Erika.

— O que aconteceu com a minha mãe? — perguntei assim que ela atendeu.

— Bryan, eu não sei direito, estou indo para o hospital. Seu pai me ligou, porque não conseguiu falar com você. Ele está desesperado, disse que estava no hospital com ela, que o celular ia acabar a bateria, que tentou, mas não conseguiu falar com você. Achou que estivéssemos juntos.

— Ah merda! Porra! Eu vou o mais rápido que puder. Mas pelo amor de Deus, me ligue assim que chegar ao hospital.

— Tudo bem, eu vou ligar.

— Por favor, me fale a verdade, seja qual for. É só isso mesmo? Minha mãe...

— Eu não mentiria pra você. Assim que tiver mais notícias eu te falo. Agora vou desligar, estou dirigindo.

Levei as mãos à cabeça, com o coração apertado. Quando olhei para Angelina, ela estava enrolada no lençol, cobrindo o corpo.

— Angie, eu... A Erika, ela só...

— São amigos. O tipo de mulher para se casar, eu me lembro dela — disse, com certo rancor. Antes que eu pudesse intervir, ela continuou: — Entendo que esteja preocupado, mas calma, vai ficar tudo bem, tenho certeza. — Apesar da voz fria, eu sabia que o motivo era Erika, e não indiferença ao que aconteceu à minha mãe.

— Preciso de um voo agora, eu tenho que...

— Eu sei. Meu jatinho está aqui, pode ir nele. Vou providenciar isso agora mesmo. — Ela pegou o telefone ao lado.

— Não precisa, eu não quero incomodar.

— Bryan, não é incomodo, é necessidade. Eu entendo, faria o mesmo por mim.

Merda! Apesar de tão preocupado e ser grato a Erika, eu sabia que essa proximidade seria um empecilho para ter minha chance com Angelina.

— Obrigado, eu...

— Não por isso. — Ela pegou o telefone e ligou para a sua assistente.

Eu estava com a cabeça a mil, mal prestei atenção no que dizia, internamente implorava para a minha mãe estar bem.

— Em uma hora meu piloto irá te levar — Angelina disse, mantendo a distância. Eu me aproximei e só ao abraçá-la que Angelina retribuiu. — Vai ficar tudo bem, eu sei que vai, você vai ver. Não deve ser nada grave.

— Vem comigo! — Ela pareceu surpresa com o pedido. — Por favor, vem comigo, eu preciso de você.

— Não, eu não posso.

— Por favor?

— Não. Não é como se estivesse sozinho, você tem pessoas para te ajudar.

— Mas eu quero e preciso de você.

— Não, infelizmente não...

— Minha mãe vai ficar tão feliz em te ver. Ela pergunta sempre e tem...

Antes de mencionar os bebês, vi que Angelina prendeu os lábios, pensativa.

— Eu posso ir vê-la, mas é só isso. Volto assim que vir sua mãe, e não vai me convencer do contrário. É apenas por ela.

— Obrigado Angie, eu nem sei como...

— Não precisa agradecer.

— Eu amo você.

Ela desviou o olhar.

— Eu não queria, mas já está evidente demais meus sentimentos por você.

Abracei-a e Angie retribuiu. Internamente, eu estava com medo do que poderia ter que encarar a seguir, fosse a saúde fragilizada da minha mãe ou nosso real fim.



Capítulo 21

Angelina

Era tudo uma droga, porque eu estava realmente tentando. Tentando me convencer de que não deixaria esse sentimento me dominar novamente, tentando me convencer que seria possível seguir em frente sem o meu coração, sem meu Bryan. Porque ele foi tudo o que eu conheci de afeto e amor durante toda a minha vida, e eu sabia que precisava seguir sem ele, que precisava me agarrar a pouca sanidade que ainda existia mim, tentar fazer o certo por mim e pelos meus bebês. E mesmo depois de ter ouvido dele palavras que me cortaram na alma, foi deprimente me ver pegando o caminho de volta, direto para a vida dele. Apesar de tudo, de todas as palavras e conselhos, ignorar tudo me fazia sentir estúpida por não

conseguir arrancar Bryan de dentro de mim, mas era tão difícil dizer não a ele. Eu sabia que ceder significava me machucar, significava voltar a velhos hábitos e vícios, e nesse momento eu não precisava disso na minha vida.

Bryan estava ali, tão perto e tão longe, significativamente preocupado e arrasado. Mesmo sem saber como era isso, já que nunca tive essa ligação com meus pais, eu queria que um dia meus filhos tivessem essa espécie de ligação emocional comigo, então eu podia imaginar como estava abalado e preocupado. E justamente por saber que ele não estava bem, ignorei a minha própria dor e engoli meu orgulho, fingi ignorar que uma das pessoas que me afetava, a mesma mulher na qual ele escolheu acreditar em detrimento às minhas palavras de dor, a mesma que ele usou para me humilhar, agora ligava para lhe falar de um assunto tão íntimo.

Imbecil. Ele trocou a porra do número, mas manteve os velhos contatos, e o que a burra da Angelina estava fazendo? Fingindo que não doía, fingindo que estava melhor sem ele, que não estava morrendo de medo de se machucar, que não estava com medo de voltar para o mesmo inferno, apenas para ter uma chance de estar com ele e apoiá-lo, com a mesma ilusão de que ele, de uma hora para outra, veria o meu grande amor por ele, que finalmente começaria a ver sinceridade em minhas palavras. Quão burra você era Angelina?!

Eu estava me convencendo de que tudo isso era pelos seus pais, era o que eu dizia da boca pra fora, porque, no íntimo, eu sabia que era por ele, sempre foi por ele, e isso também doía. Sempre fui eu a renunciar algo na minha vida para estar ao seu lado, e Bryan nunca enxergava nada de bom em mim.

A pior parte não foi nem ter que engolir o orgulho, pois quando Bryan estava na jogada eu não tinha nenhum, e sim ligar para Jane e dizer que voltaria com ele. Ela ficou decepcionada com a minha escolha, claro, mas o que ela não sabia era que eu também estava decepcionada comigo mesma. Eu novamente escolhia o Bryan e não a minha sanidade e paz. E eu tinha quase certeza de que essa escolha teria um alto preço, que somente eu pagaria. Quando ela voltou, já com as roupas e a comida que eu pedi, Jane esperou apenas estarmos a sós para começar seu discurso.

— Angie, eu não acredito que está fazendo isso!

Olhei em seus olhos. Quando Charlie me disse que ela seria um presente, eu desconfiei, mas Jane foi bem além de um presente, e eu era grata por tê-la sempre por perto. Mas tinha a parte irritante de sempre se meter.

— Jane, você está entendendo errado, não é por ele, é pelos pais.

Ela riu, quase tão sarcástica quanto eu mediante a uma mentira mal contada.

— Jura? E precisou repetir quantas vezes para conseguir acreditar?

— Não, torra, vai. Não é como se eu estivesse voltando para ele. Vamos fazer companhia nesse momento complicado, e depois voltamos a Paris, simples. Arrume suas coisas.

— Eu não entendo. Depois de todas as merdas que esse cara disse, depois da maneira como ele te deixou, vai fazer isso?

— Estou fazendo isso porque sabe-se lá Deus como essa mulher está, e ela é a avó dos meus filhos. Como vou explicar para eles que no momento que o pai mais precisou, eu virei as costas?

— Explicando que o pai é a porra de um babaca? Certeza de que eles vão entender — disse, com rispidez.

Eu gostava dessa franqueza sem máscaras, ainda que às vezes me incomodasse muito, porque, para mim, ainda era muito difícil ouvir alguém falar qualquer coisa ruim ou depreciativa do Bryan.

— Nós vamos, arrume suas coisas. Rápido!

— Angie, eu juro que queria entender, mas não entendo.

— Jane, se ele não tivesse se arrependido de tudo que fez, não estaria aqui — insisti, com orgulho ferido. Essas merdas machucavam tanto.

— Pelo amor de Deus, Angelina, se toca. Não sabe quantas matérias de revistas eu joguei no lixo para não chegar até você. Ele estava muito bem em bares e boates para alguém que sofria e estava arrependido...

— Jane, não vai mudar a minha decisão. E eu não me importo com isso, porque não voltamos, cada um faz o que quer da sua vida.

Ela riu, um sorriso de pura decepção que eu conhecia bem, já recebi vários. Balançou a cabeça negativamente.

— Eu queria, mas simplesmente não posso te ajudar se está escolhendo novamente o mesmo inferno.

— Bryan precisa de mim, sua mãe está mal e ir com ele não significa que estamos voltando.

— Consegue se escutar? Consegue acreditar em você mesma?

— Jane, por favor. Sei que estamos juntas há sete anos, mas não inverta os papéis por isso. Você trabalha pra mim, tenha ciência disso e não me faça te mandar ir à merda. Vai lá fazer as malas, vai...

Ela se aproximou, olhando diretamente em meus olhos.

— Charlie vai surtar quando souber, posso até perder o emprego.

— Charlie não vai surtar, porque ele não vai saber, como eu disse, vai ser bate e volta.

— Só o tempo de você ver a velha e voltar, jura?

Fiz sinal de silêncio.

— Fala baixo, é a mãe do Bryan, sua louca. — Acabei rindo.

— Angie, estou preocupada com você. É uma fase de testes, novos medicamentos e você precisa ficar aqui, perto do dr. Jordan e dra. Marie. Tem uma agenda a cumprir.

— Vai dar tudo certo, eu sei que vai. Nós só vamos, Bryan irá ver como a mãe está e depois nós duas voltamos, sem drama. Vamos ficar bem. — Toquei minha barriga e ela prendeu os lábios, ansiosa. Eu também estava, não sabia se ficaria realmente bem. Minhas últimas semanas foram péssimas, e a porra do cigarro... tinha um calmante naquela merda. O problema era a culpa e depressão que vinha depois, isso me desestabilizava.

— Suas malas ainda estão feitas, vai querer levar algo? Cigarros?

— Não. Bryan acha que parei totalmente e...

— Porque milagrosamente isso acontece na gravidez. A mágica do instinto materno, não é? Não só com os cigarros, mas... Deus, eles romantizam tanto essa merda que...

— Jane, pare! — disse, ríspida. — Está aqui como minha assistente, e somente por isso, não como amiga. Seus conselhos de amiga eu dispenso.

— Eu não entendo, o que esse cara tem? Um pau de ouro? — Nós duas acabamos rindo. — Angie, é sério. Você não está bem, nós duas sabemos disso. Esses constantes pensamentos depreciativos... estávamos indo tão bem na terapia. Agora não é o momento para abrir mão disso. Você quer tanto esses bebês, mas precisa entender que sozinha é um perigo para vocês três.

— Eu não faria mal aos meus filhos, sabe disso.

— Abandonar a terapia agora é sim fazer mal a si mesma.

— Jane, eu já decidi. Pegue o que precisamos, partiremos em uma hora. Trouxe o que te pedi? E a pizza do Bryan? — Ela confirmou, revirando os olhos. — Ótimo, não vamos mais falar sobre isso. Ah, e não se esqueça dos meus medicamentos.

Ela prendeu os lábios.

— Angie, você sabe que não é bom que a gravidez se torne pública. Não agora.

— Eu sei. Escolha roupas largas, meus casacos *Louis Vuitton* estão na mala. Como eu disse, está sob controle, Jane, será rápido. Somente para dar uma força a ele.

— E quem vai te dar uma força quando esse cara novamente te deixar? Já pensou sobre isso? Acha que suporta passar por tudo de novo?

— Eu não vou passar, porque não voltamos! — Insisti, já irritada, mas vergonhosamente constrangida por constatar que meu vício pelo Bryan era tão evidente. Que droga de amor era esse?

— A cabeça entende, eu sei, mas o coração... ele está completamente ciente disso?

Revirei os olhos. Ela não esperou por respostas, saiu para preparar as malas. Me sentei na cama, ansiosa, trêmula, tentando manter os pensamentos organizados. Bryan estava aqui, as coisas ficariam bem, ele precisava de mim, apesar de ter demorado quase dois meses, ele precisava que eu estivesse ao seu lado agora. Não era regredir. Se pudesse fazer Jane entender isso, seria mais fácil.

Mesmo que a gente não ficasse juntos e fosse aquela família de comercial de margarina, eu queria que ele visse que eu sou uma mulher forte e que poderia ser a mãe ideal para seus filhos. Eu ainda queria ver orgulho de mim em seus olhos. Resquícios de um sonho estúpido de adolescente, mas que eu precisava desesperadamente realizar, por mim e pela minha paz de espírito.

Respirei fundo, tentando acalmar a respiração que começava a oscilar. Me sentia extremamente cansada, ela tinha razão, não dormi nada. Os medicamentos não estavam fazendo efeito, eu estava muito ansiosa. O

tempo todo que fiquei na cama com Bryan, apenas imóvel, olhei para o homem à minha frente com a mesma adoração juvenil que sempre tive por ele. Odiando amá-lo, eu vi o desejo que sentia me consumir, tendo que engolir todas as promessas de nunca estar novamente em uma mesma cama que ele, para no minuto seguinte, tão facilmente, estar sendo fodida por ele.

A razão duelava bravamente com meu tolo e sempre apaixonado coração. Mas onde ficava essa razão quando eu estava na frente dele? Como um cachorro covarde, ela enfiava o rabo entre as pernas e me abandonava, me deixando à mercê do meu tolo coração, que era dele. As pessoas julgavam porque não conseguiam entender, elas não podiam sentir o que eu sentia quando era tocada por Bryan, nada se comparava ao que ele me proporcionava. Amá-lo era como um vício que me consumia por inteiro, dominava meu primeiro e último pensamento do dia.

Bryan me deixou em pedaços da última vez que brigamos, e eu jurava estar bem, jurava que seguiria em frente, agora eu tinha meus bebês, eles me fariam forte. Mas bastou apenas vê-lo e, merda, era tão difícil ignorar todos os conselhos, mas eu não conseguia dizer não a ele. Eu o conhecia, conhecia seu coração. Bryan nunca me desejou mal, ele não quis dizer exatamente aquelas palavras, e eu acreditava nele.

— Angie! — Jane me chamou, me trazendo de volta ao quarto. — Está tudo bem?

— Estou, eu estou bem.

Ela veio até mim, já havia vestido minha calcinha, um jeans e blusa mais solta, dispensando o sutiã. Ultimamente, meus seios estavam sensíveis demais, agradeci por Bryan não os ter chupado. Ele não sabia fazer isso de um jeito calmo. Jane trouxe as botas e casaco e me ajudou com isso também.

— Vai comer alguma coisa, Bryan já está fazendo isso. Precisa se alimentar também.

— Eu sei, já estou indo.

Me levantei e, em passos rápidos, fui até a cozinha. Bryan estava sentado à mesa, e odiei a forma como ele estava estupidamente lindo. Observei que, apesar de comer pizza, seu prato preferido, ele não parecia apreciar nada. Quando me notou, se levantou e veio até mim, então beijou meu rosto e, em seguida, me abraçou. Era quase ingênua a maneira como eu me sentia tão segura ali, como se nada realmente de ruim pudesse nos acontecer, mesmo sendo mentira.

Quando ele desfez o abraço, fui à mesa. Jane trouxe exatamente o que meu estômago andava aceitando no momento. *Cassoulet* e *sorbet de grapefruit* e gengibre cristalizado. E ao me ver devorar às pressas, Bryan sorriu, talvez por estar surpreso.

— Isso é sorvete e feijão?

— *Oui chéri*, *sorbet cassoulet et pamplemousse et gingembre confit*. — Ele ficou me encarando, aguardando a tradução. — Simplificando, é sim, feijão branco, carne e sorvete de gengibre cristalizado. E é muito bom. — Ele fez uma cara estranha. — Conseguiu falar com seu pai? — perguntei, entre uma garfada e outra.

— Consegui. Ele acha que foi um princípio de infarto, disse que mamãe está em observação, fazendo todos os exames, assim que confirmar, Erika...

Ele parou de falar quando citou o nome dela. Bryan era assim, falava no calor do momento, depois pensava e tentava consertar. Tarde, sempre tarde, e isso fazia dele um péssimo mentiroso. Se entregando sempre. Doeu, claro que doeu, sangrou velhas feridas, ainda não cicatrizadas. Ela sempre parecia tão melhor que eu, e seu nome soava tão bem em seus lábios, como se houvesse mesmo uma grande admiração e conexão entre eles, ligação esta que eu nunca tive com ele, e eu achava que isso sempre me incomodaria.

Minha fama e dinheiro não puderam me comprar essa segurança e autoestima. Ter muito dinheiro e poder, chegar ao topo e mostrar às amiguinhas do Bryan e ao próprio como eu tinha ficado linda e desejada,

não me trouxeram a paz que eu imaginava que teria enquanto batalhava para chegar ao lá. E, de repente, a garota certinha, centrada, focada, sem uma cabeça fodida como a minha, parecia merecê-lo mais que eu. E, claro, as lembranças que vieram depois que ouvi seu nome, fizeram meu estômago revirar.

— Angie, desculpa eu...

— Foco, Bryan, me fale sobre como sua mãe está.

Ele pareceu confuso, enquanto eu guardava a mágoa, me obrigando a engoli-la junto a carne, o feijão e sorvete.

Bryan continuou falando, seus lábios se mexiam e tudo que eu via era uma Angelina que continuava a mentir que estava indo apenas por ele, porque ele precisava dela, quando a verdade, a infame verdade, sempre esteve ali. E junto a essa necessidade latente de ser dele, a velha e tão ultrapassada insegurança estava de volta.

Olhei em seus olhos. Ele partiu meu coração tantas vezes que talvez eu também tenha me viciado na dor. Apesar de já ter terminado, Bryan continuou sentado, me fazendo companhia. Tentei continuar, mas senti a comida voltando à minha garganta. A passos rápidos, segui para o banheiro, e meio confuso, Bryan me seguiu. Fui direto ao vaso sanitário e vomitei

tudo que tinha em meu estômago. Não demorou para Jane entrar no banheiro e ficar me encarando por segundos.

— Bryan, pode me dar licença por favor. Jane, me ajuda aqui. — Apesar de receoso, bastou apenas repetir uma segunda vez para ele sair, contrariado, claro. — Acho que deveria ter tomado o medicamento para enjoo antes de...

— Angie, tem certeza de que quer mesmo fazer isso?

— Tenho, eu estou bem. — Lavei minha boca e escovei os dentes para tirar o gosto ruim. Era um presságio, meu corpo dava sinais de que não estava tão bem. — Estou, não se preocupe — menti.

Ela confirmou. Ao sairmos do hotel, foi necessário um cerco com meus seguranças para impedir que os vários fotógrafos nos atrasassem.

— Angeline, Angeline, *juste une image*! — Os gritos vinham de todas as direções.

Quando entramos no carro, Bryan pareceu assustado, aqui o assédio era maior.

— Você está bem? — perguntei quando vi a expressão assustada em seu rosto.

— Estou. É sempre assim? Eles acampam aqui?

— Bom, se acampam, não sei, mas ficam horas esperando uma foto para publicarem qualquer merda do tipo: ela está inchada? Ela está gorda para as passarelas, não? Ela está se divorciando...? Nada de novo, já me acostumei.

Ele desviou o olhar. Bryan parecia mais aliviado, acreditei que fosse por ter falado com o pai. Fomos direto a uma área privada do aeroporto, e lá entramos no jato e não demorou para decolarmos com todos sentados com seus cintos afivelados. Passado o momento, já nas alturas, segui com Bryan e Jane para meu quarto.

Comportava uma sala de reuniões, sala de estar, com sofá e televisão, uma sala de jantar completa, e minha suíte equipada com cama de casal e chuveiro. Eu não poderia reclamar, conforto não faltava para enfrentar viagens longas, mas ainda assim, meu coração estava inquieto demais. Minha assistente me acomodou na suíte, insistindo que eu deveria tentar comer alguma coisa enquanto tirava minhas botas e casaco.

— Não, Jane, agora não. Eu estou bem, não se preocupe.

— Tente dormir, então, você não dormiu durante dias. É sua folga, precisa descansar.

— Está tudo bem, eu vou ficar bem.

Ela concordou e recuou alguns passos, saindo do quarto.

Bryan sentou-se na poltrona ao lado da cama, e apesar de curioso, acreditava que pelo momento, ele me pareceu bem mais impressionado quando conheceu meu iate do que com meu jatinho. Jane fechou a porta, então ele veio e se deitou ao meu lado, apagando as luzes. Abri a cortina, enquanto olhava para a imensidão escura.

Bryan me abraçou, e droga, senti-lo tão próximo mexia com todos os meus hormônios. O quão idiota eu era por sentir tesão em um momento como aquele? Eu não queria pensar nisso, me sentia tão estúpida, mas em se tratando dele, o amor e o desejo por sexo sempre foram gritantes. Quando estávamos lado a lado, algo maior sempre nos atraía.

Ele disse que não ficou com nenhuma outra e eu queria desesperadamente acreditar nisso, mas era complicado quando todas as evidências apontavam o contrário. Afinal, o Bryan era lindo e sempre foi muito cobiçado pelas mulheres, por isso era tão difícil acreditar que eu fui a última na sua cama e na sua vida. Ele se encaixou melhor, me puxando para ficarmos de conchinha.

— Sua mãe está bem, não se preocupe — disse, ao sentir sua respiração pesada.

— Eu sei, quer dizer, mesmo sabendo não é algo que dá para controlar, me preocupo com ela, com você, com minha dose dupla que está

vindo aí. — Ele riu, sem jeito. Achei que tivesse mencionado os bebês para me animar. E percebendo isso, me abraçou mais forte. — Angie, eu sinto muito, era para conversarmos e aconteceu tudo isso... me desculpa mesmo.

Acabei afrouxando seu abraço, quase me livrando dele. Eu me sentia uma imbecil por estar em seus braços novamente. Quando se tem uma cabeça bem fodida, você procura se esquivar de pensamentos que possam ser gatilhos, e pensar nos bebês me trazia muitos, um estado de quase choque. Eu pensava o tempo todo que não era boa o suficiente para eles, que eu não seria uma boa mãe e, de repente, eu me via ansiosa e preocupada. As palavras do médico se misturavam com as do Charlie, que redobravam todas as vozes em minha cabeça.

Eu queria ser a mãe que não tive, eu queria amar muito esses bebês, porque essa era a minha última chance de levar a melhor parte da minha vida para o futuro. Eu queria que eles nascessem com saúde, porque olhar para eles sempre me faria ter uma parte de amor que eu sentia pelo Bryan. Os bebês teriam uma chance, agora eu seria a mulher que não fui no passado, eu seria forte por eles. E em meio a esse turbilhão de pensamentos, olhei para Bryan, que continuava com o telefone na mão.

— Pode colocar seu telefone na mesa de cabeceira, por favor?

Ele se assustou com o pedido.

— Está no silencioso, se tocar eu posso não ver.

— Por que colocou no silencioso?

— Para não atrapalhar se você dormir.

— Eu não vou dormir, não com você aqui. — Saiu ríspido, eu estava com raiva dele, de mim.

— Quer que eu saia?

— Se quisesse, não teria te deixado entrar. — Ele pareceu confuso, então desviou o olhar, em seguida, deixou o telefone de lado. — Eu não entendo. Dizia que viver comigo era um inferno, e agora quer voltar para ele?

Ele respirou fundo, antecipando o momento. Bryan se deitou de lado novamente, ficando de frente para mim.

— Eu sei que fui imbecil, não sabe como me arrependo por isso — disse, e eu o conhecia bem o suficiente para saber que estava arrependido, sentia isso em cada uma das suas palavras. Mas, para a sua má sorte, não me contentava só com isso.

— Já me disse isso. Mas quero saber quando se deu conta de que queria voltar para os braços do demônio, já que eu só sirvo para foder, não é?

Bryan ficou claramente ressentido, mas, se ainda doía em mim, tinha que doer nele também. Machucá-lo nesse momento era a minha única forma de ver algum sentimento por mim. A dor e a mágoa eram melhores do que a sua indiferença, porque eram um sinal indicativo de que ele ainda tinha algum resquício de sentimentos por mim, que eu não estava nessa sozinha. Um pequeno e doloroso acalento.

— Olha, eu sei que está magoada, se estivesse em seu lugar eu...

— Se estivesse no meu lugar, já teria desistido há muito tempo, Bryan, então não use isso.

— Angelina, estou tão arrependido, não sabe como senti sua falta, eu...

— Quando sentiu? Quando saía com seus amigos? Quando enchia a cara nos bares e boates? Ou quando fodia com a Erika e percebeu que com ela não era a mesma coisa que eu? Ah, desculpa, ela não é o tipo de garota que fode, ela faz amor, não é? Vadias como eu que fodem. — Ele engoliu em seco, dava para ver em seu olhar como se ofendia por tudo que eu falava. — Quer que eu pare de falar? Desculpa, eu não sou boa companhia, mas, na altura do campeonato, já está ciente disso.

— Você está magoada e eu entendo, entendo mesmo. Só quero que acredite em mim. Eu realmente estou arrependido e não estou mentindo

quando digo que nunca fiquei, sequer beijei a Erika. Somos apenas amigos.

Acabei rindo, o que, claro, o fez desviar o olhar.

— Ela é do tipo virgem que só se entrega depois do altar? — Ele não respondeu, se virou, ficando com o olhar fixo no teto. — Uma vez, Adryan me disse que acreditava que você havia ficado com mais de mil garotas. Eu estava fumando um cigarro na sacada do quarto, estávamos noivos, e eu já sabia que você sempre o chamava para sair e o apresentava para outras. Você tinha seus motivos para me odiar e eu entendia, entendia mesmo. Adryan achava que era por ele que eu ficava chateada, mas não. Me achei estúpida, na época, eu ainda me sentia mal por transar com Adryan, que era meu noivo, e você, tão facilmente, transava com várias, como se tudo que vivemos não significasse nada para você.

— Angelina, eu não fazia isso para te magoar ou sei lá o que está querendo dizer ou aonde está querendo chegar com essa conversa. Eu só o chamava porque ele me ligava perguntando o que eu iria fazer, então...

— Não, Bryan, está entendendo errado. Ninguém é cem por cento bonzinho, eu entendo. Você achava que eu tinha fodido com você e queria foder comigo, mas já fazia e não era pelo Adryan. Saber como você me superou tão fácil era o que me matava. — Ele suspirou, frustrado. — Adryan falando a respeito era engraçado, porque ele não entendia como

você conseguia primeiro seduzir, depois descartar sem se apegar. E a piada se tornava mais infame ainda, porque ele não entendia, mas eu sim, já que segundo você, eu fui a primeira, não é?

— Acha que eu te superei? Nunca me envolvi em um relacionamento real depois de nós. Não tem ideia de como doía te ver com ele, e, claro, a culpa por desejar e amar você me matava. Eu buscava em cada cama te arrancar do meu coração, e quanto mais eu fodia por aí, mais enraizada em mim você ficava. Eu te buscava em cada noite vazia, bebendo como um louco, pensando em você e no Adryan, querendo desesperadamente esquecer você, e vivendo como a merda de um frustrado por não conseguir.

— Mas nunca aceitou transar comigo, mesmo quando eu dava sinais de que queria.

— Angie, como? Ele é o meu melhor amigo! Pra que reviver algo se no fim sua escolha era o Adryan? — Bryan respirou profundamente, prendeu os lábios por segundos. — Quer falar sobre isso, sobre nós e o que nos aconteceu? — ele perguntou, e antes de eu responder, a tela do seu telefone acendeu. Bryan o pegou e leu a mensagem.

Desabotoei meu jeans que estava apertando. Eu queria dizer tanta coisa, queria fazer sangrar algumas feridas, mas, no fim, elas se voltariam contra mim. Ele saberia que eu matei nosso bebê, que não sou uma mãe

confiável. Merda! Com olhos cheios de lágrimas, me virei para enxugá-las, enquanto meu cérebro implorava por um cigarro. Quase podia sentir o gosto de menta e nicotina.

Era uma merda quando o coração se viciava em um tipo de dor, e o meu, corrompido pelo amargo da culpa, era viciado em sempre sangrar.

Bryan deixou o telefone de lado e se deitou mais próximo, o suficiente para que eu sentisse sua respiração.

— Angie, não tem ideia de como eu queria poder voltar atrás. Se pudesse apagar todas as merdas que te falei, todas as vezes que te machuquei, todas as escolhas que direta ou indiretamente te causaram dor, eu faria. Mas, infelizmente pra mim, que vou ter que conviver com a culpa pelo tempo que me resta, eu não posso. Não posso mudar nada, e droga, eu queria tanto. — Sua voz estava chorosa, então me virei novamente e encontrei seus olhos cheios de lágrimas.

— Você sempre foi tão popular, lindo, apaixonante e eu, uma caipira, idiota, que conversava com cavalos, filha de uma prostituta drogada. Sabrina quase acertou sobre isso. Eu não era a mistura da senzala com a casa branca, mas do vício por sexo sujo de John Paytron, um multimilionário do petróleo, com uma prostituta de rua — falei, com lágrimas nos olhos. Bryan pareceu chocado. — Ela morreu no parto, então

meu pai disse para a noiva que só se casaria com ela se tivesse ajuda na criação da porra do bebê. John não queria filhos, sequer se casar, mas ele fez o que pôde. Resolveu o problema entregando a bebê para sua linda mulher, achando que ela amaria o bebê da puta. Mas é difícil amar seu homem e ver a cópia da puta que ajudou a criar ser amada e receber a atenção que você queria do marido, mas não tem. — Acabei rindo. Bryan tentou me tocar, mas eu o afastei. — Hoje eu entendo, Bryan, entendo a Dayse, entendo o ódio daquelas garotas, tão mais lindas que eu, perfeitas. De repente, a caipira suja, filha de puta, que elas tanto desprezavam é capa de revistas, requisitada em programas, ganhando milhões e as passarelas do mundo todo. Não deve ser fácil para elas, porque, você sabe, eu alcancei o topo, mas o que elas não sabem é que quando se chega ao topo, você se torna refém da imagem que criou, a boa garota, aquela que é exemplo e que nunca erra. É patético, eu sei, mas não foi a imagem que eu criei, criaram pra mim, e se você soubesse tudo o que eu fiz, não iria me querer ao seu lado nunca. Porque Dayse nunca errou, Bryan, ela via o que eu demorei para conseguir ver.

— Angie, eu sinto muito por tudo... sua... ela não tinha o direito de te tratar assim — Bryan disse, chorando mais que eu.

Era assunto velho para mim, não tinha mais lágrimas, não quando era relacionado a John ou a Dayse.

— Não sinta, foi uma boa mistura. Olha pra mim, Bryan, uma vadia viciada, que assim como a mãe, não sabe se valorizar, que vive como uma cadela no cio atrás do principezinho que ela acha que deixou para trás, ignorando que ele nunca quis voltar. E claro, tinha que ter a genética do John também, porque a vadia sabe mesmo fazer dinheiro, Bryan. Por isso todos querem ser como ela, mal sabendo que ela não se suporta. — Ele continuou chorando, perdido como um menino. — Vai me achar um monstro se eu fumar um cigarro? — Bryan permaneceu em silêncio. Eu estava ansiosa, roendo as unhas, esperando que ele me condenasse. Eu queria isso, ser julgada. — Desculpa, eu sei que sou irritante. Acho que são todos esses hormônios e...

Ele não me deixou terminar, apenas me abraçou e colou nossas bocas, iniciando um beijo, que a princípio me causou desconforto, mas logo acendeu meu bom e velho vício por ele. Não chegaríamos ao sexo, eu estava esgotada, mas continuei a beijá-lo até tudo passar — a dor, a confusão —, e funcionando como um bom calmante, agarrada ao seu corpo, acabei adormecendo no conforto do seu abraço, com aquela sensação de estar em casa. A paz temporária que seus braços me faziam sentir, mas que, no fundo, eu sabia que tinha um curto prazo de validade.



Vagarosamente abri os olhos, Bryan ainda mantinha seus braços a minha volta e a respiração serena, adormecido. Delicadamente, eu me afastei do seu corpo e saí do quarto, com estômago roncando de fome. Segui até a sala de jantar e encontrei Jane preparando algo.

— Que bom que acordou, já ia chamá-la. Estamos chegando — ela disse, colocando um sanduíche e um copo de suco à minha frente.

— Pode preparar para o Bryan, ele deve estar com fome. Vou levar para ele.

— O principezinho não pode pegar? — ela brincou.

— Para, vai.

Jane ficou me encarando por segundos.

— Então é isso, nada de divórcio?

— Pelo contrário, recaída não significa estar de volta ao lugar de antes.

— E o que significa, Angelina?

— Eu não sei. Na verdade, nem sei se quero saber...

Ela me estendeu uma bandeja com sanduíche e suco. Segui para o quarto e vi Bryan sentado na cama, com as luzes acesas. Ofereci o sanduíche, mas ele recusou, estava pensativo. Me sentei na cama ao seu lado.

— Como descobriu sobre seus pais?

— Um detetive.

— Conversou com eles sobre isso?

— Apenas com John, e quando o confrontei ele confirmou tudo e, claro, pediu perdão pela merda de pai que sempre foi. E fez o que sempre faz, me deu esse jatinho de presente.

— E com a sua... — Não completou a frase.

— Minha mãe? — Ele olhou em meus olhos, talvez surpreso. — Eu não entendia, mas, no fim, me senti aliviada por saber que não tínhamos laços sanguíneos, mesmo que eu ainda a ame — confessei, prendendo os lábios.

Bryan apenas concordou, em seguida, acariciou meu rosto e me puxou para seus braços, beijando minha cabeça e repetindo o gesto por segundos.

— Angie, eu ainda quero conversar sobre nós, e...

— Agora não, já vamos nos preparar para aterrizar. Foque na sua mãe agora, ficamos para depois.

— Não quero que a gente fique pra depois, eu só vou...

— Eu entendo, e podemos conversar depois. Está tudo bem.

Jane avisou sobre a aterrissagem, então nos preparamos seguindo os protocolos de segurança e foi tranquilo. Não apenas o desembarque, mas como ninguém sabia sobre nossa volta, o processo de sair do aeroporto e ir ao hospital ocorreu sem interrupções.

Ia ser difícil, eu sabia disso, mas estava mentalmente tentando me preparar para vê-lo junto a Erika. Só que não funcionou exatamente como eu planejei. Na recepção, Bryan foi informado onde sua mãe estava, então segui com ele sempre de cabeça baixa, casaco largo e fechado, um boné, evitando chamar a atenção.

Ela já estava no quarto, então Bryan bateu à porta, e ao entrarmos, ouvimos sua mãe agradecendo a Erika por tudo, enquanto era examinada por uma enfermeira.

— Isso não é nada. Não está em dívida comigo, não se preocupe — a amiga de Bryan disse, com voz doce, até mesmo isso eu odiava.

Claro que ela tinha a doçura que eu nunca seria capaz de demonstrar, já que minha mágoa só trazia à tona a minha acidez e sarcasmo. E estando

tão próxima, ficava mais evidente que eu realmente não poderia ser a mulher que o Bryan queria.

— Evidente que estou, Erika, você é um anjo em nossas vidas. Todos nós te devemos muito.

— Sua nora realmente é um anjo — a enfermeira brincou e mal teve tempo de ser corrigida, pois sua mãe o viu e voltou sua atenção a ele.

— Bryan, meu querido, não precisava ter vindo — disse, emocionada.

Fiquei distante, esperando que eles tivessem seu momento, e como eu estava bem atrás, ela não me viu, nem mesmo Erika, que o abraçou com um sorriso no rosto.

— Mãe, a Angelina está aqui — Bryan falou, fazendo sinal para eu me aproximar.

— Essa é minha nora, enfermeira Clyde. — Valerie me apresentou para a enfermeira, que se virou em minha direção. Então ficou claro que Bryan sequer mencionou o divórcio aos seus pais.

— Ah, meu Deus, Angelina Paytron, que honra. Devo dizer que é ainda mais linda pessoalmente — ela disse, sorridente.

— Obrigada. — Retribuí o sorriso.

Bryan estava tentando evitar qualquer clima. E sem perder tempo, rapidamente ele perguntou pelo pai, e a boa samaritana revidou que Philip

foi tomar um banho e comer alguma coisa, mas que ela se prontificou a ficar com Valerie.

Ele sorriu, evitando me encarar, e ligeiramente perguntou à enfermeira o estado de saúde da sua mãe. Ela explicou que foram descartados enfarte e avc, e acabaram chegando à conclusão que a Valerie tinha tomado a dosagem errada da medicação, e isso fez a pressão subir muito, mas que já havia normalizado. Provavelmente, assim que o médico passasse no quarto, a mãe de Bryan poderia ir para casa.

Assim que a enfermeira terminou de examiná-la, Bryan agradeceu e só então ela saiu do quarto. Ele se aproximou da mãe e carinhosamente a beijou, dizendo que ela havia dado um grande susto nele. Sua mãe justificou que tudo não passou de um grande exagero de seu pai, que ela estava bem e foi uma bobagem ele ter vindo, e claro, me incomodado para vir também.

— Val — Erika usou de intimidade com sua mãe, e eu gostaria de dizer que foi forçado, mas não foi —, agora que Bryan está aqui e o perigo já passou, eu vou embora. Vocês precisam de privacidade — concluiu, sorrindo.

Minhas mãos suavam, eu estava odiando essa proximidade, e a forma como ela parecia se encaixar no papel de esposa perfeita me matava.

— Erika, não tenho nem como te agradecer. — Valerie retribuiu o sorriso.

— Não foi nada. Faria quantas vezes fossem necessárias. — Ela então se virou para Bryan. — Tem um minuto?

Ele ficou sem jeito, muito, e olhou de relance para mim.

— Amor, acompanhe Erika, ela foi realmente um anjo comigo.

— Claro. — Enfim respondeu.

Erika apenas acenou ao passar por mim. Odiei a forma como ela sustentava a imagem de santa. Antes de sair com a amiga, Bryan sussurrou em meu ouvido que seria rápido.

Ao me ver sozinha com Valerie, antecipando qualquer clima tenso, a mãe dele rapidamente disse:

— Querida, não precisa se preocupar. Erika é uma grande amiga da família e muito querida por todos. — Olhei para Valerie e não conseguir dizer nada, apenas sorri. — Fico feliz que tenha vindo, mas entendo que é ocupada e não precisava se incomodar, eu...

Senti meu telefone vibrando no bolso do casaco. Eu não queria atender, mas com todo conflito interno que eu tinha e o aperto no peito, me pareceu uma saída fácil. Peguei-o do bolso de vi o nome de Charlie. Pedi licença e saí do quarto, não vendo Bryan no corredor.

— Oi.

— Angie, pelo amor de Cristo. Me diz que eu estou louco e que você não está em Portivill?

— Charlie, foi apenas uma...

— Meu Deus. Você tem noção de que essa gravidez não pode vir à público agora? — Ele estava muito irritado.

— Não vai acontecer, e outra, o médico disse que está tudo bem...

— Não. O médico não disse que está tudo bem, ele disse que só depois de fazer um exame morfológico que saberá se o excesso de medicamento não afetou os bebês. Acha que consegue lidar com isso? Acha que esse cara não vai culpá-la caso os bebês tenham algum problema?

As palavras dele eram como um soco na boca do estômago. Me levou de volta a uma época em que eu não tinha voz, uma época em que não fui capaz de proteger meu bebê. Mas agora eu faria diferente, eu pedia aos céus todos os dias para ter força para lutar por eles.

— Charlie, pare! Pare agora!

— Angie, eu quero protegê-la. Eu sei dos seus problemas e não te julgo, mas eu sou assim. Não sabe como as pessoas irão reagir quando souberem que além de fumante, fez uso de fortes medicamentos na gravidez. Eu quero protegê-la desses ataques, quero protegê-la de...

Comecei a tremer, suando frio, como se estivesse com mãos em minha garganta, me sufocando. Charlie do outro lado dizia para eu entrar no avião e ir embora. Doía, claro que doía saber que fiz mal aos meus bebês, doía saber que eu era capaz disso, e com cada uma dessas acusações, o medo crescente embrulhava o meu estômago.

— Se não quer que ele descubra o que está acontecendo e te force a interromper a gravidez, venha embora agora!

— Angelina! — A voz do Bryan me chamando me fez desligar o telefone imediatamente. — O que foi? Quem era?

Guardei o telefone rapidamente.

— Ninguém — respondi, sentindo as mãos trêmulas.

— Vamos, minha mãe recebeu alta — Bryan disse ao segurar minha mão, me levando com ele.

Mas tudo que estava em minha mente era que eu precisava ir embora, caso contrário, se ele soubesse que eu poderia ter prejudicado nossos filhos, além de não me perdoar, Bryan tiraria meus bebês de mim e isso eu não iria deixar. Me tiraram meu primeiro filho, não iriam tirar mais nenhum. Eu morreria com eles, mas não os deixaria com mais ninguém.



Capítulo 22

Bryan

Droga! Eu não queria bancar o imbecil com Erika, principalmente depois de todo o favor que ela me fez, mas sabia que sair com ela e deixar Angelina afetaria a chance que eu estava implorando para ter. Mesmo assim, eu fui.

Foram perguntas sobre se estávamos bem, se Angelina ficaria. Respondi rapidamente que sim para as duas, sem dar detalhes, e agradeci a ela pelo imenso favor. A partir daquele momento, ninguém falaria mal da Angelina na minha frente. As coisas seriam diferentes agora e ela percebeu, ficou evidente o que estava em jogo aqui — a minha família.

Nos despedimos com poucas palavras e eu a agradeci novamente. Estava preocupado com minha mãe, mas ainda estava assombrado e sob o impacto de todas as revelações do velho diário da Angelina. Saber o quão pesado foi o bullying que ela sofreu, o aborto, a descoberta sobre a mãe, era demais para uma pessoa enfrentar sozinha. Eu sabia que ela estava frágil e eu não faria nada para lhe trazer mais peso ou dor, por isso, a conversa com a Erika foi breve e seca, o momento pedia por isso. Claramente Angelina não estava bem e eu temia que a gravidez pudesse agravar seu estado de saúde e, especialmente, o psicológico. Eu precisava que ela se abrisse comigo, que me deixasse voltar para a sua vida, que me deixasse cuidar da minha família. Desta vez eu escolheria com sabedoria, sabendo o que estava em jogo.

Voltei ao quarto e encontrei o médico com a minha mãe, então me apresentei como seu filho e como já predito pela enfermeira, ela receberia alta. Ele prescreveu medicamentos, falou a respeito de ter sempre alguém por perto e, claro, redobrar a atenção. Ele chegou até a sugerir que eu me mantivesse mais próximo e atento por alguns dias.

Quando ele terminou, perguntei por Angelina. Minha mãe explicou que ela recebeu uma ligação e saiu do quarto. Deixei minha mãe com a enfermeira, que agora retirava o acesso venoso, e fui ao corredor. Lá no final, reconheci seu casaco, então me aproximei chamando seu nome. Ela

parecia tensa, confusa, perguntei quem era na ligação e Angie ignorou. Segurei sua mão e notei que estava gelada. Seguimos para o quarto e ao entrar, vimos minha mãe se preparando para ir embora.

Angelina parecia distante, e me deixou conduzi-la sem reclamar. Como estávamos com um dos seus seguranças, pedi que ele nos levasse até a casa dos meus pais. Parecia que Angie tinha ouvido uma notícia terrível e agora carregava todo o peso do mundo nas costas.

Ajudei minha mãe a descer do carro, e antes que pudesse ajudar a Angelina, ela já estava fora do veículo, insistindo em ficar alguns passos atrás, enquanto eu, igualmente teimoso, segurava a sua mão, buscando contato com ela e não querendo deixá-la longe.

Fomos recepcionados por meu pai, e apesar da aparência cansada, ele estava feliz não apenas com a volta da minha mãe, mas com a minha presença também. Nós conversamos brevemente sobre os medicamentos da mamãe e ele a ajudou a se acomodar no quarto. Quando voltei a minha atenção para Angelina, eu a vi parada no meio da sala, seu olhar vidrado e vazio, olhando para a velha escada. Isso me entristeceu muito, não queria que todas as lembranças ruins viessem à sua mente, ainda mais em um momento tão delicado para ela.

Meus pais fizeram algumas reformas, mas a casa permanecia com a mesma aparência de antes, e ela sempre agiu da mesma forma ao vir à casa dos meus pais — Angelina entrava pela porta da sala e subia a escada, seguindo direto para o meu quarto. E era exatamente para a porta do meu quarto que ela olhava fixamente, parecendo frágil e quebrada, e isso me partiu em mil pedaços. Eu não queria vê-la tão magoada e infeliz, não aqui, onde vivemos tantas coisas boas, porque vê-la infeliz me atingia mais do que eu poderia e conseguia explicar.

Meu pai veio até nós, alheio a todos os nossos dramas pessoais, e cumprimentou-a. Ele estava verdadeiramente feliz por vê-la, então pediu que ficássemos para o jantar que ele já estava preparando. Eu não os deixaria sozinhos, não hoje, e não restou alternativa a não ser chamar Angelina para subir, mesmo notando sua mágoa e desconforto. Eu via seu estado de breve confusão, mas eu queria ter uma chance de falar com ela, queria muito confortá-la e fazer com que as minhas palavras chegassem ao seu coração. Somente então eu teria uma chance genuína com ela. Toquei na base das suas costas e a conduzi para o quarto, enquanto Angie permanecia aérea a tudo, ou talvez tentasse permanecer distante de mim, não querendo manter nenhuma espécie de conexão emocional. Isso, sim, era uma merda. Ela me acompanhou até a metade da escada e parou.

— Bryan, eu preciso ir embora. Eu...

Segurei na sua mão e olhei fixamente em seus olhos.

— Calma. Você me disse que teríamos a chance de conversar.

— E não pode ser aqui, na escada mesmo?

Eram visíveis a aflição no seu olhar e a busca por uma saída, enquanto encarava a porta. Esse fato me entristeceu mais. Seria mais difícil do que eu tinha imaginado, ela ainda estava muito magoada e quebrada.

— É só meu antigo quarto, não tem um fantasma lá. Não um de verdade, apenas nossos velhos esqueletos no armário, mas eles não nos assustam mais. Somos nós, Angie, calma. — Ela desviou o olhar. — Eu prometo que não vou tomar muito do seu tempo, mas me deixe ao menos conversar sobre nós, por favor. Tenho muito para te falar, dos meus sentimentos, dos meus erros e arrependimentos. Não fuja, me deixe falar com você.

— Eu já decidi, não adianta me olhar assim, Bryan, eu não vou voltar para você, eu... — Ela tropeçava nas próprias palavras, ansiosa, como se tentasse se convencer de que nós não merecíamos outra chance.

Mas eu não cederia, agora era a minha vez de lutar pela nossa família.

— Tudo bem, mas só me dê a chance de falar. Vamos?

Estar naquele quarto trazia tantas lembranças para mim, e eu tinha certeza de que a Angelina tinha suas próprias lembranças. Nós tínhamos

muita bagagem, muitas mágoas, mas também havia muitos sentimentos e situações mal resolvidas, e eu queria começar a desatar todos esses nós. Ela entrou e seus olhos se encheram de lágrimas, imaginei que talvez não fossem recordações boas para ela, mas eu queria acreditar que havia algo de bom ali, era uma questão de se abrir para o momento. E eu a queria de coração aberto aqui.

Angelina olhou para cada canto. Meus pais o conservaram como eu o deixei antes de ir para a universidade. Sem pedir permissão, ela deu alguns passos até a janela, visivelmente emocionada, mas se empenhando muito em tentar esconder isso de mim. Em seguida, passou a mão pela minha mesinha de estudo, os livros na velha estante e, por fim, na cama. Ao lado na cabeceira de cama, meu livro de fantasia preferido, aquele mesmo que eu lhe dei um exemplar no Natal. Angelina se sentou na cama, e o pegou, encontrando dentro dele uma foto nossa. Ela suspirou, e agora eu entendia, ela tinha razão, havia vários fantasmas aqui e todos eles remetiam a nós e a nossa história.

Ela começou a chorar, um choro doloroso, emotivo e que expressava muitos sentimentos, então cobriu o rosto com as mãos e começou a soluçar. Eu me aproximei lentamente e a envolvi em meus braços, deixando que chorasse, que exorcizasse seus demônios. Angelina não me repeliu. Apesar da dor, eu queria mostrar a ela que agora seria diferente, eu estaria aqui para

colar todos os nossos cacos. Sem partidas, sem ponto final e sem mal-entendidos.

Ela fixou o olhar na foto, que agora estava em suas mãos — nós dois abraçados, nos beijando, com ela em meu colo. Angie a virou e atrás estava escrito com a minha letra: *Eu te amarei por toda minha vida, Angie. Você é minha?*

E com a letra dela: *Eternamente sua!*

— Você ainda é minha? — perguntei. Ela me encarou, com lágrimas descendo por seu lindo rosto. — Angie, eu sei que errei, e que foram vários erros, que eu peguei pesado. Eu devo mesmo merecer o seu desprezo, porque não enxerguei o óbvio, não enxerguei o que estava bem na minha frente. Agora entendi que você pagou um preço alto, e, consequentemente, eu paguei também ao perder você. Mas nenhum erro é eterno, e se me der uma única chance, juro ser merecedor dela. Todos os meus dias serão dedicados a você e aos nossos bebês, não vou falhar com você de novo. Só me diz que pode me dar essa chance, por favor. — Me ajoelhei à sua frente. — Eu não estou pedindo, estou implorando!

— Não faça isso, por favor, eu não posso.

— Por que não? Não me ama mais?

— Bryan, as coisas são bem mais complicadas do que imagina.

— Então me deixe entender, me deixe estar nessa com você, por você, Angie. Mesmo que seja complicado, só não me deixe fora da sua vida.

— Bryan, por favor, eu não posso.

— Angie, eu jurava que havia superado tudo que nos aconteceu, mas bastou apenas estar com você, dormir próximo a você mais uma vez, para ter certeza de que não vou te superar nunca. Não apenas pelo sexo, pois ainda que ele seja fantástico, é o seu toque, o seu cheiro, o seu coração e os seus olhos que eu busco ao adormecer. Eu preciso disso para estar em paz. Percebi que tentava fugir de você porque, no fundo, eu já sabia que ter você comigo me deixaria dependente de você e de todas as sensações que só você me traz.

"E diferente do que pensa e do que eu mesmo pensava, não é só uma foda das boas, é pele, é coração. Eu demorei para processar tudo o que estava sentindo e sempre senti. Agora tenho certeza de que apenas com você serei feliz. Eu te amo como amava quando escrevi isso, na verdade, amo desde o primeiro momento que eu te vi, e esse sentimento não vai mudar nunca. Se nada o transformou até agora, eu aceitei que você é meu destino. E quando digo aceitar, não é uma coisa imposta, eu quero estar aqui com você. Entende? Se sente assim também?"

— Bryan, você ainda não sabe de toda a verdade e talvez ela não...

— Qual verdade? Que eu era o pai do bebê que abortou e não o Adryan? — perguntei e ela ficou em choque. Eu sabia que tinha feito a pergunta proibida, entretanto, foi como se a muralha entre nós começasse a rachar. — Por quê, Angelina? — Engoli em seco. — Por que nunca me deixou saber que o bebê era meu?

Angelina congelou, dos seus olhos caíam apenas lágrimas. Eu conseguia enxergar a sua dor nesse momento. O silêncio foi doloroso, cruel, desumano, e quando achei que tudo que teria era esse amargo silêncio, ela começou a falar:

— Eu tinha acabado de fazer quinze anos, e tudo o que conhecia de relacionamento era o que tinha vivido com você. Ingênua demais, burra demais, iludida demais. Eu não queria interromper seus sonhos. Eu te amava mais que a mim mesma, e apesar do meu desespero, eu queria apoiar você, porque sua felicidade sempre foi mais importante para mim do que a minha própria felicidade, por isso não te contei. O problema foi depois que você foi para a universidade. — Ela passou a chorar fartamente. — Minha mãe começou a desconfiar, cortou qualquer acesso a dinheiro e pegou meu telefone. Duas semanas sem ouvir sua voz, sem saber se estava bem ou poder ouvir que ficaríamos bem. Eu estava desesperada, sem saber o que fazer. — Respirou fundo, buscando forças, eu sabia como era difícil. —

Naquela noite, decidi procurar seus pais, mas cheguei só até o primeiro ponto de ônibus. Tentei te ligar do telefone público, mas não conseguia falar com você, mesmo assim, fiquei insistindo por horas, ouvindo sempre a caixa postal. Em algum momento eu desisti, e se não tive coragem de dizer a você, eu me conhecia bem o suficiente para saber que também não teria coragem de dizer aos seus pais.

"Decidi voltar para casa, foi exatamente aí que Adryan entrou na história. Nunca me apaixonei por ele, Bryan, esse coração idiota sempre foi seu. Mas mamãe vivia falando dele, da família e como meu pai aprovaria. Eu estava desesperada, passando mal, com cólica, e por causa do bebê, preferi não ir com Cristal. Seria uma longa caminhada de volta para a casa. Adryan passou de carro e eu mal o reconheci. Ele estava com uma cerveja na mão, som alto, aparentando estar alterado. Ele me ofereceu uma carona, em qualquer outra ocasião eu teria negado, mas aceitei. Ele perguntou por que estava ali, àquela hora e sozinha. Demorei para responder, acho que o fato de ter tantas garrafas vazias no chão me chamou mais atenção que sua pergunta. Adryan estava chateado com alguma coisa, então bebia e falava mal dos pais, eu só concordava sem realmente prestar atenção. Em certo momento, a conversa mudou e ele começou a dizer o quanto eu era linda. Demorei um pouco para entender que Adryan estava interessado em algo mais. Eu não tinha desejo, sequer cabeça, mas mamãe havia dito que se eu...

— Ela respirou profundamente, em um choro contido. — Eu sabia que ela não aceitaria o nosso bebê. Sem saber da gravidez minha vida já estava um inferno. — Respirou profundamente, agora encarando os pés, envergonhada. — Ele continuou a dizer o quanto estava interessado, e foi quase como ouvir minha mãe em minha cabeça dizendo que papai o aceitaria. Uma ideia estúpida me atingiu como um raio. — Ela agora soluçava. — Adryan estava interessado e bêbado, talvez poderia achar que o bebê...

— Fosse dele? — completei, sentindo minhas lágrimas.

— Na minha cabeça, aquilo não era traição. Eu estava desesperada, Bryan, queria que o nosso bebê tivesse uma chance. Achei que por estar bêbado, ele não se lembraria e acharia que aconteceu. Mas não saiu como eu planejei. Ele tentou me beijar e eu deixei. Ele tirou minha roupa, e eu... — Ela prendeu os lábios. — Eu deixei que ele transasse comigo. Zero prazer. Nada. Apenas um coração sangrando, minha cabeça quase explodindo e nojo de mim por deixar outro me... — Ela continuou chorando. — Não posso culpá-lo. Eu não protestei em nenhum momento. Quando acabou, ele quis me deixar em casa, mas eu disse não e acho que isso o deixou confuso.

“Adryan insistiu que queria me ver novamente, perguntou se estava tudo bem, e eu confirmei que sim, disse que depois nos falaríamos, então só

saí do carro. Tive forças para segurar minhas lágrimas apenas tempo o suficiente para ele arrancar com o carro e ir embora. Eu chorei por horas, porque só depois entendi o que tinha feito a nós dois. Fiquei desesperada, imaginando que você me odiaria quando soubesse. Foi nesse momento que eu entendi que tinha ferido você e que não saberia lidar com isso. Eu me senti suja, a encardida que todos apontavam. Não conseguia me aceitar e me olhar no espelho, e naquela noite passei horas me esfregando no banheiro, me sentindo suja, imaginando que você nunca mais iria querer tocar em mim. Porque eu mesma não queria, sequer conseguia encarar minha imagem.

"Mas na hora tudo que me passou pela cabeça foi proteger nosso bebê. Dias depois de eu não querer sair mais do quarto, mamãe me obrigou a fazer um exame e descobriu a gravidez. Foi a primeira vez que me deu um tapa no rosto. Eu insisti que o Adryan era o pai. Ela ligou para os Hermestoff, e foi humilhante, eu não os conhecia e ela me expos dessa forma. Dois dias depois, ela me levou para fazer uma ultrassom, confirmando que eu estava entrando no terceiro mês de gestação. E se até então eu achava que conhecia o inferno, nada se comparava àquilo que passei a viver com mamãe. Ela me humilhava dizendo que só uma puta como eu para estar grávida de um e ter transado com outro. — Angelina continuava a chorar, e doía vê-la assim. — Ela falava que você nunca me

perdoaria, que teria nojo de mim. E o pior, como a fiz de idiota com os Hermestoff, agora eu iria interromper a gravidez. Eu me ajoelhei, implorei tanto, tanto, mas não adiantou. E sem acesso a telefone e sem poder sair de casa, eu pedia a Deus todos os dias para morrer.

"Ela me levou a uma clínica em outra cidade, chorou em frente ao médico, dizendo que sempre ela e meu pai me proporcionaram o melhor, que tudo que eu pedisse era me dado no mesmo instante e que ela não entendia como eu poderia humilhá-los daquela forma a ponto de nem saber quem era o pai do bebê. O médico, comovido por sua dor, me olhou como se eu fosse um animal asqueroso. Não consegui dizer nada, apenas chorava. Fui levada a uma sala por uma enfermeira, que tirou minha roupa com rispidez, e me fez deitar em uma maca, então me colocaram no soro e aplicaram várias coisas em minha veia. Naquele instante, eu entendi que não valia nada e que não adiantava implorar, porque ninguém iria me salvar. Mesmo assim, continuei pedindo a Deus para tirar minha vida junto com a do meu bebê. — Ela suspirou, prendendo os lábios por um momento. — Comecei a sentir uma dor horrível, contrações, o médico então entrou na sala, e junto a essa enfermeira, me pediu para fazer força para expulsar o bebê. Era uma dor horrível, e quando acabou, ele pegou meu bebê e colocou perto do meu rosto, dizendo que a culpa era toda minha, que eu

havia matado o meu filho, e que esperava que minha consciência nunca me deixasse dormir em paz a partir de então.”

Fiquei em choque, horrorizado com tamanha crueldade. Dayse era um monstro, todos que participaram disso eram.

— Ele tinha razão, porque até hoje não consigo dormir. Ouço o tempo todo choro de bebê em minha cabeça, eu só queria poder pedir perdão ao nosso filho, porque fui fraca, imbecil e minha ingenuidade custou a sua vida. Você nunca me procurou, nunca foi atrás, eu soube por minha mãe que parecia que sua vida girava em torno de suas várias conquistas.

— Angie, eu entrei em contato várias vezes. Sua mãe insistia que eu deveria ligar para o Adryan, afinal, era ele o seu namorado e sabia melhor de você que ela.

— Na época, pensei que fui apenas mais uma conquista sua. E mesmo hoje, Bryan, eu posso ter meu coração partido, mas isso não é nada. A dor não se compara ao que me fizeram naquele dia, eles quebraram a minha alma. Eu matei meu bebê, e nem mesmo essa quantidade absurda de medicamentos que passei a tomar alivia minha consciência.

Antes que pudesse expressar qualquer reação, ela continuou:

— Bryan, sei que deve estar horrorizado com o que eu fiz, mas juro que estou tentando. Eu tenho fumado bem menos, e só estou tomando a

medicação que dr. Jordan passou. Por favor, me dê uma chance com eles, não os tire de mim. Pela primeira vez, estou lutando contra meus monstros, e acho que pelos bebês, eu tenho uma chance, porque quero muito isso. Sinto que esta é a minha segunda chance de viver e manter laços afetivos com alguém que não vai me deixar...

Abracei-a e a beijei muitas vezes, querendo aliviar sua dor. Tomá-la pra mim.

— Amor, eu nunca os tiraria de você. E, Angie, eu não vou deixar você, não vou te abandonar. Me dê esse voto de confiança, por favor. — Ela continuou chorando. Adryan tinha razão, fizeram uma lavagem cerebral em Angelina. Por mais que eu insistisse que ela não teve culpa, ela acreditava que era a culpada. — Ei, olhe pra mim. — Toquei seu rosto, acariciando-o. — Angie, você não teve culpa, não foi sua escolha. E ainda que fosse, estava sozinha, eu não iria julgá-la por isso. Nunca.

— Bryan, não. Eu poderia ter te contado, eu poderia...

— Você só tinha quinze anos — segurei seu delicado rosto entre minhas mãos —, e se tem um culpado, esse sou eu.

— Não, Bryan, você não sabia...

— Angie, você não teve culpa, não você. — Continuei com ela em meus braços, tentando de alguma forma aliviar sua dor. — Por favor, me dê

a chance de fazer o certo dessa vez, me deixe cuidar de você e dos nossos bebês. Me dê a chance de cumprir todas as promessas que eu te fiz um dia. Dê uma chance para a nossa família.

— Bryan, eu menti. — Ela olhou em meus olhos. — Meu médico não afirmou que está tudo bem, ele disse que só saberemos se os bebês foram afetados pelo meu vício em medicamentos quando fizermos um exame morfológico.

— Então vamos fazer.

— Só podemos quando eu completar as vinte semanas, estou prestes a completar dezesseis.

— Então fique comigo até completar as vinte semanas.

— Eu não posso, tenho compromissos e...

— Nenhum deles é mais importante que a sua saúde e seu bem-estar no momento.

— Eu adoraria ficar, mas não posso.

— Então fique hoje, fique amanhã, fique até realmente ter que ir. Adie isso enquanto pode. Volte só quando for realmente necessário.

Angelina ficou pensativa.

— Eu te amo. E, Bryan, eu estou com medo — confidenciou, e deu um sorriso triste.

— Eu te amo muito, mais do que imagina. Passei muito tempo reprimindo esse amor, e agora tudo que eu quero é poder vivê-lo. Seja lá o que esses bebês nos tragam, eles serão o nosso lar, fruto do mais sincero sentimento. Então vamos passar por tudo isso juntos.

Eu queria Angelina, queria por toda a minha vida, sem remorso, sem julgamento. Nosso amor era tão intenso e puro como sempre foi, e agora eu entendia por que nunca consegui matá-lo. Ele se negava a morrer, porque todas as verdades ocultas eram sentidas em seu íntimo, por isso sobreviveu às tempestades, a todo o vento contrário. Ele por si só sabia que poderia lutar. Sempre achei que o nosso amor era um barco à deriva, mas estava errado, ele era o oceano, e por isso, nada nem ninguém poderia matá-lo.

— Não chore, meu amor. — Limpei suas lágrimas.

Eu a beijei, agora com mais ímpeto, mais desejo, mais paixão. Angelina correspondia, entremeando seus dedos em meu cabelo, me puxando mais para si.

— Diz que me ama, vai? — sussurrei, entre o beijo.

— Eu te amo, bebê.

Angelina tirou minha blusa, enquanto eu desabotoava seu casaco. E foi com desespero, entre beijos e carícias, que nos livramos das nossas roupas. Puxei a colcha da cama e nos cobri com ela. Angie estava pronta, mas diferente das outras vezes, eu queria que fosse perfeito. Eu queria que ela entendesse que era amada, que não era uma foda, que era conexão. Que era amor. Como no início. Sem preocupações ou renúncias. Nós dois, juntando as partes que deixamos um no outro, nos tornando um.

Quando fui beijar seus seios, ela sussurrou para eu ir devagar. Mordi os lábios, sorrindo. Seu olhar de puro desejo contagiava. E diferente de todas as outras vezes, não haveria remorso depois. Fazia quanto tempo? Doze anos desde a nossa última vez aqui? Não havia mais esqueletos. Nenhum segredo, apenas nós e o nosso amor.

Senti seus lábios molhados beijando minha boca, dando leves mordidas, me deixando louco. Angelina me proporcionava um prazer surreal, mas naquele momento eu queria uma entrega total dos nossos corpos e almas, queria ser dela, e apenas dela. Sem obrigação, apenas a minha vontade de ficar. A vontade de ficar e mostrar a ela que, apesar do tempo, eu ainda era seu bebê e ela minha Angie. Mesmo querendo deixar meus instintos mais primitivos aflorarem e chupar seus seios tão lindos, eu os beijei delicadamente, um de cada vez. Segurei suas mãos acima dos seus

ombros e delicadamente distribuí beijos quentes por seu colo, seus seios, seu umbigo.

Ela se controlava para não gemer alto. E quando eu a penetrei, Angie arfou. Intensifiquei nosso delicioso vai e vem e minha velha cama quase quebrou o clima com seus ruídos.

— Bebê, seus pais vão ouvir — ela sussurrou e acabamos rindo. Essa era a frase mais presente quando estávamos em meu quarto. E como nas outras vezes, ela sabia que só terminaria quando os dois estivessem saciados.

Foi delicioso, intenso e, pela primeira vez, senti que agora estávamos na mesma página. Reiniciando nossa história. Angelina desceu comigo para jantarmos com meus pais. Ela, revivendo velhas memórias, continuava envergonhada, parecendo a Angelina de anos atrás. Ela até repetiu quatro vezes a sopa feita pelo meu pai, o que me agradou muito, estava conseguindo se alimentar. Elogiando muito seu tempero e, claro, me jogando uma boa direta para aprender a cozinhar como meu pai. Mas, para a minha merda de sorte, apesar de eu insistir muito, ela justificou que não poderia ficar, porque precisava cumprir agenda, que não poderia deixar na mão aqueles que um dia lhe estenderam a mão. E essa era a principal queixa do Adryan. Angelina era extremamente profissional e nunca descumpria seus contratos.

Doeu, claro que doeu. E como eu iria precisar ficar atento à minha mãe, não tinha como ir com ela. Mas eu sabia que meu coração estava me abandonando, ele entraria naquele avião com Angelina.

Levei Angelina para se encontrar com Jane, que aguardava no aeroporto. Mesmo não falando nada sobre estarmos juntos novamente, Angie prometeu entrar em contato, e isso de alguma forma manteve acesa a esperança. Não era uma despedida e isso já me bastava, enfim, tínhamos dado o primeiro passo, o mais importante deles. Ela não me repeliu e acabamos nos abrindo. Não havia mais segredos e eu continuaria por nós, pelos nossos filhos. Pela nossa família, eu faria com que me aceitasse novamente. Esse era o nosso recomeço definitivo.



Capítulo 23

Bryan

Fiquei segundos no carro, ainda sentindo seu cheiro que ficou em mim, feliz por termos uma chance real agora, triste por não saber quando a veria de novo. E isso era uma droga.

Do aeroporto até a casa dos meus pais era um trajeto de vinte minutos no máximo, mas levei quarenta pensando em tudo que havia acontecido até então. Esse era o momento que eu achava que ficaríamos bem, que a teria sempre e seria sempre seu. No fundo, uma parte em mim acreditava que ela ficaria, que agora seria diferente. E essa mesma parte até entendia que

Angelina tinha compromissos e precisava cumprir todos, mas o coração não.

Quando finalmente estacionei o carro na garagem, foi deprimente subir a escada, tomar um banho rápido e me deitar na cama, onde há duas horas ela estava comigo. Mesmo com a latente necessidade em escutar sua voz, eu sabia que Angelina faria uma longa viagem de volta e eu não queria importuná-la com mensagens. Mesmo porque mensagens não aliviariam em nada o que eu sentia agora. Fazia sentido sentir saudade de alguém que tinha acabado de ver? Eu não sabia, mas não se pode procurar sentido no amor, caso contrário, você enlouquece.

Quando o telefone vibrou, achei que fosse ela, mas não. Era Adryan perguntando se estava tudo bem com minha mãe. Respondi que sim, e a próxima pergunta de certa forma me deixou com nó na garganta. Ele quis saber se Angelina estava comigo, se nós conseguimos conversar e resolver nossas pendências. Respondi que de certa forma sim, porém, ela teve que voltar a viajar, e ele, melhor que eu, sabia bem o que era isso.

Pensei que ela ficaria, que teriam mais tempo.

Eu também pensei.

Foi minha resposta decepcionante. Quando a segunda chegou, eu queria parecer bem, sem realmente me sentir assim. Talvez por ler tantos livros, pensei que essa seria a parte onde não desgrudaríamos um do outro, mas a realidade costumava ser cruel em relação à ficção.

No almoço me encontrei com Mike e Priscila, que davam ares de não terem resolvido suas diferenças, mas, estranhamente, almoçavam juntos. Sim, existiam relacionamentos mais complexos que o meu. Mike estava vendo um clipe novo da estrela Pop do momento, Kay XX8. Ele era bom, bom mesmo, e segundo Mike, seu recente lançamento estava com tudo. Eu nunca fui muito ligado ao mundo pop ou acompanhei a vida de celebridades até ver Angelina em seu videoclipe. Sem permissão, peguei o telefone de sua mão. Eu tinha ouvido essa música nas rádios, mas não sabia que ela estava em seu clipe.

— Quando isso saiu? — perguntei, olhando a historinha ridícula do vídeo, onde o cara parecia loucamente obcecado por ela. O que não condizia com a letra da música, que até então eu gostava.

— Acho que gravaram há um ano, não sei, mas foi lançado essa semana. Pergunta para a Angelina, ainda não é casado com ela? — retrucou, pegando de volta o telefone.

Apesar de eu ter dito antes a ele que era um casamento de fachada, Mike não levou em consideração agora, ou sequer se lembrou, já que na noite em questão bebemos muito.

— Fere sua masculinidade saber que sua mulher é milionária, famosa, está linda nesse clipe que fez com um cara milhões de vezes melhor que você? Que inclusive não passa de um zé ninguém desconhecido? — perguntou, provocando.

— Fere sua masculinidade saber que Priscila é o homem da relação de vocês? — retruquei e Priscila gargalhou.

— Não é bem assim — ele revidou, não achando graça.

— Claro que é. Eu e Adryan estamos pensando em substituir você por ela nas noites de sinuca.

Priscila riu mais ainda.

— Não é o que ela diz quando quer transar. — Ele se gabou, lançando a ela um olhar irônico.

— Mike, cala a boca, seu idiota! — ela respondeu, furiosa.

— Como assim? Estão juntos de novo?

— Priscila está reformando o seu apartamento, então deixei que ficasse no meu.

Acabei gargalhando.

— Mike, você se casou e nem se deu conta disso.

— Sério, Bryan?! — Priscila me encarou, fechando a cara, enquanto Mike ficou pensativo.

— Não me casei, é só por dois meses. Não é, Pri?

— Vamos aos fatos. Dormem juntos todos os dias? — ele confirmou, ainda pensativo. Priscila se levantou, revirando os olhos em desaprovação. — Transam todos os dias? — ele novamente confirmou, agora com cara de quem começava a entender. — Está casado, Mike, que morte horrível, se casou sem nem perceber — debochei.

Ele me analisou por segundos.

— Minha morte foi horrível? — questionou e eu confirmei. — De quanto em quanto tempo vê sua mulher, Bryan?

— Três ou quatro meses, por quê?

Priscila voltou para a mesa com uma bebida.

— Que morte horrível! O galinha da turma que dormia cada dia com uma mulher diferente, agora molha o biscoito de três em três meses. E olhe lá! Quem mesmo teve uma morte horrível?

Parei de rir na hora, mordendo o lábio.

— Tudo bem, você venceu essa. — Levantei as mãos e ele piscou.

— Priscila, por favor, não se sente ao lado do Bryan. Ele não faz mais intercurso como antes e essa abstinência pode prejudicá-lo perto das mulheres.

Nós dois rimos.

— Afff, vocês são tão idiotas — Priscila interpôs, finalizando o assunto.

Eu queria mesmo que, assim como disse ao Mike, essa distância ou o clipe e a proximidade com o cantor não me incomodassem, mas, no fundo, o ciúme batia forte. À tarde tentei falar com ela, e depois de muito insistir, escutei Jane dizer que ela estava dormindo, que lá onde estavam eram três e meia da madrugada. Pedi desculpas, mas ainda me atrevi a perguntar se estava tudo bem com ela.

— Continua apaixonada por você. — Foi sua resposta ácida da madrugada.

Ela desligou, mas não antes de dizer que me ligaria assim que Angelina acordasse. Passei na casa dos meus pais, conferi os medicamentos e fugi das perguntas da minha mãe sobre como o casamento iria funcionar se Angelina continuava tão longe. Não era maldade, minha mãe era incapaz disso. Expliquei que faríamos ponte aérea quando ela tivesse uma folga.

Mas os dois me pareceram não entender muito bem, terminando com algo sobre relacionamentos modernos e que nunca iriam compreender.

A verdade era que nem eu entendia, já que Angelina não deixou isso tão claro. Depois do jantar, voltei para o meu velho chalé. Agora a casa me parecia tão mais solitária. Eu sabia que era estúpido e infantil, mas após o banho, lá estava eu, bancando o idiota ao ver o videoclipe do cara. Ela estava linda, e mesmo não tendo cenas quentes e ele em nenhum momento tocá-la, a forma como as cenas foram editadas, dava a entender que ela estava igualmente apaixonada. Odiei esse videoclipe. E idiota como era, não bastou apenas ver o vídeo, fui conferir os comentários. E que loucura quando percebi tantas pessoas *shippando* o casal, mesmo cientes de que ela era casada. Outros elogiavam a sua beleza, a música, o cantor, e tinha até alguns que, apesar de eu sequer saber quem eram, diziam que seu marido era um babaca e que Angelina merecia coisa muito melhor. Para não deixar que isso me atingisse, saí do Youtube. Há uma enorme diferença entre dar sua opinião e ser desnecessário. Infelizmente, hoje as pessoas perderam a noção dessa diferença e são gratuitamente desnecessárias.

Me deitei na cama com o pensamento correndo a mil. Cenas de nós dois no hotel, depois na casa dos meus pais, nossos beijos, suas cruéis confissões. Só de pensar, a saudade doía no peito. Eu queria ouvir sua voz, ao menos ter uma data, mas não tinha nada, nem tivemos tempo para isso.

Pela manhã, quando o despertador tocou, quase chorei ao ver vinte chamadas perdidas, às três e quarenta da madrugada. Sem contar as várias mensagens dizendo que estava com saudade e que em amava. Uma foto dela, tão linda, falando sobre seu pijama sexy. Ignorei o cinzeiro ao lado da cama que apareceu na imagem. E só depois do cinzeiro e que notei, apesar do sorriso, o ar de cansaço. Envie várias mensagens, respondendo às suas e, claro, dizendo o quanto estava com saudade. Mesmo querendo dizer tanta coisa, decidi não tocar na ferida. Eu queria perguntar sobre os bebês, mas me lembrei que ela só saberia a real situação depois do morfológico, então me limitei a perguntar sobre ela.

Merda! Era uma merda e isso só estava no início. Frustrado, segui para a editora atento ao celular, esperando que ela visse minhas mensagens, mas ela sequer as tinha recebido. No aplicativo de mensagens aparecia apenas que foram enviadas.

Cumprindo a promessa, fui visitar Amy, Adryan e Bia. Na verdade, queria distrações, e como eu preferia evitar Erika para não ter problemas com Angelina, o casal foi minha opção. Sinceramente, era surpreendente que Adryan e Angelina não tivessem dado certo, afinal, o tempo todo ele se manteve com seu notebook, imerso em trabalho, tentando se manter no diálogo, mas focado demais para dar uma dentro. Era visível a frustração de Amy. A bebê estava no tapete próxima ao pai, brincando com um piano,

não apenas isso, havia vários brinquedos no chão da sala. Amy disse que Ben e Lizzie estavam estudando.

— É sempre assim? — perguntei, me referindo a Adryan, enquanto Amy me servia um drinque.

— Não, quer dizer, apenas quando ele está em um novo software. E o casamento, como vai? — ela perguntou, olhando para a aliança em meu dedo.

— Quase como o seu. Ela fora trabalhando, e eu aqui, seguindo. — Amy sorriu e se serviu também com um drinque, justificando que já havia desmamado a Bia. — Então, hoje seria uma noite em família, se for uma hora inapropriada, eu...

— Esquece isso, olha para ele! — Apontou, e Adryan agora estava de fone, conversando empolgadamente com Mike. — Assim são os casais modernos. Eu, Adryan e o trabalho que, entre aspas, é o Mike. — Ela riu, me fazendo rir também. — Fora que você é da família. — Se virou para a bebê. — Bia, não mexe nisso. — Amy chamou sua atenção, ela estava puxando o fio do notebook do Adryan.

— Acho que estou começando a entender isso de se casar com o trabalho.

— Mas está bem mesmo? — questionou, em seguida, pegou a bebê no colo e a entregou a Adryan.

Com um sorriso no rosto, Bia começou a mexer no teclado, então Adryan rapidamente segurou suas mãozinhas. Em resposta, Bia fez biquinho para chorar.

— Não chore, amorzinho, papai te deixa mexer um pouquinho quando Mike desligar.

Achei graça, imaginando como seria comigo, Angelina e nossos filhos. Ela continuaria viajando? Levaria os bebês mesmo sendo tão cansativo? Eu ficaria com eles?

— Bryan? — Me virei para Amy.

— Estou bem, me adaptando. Na verdade, é só o início.

— Espera, não tem uns três meses já?

— Sim, basicamente.

— Eu realmente admiro você por isso. Quer dizer, Adryan também é bem focado no trabalho, mas ele está aqui, entende? Até comentei com Erika, não sei se eu conseguiria ficar tanto tempo longe dele.

— Conversou com Erika?

— Conversei. Ela me falou que esteve com sua mãe, que você e Angelina chegaram ao hospital depois. Por tanto tempo você parecia tão ressentido, e não tiro sua razão sobre isso também, mas agora parece bem. É estranho como tudo funcionou rápido, se encaixou. — Ela sorriu.

Como Angelina pediu para não comentar com ninguém sobre a gravidez, sorri de volta sem contestar ou confirmar. Era constrangedor o fato de nunca saber exatamente o que dizer em se tratando de nós.

— Erika conseguiu entrar no escritório Brassanini, ela falou?

— Sim, ela falou que Adryan a ajudou, e estou muito feliz por isso. Já começou?

— Semana que vem. Adryan conhece Pietro Brassanini e a indicou.

Desviei o olhar.

— Acha que estou sendo um babaca por me afastar?

— Bryan, eu não sei. — Coçou a cabeça. — Quer dizer, Adryan não era fã da Hellen e eu o fiz aceitá-la, porque somos amigas desde a infância e ele entendeu como era importante para mim tê-la por perto. Agora Erika e Angelina é meio complicado. Acho que para todos nós, na verdade. Ela parece alguém bem distante, entende? É uma celebridade, nunca sabemos como nos portar, e pra complicar meu lado, ex do Adryan, então...

— Eu entendo, Amy, mas também é minha mulher e vamos continuar casados. Não estou pedindo para serem amigas, mas entender meu lado é meio caminho andado — disse, sem jeito.

Não que esperasse que de fato elas fossem amigas, mas por não saber como tudo aconteceu, Amy obviamente se manteria sempre na defensiva, uma vez que a própria Angelina não facilitou uma aproximação. Já Adryan, como conhecia toda a história e mantinha a gratidão que tinha por Angelina, era mais fácil.

— Bryan, eu só quero que seja feliz. Não me oponho a tê-la por perto, apesar de que pelo que Adryan disse, ela nunca realmente está, a não ser por um curto período. Mas só quero que me entenda e não se afaste também. — Tocou minha mão.

Conversamos um pouco mais, e quando Adryan enfim terminou e se aproximou, acabei brincando.

— Foi bom o intercurso virtual com Mike? — debochei. Nós acabamos rindo, até mesmo Amy.

— Não tão intenso como é com você, mas agora posso te dar atenção — revidou, brincando.

Pelo visto, ele dominava a arte, já que Bia acabou dormindo em seu colo. Terminei meu drinque e achei que era um bom momento para me

despedir.

— Agora estou indo embora, me liga e fazemos isso por telefone. Eu gosto assim, igualdade. — Pisquei com charme.

Nos despedimos e ele pediu desculpas, mas eu, melhor que ninguém, agora entendia, ou pelo menos esperava entender.

Quando voltei para a casa, esperei por uma ligação, e apesar de ela ter respondido minhas mensagens, não houve. E a semana persistiu até conseguirmos combinar um horário. Ela me ligaria naquele dia, apesar de ser às três da madrugada do sábado. Eu estava com tanta saudade, que não me importaria de ter que ficar toda a noite acordado se no final eu teria a recompensa de poder ouvir sua voz.

E quando finalmente aconteceu, Angelina fez uma chamada de vídeo. Ao atender, vi que ela parecia estar em uma boate ou coisa assim. Sentada, demorou um pouco para ela posicionar o telefone. Angie me pediu um minuto, a música eletrônica ao fundo estava alta demais, pessoas gritando. Algumas surgiam no alcance da tela, gargalhando, cochichando algo em seu ouvido, e os rostos eram familiares. Suas amigas a beijando e ela sorrindo e respondendo em outro idioma.

— Bebê, eu estou em uma festa aqui.

A taça em sua mão me causou desconforto, mas antes de eu perguntar, ela disse que era um drinque sem álcool. Angelina continuou falando que sua agenda foi cheia, que estava dormindo no máximo umas três, quatro horas por noite. Mas que em breve estaria de volta. Eu não conseguia escutar quase nada do que ela falava, e no minuto que levantou para abraçar alguém que chegou à sua mesa, notei o vestido de babados que disfarçava muito bem a sua barriga. E para minha decepção, era o tal cantor. Entendi que ele a agradecia e dizia que foi sensacional e, claro, elogiando sua performance. Angelina retribuiu o elogiando também, e eu estava com tanto ciúme, que se não tivesse mesmo com saudade, teria desligado. O coração sangrava enquanto na cabeça repetia que minha mulher estava apenas sendo profissional. Quando ele finalmente se afastou, ela pegou o telefone.

— Finalmente vou embora, e assim que chegar ao hotel eu te ligo de novo.

Eu poderia ter ficado com isso, mas não, fui *stalkear* Angelina no Google, e lá estavam várias matérias tendenciosas, dizendo que fontes próximas à modelo afirmavam que ela estava em um processo de divórcio do casamento relâmpago. Outros afirmavam que Angelina e Kay XX8 estavam se conhecendo melhor e que ele foi na semana de moda em Paris e assistiu aos desfiles das marcas para a qual ela desfilou.

Seu olhar era de adoração. Será que temos um novo casal vindo aí?

A chamada era ridícula, ainda assim abri o vídeo da matéria. Os repórteres que cobriam o evento mostraram não apenas o cantor na primeira fila, como Angelina abrindo o desfile. Ela usava uma saia longa, de cintura alta cheia de babados, mas, nos seios, um top feito de cristais totalmente transparente. Angelina tinha uma presença absurdamente marcante e seu *catwalk* era divino. E não era apenas o imbecil do cara, mas todos ali estavam admirados por sua perfeição.

Segui para as imagens e todos os modelos que ela usou disfarçaram muito bem nossos bebês. Merda, eu estava com tanto ciúme. Como eles souberam sobre o divórcio? Ela ainda mantinha isso? De repente, me pareceu que esses sites de fofoca do qual eu sempre achei um lixo sabiam mais sobre minha vida com ela que eu. Antes de eu passar para a próxima página, meu telefone voltou a vibrar e apareceu seu nome na tela em chamada de vídeo. Assim que atendi, foi percebível que estava na banheira. Ela acabou se levantando um pouco e seus seios ficaram cobertos por espuma, e só de ver isso eu fiquei excitado. Além do ciúme me queimando, agora o desejo também o fazia.

— Prontinho, agora sou toda sua — disse, sorrindo provocativa. Em seguida, saiu da banheira e se enrolou na toalha, e foi assim para o quarto. Angelina jogou o telefone na cama, me deixando com a imagem do teto.

Imaginei que estivesse se enxugando, depois pegou o telefone e se deitou na cama debaixo do edredom, se apoiando para ficar inclinada nos travesseiros, deixando seus seios tão lindos à vista.

— Não está com saudades? — Continuou.

— Morrendo. Enlouquecendo, na verdade — confessei e ela sorriu.

— Eu também, bebê, não sabe como queria ter você aqui. Pode imaginar o que estaríamos fazendo agora? — disse, em um tom de voz sexy.

— Dormindo? — provoquei.

Ela sorriu e, caralho, era tão linda!

— Se estivesse dormindo, muito provavelmente eu te acordaria chupando seu pau. Passaria minha língua na cabeça, depois a envolveria com toda minha boca, chupando com todo tesão — ela narrou, e nem precisou terminar para eu já estar duro. Angelina então passou a apertar um dos seios, me provocando, em seguida, fechou os olhos e gemeu. Segurei meu pau, que assim como meu coração, era fatalmente viciado nela. — Bryan, não vai tirar sua blusa? — ela perguntou, irritada. Quando foi que o clima mudou que eu nem percebi? — Você pode ao menos ficar pelado? — Desviei o olhar. Porra, estava um frio do caralho. Antes que eu tivesse tempo de tirar, ela elevou o tom da sua voz. — Onde você está?

— Na minha casa.

— Tem alguém aí?

— Não!

— Então vira a câmera e mostra o quarto.

Respirei fundo, deixando evidente a frustração, mas fiz como pediu. Quando voltei a câmera frontal, ela estava com semblante sério demais.

— Por que não ficou com seus pais?

— Porque a cama do meu quarto é de solteiro e desconfortável. — Ela prendeu os lábios. Parecia realmente frustrada. — Vai tirar sua roupa? — Deixei o telefone ao lado e me livrei do meu pijama, me enfiando rapidamente debaixo das cobertas.

Angelina sorriu quando peguei o telefone novamente.

— Vamos começar de novo.

— Amor, aonde você quer chegar? — perguntei, desanimado.

— Eu estou louca de tesão, com um fogo terrível, louca pra dar e...

— Sério que está falando isso? Estava em uma festa agorinha, com aquele cara que claramente está a fim de você, e me diz isso?

— Aquele cara é só alguém que me contratou para um clipe, nada mais que isso. Bryan, eu não acredito que está me dizendo essas coisas. —

Ela se sentou, afastando o telefone e mostrando sua barriga, que parecia maior do que a última vez que a vi. — Eu estou grávida de gêmeos. Com uma barriga enorme, o único que iria querer transar comigo nesse estado é o pai dos meus filhos, mas parece que nem mesmo ele quer. — O tom da sua voz mudou e começou a chorar.

— Me desculpa, eu... — Tentei e Angie prendeu os lábios, desviando o olhar.

— Ah esquece! Acho que isso não funciona pra nós. — Ela parecia realmente chateada.

— Desculpa, não funciona mesmo. Eu quero beijar você todinha, deixar um rastro de saliva por todo seu corpo, te chupar até te escutar gritar de prazer, e não ter que te imaginar aqui enquanto me masturbo.

— E você imagina quem quando se masturba? — perguntou, mudando novamente o tom.

— Você, claro. — Respirei fundo e ela continuou me encarando.

— Se explique melhor.

— Angie, eu não quero transar com você por telefone, é isso.

Ela puxou o edredom.

— Desculpa. Eu...

— Tudo bem, eu também não quero. — Prendeu os lábios, claramente incomodada e voltando a derramar algumas lágrimas. — Droga, agora eu não consigo parar de chorar. — Ficou segundos tentando controlar o choro, enquanto abanava com a mão os olhos. Infelizmente, eu também não sabia o que dizer, tinha muita coisa, mas, no momento, nenhuma delas me pareceu uma boa opção. — Eu vou tentar estar aí talvez no...

— Você não sabe, não é? — perguntei, e pelo meu tom de voz, ela pareceu ficar sem jeito.

— Não. Quer dizer, vou tentar estar com você o mais breve possível, eu só não sei agora quando será esse breve. — Suspirou. — Eu só estou tentando deixar claro que vou me esforçar para estar com você. — Ela desviou o olhar, e dessa vez fui eu que não consegui disfarçar a decepção. — Vou tentar dormir um pouco agora, que horas são aí?

— Seis minutos para cinco da madrugada.

— Aqui é quase meia-noite — ela disse, e havia algo inquietante em sua voz. — Eu estou com saudades...

— Eu também estou com saudades.

— Acho que vou te deixar dormir agora. Me desculpe por essa noite de merda.

— Angie, não foi de merda. Só não funciona assim pra mim.

— E como funciona pra você?

Apesar de ter a resposta, eu não ousaria a falar, não sentindo um medo absurdo de uma rejeição.

— Acho que os dois sabem...

O silêncio a seguir foi constrangedor, ambos evitando os olhares, apenas à espera do outro finalizar.

— Boa noite, Bryan, nos falamos depois.

— Boa noite.

Deixei o telefone ao lado, me sentindo frustrado. Eu queria uma vida ao lado dela, ter nossa família, não meses longe e alguns dias juntos, porém, não me achava no direito de pedir isso. Na verdade, tinha medo de não ser tão bom a ponto de fazê-la escolher ficar. E, de repente, me passou pela cabeça que eu tive minha chance e a desperdicei, e agora tudo que eu poderia era amá-la, tê-la, desde que estivesse disposto a aceitar o tempo dela que sobrava para mim. E era justamente em momentos como esse, onde a saudade doía e a distância machucava, que eu implorava para o amor ser o suficiente, caso contrário, a estrada poderia se tornar tortuosa e solitária demais.



Capítulo 24

Bryan

Os dias se tornaram cruéis, e apesar de todo o avanço da tecnologia, nada substituía o conforto de um abraço. Agora eu via como era carente de contato físico. Ainda assim, eu levava da melhor forma que conseguia. Em alguns dias ela parecia bem, em outros, totalmente instável e nem sabia se poderia ser atribuído apenas aos hormônios da gravidez. Em dias como esses, eu recorria ao Google para tentar entender o que havia acontecido para ter causado tal episódio, na expectativa de que ele pudesse me dizer algo que eu não sabia sobre minha esposa.

Em uma dessas buscas inquietantes, eu me deparei com uma nova foto que chamou a minha atenção — Angelina fumando dentro do carro. Conferi a data e notei que a postagem era recente, foi imediato pensar que isso lhe traria problemas quando a gravidez se tornasse pública. Por curiosidade, digitei seu nome e acrescentei a palavra fumando. Havia várias fotos, e não era segredo sobre seu vício em cigarros. Na foto em questão, além de fumar, seus olhos vermelhos indicavam que estava chorando e, claro, nos comentários de seus fãs a culpa sempre recaía sobre seu marido e seu errático casamento relâmpago. Diferente das outras vezes, eu começava a crer nisso também.

Quando conversávamos, eu tentava ser otimista com Angelina e deixava minhas inseguranças, a louca saudade e meus medos de um futuro tão incerto de lado, apenas para mostrar que eu estava ali por ela, por nós quatro, na verdade.

Perguntar sobre os bebês era o mesmo que ocasionar uma crise de choro. Ela claramente não estava conseguindo lidar com tudo isso e eu me propus a viajar para nos encontrarmos, mas minha mulher insistiu que não era necessário, que daria um jeito de vir e preferia que fosse assim. Como eu me sentia? Inútil.

Em uma de nossas ligações, com a voz meio grogue, Angelina me disse que o nosso bebê que foi abortado voltou para ela, por isso estava

grávida de gêmeos. Assim que me informou que estava em Milão, não pensei duas vezes antes de comprar uma passagem de última hora, que paguei o dobro, claro, mas Angie não estava bem e tudo que eu precisava era estar ao seu lado.

No entanto, depois de longas horas no avião, ansiedade a mil e coração parecendo saltar do peito, desembarquei e liguei em seu telefone, estranhando quando caiu direto na caixa postal. Fiz uma chamada no telefone de Jane e também não fui atendido, então continuei insistindo e foi um alívio ouvir a voz de Jane depois da décima tentativa.

— Jane, graças a Deus! — O desespero era perceptível em minha voz. — Estou aqui em Milão, pode me passar o endereço do hotel onde vocês estão?

— Como assim? Você está onde? — perguntou, e seu tom de voz me deixou inquieto.

— Milão. Angelina disse que estão aqui.

— Estávamos, isso foi ontem de madrugada. Hoje estamos chegando em Tóquio. Quer que compre uma passagem para nos encontrar lá? No entanto, não vamos ficar muito tempo, ela terá mais alguns compromissos nos países vizinhos, e a próxima parada de descanso será em Portivill,

Angelina irá... — Jane parou, percebendo meu silêncio amargo. — Sinto muito, se tivesse me ligado, eu...

Fiquei olhando para as pessoas à minha volta, todos apressados, com destino certo e eu aqui, tentando entender a situação.

— Angelina está bem? — perguntei, engolindo a frustração, externando apenas minha preocupação.

— Está, aparentemente sim. Ela teve uma consulta com seus médicos, mas não entrei em nenhuma delas.

— O quê?! Como assim?!

— Não sei. Pelo visto, ela não quer mais compartilhar essa parte da vida dela comigo. Charlie tentou intervir, mas não adiantou.

— Por que isso agora? — perguntei, atormentado.

— Não ser julgada, talvez? Às vezes, acho que internamente ela está pirando pela falta dos medicamentos, que supria seu vício ou, talvez, seja a falta de cigarros, já que ela tem se esforçado muito para não fumar. — Prendi os lábios, tentando conter minhas emoções. — Bryan, eu preciso desligar, Angie fará uma sessão de fotos assim que descermos, e depois terá um evento. Em breve estarão juntos e poderão conversar sobre tudo isso.

— Jane, ela está grávida, claramente não está bem e, porra, não podem continuar agindo como se isso não fosse nada!

— Bryan, a Angelina não é alguém que aceita ser controlada, se engana se pensa assim. Ela e Charlie tomam as decisões e ele me mantém por perto para que ela não seja um risco a si mesma, mas eu não posso ir além do que ela me permite. Eu sei que se sente impotente, também me sinto, mas tudo que pode fazer é voltar para casa e esfriar a cabeça, em breve estaremos lá e vocês conversam.

Depois de engolir as minhas palavras, nós nos despedimos. Agora eu me sentia mais perdido que antes. Acabei ficando minutos sentado em uma cadeira do aeroporto, pensando em nós, antes de tentar conseguir uma passagem de volta, o que levei horas.

Passei um bom tempo no avião refletindo a nossa situação. Eu me sentia tão culpado por tudo, que foi preciso esforço para não chorar. E quando finalmente estava de volta a Portivill, me sentia pior do que quando entrei naquele avião pela manhã. E onde Angelina estava? Longe demais para sequer conseguir amenizar tudo que eu estava sentindo agora.

Não dava mais para ignorar a voz embargada, a dor ao tentar me convencer de que estava bem, as constantes crises de choro, e por mais que eu quisesse ajudar, no íntimo, eu sabia que ela precisava de ajuda profissional.

O amor acolhe e torna o caminho de qualquer um mais doce, mas ele não cura traumas, não cura a dor causada por perdas, nem doenças psicológicas que elas acarretam. E eu tinha certeza de que era disso que Angelina precisava.

Voltei para a casa me sentindo um coadjuvante em nossa vida, surgindo apenas nos momentos em que ela achava que precisava ouvir minha voz, e isso sempre se limitava a uma ligação. A saudade era tanta, que voltei a ler seu diário, e na mente, um paralelo de quem ela foi com quem ela era ia se formando como um quebra-cabeça. A Angelina daquele diário se apaixonou e quis uma vida ao meu lado. A modelo número um das passarelas se contentava em me dar um espaço na sua cama quando sentisse que ela estava vazia demais. Parecia mesquinho e egoísta pensar dessa forma, mas não se podia trapacear seus sentimentos. Ainda que disfarçasse bem em público, à noite, quando deitasse a cabeça em seu travesseiro, sem máscaras ou hipocrisias, eles ainda estariam lá. Da forma mais cruel e direta, os meus estavam.

Os dias se aglomeravam, tornando semanas cada vez mais pesadas. E foi inevitável ter, além de seu diário em minha cama, uma garrafa de uísque barato. Como uma ferida aberta, eu sentia sua maldita falta todos os dias. Entretanto, quando recebia sua ligação, fingia estar suportando bem. E a incógnita de tudo isso era que a modelo famosa continuava sua rotina de

festas, cumprindo sua agenda em vários eventos, capas de revistas, entrevistas. Atendendo aos fãs a cada descida nos aeroportos, sempre com um sorriso no rosto, reforçando sua fama de carismática.

A pessoa que me ligava nas madrugadas parecia perdida, tentando disfarçar a voz embargada, reforçando que me amava e suas promessas de que nos veríamos em breve. Embora o breve nunca tivesse uma data definitiva.

Marquei no calendário, circulando em vermelho, a data em que ela completaria vinte semanas. Nas horas vagas, que agora eram muitas, comecei a pesquisar assuntos sobre bebês. Para ser sincero, era difícil me manter focado, mas eu tentava, por eles, por mim e por ela, para tocar no assunto e não parecer leviano. Na sexta, sentado sozinho de costas para entrada, à mesa ao fundo do restaurante próximo à editora, comecei a folhear uma revista de bebês que havia comprado na banca, enquanto esperava a minha refeição. Eu sabia que estava me isolando, mas me sentia tão péssima companhia e cansado de ter que fingir estar bem, que comecei a acreditar que esse era o melhor caminho, ao menos, comigo mesmo não precisava sustentar o teatro. Levei um susto quando Erika se sentou à minha frente.

— Ainda posso? — Sorriu, sugestiva, depois de já o ter feito.

— Claro. — Disfarçadamente deixei a revista de lado.

— Sumiu. Tem andado muito ocupado? Parece bem cansado.

— Não, na velha rotina. E antes de tudo, eu sei que já agradeci, mas obrigado mais uma vez pelo que fez por mim e por minha mãe. — Ela sorriu. — E o novo trabalho?

— Sem tempo para respirar, sabe como esses escritórios grandes nos sugam, mas faz parte da incrível arte de encarar a vida adulta: trabalhar, pagar contas. — Nós dois acabamos rindo. — Está interessado em aumentar a família? — Apontou para a revista.

— Não, apenas buscando me inteirar nos assuntos da Bia, você sabe, sou o padrinho.

Erika concordou e sorriu.

— Então agora essa é sua vida, ler revistas de bebês, burlar os encontros com os amigos, enquanto se esconde em casa à espera da esposa famosa que dá voltas ao mundo? — Havia um deboche quase cruel em sua voz gentil.

— Parece que cada um tem da vida o resultado das escolhas que faz, não é? — Reiterei.

Ela ergueu as sobrancelhas, sugestiva.

— E esse é o resultado das suas escolhas ou da modelo? — Virei meu rosto, desviando não apenas o olhar, e o gesto a fez entender que não haveria brecha. — Okay, mas ao menos tem um dia para um café com sua velha amiga, talvez? Ou um jantar na minha casa, quem sabe na sua? Apenas pelos velhos tempos. — Continuei fugindo do seu olhar. — Se sua esposa permitir, eu quero meu amigo de volta.

Após segundos, finalmente a encarei. Eu estava preocupado pra caralho com a Angelina, louco de saudade e tentando desesperadamente encontrar uma solução. Erika não tinha ideia dos meus problemas e era alguém a quem eu devia favores, muitos, na verdade, então o melhor era ignorar tudo e evitar atritos.

— Às vezes ainda acho que você vai acordar, Bryan, entender que tudo isso é loucura e voltar a ser o mesmo de antes. — A voz agora soava emocionada.

— Eu também sonho com isso, Erika, mas não é acordar como você sugere. Eu queria ter uma chance real de voltar ao passado e nunca ter deixado Angelina. Ter cumprido minhas promessas, ter escolhido ficar ao seu lado, me casado com ela da forma como havíamos sonhado. Pelo menos assim, hoje eu não teria que carregar tanto arrependimento e culpa. Acho que talvez, e só talvez, eu poderia ter ânimo para sair com os meus amigos, porque eles também seriam os dela. Não teria que usar o álcool para

anestesiar a dor e nem ter que encarar toda essa maldita ausência, porque seria fácil para ela escolher ficar, porque eu fiz essa escolha primeiro. Nós teríamos problemas como qualquer outro casal, mas seríamos felizes. No entanto, ironicamente, a vida não vem com manual, e pelo que parece também não é adepta de segundas chances. Você comete erros, leves ou graves, tanto faz, isso não importa, a única coisa que importa e que depois de cada erro, o máximo que pode alcançar além do próprio arrependimento é o perdão, mas nunca, jamais terá a chance de apagar e seguir como se não tivesse acontecido.

— Só diz essas coisas porque nunca quis superar o passado.

— Acredita mesmo nisso? Se acredita está iludida, não temos como superar ou esquecer o passado. Independentemente de onde for, você pode até fingir, mas ele sempre vai estar apenas a um passo da memória. E agora eu entendo a mágoa da Angelina, entendo a dor e até entendo ela ter escolhido se manter longe, porque eu não escolhi estar ao lado dela quando precisou de mim. — Minha voz embargada, além de demonstrar minha fragilidade, deixava evidente como eu estava em pedaços, talvez muitos para de alguma forma tentar juntá-los.

— Eu não entendo, realmente queria entender. Não entendo como pode escolher alguém que te causa tanta dor, ela sequer é alguém que mereça você.

— Talvez não entenda por que não amou alguém a ponto de sentir na pele o que é ver a única pessoa em que confiou e amou te virar as costas.

— Se não amasse, não insistiria tanto, não acha? — disse, com seu olhar sobre mim. Prendi os lábios, tentando desvendar a verdade em suas palavras. Ela começou a chorar e, merda, foi fácil pressupor o que viria a seguir. — Eu sei que poderia ter falado antes, sei também que você só enxerga o que quer enxergar, e eu não queria me apaixonar por você e, droga, esperei o tempo certo, mas ele não veio e é isso, aconteceu. Eu te amo, Bryan.

— Ah merda! — sussurrei, entredentes.

— É o que tem a dizer?

— Não, desculpa — suspirei. Porra! Minhas emoções estavam um caos, o pensamento, acelerado, e desesperado para encontrar as palavras certas. Mas tão perdido, que não sabia o que dizer, eu não queria magoá-la, mas precisava ser sincero. — Erika, me desculpa se de alguma forma contribuí para isso, mas não é segredo que eu amo Angelina. Eu a amo mais que tudo, sempre foi ela, sempre vai ser. — O choro, antes silencioso, a engoliu por completo. Olhando por cima dos meus ombros, ela ficou nitidamente desconfortável e com o rosto pálido e expressão gélida. Toquei em sua mão, achando que poderia estar passando mal. — Desculpa por ser

sincero, mas você merece que eu seja. — Ela continuou olhando sobre o meu ombro. — E sinto muito, mas não existe chance alguma de eu deixar Angelina. Não é por obrigação ou contrato. Mesmo que ela esteja disposta a dedicar pouco tempo a nós, mesmo que nosso relacionamento não seja prioridade, que eu chore sua ausência todos os dias e que esse momento de merda se prolongue pelo resto da minha vida, vai continuar sendo ela a minha escolha.

Erika encarou a mesa, com a respiração oscilante, como se estivesse em negação. Eu realmente não estava entendendo porra nenhuma que estava acontecendo até ouvir uma voz soar atrás de mim.

— Você também sempre vai ser a minha escolha.

Me virei rapidamente. Angelina estava com óculos escuros, cabelo preso em um boné, usando um moletom bem largo e um casaco sobreposto. Como se minha vida dependesse disso, me levantei em um sobressalto e a abracei com força, sentindo o volume rígido de sua barriga disfarçada pelas roupas. Em segundos, o tempo congelou, nossas bocas se colaram e tudo que importava estava em meus braços, era o meu mundo. O gosto de sua saliva em minha boca, sua língua quente e úmida sendo sugada por mim em um beijo intenso, carregado de promessas não cumpridas, saudade louca e eternas juras de amor. Nós enfim juntos, e porra, apenas esse contato e eu já

estava louco de desejo, tesão, amor, precisando como um louco aliviar essa saudade que ardia no peito.

Angelina se afastou, sorrindo.

— Vamos, bebê — sussurrou no meu ouvido —, matar o que está nos matando. Eu disse que viria, eu quero você e estou enlouquecendo por isso.

Me virei novamente para a mesa e deixei sobre ela uma nota, e em poucas palavras me despedi de Erika, que continuou com o olhar fixo na mesa.

Segurei a mão de Angelina e juntos seguimos até seu carro. Assim que entramos no banco traseiro, o motorista deu a partida. Ela rapidamente tirou o boné, óculos, e se agarrou novamente a mim. Um beijo provocante, necessário, intenso. Não houve tempo para palavras, apenas desejo sendo alimentado por mais desejo. Eu a queria e se Angelina quisesse, não me importaria em fazer amor com ela ali, no banco de trás do seu carro.

— Para onde vamos? — perguntou, nos segundos que paramos para recuperar o fôlego.

— Minha casa é mais perto — disse, para no minuto seguinte voltar a beijá-la feito um louco, com minhas mãos em seu rosto delicado, mal acreditando que era mesmo real.

Ciente da nossa necessidade, o motorista foi rápido, e quando enfim estávamos adentrando a minha sala, bastou apenas fechar a porta para voltar a agarrá-la. Beijei sua boca no mesmo instante em que me livrava das minhas roupas. Angie se livrou do casaco e conjunto de moletom, mas manteve a camisete branca, desabotoando apenas o suficiente para deixar os seios evidentes. A blusa em parte permanecia cobrindo sua barriga, e ao olhar para ela já tão em forma, fiquei emocionado, paralisado, olhando nossos bebês ali. Toquei-a, acariciando os bebês. Constrangida, Angelina tocou meu rosto com as duas mãos e voltou a me beijar, me envolvendo novamente no momento. E quando desabotoei o restante, tirando sua camisete e olhei para todas as mudanças, eu sorri. Seus seios agora maiores estavam lindos, mas sua barriga era maravilhosa.

— Eu vou devagar, prometo — disse, antes de descer os beijos por seu colo.

— Eu não quero devagar. Chupa como sempre faz, não quero só o prazer, quero a dor também — falou, ofegante.

— Amor, é diferente agora — sussurrei.

— Porra, Bryan, eu não quero que seja diferente agora — disse, um pouco irritada, e isso me deixou arredio.

— Tudo bem. — Voltei a beijar sua boca, em seguida, seus seios, ela então, segurando meu rosto, levou o bico de um deles a minha boca.

— Chupa vai, chupa como sempre faz, eu aguento.

Comecei a chupar, no início com receio, mas o desejo queimando como fogo me fez cair em contradição ao passar a fazê-lo com força. Ela gemia, e o desconfortável era não saber o que mais predominava — dor ou prazer. E quanto mais forte eu chupava, mais forte suas unhas eram cravadas em minhas costas.

Me abaixei um pouco e a agarrei, com a mulher da minha vida em meus braços, fui até a cama, deixando-a sentada sobre ela. Angelina se livrou da sua calça e calcinha e sorriu com malícia ao ver meu pau livre, tão duro, ao me livrar da última peça restante. Avancei em sua direção, fodido de desejo, querendo-a. E agora, completamente nus, ela inclinou os joelhos, colocando-os em uma posição que escondia a barriga.

— Angie, você está linda — disse, avançando mais sobre ela.

Beijei seus pés e continuei a enchendo de beijos até ela ir se rendendo. Angelina retribuiu quando minha boca alcançou a dela, e a cada beijo, como dois adolescentes cheios de hormônios, continuamos a nos saciar. Fiz com que ela se deitasse novamente e caí de boca em seus seios, e

quanto mais sugava, mais conseguia sentir levemente aquele sabor agridoce do leite.

Voltei para a sua boca gostosa, indo com minha mão entre suas coxas até estar em sua boceta tão gostosa, fazendo-a gemer quando enfiei meus dedos nela, masturbando-a. Como Angelina trabalhava com o corpo, uma vez que era modelo, e ele tinha mudado muito, provavelmente se sentia insegura achando que não teríamos o mesmo prazer se não fosse fodendo como loucos, mas não era verdade e eu iria mostrar a ela.

E não demorou para colocar a minha boca entre suas pernas, beijando suas coxas até chegar à sua boceta, que babava de tesão. E foi esse mesmo tesão fodido que me fez ir como um louco em sua bocetinha inchada, chupando com força. Angelina não parava de gemer quando passou suas pernas por cima dos meus ombros, apoiando os pés em minhas costas. Continuei provocando, enquanto massageava seu clitóris com a minha língua.

Louca, Angelina apertava meu rosto com suas coxas enquanto se contorcia de tesão. Com as mãos, ela puxava minha cabeça contra sua boceta. Seus gemidos se tornaram gritos à medida que eu ia aumentando a força e velocidade das chupadas, até que gozou na minha boca. Levantei meu olhar em sua direção e a vi ofegando e sorrindo, ainda sentindo no corpo os efeitos do orgasmo.

— Eu ainda quero seu pau em mim. — Ofegou.

— Eu também quero. — Sorri, provocando, enquanto tentava pensar em qual posição seria mais confortável.

Puxei os travesseiros e a deixei inclinada, enquanto encaixava suas coxas sobre as minhas, me aproximando até meu pau já todo babado estar em contato com sua boceta molhada, encaixando nossos corpos. Foi necessário umas quatro estocadas para conseguir enfiar todo meu pau em sua boceta tão molhada e tão apertada.

Continuei penetrando devagar, e apesar do prazer, ao olhar para sua barriga tão grande, eu paralisei. No fundo, eu estava apavorado com medo de machucar os bebês.

— Bebê, não vai acontecer nada. O colo do útero está bem fechado. Está tudo bem — insistiu, provavelmente percebendo meu receio.

Continuei a penetrá-la, mas não conseguia intensificar as estocadas por medo. Ela então me afastou.

— Amor, me desculpa, não é por você, eu só estou com medo de...

Angelina não disse nada, apenas me empurrou para que eu me deitasse e se sentou em meu pau, me fazendo penetrá-la de uma única vez, em seguida, cavalgando com intensidade. Sua boceta apertava meu pau e isso me fazia gemer feito louco, e em segundos eu gozei. Se por um lado foi

tão intenso e gostoso, por outro, eu me sentia um imbecil por ter estragado tudo. Assim que aconteceu, sem dizer nada, ela se levantou e me deixou ofegante na cama antes de ir para o banheiro.

Merda, não era para ter sido assim, mas como sempre, mesmo eu tentando acertar, errava feio. Fui ao banheiro social e tomei um banho rápido, quando voltei ao quarto, ela estava deitada na cama, coberta com meu edredom. Me aproximei e me enfiei debaixo dele, me enroscando ao seu corpo. Coloquei a mão sobre sua barriga assim que ela se sentou, me deixando contemplar nossa obra de arte.

— Me desculpa, Angie, eu não quero que pense que...

— Bryan, eu entendi — ela me interrompeu.

Coloquei minha cabeça em seu colo e beijei sua barriga, enquanto ela afagava meu cabelo.

— Já posso contar aos meus pais sobre eles? — perguntei.

— Pode — parecia apreensiva —, mas como vai justificar a demora?

— Vou dizer que descobrimos agora.

— Sério? — Ela gargalhou. — Com minha barriga deste tamanho só descobrimos agora?

— De qualquer jeito eles vão acabar me deserdando mesmo. Primeiro o casamento, e agora os bebês. Olha o tipo de filho que me tornei,

deixando-os de fora de tudo. — Angelina desviou o olhar. — Estou brincando. Explico os nossos motivos e, sinceramente, eles ficarão tão felizes que os detalhes pouco vão importar.

— Podemos então adiar para depois do exame?

Confirmei, ciente de que era a melhor decisão.

— O que falou para sua amiga é verdade? Se sente assim em relação a nós.

— Escutou tudo? Estava me espionando? — Pensei em voz alta. Angelina acabou deixando escapar um riso discreto.

— Como acha que cheguei ao restaurante? — brincou, provocativa. — Perguntando na Editora — revelou. — Mas, voltando ao assunto, o que disse a Erika é verdade? Acha que nosso relacionamento não é uma prioridade pra mim?

Respirei com pesar. Eu sentia que não era, mas atribuía a culpa a mim e não a ela. Porém, antes de externar minhas palavras, senti um tremor em sua barriga, onde estava com meu rosto encostado. Olhei para ela, surpreso, e Angelina ficou me encarando.

— Sentiu isso? — Ela confirmou. — São eles?

— Sim — revelou, sorrindo, e tenho certeza de que fiz o mesmo de forma mais abobalhada.

— Oi, bebês, é o papai. — Eles voltaram a mexer e, caramba, era como se um novo mundo se abrisse para mim. — Estão gostando disso? De ouvir o papai? Eu amo vocês, sabia? E não vejo a hora de poder conhecê-los. — Angelina fungou, e só então levantei o olhar, ela estava chorando. — Não chore, meu bem.

— Não, Bryan, não olhe pra mim. Isso é tão lindo, droga. Continue falando. Com você, eles param de chorar.

Sorri, sem entender exatamente o que ela queria dizer com isso. Talvez fosse coisa de mãe, eu não sabia. Continuei dizendo o quanto eu queria nós sempre juntos, e que caso eles concordassem com isso, estava disposto a trancar a mamãe em casa para não a deixar ir embora para longe de novo. Ela riu, claro.

— Cometeremos um crime, óbvio, mas acho que com o tempo ela irá nos absolver. O que acham? — Angie mordeu o lábio inferior, sorrindo. — A mamãe de vocês é a mulher mais bonita do mundo, e não estou me gabando, milhões de pessoas acham isso, e tenho certeza de que vocês também serão como ela.

Angelina fez sinal para eu me aproximar de sua boca, e dessa vez o beijo foi lento, delicado, mas como todos os outros, carregado de sentimentos. Fizemos amor mais uma vez, e não houve receio. Entendemos

que seria diferente até os bebês nascerem. Angie acabou dormindo, prometendo que precisava apenas de mais alguns dias para se adaptar ao fuso horário. E eu, já varado de fome, esperei apenas para ter certeza de que ela estava confortável para ir para sala e pedir alguma coisa.

Era estranho a presença de uma pessoa te causar a sensação de que a vida finalmente voltou aos eixos, e era assim que eu sentia por ela estar ali. E dessa vez, desejava que tivéssemos ao menos mais tempo antes de ela se ausentar novamente. O coração estaria mais preparado, ainda que eu achasse que nunca de fato eu iria estar.



Capítulo 25

Bryan

Angelina não quis ficar na minha casa, mesmo eu insistindo que também era dela. Não dormimos lá nem mesmo uma noite. Mesmo o rancho sendo bem mais longe, eu não me importei, era nele que ela se sentia em casa e tinha Cristal, Jane, Holanda, além de todo o pessoal que trabalhava lá, o que me deixava muito mais tranquilo para ir para a editora, principalmente por saber que todos cuidariam dela.

Ela já tinha completado as vinte semanas, quando marcou o exame para sexta-feira da semana seguinte, justificando que precisava antes se adaptar à mudança de horário, mas, no fundo, eu temia que estivesse

angustiada, adiando por medo de ter que encarar o resultado e não saber como lidar com ele. Só de pensar nessa possibilidade meu coração ficava atormentado por ela. Mas esse atraso também nos deu tempo de conseguir uma consulta com a dra. Gisela, a médica que acompanhou toda a gravidez de Amy, e, segundo Adryan, era uma excelente profissional, recomendada não apenas por ele, mas por seus pais também.

Eu estava muito ansioso, e a cada dia que se aproximava da data do exame esse turbilhão de sentimentos junto ao medo e preocupação se agravavam em mim, mas eu fazia o impossível para não deixar que as minhas próprias inseguranças ficassem transparentes aos olhos da Angelina. Durante suas crises de choro, eu a consolava e afirmava a todo momento que tudo ficaria bem, uma certeza que nem eu tinha, mas que queria que ela sentisse. Angie continuava dizendo coisas do tipo que o nosso bebê voltou para nos dar a chance de pedir perdão a ele, que finalmente ela poderia pegá-lo no colo e dizer que sentia muito por não ter conseguido protegê-lo.

Nas madrugadas, ela acordava pedindo para eu conversar com nossos filhos, assim eles parariam de chorar em sua cabeça. Eu não queria que ela pensasse que não era capaz de acalmar os bebês, queria que acreditasse desde já que seria uma mãe incrível, o que eu realmente acreditava, mas para acalmá-la eu o fazia, até sussurrava canções de ninar.

Lá no fundo eu via uma luz de alerta piscando, e achava que tudo isso estava ligado ao trauma do aborto. Mesmo eu insistindo tanto para irmos ao psiquiatra e terapeuta, a simples menção a irritava de maneira surreal, e isso era o que eu menos queria nesse momento, causar qualquer tipo de incômodo ou tristeza. Angelina chorava copiosamente nos momentos mais inusitados, o que me fazia pedir desculpas instantaneamente, ainda que eu sequer soubesse a razão. Eu queria de alguma forma aliviar sua dor, mas me sentia impotente. Ela continuava usando medicação para ansiedade e outro calmante para ajudar a controlar a ânsia em fumar, todos receitados por seu médico na França.

Mesmo com seus altos e baixos, eu não poderia medir o tamanho do orgulho e admiração que só cresciam por vê-la lutar tão bravamente contra seus demônios, medos, vícios e ansiedade, enfrentando cada um dos seus gatilhos para não expor nossos bebês a mais riscos. Eu admirava sua força, sua coragem, mesmo quando ela parecia tão frágil. E eu enxergava cada pequeno esforço e entendia a sua angústia, e em uma dessas crises de choro, eu prometi a ela que nunca mais beberia, já que Angelina às vezes mencionava que esse também era um vício que eu tinha. Nós dois superaríamos nossos vícios juntos, esse seria nosso primeiro ato como uma família. Foda e esquisito para os outros, mas significativo e importante para nós.

Eu sabia que nitidamente era bem mais complexo e difícil para ela do que era para mim, e era exatamente por isso que eu fazia questão de demonstrar afeto e entusiasmo a cada pequena vitória. Era especial e eu queria proporcionar isso a ela, queria que Angie soubesse que eu valorizava sua companhia nesse momento, abdicando de tanto pela saúde dos bebês.

Angelina chegou a me questionar por que aceitei tão fácil o que ela fez com nosso filho. E ainda que eu insistisse tanto que ela não teve culpa, seu cérebro não parecia capaz de assimilar essa verdade. Eu só a abraçava com força, demostrando que estaria ali, tanto na felicidade como também na dor.

Na quinta-feira, um dia antes do nosso sonhado e esperado exame, e já tendo passado pela dra. Gisela, que além da ultrassom, pediu vários outros exames de rotina, levei um susto ao ver John Paytron entrando em minha sala na editora. Angelina comentou que eles haviam conversado, que ela contou a ele sobre a gravidez e que ele agiu de uma maneira muito fria. Ela ficou chateada, claro, mas não era novidade vindo do bilionário do petróleo, John Paytron. No entanto, pela expressão dura em seu rosto, não acreditei que ele estava ali por isso.

John se aproximou, puxou a cadeira e se sentou à minha frente sem pedir licença ou permissão. Colocou sua pasta sobre a minha mesa, em

seguida, olhou ao seu redor parecendo tenso, com o maxilar travado. Eu sequer sabia o que dizer, ou como iniciar um diálogo com ele.

— O que sabe sobre a mãe da Angelina?

A pergunta fria e repentina me fez sentir ainda mais perdido.

— O que Angelina sabe, que era uma mulher...

— Prostituta? Sim, era mesmo e, Claret, eu não esperava estar aqui, não esperava ter essa conversa com você, mas com tudo o que está acontecendo, eu me vi obrigado a isso. — Ele me encarou friamente. — Vou te dar algo que eu não tive. Um aviso. — Suspirou. — Acontece que toda a história costuma ter duas versões, e nem sempre a que acreditamos é a verdade. — Acabei dando um sorriso torto, que obviamente foi ignorado por ele. — Como eu disse, a parte sobre a mãe dela ser uma prostituta é verdade, uma puta daquelas que você não precisa mais que uma noite entre suas pernas para nunca mais esquecer. No entanto, em contrapartida, a parte sobre não querer Angelina é mentira.

Fiquei o encarando, surpreso. Eu não sabia o que ele pretendia ou aonde queria chegar, mas, independentemente do que ele revelaria, eu continuaria acreditando em Angelina, não nele.

— Quando a conheci, Marjorie Angelina não se orgulhava da vida que levava, mas, diferente de todas as outras putas, ela nunca baixava

cabeça, e claro, além da sua beleza viciante e sexo intenso, eu conheci o que a levou a esse mundo e não julguei. Não estava nos meus planos me apaixonar por uma mulher da vida, mas Marjorie era fantástica, tão linda como Angie, e aconteceu. Não só aconteceu, mas durante um ano de encontros, eu a tirei dessa vida e não deu outra, ela engravidou. — John olhou ao redor e tirou um charuto caro do bolso do casaco e o acendeu. Eu odiava o cheiro de cigarros ou charutos, mas esse vício parecia parte da família Paytron. Olhei para a minha janela fechada, pensando se deveria abrir, mas ele voltou a falar, desviando minha atenção de toda fumaça que ele produzia. — Claro que tentei convencê-la a tirar o bebê, afinal, eu já era noivo e nunca quis ter filhos, não com ela, mas foi inútil. Marjorie preferia abrir mão do que tínhamos, do que fazer algo àquele bebê. — Ele desviou o olhar, deixando nítido o rancor. — Como a maioria das putas, ela também queria uma família, queria nós dois juntos criando nossa filha, mas você sabe, tem toda essa problemática de família, e a minha jamais aceitaria. No entanto, assim como você e Angie, eu era um jovem tolo apaixonado, e mesmo com todos os riscos de sermos descobertos, eu não queria outra vida se não pudesse tê-la comigo, ainda que ela fosse apenas meu segredinho sórdido.

Continuei sem entender nada. Ele não era o tipo que desabafava com estranhos, porque, apesar de tudo, éramos isso um para o outro —

estranhos.

— Acontece que quando Deus não abençoa, meu caro, o Diabo é quem o faz, e para a nossa desgraça, sua gravidez nos trouxe bem mais que um bebê. — Ele deu uma longa tragada, soltando a fumaça por minha sala. — Marjorie foi se tornando cada vez mais instável mentalmente, e apesar de não querer acreditar, mesmo cego de amor, foi impossível não ver isso ficando cada vez pior. Ela sempre estava confusa, às vezes até esquecia que estava grávida.

Mesmo sem entender porra nenhuma, não interferi. John mantinha a pose rígida em seu terno caro, seu finíssimo relógio Bvlgari, pulseiras de ouro, articulando com as mãos, expressões duras. Fumava compulsivamente, falando em seu tom grave como se realmente se abrisse a um conhecido. E eu já não via a hora de ele sair da minha sala.

— Deus, eu amava demais aquela mulher e estava disposto a qualquer coisa por ela, daria todo o meu dinheiro se necessário para que ela pudesse recuperar a sanidade. Fomos a vários médicos, mas nenhum deles conseguia entender a causa da sua precoce demência. Eu lutei por ela, tentei mantê-la sã, mas isso foi se apossando rapidamente de sua cabeça, até não ter mais nada ali. — Ele me encarou, esperando que eu esboçasse reação. — Os médicos não tinham respostas, e antes que o pior acontecesse,

interviram e fizeram o parto da nossa Angelina, que era uma extensão de Marjorie.

Ouvir suas palavras foi como levar um murro no estômago, como se meu chão se abrisse a cada revelação. Eu me senti tonto, enjoado e com uma sensação de sufocamento. Era pânico. O medo do que enfrentaríamos, medo do que ele diria a seguir, medo por nós, mas, especialmente, por ela.

— Por favor, vai embora. Eu não sei o que pretende com isso, mas não quero escutar, eu não acredito em você.

Ele abriu a valise e tirou fotos e vários exames médicos. Eu olhei a foto da mulher à minha frente e vi uma cópia da Angelina, os olhos tão intensos e verdes quanto os dela, e se antes eu jurava que isso vinha do seu pai, estava errado.

— Foi um momento sombrio em nossas vidas. Quando Angelina nasceu, minha Marjorie já estava completamente perturbada. Não pude fazer nada, a doença a levou precocemente. Eu fiquei desolado, e todas as vezes que olhava para a nossa filha, nossa Angie, sentia o medo correndo por minhas veias. Eram os mesmos olhos, as mesmas feições, e temi que, oculto ali, também estivesse crescendo a loucura que levou minha Marjorie. Porque só mais tarde, depois de ter perdido sua mãe, é que descobri que a

mãe e irmã padeceram da mesma doença. Ainda que tudo que constasse no obituário fosse demência.

— Por que não levou a mulher que dizia amar para fazer tratamento? Por que não...?

— Acha que não tentei? Eu tentei tudo que a porra do meu dinheiro poderia comprar! — Ele alterou o tom de voz. — Mas infelizmente a loucura tomou conta da sua cabeça, até que a deixou completamente incapaz de cuidar de si e a matou.

Ah, merda! Eu estava tão apavorado.

— Mas não significa que Angelina tenha, nem sei por que está perdendo seu tempo...

— Angelina tem! — ele gritou. — E não finja que não percebeu. Só estou aqui te contando porque eu tentei proteger minha filha, como fiz com minha Marjorie. Ah, Deus, e se eu soubesse... se soubesse quando te vi no rancho com Angie o que isso causaria a ela, eu teria te matado com minhas próprias mãos para protegê-la. — Ele agora tentava conter os sentimentos, como se fosse fraqueza demonstrá-los. E talvez para John Paytron fosse mesmo. — A mãe dela nunca me deu um sinal de que era demente, nunca, foi apenas na gravidez que isso evoluiu de forma drástica. Você pode achar que eu fui um péssimo pai, mas eu tentei da melhor forma possível manter

Angelina sã, oferecendo educação, ocupando seu cérebro, mantendo olhos que a acompanhassem de perto. Meu único erro foi não ter te visto como um problema, porque sim, você foi um problema na vida da minha doce Angie. Eu queria ser presente, mas era difícil olhar para Angelina e não ver a minha Marjorie ali, enquanto o luto de perder a mulher da minha vida rasgava meu peito.

— Não sei o que pretende com isso, mas sei que está mentindo, John. A mãe da Angelina morreu no parto e era viciada, não louca.

— Acha que eu arquitetaria isso tudo a troco de quê? Marjorie morreu, Claret, mas aconteceu logo depois. E esse tempo todo eu vivi com medo, levando Angelina a psiquiatras, tentando evitar que o mesmo destino assolasse a nossa filha. Embora saibamos que Angelina tenha o maldito fator genético, não existe um exame que confirme quando vai acontecer, mas basta olhar naqueles olhos para saber que vai. — Ele ficou emocionado, parecendo recordar.

— Por que então Angelina me contou outra história? Ela contratou um detetive, ela... — falei, desesperado, com um imenso nó na garganta, mas não queria que fosse perceptível. Não queria que John sequer pensasse que eu era um fraco, que não poderia cuidar da sua filha, da minha família. Eu não seria como ele, não esconderia meu amor por conta de nenhuma adversidade.

— Todas as pessoas têm seu preço, Claret, e eu paguei o dobro para que a história que chegasse no ouvido de Angelina não prejudicasse mais ainda seu estado. Hoje, eu entendo que os filhos carregam os pecados dos pais. Minha doce Angie, tão obcecada por você como eu costumava ser pela mãe dela. Diga-se de passagem, tão puta quanto você, com a sutil diferença de que ela cobrava pelo serviço. — Zombou — E para a minha desgraça, completamente louca, como Marjorie. — Esse foi o momento que ele desabou. Pela primeira vez, eu o vi chorar, sendo o ato o suficiente para eu entender a gravidade da situação. — Quando ela coloca algo naquela cabecinha ninguém tira, prova disso é você e esse casamento sem sentido que ela inventou. Prova disso é a carreira de modelo e aonde ela chegou para estar no topo. Pode me julgar, eu não ligo, mas tive medo de contar a ela sobre a mãe, tive medo de ela descobrir que a maldita doença levou não apenas Marjorie, mas sua avó e tia também. Tive medo de que isso de alguma forma fizesse com que ela ficasse obcecada e a doença se manifestasse em Angie precocemente.

— Os tempos são outros, John, hoje existem tratamentos e... — falei, consumido pela angústia, sentindo seu desespero se tornar meu, correndo por minhas veias como veneno.

— Nenhuma delas teve um diagnóstico preciso. Quando manifestou, foi rápido e os médicos não puderam fazer nada. Nós, meros mortais,

sempre achamos que a ciência tem resposta para tudo, porém, algumas somente Deus tem, e não há nada que possamos fazer a respeito.

Senti minhas lágrimas ameaçando transbordarem enquanto eu olhava para as fotos sobre a mesa. Encarei-as novamente, e em uma delas a mãe de Angelina a segurava no colo, com John ao seu lado, no momento do parto.

Foi inevitável não pensar na Angelina, em tudo o que ela estava enfrentando para viver esse momento — o parto —, e sua garra ao encarar isso por mim, pelos bebês e por nossa família. E isso me fez ficar firme, querer compreender tudo o que ele estava me falando, sofrer e chorar sozinho, e entender como processar tudo isso. Mas *sozinho*. Nem que eu me quebrasse em mil pedaços, eu os colaria depois por ela, por nós. Eu não desabaria na frente do pai dela. Mesmo sem forças, continuaria mantendo a minha fé inabalável de que para nós seria diferente.

— Se tudo é verdade, como Dayse aceitou isso? Por que deixou que uma estranha a criasse?

— Não seja estúpido. Dayse era minha noiva e queria se casar, então aceitou a minha proposta, e assim como eu, tentou fazer o melhor. Sabendo da gravidade da situação, optamos por criar Angelina longe do mundo e tudo que poderia agravar seu estado, até que Dayse se cansou da vida na

fazenda e colocou essa ideia louca de vir para cá na cabeça de Angelina. E você sabe, mentes loucas amam ideias loucas.

— Ela tentou fazer o melhor? — Ri com sarcasmo. — Como? Oferecendo migalhas de atenção, tratando-a friamente como se Angie fosse um animal? Menosprezando sua filha? E como se não bastasse, ainda a obrigando a fazer um aborto? — Cuspi as palavras com ódio, e ele desviou o olhar.

John era tão frio, que as poucas emoções em seu olhar pareciam reservadas apenas a Marjorie e Angelina.

— Você não entende. Não é fácil cuidar de uma pessoa doente. Angelina é como a mãe, e tive medo de que assim como Marjorie, ela desenvolvesse a loucura na gestação, por isso optamos por esse caminho.

— Ela não é doente, John. Você é um filho da puta, imbecil. Teve tanto medo de encarar outra perda, que mal se deu conta de que já estava acontecendo. Perdeu a chance de criar sua filha e honrar a memória da mulher que amava, você a abandonou, a deixou à mercê de uma mulher que nunca a amou. Então, não me venha com esse discurso ridículo de que fez o que pôde, você não merece a filha que tem.

— Não é doente? Pergunte ao empresário dela se ela não é doente. Ou vai me dizer que acha normal tudo que ela fez para se casar com você? Vai

me dizer que nunca a viu falar coisas sem sentido?

— Aquele imbecil de merda que só quer lucrar com Angelina e a viciou em medicamentos? Ele é sua fonte segura agora?

— Ele fez o que pôde para ajudá-la com as vozes na cabeça, mas eu disse a Charlie que não adiantaria por muito tempo.

— Fora daqui, John! Não acredito em você — disse, me levantando e apontando para a porta.

— Diz pra mim — ele sorriu com empáfia —, olhe na porra dos meus olhos, Claret, e diga que nunca percebeu isso em Angelina? Diga que nunca olhou em seus intensos olhos esmeraldas e não viu a loucura dançando ali? — ele gritou. Respirar ficou difícil, mas falar sobre a sua bravura foi natural. E, no fundo, eu sabia, eu realmente sabia que ela não era como o pai queria me fazer acreditar. — Pelo amor de Deus, desde criança ela conversava com aquela égua como se ela fosse gente.

— Ela era uma criança, John, não tinha amigos, não tinha família, não se sentia amada, então se apegou ao único que a amou de verdade, ainda que esse único fosse um animal. E não, não foi a loucura que a fez se tornar assim, foi a carência de um pai de verdade, foi a falta de amor, foram os traumas.

— Olha pra você, Bryan Claret, me culpando quando tudo que fez foi enganar minha inocente Angie, engravidá-la e depois deixá-la sozinha. Ela se apaixonou e se entregou a você tão facilmente, e mesmo depois de tudo que fez a ela, Angie quis se casar com você. Acha que eu não sei o que fez na noite de núpcias? Acha que sou cego a todos os males que causa à minha filha? — A acidez de suas palavras me congelou. — Não me orgulho dos meus atos, mas os seus são tão condenáveis quanto os meus. — Prendi os lábios, ainda que eu não soubesse da gravidez, nunca tentaria me redimir por nenhum dos meus erros. — Eu não abandonei Marjorie quando ela estava grávida ou sequer se lembrava do meu rosto, não a abandonei quando ela, completamente insana, não falava mais nada de sensato. Ao contrário de você, que o fez quando minha Angie ainda era uma menina. Então não me venha com falso moralismo se nem estava ao seu lado quando minha filha precisou.

— Nisso somos iguais, cumprimos bem o nosso papel de filhos da puta na vida da Angelina — esbravejei.

John se levantou, deixando a pasta com todos os relatórios médicos jogados em minha mesa.

— Vim te dar um aviso, mas, para ser sincero, nem mesmo isso é por você, e sim por Angelina. Todos os hormônios da gravidez bagunçaram a cabeça da minha Marjorie, e não teve mais volta, talvez, se tivéssemos

interrompido a gravidez, ela ainda estaria aqui. Se ama minha filha como diz amar, vai ser mais esperto que eu, e quem sabe escolher preservar a pouca sanidade que ainda resta em Angelina.

Acabei rindo, gargalhando na verdade.

— Se está se referindo a tirar a vida dos nossos filhos, não vai acontecer. Nunca. Mas diferente de você, eu não vou abandoná-la em um hospital, John. Nem mesmo trancafiar meus filhos em uma fazenda como se tivesse vergonha deles. Independentemente do que tivermos que encarar, vamos passar por isso juntos, como família, o que ela nunca teve com você, mas agora tem.

Ele deu um sorriso de escárnio, me lançando um olhar de superioridade, então deu passos em direção à porta, mas antes de sair, parou e se virou novamente para mim.

— Angelina me falou sobre sua amiga, uma tal de Erika, um comentário enciumado, nada muito relevante, mas isso acendeu um gatilho em mim. Dizem que quando a história é boa, o destino gosta de repeti-la trocando os protagonistas, e ela está se repetindo. — Sorriu de canto. — Já tem uma Dayse em sua vida, Claret, a mantenha por perto, porque quando sua Marjorie enlouquecer, será ela quem cuidará dos seus filhos. A não ser, claro, que eu convença Angelina do contrário, porque eu vou tentar.

— Não conte com isso, imbecil! — Cuspi as palavras com tanta raiva, que ele me lançou um olhar frívolo.

— Sabe por que está em negação, Claret? Porque, no fundo, sabe o que vai acontecer, e é por isso que está tão desesperado. Mas se quer continuar como se fosse apenas imaginação minha, continue, e aproveite o tempo enquanto Angelina ainda sabe quem você é, porque quando ela não te reconhecer mais, espero que se lembre das minhas palavras, que foi avisado e teve a chance de fazer diferente, mas preferiu se acovardar a jogar contra o destino.

Ele saiu da sala sem dizer mais nada. Agora eu entendia, John só veio até aqui porque se sentia culpado pelo que aconteceu a Marjorie, e o mais triste disso tudo era saber que Angelina mantinha esse patife por perto por realmente amá-lo.

Respirando fundo, eu peguei os papéis e fui direto ao banheiro. Como uma criança indefesa e perdida, eu chorei desesperadamente. Em negação, sozinho. Fui lendo os relatórios, vendo minhas lágrimas molhando cada um deles. Os sinais estavam ali, eu não era burro, mas ignorei todos eles, sabendo perfeitamente o que fazia a tal da fé inabalável. As frases desconexas, as atitudes controversas e impulsivas sobrevoavam em minha mente e eu estava apavorado, com medo de ser tarde demais. Não, eu me negava a aceitar isso. Eu não ia deixar acontecer, não com Angelina. E mais

uma vez, pensei na minha fé inabalável e de que agora era a nossa hora, e nela não havia espaço para dúvidas.

Voltei para a sala e abri a janela, precisando de ar puro. Encarando os relatórios, eu queria que John estivesse mentindo, mas não mentiu, ali constavam exames de Marjorie. Mesmo esclarecendo que não havia interruptor genético único, que quando aparecia, causava a doença por ser sua filha, as chances eram grandes. Como estava em um linguajar científico, era complexo conseguir entender todas as informações, mas a que eu menos queria ver estava lá: Demência neurodegenerativa. Pelo pouco que entendi, ela era tão abstrata como o Alzheimer, e como tal também não havia cura e nem tratamento que diminuísse ou interrompesse sua progressão quando manifestada, apenas maneiras de tentar retardar o surgimento. A palavra quando manifestada aqueceu um pouco meu coração. Esse tal interruptor poderia nunca ser acionado. Havia chances de não se manifestar na Angelina, e havendo uma chance, eu estaria ao seu lado e lutaria.

Odiei o pai dela mais que um dia havia odiado, e se antes achava que o destino não nos queria juntos, agora, com sorriso de desprezo, ele zombava de mim, deixando claro que era ele quem ainda dava as cartas. Ainda sem chão, eu não me permitiria desistir de nós, e foda-se tudo isso,

independentemente do quanto ou contra o que teríamos que lutar, eu sabia que no fim venceríamos. Nós venceríamos.

Passei a tarde toda lendo, pesquisando, fazendo contatos para me inteirar do assunto. Mas as informações sobre o diagnóstico de sua mãe eram muito escassas, não informavam qual tipo de demência ou o que a levou a desenvolver a doença. Apenas que progrediu rápido. Eram épocas diferentes, vinte cinco anos atrás, a ciência havia evoluído e eu tinha fé que caso surgisse, seria diferente com Angelina. Eu queria, ainda que uma pequena faísca de esperança, de que tudo fosse armação, mas não era. Todos os relatórios em páginas amareladas pelo tempo me diziam exatamente o contrário.

Angelina sofreu muito, foi desprezada, subestimada, teve nosso bebê brutalmente arrancado de seu corpo, viu a única pessoa que ela amava dar-lhe as costas. E o pai dela achava que eu aceitaria que seu destino era ficar sozinha em um hospício? Não, pelos céus, eu não permitiria.

Continuei preso a toda aquela papelada, cada relatório sugando um pouco da minha esperança e energia. Somente quando Sarah bateu à minha porta que parei para olhar as horas em meu telefone e vi que já havia passado das dezoito. Eu precisava ir embora. Tranquei minha sala, e no trajeto até o estacionamento, mencionei a ela que no dia seguinte eu me atrasaria, e se precisasse de algo ela poderia me ligar.

Nos despedimos brevemente e eu segui para o rancho. Uma semana dormindo ao lado dela, com o gosto da felicidade plena na boca, e agora isso. Achei que a tempestade havia passado, mas fui tolo, ela estava apenas iniciando com seus primeiros trovões. Mas tudo bem, se não havia dias de sol para nós, aprenderíamos a apreciar e viver sob a chuva.

Depois de quase cinquenta minutos no trânsito, finalmente estacionei na entrada do casarão. Foi necessário respirar algumas vezes e esconder a dor atrás de um sorriso forçado, que seria o melhor que eu poderia dar a ela depois de todas as revelações de John.

Adentrei a sala e lá estava ela, na companhia de Jane e Holanda, usando um vestido de alças que realçava bem nossos bebês e cabelo preso. Ela se virou sorrindo e, porra, mordi meus lábios para não chorar. Angelina veio até mim, então dei boa-noite a todos antes de abraçá-la. Beijei seu rosto, depois um beijo casto em sua boca.

— Eu vou tomar um banho rapidinho e...

— Eu vou com você, estava te esperando por isso.

— Tudo bem, vamos.

Subimos ao quarto, e a cada passo eu sentia um imenso peso em meus ombros.

— Foi tudo bem hoje? — ela perguntou, enquanto eu tirava minhas roupas, evitando seu olhar.

— Tudo bem, por quê? — A banheira estava pronta e fui o primeiro a entrar, mas a ajudei quando ela fez o mesmo.

— Hoje a Sabrina anunciou que está noiva de um jogador de basquete. Está chateado por isso?

Acabei rindo.

— Não, fico feliz por ela, que seja feliz. — Me afundando na banheira, fiquei segundos tentando expulsar meus fantasmas na água, e quando retornei, Angie, sentada à minha frente, me encarava.

Foi difícil olhar em seus olhos e não ter as palavras do John na mente. Mas esse era um dos momentos decisivos da vida, e apesar de todos os obstáculos à frente, eu escolheria ficar, ainda que um dia tivesse que encarar seu rosto e não me ver mais ali, ainda que ela não me reconhecesse mais, eu a escolheria.

— Está receoso pelos exames, não é? — perguntou, então fiz sinal para vir para os meus braços.

— Não, porque sei que vai dar certo. Já deu, na verdade.

Ela se aproximou, ficando de frente para mim, olhos nos olhos. Beijei sua boca, precisando sentir seu gosto.

— Eu te amo, bebê — sussurrou.

— Eu também te amo, e vou continuar amando por toda a minha vida.

— Eu sei que se acontecer algo a eles a culpa é minha...

— Não, amor, não pense nisso. Vai dar tudo certo. — Beijei sua cabeça e ela se sentou ao meu lado, apoiando a cabeça em meu peito.

— Bebê, e se ele não me perdoar? Se nosso filho se lembrar e não me perdoar? Se ele não conseguir me amar pelo que nos aconteceu no passado?

Escutar suas palavras era como sentir alguém esmagando meu coração.

Diz que nunca olhou em seus intensos olhos esmeraldas e não viu a loucura dançando ali?

— Angie, meu amor, olhe pra mim. — Ela o fez e, pela primeira vez, movido pelo desespero, eu a contestei. — Ele não voltou, não é ele — eu disse, e no mesmo instante sua respiração começou a oscilar e os olhos se encheram de lágrimas.

— Você... você... você não sabe disso, não pode afirmar isso. Eu sei, porque ele me disse, e ao menos você deveria acreditar em mim. Todos eles me dizem essas coisas e você não acredita.

— Quem te diz isso, Angie? Quem são essas pessoas que dizem a você essas coisas? Jane? Holanda?

Ela levou a mão à cabeça e apontou com indicador.

— Estão aqui!

Tive que fazer um esforço surreal para não chorar. Puxei-a para os meus braços e a beijei.

— Eu te amo — falei, abalado.

Ela levantou o olhar e me beijou. Eu não conseguia, não conseguia controlar o medo. Abracei-a forte e a beijei, precisando bem mais que ela desse contato. Depois do banho, jantamos e, antes de dormir, perguntei quando ela queria comprar o enxoval. Isso a animou, falamos sobre a possibilidade do sexo do outro bebê, porque, na cabeça dela, o que voltou era menino, e tive medo de serem duas meninas e isso de alguma forma poder prejudicar seu estado mental. Mas antes de pensar a respeito, eu me vi implorando para ao menos um deles ser menino. Eu amaria qualquer um, mas talvez isso a ajudasse a superar esse trauma.

Acabamos adormecendo abraçados e, pela manhã, seguimos para o hospital com seus seguranças. Era uma pena vê-la ter que se esconder tanto em suas roupas.

A vida estava sendo a porra de uma madrasta, mas ainda assim, eu mantinha minha fé inabalável que tudo daria certo. Estávamos muito tensos

quando eles preparavam Angelina com a roupa especial antes de ela se deitar para fazer o exame.

Assim que a médica chegou, segurei a sua mão com força quando a tensão se tornou quase palpável. Ela nos explicou como seria o exame. No entanto, não apenas sua médica, mas todos nós estávamos ansiosos pelo resultado.

— Nessa idade gestacional, a ultrassonografia morfológica é a principal ferramenta diagnóstica na detecção pré-natal de anomalias congênitas. Ela permite o exame da anatomia fetal interna e externa, não só de grandes defeitos, mas também de marcadores menores de anomalias cromossômicas, como a síndrome de Down, e síndromes genéticas...

Ela continuou explicando, mas eu estava tão tenso, suando tão frio, que sequer consegui me concentrar em todas as suas explicações. A médica iniciou o exame, e quando vi os dois ali, por trás de todo o caos, senti uma emoção surreal, algo sem explicação.

Os dois bebezinhos, tão pequenos, tão indefesos e inocentes, se mexendo preguiçosamente. As mãozinhas, os pezinhos, nosso amor em dose dubla, tão bem formados. Ela perguntou se queríamos saber o sexo, esperei que Angelina respondesse, que prontamente confirmou que sim, com os olhos brilhando em emoção e expectativa.

— Gêmeos univitelinos, o que significava que são iguais, dois meninos.

Foi um alívio. Olhei para Angelina e ela já estava chorando. A médica continuou o exame, passando as informações e medidas à sua assistente, e somente quando terminou, que finalmente veio com o veredito tão aguardado.

— Está tudo dentro da normalidade para idade gestacional. — Ela sorriu, olhando diretamente para Angelina, enquanto a limpava.

Depois que a ajudei a se levantar, nós nos abraçamos, então vi seus olhos lagrimejarem novamente. Ela foi ao banheiro, se vestiu, e como estava calor, dispensou o casaco ao sairmos.

Assim que saímos da sala de exame, fomos falar com a dra. Gisela, e ela nos confirmou novamente que estava tudo bem, passou mais algumas vitaminas e fez as anotações no prontuário, nos dispensando logo em seguida.

No estacionamento do hospital, estranhei ter um carro na posição vertical ao nosso. Ao nos aproximarmos, vi dois homens dentro do veículo e, em uma manobra ousada, eles pararam à nossa frente e um deles apontou uma câmera em nossa direção. Angelina tentou esconder a barriga, mas era tarde. Eles tiraram várias fotos. Isso nos frustrou, não era assim que ela

esperava revelar a gravidez, mas antes mesmo que seus seguranças pudessem agir, eles arrancaram com o carro.

Entramos no nosso carro, então ela ligou para Jane, xingando de todos os nomes possíveis o tal *paparazzo* e pedindo que sua equipe emitissem uma nota que confirmasse a gravidez, porque ela não daria esse gostinho a eles. Eu sabia que a confirmação só faria o assédio redobrar sobre ela e não poderia acontecer em momento mais importuno, mas era tarde para tentar impedir.

Almoçamos juntos em casa. Angelina parecia ligada no duzentos e vinte. De certa forma, saber que os bebês estavam bem pareceu dar a ela uma energia extra. Ela chegou fazendo ligações em vídeo para Charlie, falando de negócios, e pelo pouco que entendi, a pauta era uma capa de revista Focco Italia, a mais importante do ramo. Antes ela havia cogitado negar, mas agora queria aceitar pela invasão de privacidade. Jane chegou a mencionar algo sobre “fazer isso em grande estilo”. Dei um beijo nela para me despedir, mas ela mal correspondeu. Eu não me importei, os demônios de John ainda me assombravam tanto, que me sentia grato por estar de fora de suas novas empreitadas e feliz por ela estar ocupando a mente. Nossos bebês estavam bem, era o mais importante, ao menos esse peso havia sido tirado de nós. Eu tinha um bom motivo para comemorar, eu preferiria ver

uma Angelina falando de trabalho, centrada, focada, do que a versão da última noite, tão desolada.



Capítulo 26

Bryan

Depois de todos os percalços, tivemos um fim de semana de paz. Fomos aos meus pais e contamos sobre a gravidez. Eles, claro, receberam a notícia com alegria e festa, minha mãe até fez questão de falar sobre todos os gêmeos que têm na família. Enviei mensagens aos amigos contando a novidade, e apesar de estar tão feliz por nossos bebês, a angústia e medo por Angelina agora faziam parte não apenas dos meus dias, mas das minhas madrugadas, roubando meu sono.

Naquele mesmo sábado, a notícia da gravidez da Angelina já circulava em todas as mídias sociais, ganhando as manchetes. Com Jane até

dizendo que programas televisivos já disputavam por uma entrevista, a primeira onde ela falaria sobre a gravidez. As revistas, por uma capa dela gestante e, claro, Charlie a incentivava a escolher as mais lucrativas. Ainda que eu não achasse que se expor em um momento como esse seria bom para Angelina, era sua carreira, e ao contrário do que as mídias de fofocas propagavam, eu nunca opinava sobre isso.

Quando Adryan me ligou parabenizando pelos bebês, eu sabia que não conseguiria mais levar essas questões sobre a saúde de Angelina sozinho e precisava de ajuda até para saber como ajudá-la, então marquei de ir à sua empresa na segunda de manhã.

Quando ela enfim chegou, apesar da assessoria de Angelina postar uma foto linda de sapatinhos de bebês em suas redes sociais com uma mensagem sobre o quão felizes nós estávamos com a gravidez, a matéria que saiu em todos os sites de fofocas na segunda foi desprezível.

Com uma vida regada a festas, álcool e cigarros, boatos de divórcio e até mesmo um possível affair*, Angelina Paytron anuncia gravidez de gêmeos.*

A foto usada era a do hospital, onde eu colocava a mão no rosto por conta do flash e ela tentava esconder a barriga, olhando assustada para a câmera. Uma foto péssima, um ângulo desfavorável, mas que se encaixava

bem na narrativa de nós dois separados. Eu sempre soube que expor nosso relacionamento como ela fez desde o casamento um dia traria problemas a ela. Eu sabia que ela tinha toda uma equipe de gestão de crise e que eles fariam o melhor para lidarem com a situação. Mas era deprimente ver matérias tão tendenciosas, e o pior era saber como a grande massa consumia sem se importar que havia pessoas por trás sendo machucadas por mentiras tão dolorosas como aquela. O que me fazia questionar se ao clicar em uma matéria tão tendenciosa, a pessoa do outro lado se colocava no lugar da vida do artista em questão. Ignoravam ou tinham empatia, a palavra da vez que todos pregavam, mas ninguém parecia saber o que era.

Ao chegar à empresa de Adryan, com todos os relatórios médicos de sua mãe em mãos, segui para à sala dele, desesperado por sua opinião. Não me importei com a presença de Mike, ambos eram meus amigos. Levei o tempo apenas de me sentar à sua frente para começar a contar toda a história de John. E se Mike, ao escutar os detalhes, afirmava veemente que aquilo era uma mentira de seu pai, o olhar preocupado de Adryan me dizia outra história. Sem reserva alguma, ele pediu que Mike nos desse licença e fosse buscar um café, e ele só saiu depois de protestar. E quando enfim estávamos sozinhos, pelo tom de voz de Adryan, eu sabia que as notícias não seriam tão animadoras.

— Bryan, eu gostaria muito de poder dizer que não acredito em John, mas está claro que ele não está mentindo. Agora muita coisa começa a fazer sentido pra mim.

— Angelina não é louca, Adryan — contestei, chateado.

— Não estou dizendo isso, mas com todo esse histórico familiar, eu acho que ela precisa ser acompanhada de perto.

— Ela se nega a ir ao psiquiatra — prendi os lábios —, e eu não sei como convencê-la.

— Não pensa em contar a verdade a ela?

— Eu tenho medo de que isso a prejudique no momento pela gravidez, entende?

— Pela gravidade da situação, não sei se deveria esconder, mas posso marcar uma consulta com dra. Marcela e ela te orienta melhor. — Comecei a chorar. — Eu sinto muito, Bryan, sinto mesmo. O pouco que sei sobre doenças mentais degenerativas é que não existe uma maneira comprovada de prevenção. Mas sei que investir no bem-estar pode ajudar a melhorar a qualidade de vida quando... — Ele não concluiu e chorei como um menino ao escutá-lo.

— Merda! Eu estou apavorado, Adryan, com tanto medo. Desde que John falou essas merdas, eu não durmo mais, nem uma noite sequer. Eu fico

pensando, pensando...

Ele cruzou os braços, preocupado, sem saber o que falar.

— Eu sei, você está péssimo. Mas e ela, está lidando bem com a gravidez?

Enxuguei as lágrimas, respirando fundo e me perguntando onde estava a porra da força que eu deveria ter agora.

— Está, quer dizer, alguns dias ela parece bem, sabe, ela é uma mulher de negócios, tão ativa, mas em outros fala algumas coisas que me desmorona. Tem crises de choro constantes e eu não sei se é normal ou hormônios da gravidez. — Suspirei. — Eu estou tão perdido, sem saber qual direção seguir. — Voltei a chorar. — Porra, me desculpe por isso.

— Tudo bem, no seu lugar eu também estaria assim. — Ele voltou a ler os relatórios, examinando categoricamente. — O problema é que nessa época pouco se falava ou estudava a saúde mental, eles colocavam tudo em um mesmo pacote, e na maioria das vezes o paciente não recebia o tratamento adequado. — Ele desviou o olhar, fragilizado também. — Se me permitir, eu vou ligar para os meus pais e expor a situação, eles podem nos ajudar, ambos têm um apreço muito grande por Angie e saberão nos orientar também, indicar os melhores tratamentos.

— Eu agradeço muito, Adryan.

— E, Bryan, como ela é uma pessoa pública, toda cautela ainda é pouco.

— Eu sei. E falando nisso, você viu as merdas que eles publicaram sobre ela?

Ele desviou o olhar.

— Sim, exatamente por isso. Porque se ler isso gera desconforto em nós que a conhecemos, em Angelina, que está grávida e recebe esses ataques diretamente, será pior.

— A equipe dela toma cuidado para que esse tipo de merda não chegue a ela.

— Ótimo. — Ele pegou o celular. — Te enviei o telefone da médica, mas eu cuido disso, não se preocupe. Assim que conseguir te aviso. Se me permitir ficar com isso — disse, se referindo aos relatórios —, envio hoje mesmo para a Marcela e peço prioridade ao caso. — Concordei. — Bryan, não se preocupe, Marcela saberá nos orientar e até mesmo como abordar o assunto com Angelina, uma vez que já conhece seu caso, mas precisa convencê-la a voltar a se tratar.

Concordei e agradeci a ele pelo seu tempo. Ele me abraçou forte, depois brincou com o fato de Mike ter esquecido nosso café e se desculpou

por isso, então parabenizou novamente pelos gêmeos. Em momentos como esse que eu sabia quais amizades valiam mesmo a pena.

Mais tarde, na editora, eu não conseguia pensar em nada, e até as felicitações pela gravidez eram recebidas sem muito entusiasmo, o que, claro, dava margem para acreditarem nas fofocas da mídia, mas eu estava pouco me lixando para isso.

Na volta para casa, ainda me sentindo abalado com tudo e sabendo que se chegasse assim em casa seria difícil Angelina não desconfiar de nada, decidi passar nos meus pais e acabei jantando com eles. E como imaginei, meu péssimo estado não passou despercebido, fazendo com que eles me questionassem o motivo. Eu disse algo sobre estar cansado e complementei com uma enxaqueca, e mesmo não sendo convincente como gostaria, nenhum dos dois insistiu no assunto, apesar do meu pai acabar por soltar um discurso sobre ser normal sentir insegurança e medo com a chegado do primeiro filho, mas que no fim a recompensa era garantida. Antes de chegar à mansão, meu telefone vibrou então olhei para tela e vi uma mensagem da Erika:

Obrigada pelas flores de aniversário, eu amei!

Era ironia. Claro que era, porra, pela primeira vez, eu me esqueci completamente do seu aniversário. Mesmo assim, retornei com uma breve

mensagem parabenizando-a e desejando felicidades. Entrando na casa, subi direto para nosso quarto e não vi Angelina. Deixei a chave e telefone em cima da mesa de café e segui para um banho, ignorando o cheiro de cigarro no quarto.

Eu estava cansado, destruído, pensando em mil maneiras de convencê-la a voltar ao tratamento com dra. Marcela sem que ela ligasse isso a incapacidade materna, já que ultimamente Angelina vinha batendo nessa tecla. Quando saí, eu a encontrei sentada na cama, balançando a perna, inquieta, com o olhar fixo nos pés. Ainda enrolado na toalha, eu me aproximei e vi meu telefone em sua mão.

— Estava com sua amiga? — ela perguntou, levantando o olhar. Havia agressividade e rancor ali.

— Não, estava com meus pais, eu...

— Mandou flores para ela? — me cortou de um jeito ríspido.

— Não, ela foi irônica, porque eu me esqueci de parabeni...

— Ah, cala boca, Bryan! Você me acha tão idiota, não é? — Ela se levantou, nitidamente irritada e jogando o telefone sobre a cama, me fazendo recuar alguns passos. Ela levou as mãos ao rosto, esgotada.

Essa era a pior parte, lidar com sua impulsividade. Ela acreditava em algo e tomava aquilo como verdade. Olhei para sua barriga, nossos bebês

ali, sentindo tudo que ela sentia agora.

— Angelina, por favor. Sabe que não tenho nada com ela, você mesmo escutou toda a conversa no restaurante. Não vamos criar um problema onde não existe.

— Criar problema onde não existe? Hoje falaram várias merdas sobre mim, Bryan, e você sequer teve o trabalho de me ligar para saber como eu estava.

— Como soube disso? — perguntei, quase podendo escutar Jane me dizendo que era impossível controlá-la e, provavelmente, ela mesma tenha buscado saber.

— Por quê? Desde que a imbecil aqui não saiba, está tudo bem, não é? — gritou, furiosa.

Respirei fundo, implorando internamente para focar nos bebês e escolher bem as palavras.

— Eu não quis dizer isso, eu...

— Está me traindo? — Suspirei, frustrado. Uma crise de ciúme era tudo que nós não precisávamos no momento. — Às vezes, acho que cometi um erro voltando pra você. Não me ama de verdade, Bryan, só está fazendo isso pelos bebês, porque seus pais os querem.

Porra, isso era tão absurdo. Me aproximei, ficando a sua frente.

— Angie, preste atenção. Sei que está machucada por todas as merdas que saíram hoje sobre você, mas sabe que eu te amo, sabe que estou aqui por você, por nossos filhos. Eu quero muito a nossa família. Eu não estou te traindo e não sei de onde tira essas merdas...

— De onde eu tiro? Mal me toca, Bryan.

— Angelina, isso não é verdade.

— Não é verdade? Bryan, você fica desconfortável ao transar comigo, como se sentisse nojo. Seu pau até demora mais pra subir agora — falou para provocar.

Eu sabia que ela se sentia ofendida, e queria de alguma forma me fazer sentir o mesmo.

— Eu não notei isso, mas sabe que eu amo fazer amor com você.

— Não, você não ama fazer amor. Ama foder, e não tem mais isso comigo.

Engoli em seco, olhando em seus olhos.

Não vê a loucura dançando ali?

Quase como um sussurro provocativo, a voz de John ecoava em minha cabeça. Não, aquele desgraçado não iria fazer isso.

— Amor, me escute — pedi, enquanto ela me encarava. — Eu amo sim, só que eu tenho medo de machucar os bebês. Já falamos sobre isso, lembra?

— Por que eu não iria me lembrar? Acha que estou louca, por acaso? — Ela ficava na defensiva, esperando que eu revidasse.

— Não, Angie, eu não acho. *Nunca* vou achar — disse, deixando escapar a emoção.

Ela desviou o olhar, então toquei o seu rosto e o acaricie. Angelina me abraçou e eu correspondi ao seu abraço.

— Ah, droga! Estou tão cansada! Como eles podem dizer tanta merda, como se eu fosse um lixo de mãe, Bryan?

— Porque eles são imbecis, porque não sabem como está se esforçando. Mas eu sei, assim como sei que tudo que falaram a seu respeito hoje não é verdade. Amor, mentiras só machucam quando as tomamos como verdades, e isso elas nunca vão ser. Eu te amo mais que tudo, e me desculpe, você tem razão, eu deveria ter ligado, deveria ter procurado saber e não o fiz. Isso te magoou, mas não é porque eu não me importo, eu me importo pra caralho, só estive ocupado e não pensei que fosse um assunto que merecesse atenção, porque, como eu disse, são só mentiras idiotas e isso não nos atinge.

— Merda, não faça isso. Não aja dessa maneira, eu me sinto uma louca. Há segundos eu queria brigar, e agora eu quero fazer amor com você — disse, emocionada.

— O problema — eu a beijei — é que meu pau demora para subir, não é? — brinquei, rindo, ela acabou fazendo o mesmo.

— Para, vai. — Puxei-a para cama e a beijei. — Jantou nos seus pais? — Confirmei. — Trouxe para mim?

— Na verdade, não — confessei, sem jeito.

— Ah, Bryan, não acredito que você fez isso. Agora estou com raiva de novo. — Voltei a rir. — O que ele fez? Não vai me dizer que foi aquela sopa.

— Foi, mas eu vou pedir para ele fazer para você.

— Jura?

— Eu juro. Amanhã mesmo vou pedir. — Beijei-a novamente, agora ela estava bem mais calma. — Tire isso da sua cabeça de que não quero ou não gosto de fazer amor com você. É a mulher mais linda e gostosa do mundo, eu só tenho receio de machucar você ou os bebês. É coisa minha, Angelina.

Nos deitamos, então ela levou a mão por baixo do edredom e começou a me estimular, massageando meu pau.

— Eu, com um fogo do caralho, e você assim, todo gostoso e com esse pauzão. Entendo ter receio, bebê, mas também não é assim, ele não tem dois metros, não é tão grande a ponto de você não querer me comer.

Acabei rindo e acariciei seu rosto, olhando nos seus olhos consumidos de desejo. Me virei para ficar de lado e ela fez o mesmo, desesperada para que eu não negasse fogo, com os bicos pontudos dos seus seios arrepiados e a boca levemente aberta.

— Angie, o que acha de fazermos terapia juntos? Você não tinha uma médica, uma tal de dra. Marcela? Talvez ela possa nos ajudar. — Angelina ficou me encarando como se não acreditasse no que eu estava dizendo. — Eu acho que nesse nosso recomeço, e quero deixar claro que agora é pra valer, poderíamos ir para lidar com as minhas neuras e inseguranças, e toda essa questão do meu pauzão gostoso, é claro. — Ela começou a gargalhar e o sorriso alcançou seus olhos, o que me deixou muito feliz com minha abordagem. — E você lidaria com as suas questões também, amor. Vamos curar o que está escondido para que nada volte a nos atrapalhar, eu não quero viver longe de você. Entenda que você é a única na minha vida. Somos uma família, não somos?

Ela sorriu, emocionada.

— Então quer ir ao psiquiatra porque tem medo do seu pau gostoso me machucar quando transamos? — perguntou com certo tom de deboche. — Realmente, que ideia louca desse meu marido confiante demais.

Prendi os lábios para não gargalhar, mas foi inevitável. Ela acabou rindo, e eu também, mas como não respondi, pensando em que desculpa usaria agora caso ela ainda se recusasse.

— Me desculpa, bebê, não foi minha intenção ofender sua masculinidade.

— Mas ofendeu — menti, rindo. Obviamente ela entendeu que era um momento de descontração só nosso.

— Me desculpa, amor. — Ela passou a mão pelo meu cabelo. — Desculpa, tem razão. Se é importante para você, é pra mim também. Pode marcar uma consulta com dra. Marcela que vamos juntos falar sobre seu pau e os sentimentos dele — provocou.

— Está falando sério?

— Estou. Eu quero que volte a apagar meu fogo, bebê, todo ele.

Revirei os olhos, ainda rindo.

— Transamos sábado, e depois você me disse que sentiu cólica.

— Mas passou. E descobri que isso é normal.

— Eu não quero descobrir, quero ouvir da médica.

— Nem dá pra acreditar que você, justo você, antes tão pervertido, agora é todo cuidadoso comigo.

— Porque você tem dois Bryans aí. Um já dei aos meus pais, e o outro pretendo vender — brinquei.

Ela revirou os olhos e fechou a cara, então me aproximei e a beijei.

— Angie, minha Angie. Isso não é um blefe. Eu vou marcar uma consulta e tenho certeza de que somos os fodidos mais apaixonados e loucos um pelo outro que essa médica terá a honra de tratar.

Ela olhou nos meus olhos e aproximou seus lábios dos meus em um beijo apaixonado. Fiquei aliviado de não ter perdido a cabeça. Pelo jeito, eu finalmente aprendi a lidar com a Angie e seu ciúme.

Contrariando minhas negativas, fizemos amor, porque ela era boa em seduzir e eu bom em perder quando se tratava do seu jogo. Agarrado ao seu corpo, continuei a beijar sua pele enquanto nossas respirações se acalmavam. E quando aconteceu, Angelina reclamou algo sobre os gêmeos mexerem tanto quando eu colocava a mão sobre sua barriga, afirmando que eles já deixavam claro sua preferência.

— Isso porque eles ainda não sabem quem monopoliza o leite — brinquei e ela riu.

— Você é tão bobo, bebê.

— Só trabalho com verdades — sussurrei, próximo ao seu ouvido antes de beijá-la.



Pela manhã, enquanto tomava meu café, meu telefone vibrou. Número desconhecido. Assim que atendi, uma voz firme feminina que se identificou como assistente da dra. Marcela Andrez fez meu coração disparar. Ela perguntou se eu estava disponível para ir ao seu consultório naquele dia, obviamente confirmei e anotei o endereço.

Às cinco horas da tarde, eu estava no endereço indicado. Era uma clínica bem conhecida na região central. Me apresentei à recepcionista, e como previsto a dra. Marcela já me aguardava.

Sua sala ampla e em tons claros transmitiam serenidade. Não apenas a sala, mas a senhora de meia-idade, com a voz firme e postura um tanto moderna, não me lembrava muito um consultório médico. Ela se apresentou e indicou a cadeira para eu me sentar, então estendeu sua mão em um

cumprimento breve. Em sua mesa, vi não apenas os relatórios de Marjorie, como alguns de Angelina.

— Sr. Claret, como Angelina está?

A pergunta inicial não me pareceu com o único intuito de iniciar um diálogo. Sua postura de apoiar os cotovelos na mesa, em seguida, o rosto nas mãos, me encarando fixamente através dos seus óculos grandes e modernos, transmitia a mensagem de que ela realmente queria saber.

— Aparentemente bem. Me referindo a saúde dela e dos bebês, já sobre o estado emocional, eu não acho que esteja tão bem assim.

— Entendo sua preocupação. E acredito que essa preocupação tenha se agravado com as revelações sobre a mãe. — Ela desviou o olhar para os papéis. Estranhamente me sentia como se eu estivesse sendo analisado. — No entanto, sr. Claret, devo e preciso ressaltar que nós, médicos, podemos diagnosticar desordens mentais com base nos sinais e sintomas do paciente individual. Ainda que haja diagnósticos na família, não existem testes genéticos para confirmar um diagnóstico de transtorno mental. Isso porque experiências e ambiente desempenham um papel importante no desenvolvimento de um transtorno, e nenhum teste genético nunca vai ser capaz de dizer com absoluta certeza quem vai e quem não vai desenvolver um transtorno.

— Mas o fato da mãe dela ter tido não indica que...

— Angelina é minha paciente. Ela já havia me contado a história complexa de vocês e as pendências. Havia uma certa mágoa e preocupação de que nunca pudessem se entender novamente. No entanto, agora eu vejo a aliança em seu dedo, notícias que confirmaram o casamento, e por base nisso, eu posso afirmar que tudo foi resolvido? — Ela continuou me fitando, esperando resposta. — Não, eu não posso, a aliança me diz que estão casados, mas não comprova que tudo foi resolvido. Assim como a mãe de Angelina ter tido uma doença mental não me assegura que Angelina irá ter, me sinaliza sim que há fator genético e que devo redobrar atenção. No entanto, genética, bem como o exemplo que dei de sua aliança, apenas me dá um alerta de que pode acontecer, não se vai ou quando. A não ser, claro, que o senhor tenha algo a me dizer que eu ainda não saiba.

— Não sei se é preocupante, ou um sinal, mas ela tem falado que o bebê abortado voltou. — Marcela se remexeu. — Às vezes, tem alguns surtos... e ainda lida com a abstinência do cigarro e todos aqueles medicamentos.

— Um fato interessante. E que bom que foi abordado pelo senhor, minha ética profissional não me permitiria fazê-lo. Angelina tem vários traumas, nós dois sabemos disso. E ouso dizer que durante todo nosso convívio e tratamento, acredito que os transtornos de Angelina estejam

ligados mais aos traumas que ela passou, efeitos colaterais de medicação e a própria abstinência, que diretamente ao fator genético. Já sobre o bebê voltar, nosso cérebro tem vários mecanismos de defesa para aliviar a dor, talvez crer nessa possibilidade seja um deles. A maneira como ocorreu em tão tenra idade causou feridas que me preocupam muito.

— Então significa que dificilmente ela irá adoecer como a mãe?

— Sei que é o que gostaria e esperava ouvir, mas não posso te dizer isso. Não que esteja também afirmando que irá acontecer, no entanto, prefiro evitar sofrimento por antecipação. Demência degenerativa é grave? Sim, muito, doloroso para o paciente e mais ainda para os familiares. Mas não vamos sofrer por antecipação. Principalmente porque infelizmente não existe tratamento que impeça de desenvolvermos uma doença mental, no entanto, existem terapias, medicamentos se necessário, e claro, hábitos que ajudam a manter a mente saudável. O que me leva a pergunta. Angelina sabe sobre a mãe?

— Sobre a mãe sim, já sobre a doença, não... Acha necessário saber?

— É uma decisão de vocês. — Sorriu. — A minha eu tomarei somente após ela passar por um neuro e fazer exames. Com bases nos resultados é que falarei ou não com ela, mas se quer minha opinião... Angelina é impulsiva, nós dois sabemos, está grávida, tem seus próprios

traumas, lida diretamente com os malefícios de uma vida pública. Em que acrescentaria ela saber sobre isso agora, se nem mesmo temos certeza se irá ou não desenvolver a doença? — A pergunta direta me fez recuar. — Entendo que esteja preocupado, eu também estou, ela precisa retomar o tratamento para acompanharmos de perto. Como eu disse, irei pedir novos exames, testes com neurologista e até acompanhamento com psicólogo, mas vocês são jovens, saudáveis e estão começando uma família agora. Não vamos dar vida a fantasmas e deixá-los nos assombrar sem sabermos se eles estão mesmo dentro do armário. Sei que é difícil, preocupante, e ninguém quer ver um ente querido correr o risco de passar por algo tão drástico como a demência degenerativa. Apesar de aqui poder incluir vários diagnósticos que englobam nesse mesmo nome, ainda não está claro qual era da mãe dela. Na época, os relatórios eram vagos demais, e se iniciaram após a internação, ou seja, já se encontrava em um grau elevado.

Desviei o olhar para a janela, me sentindo tão sufocado e impotente.

— Eu entendo o medo, entendo a preocupação, mas volto a reforçar que não vale a pena se martirizar ou sofrer por antecipação. Faremos o melhor por ela, seguirei acompanhando de perto. Tenho toda uma equipe com excelentes especialistas, e se surgir, estaremos de prontidão para oferecer o melhor tratamento, e claro, eu o manterei informado sempre. — Quase chorei quando ela me disse isso. — É preocupante? Sim, é. Mas não

deixe que o medo do amanhã te impeça de viver o hoje, nem que não faça planos, faça sim, mas ciente de que o que precisa ser vivido é o hoje, o amanhã ainda terá sua chance de se tornar presente. — Ela sorriu. — Posso contar com o senhor para que eu a veja em breve?

— Claro, pode sim. Acredito que no mais tardar semana que vem estaremos aqui. E, doutora, eu a agradeço muito pelo seu tempo.

— Não por isso. Te manterei informado sobre a saúde dela, não se preocupe.

— Obrigado, dra. Marcela.

— Marcela, somente Marcela. — Ela estendeu a mão.

Se por um lado a médica não descartou as chances de Angelina desenvolver a mesma doença da mãe, por outro ela me deu esperança, coisa que o pai dela não foi capaz de me dar.

E foi saindo do seu consultório, encarando o trânsito, que percebi que estava olhando tudo isso pela ótica errada. As palavras da médica sobrevoavam a minha mente, e foi imediato constatar que ela tinha razão. O hoje é um presente, e se não o reconhecemos como tal, não somos dignos de vivê-lo quando ele se tornar o amanhã. Mudei o trajeto, seguindo para a minha antiga casa. Chegando, fui até a mesa de cabeceira, abri a gaveta e peguei o diário dela, passando por páginas até chegar a que eu julguei ser

impossível viver. Mas como em todos os julgamentos sobre nós, nesse eu também estava errado.

Às vezes, é necessário passar por alguma experiência para entender que estamos olhando a situação pela ótica errada. E agora eu entendia. O diário dela não chegou até mim para me dar a chance de vingança, ele chegou para me dar a chance de redenção, de fazer diferente e, independentemente de quanto tempo teríamos, ou se no futuro ela se lembraria do meu rosto ou não, eu faria essa diferença hoje. Pelo nosso amor, eu faria.

E para essa nova empreitada, eu precisava de flores, um anel e claro, seu sim. Dois deles eu compraria agora, o outro eu lutaria para conseguir. John tinha razão, mentes loucas amavam ideias loucas, ele só não sabia de que muito mais fodido que uma mente louca é um amor louco. E o nosso era louco pra caralho. E exatamente por isso ele não conhecia limites, não sabia o que era desistir e o principal, nada o faria morrer...

E era justamente por esse amor que eu viveria hoje, com fé de que assim como o hoje, ela estaria ao meu lado vivendo nosso amanhã.



Capítulo 27

Bryan

Cheguei ao rancho com um buquê de lírios brancos na mão, o anel no bolso e seu diário debaixo do braço. Ela não estava no quarto, e quando encontrei com Holanda, que parecia confusa com a cena, já que muito provavelmente eu não fazia o tipo romântico, fui informado que Angelina estava no estábulo, com Cristal. Ainda que não cavalgasse mais por conta da gravidez, ela sempre tirava um tempinho para escovar a sua égua. Em passos apressados, segui ao seu encontro. Eu tinha pressa, pressa em pedir sua mão, pressa em beijá-la, pressa em dizer o quanto eu a amava, muita

pressa, porque entendi que a vida era hoje, e era só dele que precisávamos para sermos felizes.

Enquanto caminhava para o estábulo, meu coração batia na garganta. Eu estava ansioso e nervoso, como se não fôssemos casados. Mas eu sabia que esse seria meu primeiro e último pedido de casamento, por isso, eu queria que fosse especialmente inesquecível para ela. Queria que fosse como ela sonhou, e esperava manter a tranquilidade para que fosse exatamente como ela esperava no diário.

Sonhos se realizam, Diário? Espero que sim, espero que Bryan me compre um anel, mas não me importo se ele não puder comprar, talvez ele me traga flores, talvez ele se ajoelhe e diga o quanto me ama, e depois, só depois disso, me peça em casamento.

O sol estava se pondo quando entrei no estábulo, deixando os poucos raios iluminarem a tarde enquanto fazia sua gloriosa despedida. Paralisei ao vê-la tão linda, parada na frente da Cristal, mas a égua relinchou dando um aviso a Angelina de que eu estava ali. Ela se virou e sorriu, em seguida, se voltou para a égua na baia e a beijou, oferecendo um boa-noite e fechando a porta superior. Só então veio caminhando em minha direção.

Eu estava verdadeiramente encantado e apaixonado, o que era ótimo, considerando que eu a pediria em casamento em alguns instantes. Ela usava

botas, jeans e camisete largo, que disfarçava cada vez menos a sua gravidez.

Quando Angie estava perto o suficiente, revelei as flores, entregando-as a ela. Seu sorriso foi tão genuíno, que alcançou os seus olhos antes que chegasse aos seus lábios.

— São lindas! Mas por que estou ganhando flores? Esqueci alguma data importante? — perguntou, surpresa.

Eu me senti um idiota por nunca ter lhe dado flores, mas isso era uma outra realidade que eu também pretendia mudar.

— Eu ainda me lembro de você com a Cristal, cavalgando. — Ela sorriu, admirando as flores que agora cobriam a imensa barriga. — É estranho como algumas memórias são tão vivas e outras se perdem no tempo, não é? — Angelina concordou, olhando emocionada para as flores. — Uma dessas memórias tão vivas é de quando eu conheci você, e desde aquele dia no colégio, eu venho sentindo algo intenso, forte, que sempre esteve presente na minha vida. — Ela suspirou, e mesmo sem palavras, eu sabia que os sentimentos que a invadiam eram os mesmos que se rompiam em mim. — Eu era um adolescente, Angie, e como tal não fazia ideia de que bem diante de mim estava a mulher da minha vida.

— Por favor, não me faça chorar — disse, mordendo os lábios.

— Mas não demorou muito para que eu percebesse isso, e depois que aconteceu, não houve um só dia que você não esteve nos meus sonhos, nos meus planos e na minha vida. A distância nunca foi capaz de tirar você do meu coração. Ainda que por anos eu quisesse renegar essa verdade. — Respirei fundo, abalado. — Eu sempre soube que os planos de uma vida juntos também eram os seus planos, mas fui estúpido, infantil e a porra de um egoísta, me coloquei em primeiro lugar quando deveria ter priorizado você. Escolhi viver meus sonhos achando que depois teria tempo e, claro, que você estaria sempre me esperando.

— Bryan, eu...

— Só me escute, por favor? — pedi, ela concordou. — Eu escolhi ir embora e parti seu coração em tantos pedaços, eu te machuquei e passei toda a minha vida achando que eu era a vítima, quando a verdade não poderia estar mais longe disso. Eu sei que é difícil acreditar que alguém como você pode me escolher uma segunda vez, e ainda é difícil aceitar que aquela mesma garota poderia me dar uma segunda chance, em especial, depois de tudo que eu a fiz sofrer, mas ela me deu. — Angelina agora chorava. — E é por essa chance que estou aqui, não querendo voltar no tempo, embora eu amaria se tivesse essa chance, mas quero que no nosso presente eu possa fazer as coisas certas, as escolhas certas, porque você é a mulher da minha vida e eu te amo. Sempre vai ser só você, Angie.

Me ajoelhei diante dela, sem deixar de olhar nos seus olhos, sem esconder todo o meu amor pela mulher da minha vida e pela mãe dos meus filhos. Ela levou a mão ao coração, visivelmente emocionada.

— Acho que para muitos isso não faz sentido, porque teoricamente já somos casados, mas faz todo o sentido para nós. E é isso que importa.

— Oh meu Deus!

— Angie, minha doce Angie. — Abri a caixa, revelando o anel. — Quer ser minha para sempre? — Angelina enxugou as lágrimas. — Porque eu preciso te ver em um vestido de renda todo bordado.

Mostrei o diário e ela sorriu, enquanto tentava sem sucesso conter as lágrimas. Me levantei e a abracei apertado, unindo nossos corpos, para logo em seguida unir nossos lábios.

— Aceito, mas eu já sou sua esposa.

— Precisa ser a senhora Angelina Claret, precisa dizer sim na frente de todos os meus amigos. Um casamento totalmente planejado por mim, os detalhes você só irá saber no dia. Minha Angie, agora chegou a minha vez de mostrar ao mundo que você é só minha. — Pisquei com charme.

Angelina levou sua boca à minha, beijando com a mesma intensidade e desejo que eu sentia por ela.

— Podemos fazer amor no estábulo? — perguntou em um sussurro.

— Com você eu faço até no inferno, minha Angie. Só não perto da Cristal, porque sua égua pode se fingir de santa perto de você, mas ela já me mordeu e isso eu nunca vou esquecer. — Sorri.

— Eu te amo, bebê.

— Eu te amo mais...

Ela colocou as flores e o diário no chão cuidadosamente, como se tudo isso fosse uma parte importante do seu sonho realizado, e logo depois se jogou nos meus braços. Afoito e com ela nos meus braços, eu a conduzi até o final do corredor do estábulo, onde havia uma baia com feno. Eu a deitei com cuidado, e ainda olhando em seus olhos, eu me livrei de todas as minhas roupas, para depois retirar peça por peça das roupas dela. E a cada peça retirada, eu depositava um beijo em seu corpo. Logo depois, permiti que meu corpo cobrisse o seu, dando-lhe um longo e apaixonado beijo.

Com beijos cada vez mais vorazes, a urgência rapidamente nos envolveu. Minha pele queimava para tocá-la. Minha boca desejava estar por todo o seu corpo. Sua barriga era uma lembrança constante do nosso amor, de um amor que nunca morreu.

Durante toda a minha vida eu quis esquecê-la, chegando a implorar os céus por isso, mas nunca pude, e agora sabia o porquê.

Ela, sempre foi ela, me enlouquecendo em poucos segundos, me fazendo delirar de prazer, me fazendo desejá-la como se fosse minha primeira vez. Angie fez sinal para que eu me virasse e me deitasse, em uma clara manifestação de que agora ela queria o controle, e eu, como um cão adestrado, que farejava todas as suas vontades, queria muito obedecê-la. Angelina sentou-se sobre mim, deslizando lentamente o meu pau para o seu lugar favorito no mundo — dentro dela. Eu sentia sua excitação, ela me apertava e me levava a um nível de loucura e excitação que me faziam esquecer de tudo, só conseguia pensar na porra da sua boceta engolindo meu pau, me levando para um lugar que era só nosso.

Porra, eu amava alucinadamente essa mulher. Os minutos com ela cavalgando sobre mim, ao som do relinchar da Cristal e de seus gemidos, eram a música mais alucinante que eu poderia ouvir naquele momento. Gozei falando seu nome, declarando todo o meu amor por ela, finalmente livre, implorando para sempre ser seu.



Os dias foram tranquilos, Angelina voltou a dra. Marcela e quase cavei um buraco no chão quando ela disse à médica de meia-idade que estávamos ali porque eu tinha um pau grande e estava com medo de machucá-la. Eu não consegui sequer responder, obviamente, sendo Marcela uma profissional, mesmo vendo uma sombra de um sorriso querendo surgir, ela explicou que era absolutamente normal, que a maioria dos homens tinha esse medo, no entanto, se Angelina não se sentia desconfortável e sua obstetra liberasse, não havia motivo para não saciarmos nossas necessidades.

Não tive coragem de dizer nada. Angelina me encarava, esperando por algo, mas tudo que senti foi alívio quando a médica pediu para estar com ela a sós. Depois da primeira consulta, passei apenas a acompanhá-la, sem participar das sessões. Adryan foi certeiro ao indicá-la, a dra. Marcela trocou a medicação e isso aliviou a sua ansiedade. A psiquiatra e a obstetra acompanhavam Angelina de perto.

O assédio da mídia não parou, mas nossa felicidade nos blindava de sermos atingidos por bobagens mentirosas. Angelina chegou a fazer a capa para Focco Itália, e, caramba, estava linda. Tiramos algumas fotos juntos também, mas sabendo da minha aversão à vida pública, foi apenas para nosso álbum de família, e uma delas Angie postou em suas redes sociais,

chegando a vinte milhões de curtidas em menos de vinte quatro horas e isso, de certa forma, me assustava.

Eu evitada pensar em John e todas as suas confissões, ainda que suas revelações me atormentassem em noites específicas. Após o sétimo mês, a médica pediu repouso. Até recomendou pararmos com a penetração. Era a parte mais difícil, mas éramos bons em nos reinventarmos. Suas tardes se resumiam a ver documentários de partos, inclusive Angelina chegou a colocar na cabeça que queria um parto natural. A dra. Gisela não nos tirou a possibilidade, mas deixou claro que deveria ser acompanhado de perto e em um hospital, não em casa, como minha mulher desejava.

Contei aos meus pais sobre as revelações de John, não queria, mas chorei por medo de isso se tornar realidade, até pedi a eles para ficarem conosco quando os bebês nascessem. Eu me negava a aceitar que Angie seria como a mãe, mas o medo pouco se importava com a minha fé ou meu estado de negação. Como uma sombra, ele ia crescendo cada vez mais ao nos aproximarmos dos últimos dias.

Adryan e Mike sugeriram jogos para estimular a memória e, porra, eu apreciava muito isso. Depois que Mike soube, sempre me ligava perguntando, Amy também não poupou em suas ligações. Até mesmo Erika, mas era uma pena ela se afastar tanto, eu sentia falta das nossas conversas, no entanto, entendia que esse era o melhor caminho. Todos

sabiam, e por um lado foi bom dividir esse peso, o medo. Entre os mais íntimos, apenas Angelina não sabia sobre a situação, mas a doutora Marcela contaria a ela após os resultados dos exames.

Angie continuou a terapia, e eu, com meu projeto de fazer uma pequena capela debaixo da casa da árvore. Não necessariamente uma capela, mas um altar, e um espaço para receber os convidados e nos casarmos. O problema era que só dava para se chegar ali a pé ou a cavalo, e sim, a última opção seria a mais viável. Adryan, Mike e Markus estavam me ajudando com o projeto, apesar de não gostarem de pôr a mão na massa. Sim, no computador eram ótimos, com ferramentas já não se podia dizer. Eu queria cuidar de tudo, cada detalhe.

Claro, havia piadas idiotas do Mike sobre como eu consegui perverter até uma casa da árvore, que teoricamente era um brinquedo inocente. Ou mesmo sobre agora eu ser um homem apaixonado e finalmente minhas duas cabeças pensarem juntas e concordarem, e era evidente que eu mandava o Mike se foder sempre, o que nos rendia boas risadas.

E quando as piadas sobre sexo... ou melhor, sobre a minha falta de sexo, começavam, ninguém segurava a língua dos meus melhores “animigos”, porque com amigos como os meus, ser motivo de chacota era rotina. E agora, com as minhas neuras com a gravidez da Angie, eu tinha virado o alvo principal do grupo.

— E como você consegue? Nossa, o cara que nunca precisou bater punheta, que se gabava de ter várias à disposição, agora virou melhor amigo das suas mãos — Mike debochou. — E coitada da Angelina, deve estar o cão, hein?

— Sério, Mike? Se só sabe usar seu pau para fazer uma mulher gozar, eu entendo a Priscila.

Ele não riu.

— Mas não tem vontade mais? — Mike parecia uma criança curiosa.

— Dá, mas é só assistir ao vídeo de mulheres parindo que você desiste na hora — brinquei, a contragosto. Até o Adryan que tentava não rir, acabou gargalhando.

— Amy me fez assistir isso. É quase um filme de terror e não te prepara pra porra nenhuma. Mas essa tortura parece fascinar as mulheres, então, finge que está interessado, Bryan.

— Cara, eu já vi tantos vídeos que posso substituir o Markus no hospital.

— Como, se eu sou ortopedista? — Markus cruzou os braços, me questionando.

— Mas Angelina optou por normal? Por ser gêmeos, eu achei que não seria possível. — Adryan pareceu surpreso.

— É sim. — Markus, o único médico de profissão, afirmou. — Se tudo estiver okay com os bebês e ela, pode ser normal.

— Já fez um parto, Markus? — Mike perguntou.

Acabei rindo, sabendo que ele queria apenas espezinhar.

— Não, mas pretendo fazer o seu. E me diz aí, Mike, será que você sabe mesmo o que é uma boceta? Porque, pela maneira como Priscila se comporta, acho que é ela quem faz o papel principal ali.

Todos gargalhamos da cara chocada do Mike, que foi brincar com o Markus e se deu mal.

— Nossa, cara, eu não aguento mais assistir a partos, tô traumatizado — revelei.

Eles riram. E riram mais ainda quando contei da consulta com a dra. Marcela.

— Bryan, Bryan, negando fogo quase em lua de mel. Justo você, que já foi o pegador, agora é a vergonha do nosso grupo.

— Ah, cala boca, Mike. Minha mulher está grávida. Eu não estou negando fogo porra nenhuma, estava com receio pela saúde dos bebês.

Voltaram a rir, claro que Adryan se gabou de ter transado até o parto praticamente, e depois de aguentar as piadinhas infames dos meus amigos, Mike buscou cervejas. O que era para ser um projeto virou piada a base de

álcool, e como eu havia prometido não beber, fui o único que rejeitou para manter minha promessa, e até isso virou piada. Mas era ótimo, essas tardes eram as melhores que eu poderia querer. E como eu conseguia distrair Angelina? Ela já estava de repouso, e para ocupar suas tardes, minha mãe passou a ensinar tricô a ela. Nunca acertava um sapatinho, todos saíam desiguais e eu acabava rindo muito.

Angelina não dormia bem, mas agora o motivo eram os gêmeos. E a escolha do nome foi cômico. Combinamos que um seria escolhido por ela, o outro por mim, mas quando eu apresentava minhas opções, todas eram ruins, segundo ela, claro. Até que sugeri um da sua lista e ela achou perfeito, concluindo com "*Ótima escolha, bebê!"*.

Theo e Vincent. Deus e Conquistador. Sim, nem um pouco humilde, como o meu, que significa monte. Eu trazia flores para ela todos os dias, a noite massageava seus pés e costas e, no fim, era obrigado a assistir a um parto. Angelina contratou uma doula, então depois do oitavo mês, passamos a ter aula de parto, e descobri que era péssimo com bebês. Demorava no banho e às vezes afogava, as fraldas sempre eram colocadas erradas e quando acertava, na nona ou décima tentativa, não recebia nenhum apoio motivacional de sua doula. Eu não achava isso tão necessário, mas Angelina tinha lá suas excentricidades.

Era uma fase tranquila, sem confrontos, e a tempestade finalmente parecia ter se dissipado. Montar o quarto dos gêmeos, comprar o enxoval, coisas que antes eu achava que não tinha espaço na minha vida, agora não saberia viver sem. Ela estava indo bem, muito bem, e eu tentava demonstrar isso quando John e Dayse vinham nos visitar. Sim, o patife vinha com a cobra, e por mais que quisesse, eu nunca conseguiria entender Angelina em querer de alguma forma, ainda que rara, mantê-los em sua vida. Ainda assim, no íntimo, eu mantinha o desejo estúpido de mostrar que ele estava errado, mesmo que às vezes nem mesmo eu parecia ter total confiança disso.

Nossa felicidade estava ali, dormindo e acordando conosco. Depois de tudo era a recompensa, afinal, lutamos como dois loucos e não desistimos. Mesmo quando machucou, mesmo quando sangrou. Em meio a todos os desencontros, nos encontramos, e tudo que precisávamos era congelar o tempo. Nosso tempo. E assim torná-lo eterno.

Estar em seus braços era como estar em casa, e depois de tanto vadiar por aí, era o melhor prêmio que meu coração poderia ter. Coisas como sentir os bebês mexerem quando conversava com eles, ter seu sorriso todas as manhãs, coisas simples, tão simples como tomar café juntos, sair só depois de um beijo, ou ver o pôr do sol juntos... Nada disso exigia dinheiro

ou sacrifícios, apenas dois corações igualmente apaixonados. E era bem esse o estado em que nos encontrávamos, perdidamente apaixonados.

Talvez essa fosse a maior vitória do amor, estar juntos depois de todos acreditarem que era impossível. E ele gostava disso, desafiar as adversidades, sobreviver com apenas uma brasa na noite de tempestade, porque ele sabia que de uma pequena brasa podia se fazer o maior incêndio de todos. Sim, estávamos queimando um pelo outro, e sempre queimaríamos, ainda que um dia ela não reconhecesse mais meu rosto, ainda que Angie não se lembrasse mais do nosso primeiro beijo, ainda que nada fizesse mais sentido, ela sempre teria em meus braços uma casa. Porque a memória podia falhar, mas o coração não, e era nele e em nosso amor que eu confiaria sempre e sempre.



Capítulo 28

Bryan

Chovia forte, e olhando pela janela, não parecia ser passageiro. Angelina dormia ao meu lado. O dia já havia iniciado e eu sabia que tinha que ir para a editora, mas antes precisava de alguns segundos olhando para o seu rosto, pensando em quão sortudo eu era por ter essa segunda chance. Começou quando éramos jovens e ainda estava aqui, a mesma adoração, a mesma conexão, o mesmo amor.

Eu precisava de minutos para reverenciar tudo que ela representava para mim, para pensar em nós, em nossa família, onde estávamos e de onde tínhamos saído. E, de repente, uma felicidade me invadiu de uma forma

inexplicável. Apesar dos percalços, estávamos juntos, finalmente restabelecemos nosso elo e cumplicidade. Após um delicado beijo, finalmente decidi me levantar para me preparar para o dia.

Segui debaixo da tempestade para a editora. Angelina já tinha passado das trinta e três semanas e estávamos com expectativas de que chegasse às trinta e sete, o que, segundo a médica, seria o mais seguro para os bebês. Assim como eu, Angie também tinha seu ritual e ele se resumia a me ligar assim que ela se levantava, apenas para me dizer como se sentia. E claro, trocar algumas indecências por telefone. Você não percebe quando acontece, mas, de repente, isso é tão essencial na vida quanto respirar. Não é exagero. Quando realmente se ama, o estar bem e ficar bem depende não apenas de você, mas do outro, e no meu caso em particular, era a mulher da minha vida e meus filhos.

Quando desligamos, como todos os outros dias longe dela, as horas passaram lentamente, e nesse em questão talvez a chuva contribuísse para isso. No horário do almoço, fui ao restaurante próximo à editora, e enquanto esperava meu pedido, Sabrina se sentou à minha frente. Apesar da chuva, ela usava além do casaco, óculos de sol.

— Quanto tempo, não é mesmo? — ela disse, estendendo a mão, se certificando de que eu enxergasse seu anel de noivado.

— Muito. E antes de tudo, parabéns pelo casamento. — Imaginei que era isso que Sabrina esperava ouvir ao exibir a joia.

— Obrigada. A Erika é minha madrinha.

— Fico feliz por vocês duas.

— Pelo que ando ouvido por aí, você realmente se tornou um homem de família. — Sorriu e não me pareceu debochado. — Caramba, gêmeos! Parabéns, futuro papai — falou com certo charme.

— Obrigado!

— Engraçado. Eu via vocês juntos no colégio e... quem diria, não é mesmo? — Encarei-a sem entender exatamente aonde ela queria chegar. — No colégio você já tinha o selo de futuro galinha, mas depois que oficializou, eu não imaginava te ver em um casamento, não que eu esteja julgando, afinal, fizemos isso juntos.

Agora sim eu entendia a malícia e acabei desviando o olhar. Sorrindo, mordi os lábios.

— Não faça isso. Esse sorriso safado me diz que...

Ela me lançou um olhar obsceno, que eu conhecia bem.

— Não, Sabrina, não é um sorriso safado. Eu sei que já transamos muitas vezes e era de comum acordo que não havia compromisso.

— Eu sei, entendo que às vezes precisamos de uma escapadinha, e não te julgaria, mesmo sendo casado. Muitos relacionamentos funcionam assim.

— Também não é isso que estou dizendo. Na verdade, me desculpe se pareceu isso, mas estou bem com o meu casamento, e o meu com a Angelina não é aberto.

— Por isso que não transou comigo na nossa última noite?

Ela confirmou o que eu já imaginava. Não rolou nada naquela noite.

— Naquele momento, eu e a Angelina não tínhamos certeza sobre estarmos juntos como temos agora. Mas não aconteceu nada naquela noite porque, mesmo que fosse apenas no papel, não era no seu apartamento que eu deveria estar, foi um erro estúpido.

— Não vai me dizer que realmente está feliz por eu estar me casando?

— Sim, estou, e espero de todo coração que seja feliz. — Ela agora pareceu sem graça e um pouco constrangida. — Sabrina, eu sei que mesmo deixando sempre claro o que significavam os nossos encontros, talvez, ainda que não tenha sido essa a intenção, acabei te passando a mensagem errada e...

— Não passou. — Olhou por sobre meus ombros. — Ah, droga, eu estou parecendo uma idiota. Afinal, Angelina é a supermodelo, e com uma

mulher daquela, quem precisa de outra?

— Você também é um mulherão, e, porra, muito linda mesmo. Não estou mentindo, mas estamos em caminhos diferentes agora. E sinto muito pelo que Angelina fez a você na festa do Mike.

Sabrina me encarou, confusa.

— O que ela fez? — perguntou, com espanto.

— Te depreciou, eu sei, ela foi a responsável pela demissão da Erika.

— Ela foi?! — Sabrina arregalou os olhos, surpresa, agora quem estava confuso era eu. — Ah, Bryan, tudo bem a sua mulher ter o título de modelo mais bem paga do mundo, ter milhões de fãs e ainda ser linda, mas o fato de eu estar no mesmo ambiente que ela não significa que eu me sinta depreciada. Eu também sou uma celebridade, assim como meu noivo, esqueceu?

— Não, eu não quis dizer isso. Me referi à conversa que tiveram no banheiro, Erika me contou tudo.

— Angelina me disse que estavam casados, que estavam realmente tentando seguirem juntos. Isso é depreciar?

— Ela só te disse isso? — Me senti o bobo da corte ao ouvir suas palavras.

Ouvir isso da boca da Sabrina foi como ver a Erika cravando uma estaca nas minhas costas.

— Sim. O que Erika te disse? — Sabrina questionou, mais perdida do que eu, e eu me sentia muito idiota no momento.

— Como Erika perdeu o emprego, você sabe?

Sabrina ainda me observava, claramente sem entender nada dos meus conflitos internos.

— Sei sim. Houve um corte de funcionários, e não foi somente a Erika a ser dispensada, mas outros seis advogados foram mandados embora no mesmo dia. Acho que teve a ver com um caso importante que perderam. Mas ela conseguiu outro emprego há meses, por que está preocupado com isso agora?

— E ela sabia o motivo desde o início?

— Acho que sim, mas confirmou quando voltou à empresa para assinar a papelada.

— Então não houve conversa ou mesmo um dedo da Angelina na demissão dela?

Era difícil acreditar que Erika tenha mentido e me manipulado de uma forma tão mesquinha.

— A não ser que a modelo tenha comprado o escritório, acredito que não. Estou confusa. Por que está me perguntando tudo isso? Angelina ainda se incomoda comigo? Quer dizer, na época da escola se incomodava, mas não imaginei que falasse de mim até hoje.

Odiei ouvir isso, me senti estupidamente culpado.

— Angelina é tão ocupada, Sabrina, que mal tem tempo para pensar em mim, que sou o marido dela. Então não, ela não pensa em você. No mais, foi bom te ver, e espero que seja feliz em seu casamento. Tenha um bom dia.

— Não vai almoçar?

— Não, me lembrei que tenho um compromisso agora e que estou atrasado. Até mais.

Paguei a conta e deixei o restaurante rapidamente. Caminhava quase que correndo em direção ao carro, parecendo sufocado, angustiado por ter magoado a Angelina sem motivo, e furioso com a mentira e a traição da Erika. Eu precisava me acalmar e controlar minha vontade de despejar toda a minha mágoa e frustração nela, precisava controlar meus sentimentos antes mesmo de ir falar com ela. Mas custava a acreditar que ela tivesse mentido e me traído dessa forma; justo ela, em quem eu mais confiei durante toda a minha vida, a pessoa que eu sempre recorria nos meus piores

momentos. Ela era a amizade de uma vida, ou eu achei que era, já que aparentemente eu fui manipulado e burro demais.

Depois de dois socos no volante e vários palavrões, eu me sentia ainda puto, mas sabia que precisava tirar toda essa história a limpo ainda naquele dia. Retornei para a editora, e trabalhar não me deixou mais calmo nem menos ansioso para ouvir a verdade, ou, no caso, a confissão dela. No entanto, às dezessete horas resolvi encerrar o expediente e passar na casa da Erika. Estacionei em frente ao prédio e aguardei que ela chegasse. Logo que vi seu carro entrar pela garagem, esperei o tempo de sua subida para o apartamento e me fiz anunciar, e ela logo autorizou a minha entrada. Do elevador até a sua casa foram os minutos mais tensos.

Toquei a campainha e não demorou para ela aparecer, toda sorridente. Mas seu sorriso morreu assim que olhou para o meu rosto, como se pressentindo o que estava por vir.

— Que surpresa boa, achei que fosse direto para a casa depois de sair da editora. A gravidez está na fase final, certo? Mas que bom que teve tempo para um café comigo.

Ela parecia um tanto quanto desconcertada enquanto tagarelava sem parar. Talvez ansiosa demais tentando descobrir o motivo da visita repentina, e tudo que eu sentia era um nó na garganta. Estava decepcionado,

pensando em quantas vezes coloquei a nossa amizade acima das minhas necessidades.

— Está tudo bem? — Ela mordeu os lábios, tensa, esperando a resposta.

— Pode me poupar do papo-furado e do você está bem.

Sua expressão mudou drasticamente.

— Eu não estou entendendo, aconteceu alguma coisa?

— Várias coisas. — Suspirei. — Eu sei que sempre me achou ingênuo demais pra perceber os sinais, e agora me sinto um idiota. Foi tão fácil, não é? Manipular e mentir.

— Bryan, eu não estou entendendo.

— Você está, está sim, Erika. Entendeu desde o início, por isso fez o que fez. E o desespero em seu rosto só me confirma isso. — Ela cravou o olhar no chão. — Eu não espero ou quero um pedido de desculpas ou qualquer outra porra. Não vim por isso. E agora, olhando pra você, penso em todas as vezes que eu me abri, que fui sincero. Nem sei se realmente deveria estar aqui.

— Bryan, do que você está falando? Você sabe que eu sempre fui uma amiga leal, não estou te entendendo. Se acalme, vamos conversar. —

As palavras saíam, mas a ausência de um contato visual me dizia a verdade. E quando ela finalmente levantou o olhar, os olhos estavam marejados.

— Esqueça isso de conversar, já passou. Eu estou com um punhal cravado nas costas, Erika, por ter confiado em você. Eu entendo não gostar dela, mas me manipular desse jeito? Mas, me diz, valeu a pena? Mentir, inventar toda aquela conversa sobre Angelina ter humilhado a você e Sabrina, sobre ter feito você perder o emprego? Eu achei que podia confiar em você. — Em contradição às lagrimas que desciam sem pudor algum, sua boca estava muda. — Deixa pra lá, nem sei por que perdi meu tempo vindo aqui.

— Bryan, por favor, não — ela finalmente sussurrou. — Eu sei que fui péssima, mas...

— Mas? Eu magoei a mulher da minha vida e poderia ter perdido a chance de ver meus filhos crescerem e ter a minha família ao meu lado, tudo isso pelas merdas que você inventou sobre a Angelina naquela na festa do Mike. Então vou repetir a pergunta, e não quero mais mentiras, okay? Só me diz por quê, porra? — Minha voz estava embargada.

Você sente quando a traição é de um inimigo, mas de um amigo te deixa simplesmente quebrado. Doeu quando veio de uma pessoa que eu julgava ser tão sincera. No fundo, acho que ela tentaria contradizer, explicar

que houve um grande mal-entendido, mas ela estava perplexa e com expressão vazia por ter sido pega, não por se arrepender.

— Bryan, eu fiz isso por você, por te amar e não querer te ver infeliz. Não querer te ver na pior por causa daquela mulher novamente.

— pare!! Não fale da Angelina, eu não permito que você fale qualquer coisa da minha mulher, a mãe dos meus filhos. Ela nunca mentiu e me manipulou como você fez. Em um certo momento, eu não confiei nela, e me arrependo disso, mas em você, porra, eu confiava cegamente. Você tem alguma ideia de como me sinto traído e idiota?!

— Bryan, me escute. Eu fiz isso por amar você, por querer te ver bem e feliz. Naquele momento, eu não via a Angelina sendo capaz disso, eu te via muito triste e miserável. Me desculpe, mas eu realmente pensei na sua felicidade. Eu amo você e, acima de tudo, eu...

— Você não sabe o que é amor, Erika! Amor é ver Angelina com a porra do meu melhor amigo, e mesmo sofrendo como um cachorro, nunca dizer a ele, porque, apesar de tudo, eu queria vê-la feliz. Isso é amor, não a porra de um egoísmo que me fez fazer o papel de bobo. Se soubesse realmente o que é amor, enxergaria que eu só poderia ser feliz ao lado da Angelina. Você, mais do que ninguém, conhecia toda a nossa história, a

minha situação e o meu amor até então mal resolvido. Caramba, você deve me achar muito idiota, não é?!

Naquele momento ela chorava muito, tentava se aproximar e me abraçar, mas eu recuava, magoado, sem lugar, louco para ir para a tranquilidade da minha casa, ver a minha Angie e deixar toda essa merda para trás.

— Bryan, me perdoe. Eu não quero perder a sua amizade, me perdoe, por favor. Você sabe que eu amo você, que sempre fiz tudo pensando no melhor para você!

— Procure se perdoar e viver bem com sua consciência. Quanto a nós, nesse momento, eu não quero nem olhar para você, Erika. Estou magoado, decepcionado e, sinceramente, se algum dia eu sentir que posso te perdoar, e claro, se eu entender que a Angelina também foi capaz de te perdoar, nós te procuramos. Mas agora eu só quero distância de você.

— Por favor, não vá embora magoado assim comigo. Não vá!

Eu me virei e saí do seu apartamento ao som dos soluços e do choro compulsivo da Erika. Mas isso não me afetava, afinal, ela também me fez chorar, ela também fez a Angie chorar. Agora todos nós teríamos que encarar o resultado das nossas escolhas.

Ao sair na rua, o céu estava negro, sendo cortado apenas pelos raios. O carro estacionado do outro lado permitiu que meu casaco se molhasse consideravelmente, apesar de correr ao atravessar a rua. Entrei no carro desiludido, machucado, pensando em todas as merdas que fiz com Angelina, me questionando se eu merecia um lugar ao seu lado, uma vez que nunca tinha dado a ela um voto de confiança. Desculpas? Elas adiantavam agora? Elas resolveriam um coração partido? Aliviavam algo quando as feridas já foram provocadas?

Preso a essa névoa e me sentindo tão estúpido, segui para o rancho. E quando finalmente cheguei, fui recebido por Jane. Antes de qualquer pergunta, fui mais rápido que ela.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, quer dizer, Angelina está bem, se alimentou bem, mas está pensativa e quieta demais. Eu não sei se isso é preocupante. Eu quis te ligar, mas ela não achou necessário, reafirmando que está bem. — Suspirei, aliviado. — A questão é que o senhor Paytron esteve aqui e tiveram uma longa conversa a portas fechadas e...

Não esperei que terminasse, subi correndo a escada. Quando entrei no quarto, Angie estava sentada na cama, com dois macacões com os nomes

bordados. Seu rosto estava inchado e seus olhos vermelhos. Me aproximei e me ajoelhei ao seu lado.

— Oi, amor — disse. Seu olhar se manteve cabisbaixo, nos macacões. — Angie — insisti.

Ela levantou o olhar, acariciando a barriga.

— Está tudo bem?

— Não sei. — Desviou o olhar. — John me contou tudo, Bryan, sobre Marjorie e, droga. — Começou a chorar. Tirei o casaco molhado e o deixei no chão. — Ele não queria, claro, mas fazer vários exames de genética me fez ligar as coisas, então eu o confrontei e ele confessou. — Engoli em seco. — Estranho não é? Saber que toda a sua vida foi uma mentira.

— Amor, antes de tudo, eu quero que saiba que vamos ficar bem. Vamos passar por isso e...

Ela continuou com o olhar vago, encarando a imensidão, distante. Beijei-a e me sentei ao seu lado, abraçando-a, e após um breve silêncio, Angie finalmente me encarou.

— Por isso me deu esse anel? Por isso quer se casar comigo de novo?

— Não. Quero me casar porque esse sempre foi meu sonho, porque eu te amo e preciso te ver em um vestido de renda. — Ela sorriu, se

lembrando do diário. — Quer ir à dra. Marcela? Quer conversar com alguém? Eu...

— Está tudo bem, Bryan. Eu estou com quem preciso estar. — Ver só tristeza em seu olhar acabou comigo. — Eu estava pensando sobre isso, sabe? — Ela mordeu os lábios. — Não sei o que é pior, não conviver com meus bebês, ou acordar e não saber mais que sou a mãe.

— Amor, isso não vai acontecer, não vai....

— E se eu não te reconhecer mais, Bryan? — Angelina tocou o meu rosto. — E se eu me esquecer que te amo, que é o homem da minha vida e que é sempre ao seu lado que quero ficar?

— Não vai acontecer, nunca, meu anjo. — Beijei sua cabeça.

— Quando eu fui embora, sempre tive a esperança de voltar, estar em casa novamente, e não me refiro a Portivill ou ao rancho, e sim a você, aos seus braços. É idiota, porque estive lá fora por muito tempo, achando que havia perdido minha chance, que não tinha mais lugar em seus braços. Mas eu estava errada e agora que sei disso, não quero estar mais lá fora. — Beijei-a, apertando Angelina em meus braços. — Bryan, eu estou com tanto medo. — Ela chorava e doía mais em mim do que nela, tinha certeza disso. — Por favor, me prometa que se um dia eu não me lembrar mais...

— Amor, isso não vai acontecer.

— Por favor, promete? Me promete que vai amá-los acima de qualquer outra pessoa, e dizer a eles que eu os amava muito? Promete que não vai ser covarde ou ter vergonha como meu pai tinha de mim?

— Eu não preciso prometer, porque você mesmo irá dizer a eles.

— Bryan, por favor, me prometa?

— Não, eu não vou prometer, porque se eu fizer isso vou estar aceitando essa possibilidade, e eu não aceito. Não posso prometer. — Com suas mãos em meu rosto, eu a beijei.

— E se eu me perder no caminho, Bryan?

— Eu te encontro. E se não soubermos voltar, vamos os dois por esse caminho e continuaremos perdidos, mas juntos. Sempre juntos, meu anjo, porque juro pela minha vida que nada mais nos separa.

— Você jura, bebê?

— Eu juro... e, meu anjo, só conhecemos a cura depois da doença. Só sabemos que o amor vence quando surgem as adversidades, e o nosso vai vencer. Escreva isso no seu diário, esse é o nosso final feliz e não existe destino que irá impedi-lo. Eu juro.

Não era como se o medo não estivesse aqui, ele estava, rastejando em minhas veias, mas também havia fé e era em nosso amor que eu iria confiar.

Angelina passou a noite em meus braços, e apesar de não querer continuar o assunto, foi exatamente nele que Angelina permaneceu, falando de John, sobre Marjorie e até me mostrou uma foto dizendo como seu pai foi canalha em omiti-la de sua vida. E que, depois de tudo, o que mais doeu, além do futuro incerto, era ver a condenação no olhar do seu pai, afirmando que ele realmente a achava louca.

— Amor, talvez ele não ache.

— Ele acha, Bryan, e não precisou me dizer, estava ali, estampado em seu rosto.

Ela continuou falando e demorou para dormir e quando amanheceu, diferente dos outros dias, ficamos um bom tempo assim, nos braços um do outro. Quando eu me levantei, trouxe seu café e insisti para descermos, mas ela não cedeu, quis ficar no quarto, então fiquei ao seu lado o tempo todo. Assistimos a um filme. Mostrei a ela o livro de fantasia que estava lendo e contei algumas histórias engraçadas.

Duas semanas, chegamos às trinta e cinco e Angelina estava bem inchada, sentindo muitas dores, principalmente na virilha. Conversamos muito com dra. Marcela, que foi tão humana e ao mesmo tempo cirúrgica, pedindo para não focarmos nos resultados de exames, que o momento não

era esse. Como sua médica, ela podia garantir que Angelina estava bem, e isso era como um bálsamo na ferida.

Já pela sua obstetra, fomos informados que os bebês estavam bem encaixados. Óbvio que recebi o olhar de Angelina confirmando que sim, todos aqueles agachamentos e aulas de parto que fez durante a gestação valeram a pena, apesar de eu insistir que não era necessário. A médica continuou dizendo que queria que a gravidez chegasse a trinta e sete semanas, mas que eles poderiam vir a qualquer momento, estavam preparados. Reforçou que Angelina se mantivesse em repouso, e no mais, era apenas esperar. Mamãe e bebês estavam ótimos e em plena saúde. Já o pai, não poderia se dizer o mesmo, porque apesar de tentar demonstrar ser o pilar da família, eu estava apavorado com a ideia de parto humanizado. E em cada vídeo assistido pude comprovar que aquilo era tudo, menos humanizado.

E foi exatamente naquela noite, com trinta e cinco semanas, que ao virar na cama, Angelina soltou a frase.

— Bebê, acho que minha bolsa rompeu.

Sim, ela disse isso com toda a calma do mundo e eu, obviamente, fiquei em pânico.



Capítulo 29

Bryan

— Vai dar tudo certo, bebê — ela disse enquanto o segurança colocava sua bolsa da maternidade no porta-malas. Nós já estávamos no carro, sequer me lembrava de como entrei lá.

— Sou eu quem deveria dizer isso. — Consegui me controlar e falar essa frase.

Ouvi Jane rir, ela estava na frente, ao lado do motorista.

— Eu sei, mas é você quem está com os olhos arregalados e em pânico desde que a bolsa se rompeu — Angelina retrucou.

Olhei para as minhas mãos, eu estava trêmulo.

— Acho que vai precisar de um calmante, Bryan — Jane provocou. — Estou cruzando os dedos para que não desmaie lá.

Angelina acabou rindo, então olhei para ela e depois para a sua barriga.

— Acho que não peguei meu telefone, tenho que avisar aos meus pais. — Me lembrei, ainda me sentindo anestesiado.

— Bebê, Jane já avisou a todos, não se preocupe — ela falava com muita calma e paciência, eu não conseguia acreditar que isso era possível. Não depois de ver o último parto, ver a placenta sair. Eu achei que fosse o fígado da mulher. Eu comi alguma carne depois disso? Claro que não!

Chegamos ao hospital rapidamente e encontramos todo o esquema de segurança montado. Fomos direto ao andar, e tanto a doula quanto sua obstetra e equipe a aguardavam. O quarto era imenso, com todo conforto que Angelina poderia ter. Após nos acomodarmos, a médica veio examiná-la e apresentou toda a equipe que acompanharia o parto. Eu ainda via tudo em câmera lenta, tentando focar no que estava acontecendo, mas as imagens de partos não saíam da minha mente.

— Angelina, está com três centímetros de dilatação. Aos nove iniciaremos os preparativos. E as contrações, como estão?

— Leves...

— Já está tendo contrações? — perguntei e saiu desesperado.

— Sim, mas está tudo bem, nos preparamos para isso, certo? Fique calmo.

A médica acabou dando uma risadinha por Angelina me confortar, e não o contrário.

— E em quanto tempo ela chega aos nove centímetros, dra. Gisela?

— Os primeiros centímetros são os mais demorados, Bryan, caminhar e fazer exercícios na bola pode agilizar o trabalho de parto. Mas acho que será rápido, não se preocupe — dra. Gisela disse antes de sair da sala.

Olhei para minha roupa, havia trocado e sequer me lembrava. Segurei sua mão e levei aos meus lábios, beijando-a. Jane também deixou o quarto, nos dando privacidade.

— Enfim iremos conhecê-los. Apesar de que pela ultrassom, tenho certeza de que se parecem com você. O narizinho, o formato das cabecinhas são iguais à sua. — Sorriu.

— Do jeito que você fala, parece que sou eu quem vai parir.

— Nós dois, bebê, então relaxa. Hoje é o dia mais importante das nossas vidas. Eu te amo. — Ela sorriu.

— Eu também te amo.

— O primeiro que nascer será o? — Ela mudou de assunto para tentar me acalmar, tenho certeza.

— Theo.

— Não, bebê, nós falamos sobre isso, será o Vincent. Não esquece, bebê. Primeiro Vincent, depois o Theo.

Angelina caminhou, praticou meditação, escolheu a playlist do parto, e nada de bebê. Até conversou com meus pais quando eles chegaram. Sempre tentando me tranquilizar, afirmando que havíamos nos preparado para o parto, que estava tudo sob controle, tendo a doula Tasha confirmando cada uma das frases.

Eu realmente comecei a acreditar que o nosso seria diferente até chegarmos por volta das seis e meia da manhã e ela ter a primeira contração forte. A médica fez o exame de toque — cinco centímetros de dilatação.

Puta que pariu. Depois de horas no quarto, com ela começando a ter fortes contrações, eu esperava que já estivesse com oito ou nove centímetros de dilatação, foi perceptível a sua decepção também.

Em determinado momento, ela quis ir para banheira. Eu não estava mais suportando a Tasha dizer com a maior calma do mundo que estávamos indo bem. Eu mal suportava olhar para Angelina e ver a imensa dor em seu rosto.

— Lembre-se, Angelina, o protagonismo é seu e dos bebês. Deixe a mãe natureza te guiar. No momento certo, irá parir seus bebês.

Angelina estava apoiada em mim, em pé, sentindo uma dor inimaginável, e a mulher dizendo essas coisas. Eu sabia, desde o primeiro dia com aulas de meditação, que essa merda de obra da mãe natureza e a baboseira de deixe ela te guiar daria merda. Tasha continuava falando, e eu só queria colocar a mulher para correr.

Mais duas horas, com Angelina se sentindo sem lugar e a doula falando pra porra. Volta e meia Jane vinha e tirava uma foto para registrar o parto.

Quando a dra. Gisela entrou para examiná-la, eu já estava a ponto de pedir para a doula calar a boca. E a médica, outra que tinha uma calma do caralho, pediu para Angelina se deitar, então a examinou. Oito centímetros de dilatação. Que porra era essa?

Voltamos para banheira, mas a essa altura a água quente não aliviava mais, e se fosse eu no lugar dela, já estaria gritando por anestesia. Eu me sentia de mãos atadas, mas não podia fazer nada além de apoiá-la. Ela passou a chorar a cada contração, eu ainda estava tentando entender como aquelas mulheres naqueles vídeos de partos podiam dizer que era um

momento mágico. Mágico porra nenhuma! No entanto, olhando para todos ao redor, parecia que só eu pensava o quanto aquilo era desesperador.

Alívio. Foi tudo o que senti quando dra. Gisela a examinou e finalmente anunciou os nove centímetros de dilatação. Estava quase, agora seria rápido.

— Bryan, pode ficar ao lado da Angelina — a médica disse ao notar que eu estava perdido.

Segurei a mão de Angelina e a beijei várias vezes. Quando Tasha se aproximou de mim, no mesmo instante eu pedi que ficasse do outro lado, porque se essa mulher vivesse com um "obra da mãe natureza", eu a mandaria pastar.

— Angelina, agora é o momento. A cada contração você deve empurrar, a bolsa irá se romper por completo e em breve eles estarão aqui. Vamos começar? — a médica orientou.

Ela olhou para mim e sorriu, e tudo que eu pensava era que ela deveria pedir uma anestesia. Tudo bem que eram dois, no máximo três empurrões e eles sairiam, mas eu pediria. A sala tinha duas enfermeiras, um pediatra, outras pessoas que eu nem sabia direito quem eram. Mas quando iniciou, todos diziam apenas uma palavra — empurra.

Cinco vezes Angelina empurrou. Nada. Ela chorava de dor e eu ficava cada vez mais desesperado. Isso parecia não ter fim.

— Respire, Angelina, respire. — Era a frase dita depois de cada contração e empurrar feito louca.

— Por que eu não reparei antes que você tem esse cabeção, hein? — Angelina disse, olhando em minha direção.

Até a Tasha da paz e amor riu ao ouvir suas palavras.

— Eu não aguento mais — Angelina disse, em lágrimas, segurando firme a minha mão.

— Amor, chegamos tão longe, você vai conseguir — sussurrei.

— Pra você é fácil falar, já que não sente nada.

Pronto, agora ela estava revoltada comigo. Justo comigo, que desde o início falei para ela fazer uma cesariana.

A cada contração, eu fui percebendo que todos ali podiam dizer para respirar e empurrar. Mas se eu dissesse, ela me olhava com um ódio descomunal. Fiquei calado, já que até calado eu estava errado.

Uma parte em mim queria ficar ao seu lado o tempo todo, mas a outra, que começava a ganhar força, sentia inveja de quem estava do outro lado da porta. Qual era o problema em dizer à médica que não fazia mais

questão do parto normal, que poderia ser cesárea agora. Mas não, Angelina continuava com dor e me culpava por isso.

Eu não aguentava mais a porra do empurra, empurra, respira, respira. Minha cabeça... provavelmente puxou ao pai dela, aquele cabeçudo do caralho. Se tivesse puxado à minha cabeça, já teria saído fácil, fácil.

— E olha quem está aqui? — dra. Gisela disse, me tirando dos meus devaneios e desespero. Olhei em suas mãos e vi um pedacinho de gente, tão pequeno, todo sujo e chorão. — Esse é o Theo? — ela perguntou, nos encarando.

— Tanto faz — Angelina disse.

Mal acreditei que tinha ouvido isso. Quis ir até ele, mas meu cérebro foi rápido ao me lembrar da cena da placenta. Sim, eu tinha um limite.

— Quer cortar o cordão umbilical, papai?

— Nem fodendo — respondi rapidamente, então olhei para Angelina. — A não ser que você queira — expliquei e todos riram.

Ela negou e foi um alívio. O pediatra cortou o cordão, depois o pesaram e mediram — dois quilos, e quarenta e três centímetros.

— Um meninão, papai — o pediatra brincou.

Embrulhado em um manto, a enfermeira o trouxe para nós. Ele continuava chorando, e quando eu olhei para aquele serzinho tão pequeno,

meus olhos se encheram de lágrimas, tudo ao redor parou, foi como se o tempo congelasse. A enfermeira me entregou e eu olhei para ele por segundos, incrédulo, sentindo tanta coisa que sequer saberia nomear.

— Bryan, eu quero vê-lo — Angelina disse, e só então me dei conta da minha burrice.

— Desculpa. — Abaixei-o até ela. Angelina chorou quando o aproximei do seu rosto para que ela o beijasse antes de colocar em seus braços.

— Ah meu Deus ele é tão lindo. — Ela chorava e eu me segurava.

— Ele é perfeito — disse, me arrependendo por tê-lo chamado de cabeçudo. Tão pequenininho e frágil. Ficamos ali, feito bobos, apenas olhando para ele.

— Pegue-o, Bryan, estou tendo outra contração.

Porra! Quanto tempo passou? Por um minuto me esqueci de que eram dois. A enfermeira veio e o pegou.

— Está tudo bem com ele? — perguntei, preocupado.

— Está, papai, só precisamos levá-lo agora para limpá-lo, depois ele volta.

E lá fomos nós para o *round* dois, mas agora eu estava ansioso para conhecer nosso segundo bebê. Segurei a mão de Angelina maravilhado. E

diferente do primeiro, com apenas minutos de diferença, o segundo chegou. Angelina respirou tão aliviada quando a médica o pegou no colo, entregando-o logo em seguida para o pediatra. Um quilo e novecentos. Quarenta e um centímetros.

Eram iguais, perfeitos, sujinhos e lindos, pequenos também. Peguei no colo e fiquei extremamente emocionado, me sentia sortudo só por poder olhar para eles. Angie o beijou, e como o outro, apesar de esse chorar menos e o pediatra garantir que estava bem, tiveram que levá-lo também.

— Quer ir com eles? — com o olhar expressivo, ela me perguntou. Angelina era a mulher mais incrível do mundo, e foi isso que sussurrei em seu ouvido ao beijá-la.

— Vou ficar com você.

Angie precisou de pontos, cinco. Pelo que entendi, ela foi literalmente rasgada, e a cada detalhe que a médica narrava me deixava mais fraco perto da força da minha mulher.

Dra. Gisela brincou sobre eu querer comer a placenta. Que bizarrice era essa? Continuei segurando sua mão, olhando apenas para o seu rosto. Depois de terminarem com Angelina, agradeci a todos da equipe, até a Tasha, que sorriu e fez um sinal de gratidão com as mãos.

Mais tarde, quando estávamos mais bem acomodados, meus pais entraram e a Jane também. Mas a ansiedade maior era para quando eles viessem.

Minha mãe chorava como uma criança, emocionada por Theo e Vincent. O significado dos nomes passou a fazer todo sentindo para mim. Quando a enfermeira voltou para o quarto com eles, foi emocionante. A partir daquele momento, eu era oficialmente um pai e marido babão. A enfermeira inclinou a cama para que Angie os amamentasse, e sim, a garganta deles também era ótima, dos dois, que pareciam estar em uma disputa de quem chorava mais alto. Diferente de tudo que ela previu, de todas as suas inseguranças, eles se calaram só por escutar sua voz, que no momento era doce, tão doce quanto a da adolescente que um dia eu conheci. Os bebês foram colocados em seus seios, que de tão grandes se destacavam perto das pequeninas cabeças. Com a ajuda da enfermeira, mediante a cena, o silêncio foi decretado e todos ali pareciam tão emocionados quanto eu.

E assim ficamos, absortos no momento, em volta da cama enquanto Angelina os amamentava com amor. Após Theo e Vincent adormecerem nos braços dela, todos foram se despedindo e deixando o quarto. Sobramos apenas nós quatro — os Claret. Falar isso me enchia de amor e orgulho, sentimentos que antes nunca vivenciei tão plenamente.

— Eles são a coisa mais linda que eu vi na vida — Angie disse, emocionada.

— Achei que eu ocupasse esse posto — brinquei e ela sorriu.

— Dá na mesma, bebê, eles são iguais a você.

— Sério? Cabeçudos desse jeito? — provoquei.

Seu olhar, antes preso aos gêmeos, se voltou para mim e o sorriso tão genuíno que me deu ao me ouvir me fez sorrir também.

— Não fale assim, eles são perfeitos, você sabe disso.

— Eu sei. — Me aproximei e a abracei, beijando seu rosto.

Ambos sorrimos, olhando para o nosso amor que se mostrou ser tão mais forte que nossas convicções errôneas do passado.

Me sentei ao lado da Angie e passei meu braço pelos seus ombros, protegendo todo o meu mundo. Quando eles dormiram, nós os colocamos para arrotar — sim, eu aprendi algo com a Tasha —, depois eu os coloquei nos bercinhos ao lado da cama de Angelina. Eu disse para ela descansar, mas Angie só o fez depois que tomei um banho rápido, e até nisso Jane pensou, colocando algumas peças de roupa minha na mala.

Apesar de ter outra cama para o acompanhante, Angelina pediu que eu ficasse ao seu lado. Poderíamos passar o tempo todo assim, abraçados, admirando os nossos bebês. Beijei-a e ela me abraçou, apoiando sua cabeça

em meu peito. Não sei em que momento adormecemos, mas senti quando a enfermeira entrou no quarto, foi breve, apenas se certificar de que estávamos bem, mas o suficiente para despertar Angelina, que como uma mãe coruja, estava atenta aos bebês. Permaneci ao seu lado, onde sempre estaria.

— Eu sabia que você conseguiria e que seria esta mãe incrível — sussurrei ao seu ouvido antes de me entregar ao sono. — Eu tenho tanto orgulho de você, Angie. Este foi apenas o primeiro passo de muitos outros que daremos ao lado deles.

— Você também foi, bebê, esteve ao meu lado e fez isso se tornar possível. Obrigada por acreditar em nós. Eu amo você.

— Eu não fiz nada, foi tudo você, desde o início. E eu, como sempre, quase arruinei tudo.

— Está enganado, bebê, ainda que não percebesse, acreditou também. E o que começou com um ensinamento de beijo, se tornou um felizes por toda a vida. — Sorriu, se lembrando do nosso primeiro contato. — Por isso eu voltei, porque posso ter uma vida lá fora, mas ela não significa nada se eu não a viver com você. Desde o início, sempre foi você.

Com minhas mãos segurando seu rosto, eu a beijei como se fosse a primeira vez, e ela correspondeu com a mesma volúpia.

— Eu prometo que nunca vai existir um lugar pra mim se você não estiver ao meu lado. Eu te amo, Angelina. — Voltei a beijá-la. Foi inevitável não pensar no nosso primeiro bebê. E antes que a culpa fosse capaz de roubar nosso momento de felicidade, voltei minha atenção à mulher da minha vida.

— Pode achar que não fez nada, mas fez. Me deu força e coragem para estar lá. Na primeira vez, eu estive sozinha e arrancaram nosso bebê de mim. Por isso dessa vez eu prometi a mim mesma que isso não aconteceria novamente. Que dessa vez seria a maneira deles. Eu estava com medo, muito, mas você estava ao meu lado, e sei que não deixaria que ninguém nos machucasse.

— Por isso escolheu o parto normal? — Ela confirmou. — Amor, se tivesse me contado, nós teríamos trabalhado isso com dra. Marcela, foi tão sofrido e não precisav...

Ela colocou o dedo indicador sobre meus lábios.

— Não, bebê, eu queria passar por isso, eu precisava.

— Não, não precisava sofrer assim.

— Bebê, está tudo bem. Ter você e seus pais aqui me fez pensar que eu também fiz uma escolha errada. Eu entendi o peso do meu erro.

— Não, não pense assim — beijei sua cabeça —, não teve culpa — falei, sabendo exatamente aonde ela queria chegar.

— Agora eu nem sei como encarar meus pais, talvez, se eles tivessem nos visto aqui, haveria algum arrependimento, porque nós teríamos sido ótimos, como fomos agora.

Respirei fundo. Quando o assunto era John e Dayse, eu nunca sabia exatamente o que dizer. Eu os detestava, mas não queria que a minha repulsa por eles causasse dor a Angelina. Apesar de tudo, como disse a dra. Marcela, os dois eram tudo de família que Angelina conhecia, e alguns laços eram mais dolorosos de se romper do que imaginávamos.

— Eles foram péssimos, eu sei, mas o melhor que posso fazer agora e perdoá-los e seguir. Não é? — questionou, como se lesse meus pensamentos.

Beijei sua testa, em seguida, eu a envolvi mais em meu abraço.

— Independentemente do que decidir sobre eles, vou estar ao seu lado. Sempre. — Continuei a abraçá-la.

Quando a médica a liberou para o banho, apesar de ter duas enfermeiras à sua disposição, Angie preferiu que fosse eu a ajudá-la. Olhando para o seu corpo debaixo do chuveiro, era quase inacreditável que ela havia sofrido tanto horas atrás.

— Parece que ainda tem um bebê aqui — disse, tocando a própria barriga ainda saliente pelos resquícios da gravidez. Os seios cheios, pesados, o corpo ainda inchado, sangrando, e mesmo assim, Angie permanecia com a mente totalmente voltada para o bem-estar dos nossos bebês. — O que foi? Estou tão horrível assim? — perguntou ao me encarar com um meio-sorriso.

— Você é tão forte, sabia? Tão perfeita. Vai ser a melhor mãe que nossos filhos poderiam ter — eu disse, emocionado, mordendo os lábios para segurar as lágrimas.

Ela sorriu e me deu um beijo cálido. Nossa felicidade era o prêmio, e Angie, a maior merecedora, a que mais lutou. Quando olhava para ela agora e via tudo o que foi capaz de enfrentar, eu só conseguia me sentir grato. Ela tomou meu rosto entre as mãos e o acariciou. Seu semblante cansado indicava que ela precisava descansar. Ajudei-a a se enxugar e se vestir, me atrapalhando um pouco no processo.

Fizemos a nossa primeira refeição, eu sempre atento a Angelina. Quando ela finalmente se deitou, me senti aliviado por vê-la bem. Deitei-me ao seu lado e não demorou para Angie adormecer novamente.

Apesar de manter os olhos fechados, eu não conseguia dormir, ficava pensando em nós, em nossa vida, o caminho que seguiríamos a partir de

agora. Ela apostou alto porque acreditou no nosso amor, e aqui estávamos, na linha de chegada, tudo ela, nada eu. Beijei sua cabeça, apreciando o momento.

Angie acordou algum tempo depois, com um dos gêmeos resmungando. Fui até ele e o peguei no colo, voltando em seguida para o lado de Angelina, que me pediu para pegar o outro também. Naquele momento, cada um de nós segurava o nosso pacotinho de felicidade, enquanto o que estava em seu colo procurava seu seio.

A enfermeira entrou novamente no quarto e disse que John e Dayse Paytron aguardavam na recepção. Olhei para Angelina e notei a tensão em seu rosto. Perguntei se ela queria realmente vê-los e ela confirmou que sim, que precisava. Segundo a enfermeira, eles estavam ansiosos para conhecer Theo e Vincent. Confirmei que poderiam entrar, e quando o fizeram, Dayse foi a primeira, na sua habitual postura altiva, mas John, apesar de tentar disfarçar, parecia receoso, até emocionado.

— Soubemos que foi um parto difícil. Está bem, querida? — John se aproximou, e como no passado, deu um beijo cálido em Angelina.

— Estou, nós estamos — ela confirmou, olhando para os bebês.

— Tentamos chegar o mais rápido possível...

— Para se certificar se fiquei ou não louca? — Ela mudou o tom de voz ao confrontá-lo.

John se manteve próximo, olhando para os gêmeos.

— Angelina, sabe que não é sobre isso...

— Não é, pai, não é sobre os erros que cometemos, embora ainda machuquem, não podemos fazer nada a respeito, a não ser, claro, deixá-los para trás. E acho que estou escolhendo isso agora.

Sua voz fragilizada me deixava em frangalhos, ciente de que qualquer dor causada nela seria igualmente sentida por mim. O momento era delicado e eu não queria vê-la passar por isso. Mas se era o que ela precisava para curar as feridas, como prometi, eu aceitaria e estaria ao seu lado.

— Embora não possamos voltar atrás, eu e Bryan, a família que construímos, é a prova de que o perdão nos dá a dádiva do recomeço. E mesmo que nunca tenha me pedido por isso, eu perdoo você, pai, perdoo minha mãe, perdoo a mim mesma, porque quero recomeçar, e em meu novo começo, não existe lugar para mágoas ou dores, elas também estão ficando para trás. Apesar de você ser péssimo em escolhas, pode fazer uma certa agora e ser um avô presente, já que nunca foi em minha vida.

Ela chorou, e isso acabou comigo. Eu não esperava por isso, não esperava que Angie reagisse assim aos pais. John permaneceu com o olhar fixo nela por segundos.

— Claret, posso ter um momento com minha filha?

Encarei Angelina e ela confirmou que sim. Não fiz o convite a Dayse, mas a mulher me acompanhou mesmo assim, enquanto eu carregava meu filho no colo e deixava o outro com Angelina.

— Tão pequenos — ela disse assim que nos sentamos no sofá da aconchegante sala de visitas da suíte hospitalar.

Eu não a deixaria pegar meu filho, eu sequer queria conversar com essa mulher, sua voz me causava repulsa. Angelina poderia tê-los perdoado, mas não significava que eu conseguiria também.

— Eu sinto muito por tudo, Claret — disse, percebendo que eu não queria manter um diálogo.

— Não. Não faça isso, nem tente. Está dizendo para a pessoa errada. Eu não sou como Angelina, e se quer ter perdão ou algo do tipo, sugiro que entre naquele quarto e peça à pessoa que você mais fez mal. A uma delas, na verdade, porque a outra, graças a você, não teve a chance de estar aqui. — Mordi os lábios.

— Claret, eu...

— Não tem ideia, não é? Sequer se importa com todo o mal que fez a Angelina, a mim, ao nosso... — Não, eu não iria perder meu tempo. — Diferente dela, eu não sou tão bom assim. Perde seu tempo se acha que vai conseguir algo de mim. Não desejo nada além do inferno a vocês... — Saiu ríspido, com rancor, eu sabia, mas havia tanta coisa entalada e esse não era o momento.

— Bryan, algumas coisas ficaram...

— Não insista, não vai acontecer. Não comigo. Talvez com Angelina aconteça, mas não comigo. — Agora a minha voz estava fragilizada.

Eu olhava para nosso filho e me perguntava por que essa mulher foi tão cruel. Mas culpar somente aos dois era como tentar esconder minha própria culpa, e eu não faria isso. Beijei meu filho, tentando focar nele, e no momento em que o vi resmungar por ter minha barba raspando seu delicado rostinho, acabei sorrindo.

— Não gostou da barba do papai? — Ele fez beicinho, então o beijei e ele, em retribuição, fechou mais ainda o semblante. — É, eu sei, os beijos da mamãe são os melhores. Sabe de uma coisa, assim como eu, vocês irão se apaixonar por ela, porque, sem exageros, ela é incrível. A mulher mais forte que conheço e que nunca, por nada, desiste. E não, não sou só eu, sua mãe tem uma legião de fãs que pode confirmar tudo isso. Eu me apaixonei

por ela quando Angie tinha apenas treze anos. O sorriso, a maneira singela como sempre dizia a verdade, a inocência em olhar a vida.

“E sabe, bebê, eu que sempre achei que sua mãe merecia o mundo, agora tenho certeza de que merece muito além dele. — Engoli o choro. — A gente nunca entende, meu anjinho, por que temos que passar por alguns caminhos, mas estar aqui, olhando para você e seu irmão, me faz ter a convicção de que não importam as tempestades, o amor atravessa todas elas e sobrevive. É o sentimento mais forte e genuíno, por isso, não importam as adversidades, ou todo o mal que tentam fazer pará-lo, no fim, ele vence tudo e atravessa a linha de chegada. — Ele abriu a boquinha, balbuciando. Achei lindo. — É, eu sei, você ainda é tão pequeno para entender isso, mas quero que saiba que esse mesmo amor que fez sua mãe e eu estarmos aqui, será dedicado a você e ao seu irmão. Nossa família será sempre minha prioridade e, claro, falando em família, vocês têm, do meu lado, avós fantásticos, que os amam até mais que amam a mim. Vovô Phil com certeza vai ter muita história boa para contar, e vovó Valerie vai fazer os melhores doces.

“Bom, do outro lado da família é outra história, mas que não cabe a mim contar. Seus outros avós terão tempo e chance para isso, e no fim, meu amor, espero que seja uma boa história, porque eu vou estar aqui para me certificar que seja. — Beijei-o novamente e agora ele ameaçou um choro.

Olhei para Dayse, que com um lenço enxugava as lágrimas. — O presente não nos dá a chance de corrigir erros do passado, mas nos permiti, através do arrependimento, uma possível redenção no futuro. Se Angelina te der essa chance, faça acontecer.”

Ela concordou, ainda chorando, em seguida se levantou e entrou no quarto. Só os interrompi quando o Theo/Vincent começou a chorar pra valer e ele, assim como o irmão, era bom nisso. E sim, até que pudesse identificá-los, eles seriam chamados assim. Todos estavam emocionados, me surpreendi ao ver o gêmeo que ficou com Angie no colo de Dayse. Entreguei o que estava comigo a Angelina, e mesmo me sentindo desconfortável, dei privacidade para que pudessem se despedir. Foi um alívio quando os vi indo embora. Voltei ao quarto e encontrei ambos chorando. A enfermeira entrou e trocou as fraldas, mas a choradeira só acabou quando estavam no seio da mãe, e nisso puxaram a mim mesmo. E pelo visto, essa seria a rotina mais presente em nossos próximos dias. Ao terminarem, peguei os dois em meu colo e os coloquei para arrotar, depois foram novamente para o berço.

— Você está se saindo muito bem — ela elogiou, sorrindo.

— Eu me formei para isso, o pai do ano — brinquei, me aproximando e me aconchegando em seus braços.

— Quer saber o que conversei com meus pais?

— Só se você quiser contar. — Beijei seu rosto.

Apesar de dizer sobre o pedido de perdão e o quanto eles disseram sentir por tudo que ela passou, eu não conseguia sentir verdade naqueles dois. Porém, só o tempo provaria a veracidade de suas palavras.

A primeira noite com os gêmeos foi tranquila, apesar das mamadas da madrugada. E Deus, era impressionante como Angelina acordava apenas com um leve gemido deles.

Pela manhã, meus pais, além de vir nos ver, trouxeram provas incontestáveis de que os dois eram minha cara — fotografias de quando eu era um bebê. Caramba, não tinha mesmo onde tirar nem pôr. Angie acabou aceitando que fez filho só para o meu lado da família, já que contra fatos não há argumentos. Quando a médica finalmente nos deu alta, brinquei com o fato de Jane só aparecer depois de horas. Ela acabou revidando que não queria me deixar em maus lençóis ao desempenhar melhor a função de ajudar Angelina que eu. Essa tinha uma língua felina.

E lá fomos nós, com família e agregados de volta para a casa. E não era apenas a nossa casa, nosso amor agora tinha um lar, e por saber disso, eu tinha certeza de que não o perderia por nada.



Capítulo 30

Bryan

Resumir toda a sua vida a uma pessoa, ou, no meu caso, três, parecia realmente exagerado e inconsequente. Mas ao olhar para Angelina amamentando os gêmeos, eu sabia que todo o meu mundo estava ali, tão bem representado neles. E como eles eram? Chorões, não nos deixavam dormir, e tudo era feito a maneira deles, mesmo assim eu os amava de um jeito novo e único.

Quando eles estavam dormindo, eu e Angelina nos pegávamos feito idiotas estupidamente apaixonados olhando para os dois, acreditando fielmente que havíamos feito a oitava e nona maravilhas do mundo. Theo e

Vincent nasceram, e junto a eles o medo em perdê-los, o amor tão intenso que chegava a doer no peito, o cuidado, a proteção, o instinto e a necessidade em sempre estar por perto. Sim, essa era a forma mais genuína de amor, porque ela existia por si só, sem requerer nada em troca.

Ao olhar para a minha Angie não era como se eu nunca tivesse imaginado nós dois juntos. Além de ter feito isso, estar sempre com ela era o futuro que mais desejei desde que a conheci, no entanto, por longos anos esse mesmo futuro me pareceu impossível, doloroso e até inalcançável. Mas aqui estávamos nós, provando que nenhum obstáculo era páreo para o amor quando se era verdadeiro.

Chegava a ser contraditório, porque desde que Theo e Vincent chegaram, não tivemos mais uma noite de sono tranquilo. Nossos dias passaram a se resumir a trocas de fraldas, choros, banhos e intensas mamadas. E ainda que tivesse escolha, eu não teria feito outra, porque ao olhar para eles, eu sabia que não existiria uma vida mais feliz e realizada que essa.

Se antes eu achava conhecer o brilho de felicidade nos olhos da minha mulher, nada se comparava ao que encontrava quando seu olhar estava em nossos filhos. E, caramba, Angelina se saía muito bem nisso. Apesar das olheiras adquiridas pelas noites em claro e o cansaço evidente nos traços do seu rosto perfeito, apesar de estar passando pelo puerpério e

pelo processo de amamentar dois — que no geral não era um mar de rosas —, Angie apreciava tudo com devoção, me deixando cada dia mais apaixonado e grato por tê-la em minha vida.

Todos os meus amigos enviaram mensagens parabenizando a chegada dos bebês. E as grandes marcas e estilistas renomados, assim como seus colegas de profissão, enviaram presentes caros e exagerados. Até pulseiras cravejadas com diamantes os gêmeos ganharam, além de modelos de roupas e sapatos exclusivos. Assim como os presentes, as ofertas para uma foto exclusiva que beirava a um número exorbitante também eram constantes, mas todas eram recusadas por Angelina, que assim como eu, queriam dar a eles a escolha de uma vida normal.

Entre todos os presentes ridiculamente caros, um em especial — de John Paytron —, apesar de eu não admitir em voz alta, facilitou minha vida. Pulseiras de ouro com seus nomes. Finalmente alguém pensou em resolver o problema que eu tinha em saber quem era quem, e consequentemente, levar um sermão da minha mãe e Angie por isso. Como elas eram as únicas que acertavam, insistiam em dizer que havia diferenças. Claro que eu sempre fazia uma piada sobre isso.

Como meus pais ficavam a semana toda para ajudar, aos sábados eles iam para a casa deles para terem um merecido descanso. E foi em um

desses sábados que Theo e Vincent tiveram a primeira visita — meus amigos. Adryan e Amy, junto a Priscila e Mike.

Eles completaram duas semanas, e eu sabia que a data não foi um acaso, não quando se tinha um amigo excêntrico como Adryan. Foi exatamente nessa mesma data que conheci Bia, já o imaginava dizendo a Amy que esse era o melhor dia. Apesar de Holanda se oferecer para recebê-los, eu mesmo o fiz e sorri ao ver que Bia estava com eles. Com seus dez meses de idade ela parecia um anjinho, tão linda e meiga. Minha afilhada abriu um sorriso, estendendo os bracinhos ao me ver. Peguei-a no colo e os levei para a sala, onde Angelina e Jane estavam com os gêmeos.

Depois de cumprimentarem as duas e felicitar Angelina pelos bebês, Adryan e Amy foram os primeiros a se aproximarem de Théo e Vincent, que estavam nas cadeiras de descanso, calmos como não se viam nas madrugadas. Adryan sorriu ao olhar para eles, em seguida, me encarou, estendendo o sorriso.

— Parabéns, Bryan.

Sorri, agradecendo-o.

— São lindos e tão iguais. — Amy parecia realmente animada. — São calminhos assim?

— Não! — respondi rápido, sendo contradito logo em seguida por Angelina.

— São, quer dizer, estão trocando a noite pelo dia, tirando isso, são sim.

Eles se sentaram no sofá de frente para mim e Angelina. Priscila foi a próxima, depois de cumprimentar Angelina e ver os gêmeos, ela esboçou um meio-sorriso, e sem dizer nada se sentou em uma das poltronas. Vincent e Theo estavam acordados, com os olhinhos castanhos bem abertos. Me aproximei com Bia e senti as mãos de Mike, que foi o último a se aproximar, era previsível que diria algo idiota.

— Caramba, parecem dois Bryans em miniatura — disse, surpreso.

Ele me encarou, e eu sabia que iria continuar com suas observações nada convencionais, mas se deteve ao olhar para Angelina.

— Eu acho difícil perceber as semelhanças nessa idade. — Amy sorriu, tentando amenizar a observação de Mike.

Me sentei ao lado de Angelina, com Bia em meu colo, ela agora olhava curiosa para os gêmeos.

— Ela é uma boa mistura de vocês. — Angelina sorriu para Bia, que risonha, sorriu de volta. Seus imensos olhos azuis eram como os de Adryan, e seus cachos loiros como os da Amy.

— É isso que eu queria dizer. Para ser justo, não deveria ter uma mistura ali também? Afinal, é Angelina Paytron, injusto eles se parecerem só com você — Mike finalmente concluiu, já próximo a Priscila.

— Meus filhos são lindos, Mike — Angelina revidou, arqueando uma das sobrancelhas.

Ele engoliu em seco e foi inevitável não rir.

— O parto foi tranquilo? — Priscila perguntou, surpreendendo a todos nós, até mesmo Mike pareceu chocado. — Tudo bem. Eu li isso na internet, busquei no Google como iniciar um assunto com novos pais — confessou.

Sim, ela e Mike eram almas gêmeas, agora tinha certeza disso. Passado o choque inicial, foi a vez de Angelina responder. E apesar de falar abertamente sobre o parto e amamentação, era notável que ainda havia receio em estar na frente dos meus amigos.

Quando Bia quis descer do colo, ela tentou alguns passinhos enquanto era incentivada por Adryan, mas resolveu ir até os pais engatinhando. Só de olhar para ela já me imaginava com os gêmeos na mesma situação. Ela

então chamou Amy de mamã, e agora eu entendia como essas pequenas coisas davam sentido para a vida.

Amy também falou do parto, que Bia teve cólicas nas primeiras semanas, e o clima antes um pouco constrangedor foi se tornando um papo de pais de primeira viagem. Me aproximei mais de Angelina, segurando sua mão, entrando no assunto apenas quando me perguntavam algo, mas sempre fazendo todos os elogios possíveis à minha mulher. Sim, eu estava orgulhoso de nós dois. Jane mal participava da conversa, parecia mais interessada em seu telefone. E foi após uma ligação, que ela interrompeu Angelina dizendo que Charlie a esperava ao telefone.

Angie pediu licença e deixou a sala. Momento propício para Holanda nos servir chá e bolachas. E juro que fiquei surpreso ao ver Bia comer uma.

— A filha do Adryan comendo bolacha? Isso é sério? — perguntei, debochando.

— Segundo a minha mulher, é ela quem fica com nossa filha vinte quatro horas por dia, portanto, é quem decide o que Bia come ou não.

Adryan e Mike se aproximaram, então puxei a cadeira dupla de descanso com os gêmeos, enquanto iniciavam um falatório sobre como achavam injusto os meus filhos parecerem só comigo. Mike se sentou ao meu lado e o Adryan se sentou do outro, então nós três ficamos olhando

para Theo e Vincent, que agora dormiam sendo embalados pela cadeira automática.

— Que justificativa pretende dar aos seus filhos quando eles perceberem que a mãe é linda e você fez isso? — Apontou para os gêmeos.

— Tenho certeza de que vão agradecer por terem puxado à minha genética. Tire a fralda deles que você vai comprovar — falei, rindo, e ele me encarou com aquela cara de idiota.

— E falando nisso, você deve estar desesperado para tirar o atraso, não é?

— Olha pra mim — pedi. Ele e o Adryan o fizeram. — Estou há duas semanas sem dormir, acha que consigo pensar nisso?

— Consegue — Mike revidou.

— Sim, consegue, Bryan — Adryan confirmou.

Eu acabei rindo e desviando o olhar.

— Ah, falando nisso, eu tive uma ótima ideia para um aplicativo.

Adryan e Mike me encararam, desconfiados.

— É sério.

— Essa até eu quero escutar. — Priscila e Amy se aproximaram.

— Eu vou explicar. Vocês executam e podem me agradecer depois. — Todos continuaram atentos, até Bia. — A ideia é um aplicativo em que vocês gravam os pais conversando, sei lá, faz parecer como se fosse em tempo real, e vende como a solução para bebês que trocam a noite pelo dia.

Adryan me observava confuso, enquanto Mike ria.

— Já existe, Bryan, é um gravador.

— Que ideia idiota — Mike debochou.

— Não, não pode ser um gravador, porque eles percebem.

— Gravou sua voz e testou nos seus filhos? — Mike perguntou, surpreso.

— Fala mais alto, Mike, a Angelina não te ouviu ainda — eu o repreendi. Todos eles ficaram me olhando desconfiados. — Não exatamente, mas gravei — confessei. Adryan me lançou um olhar de julgamento. — Você teve um, eu tenho dois. Pode não acreditar, mas é só ficar em silêncio que eles berram como se o leite da Angelina estivesse secando. E nessa casa, minha mãe e ela acham que fazem mais que eu.

— Injusto. Você com certeza é o que faz mais — Adryan ironizou.

— Eu faço, Adryan, prova disso é eles serem a minha cópia e Bia ter só os olhos parecidos com os seus. E outra, situações desesperadas requerem medidas desesperadas.

— Não duvidamos, amigo, continua — Mike confirmou, debochando.

— Eu fico com eles à noite para Angelina descansar, e foi em uma dessas noites, que um pai cansado e com sono, teve essa ideia. Durante o dia gravei Angelina cantando para eles, e coloquei para tocar à noite. Mas não funcionou, porque eles perceberam. Não sei como, mas perceberam. Desde então eu sonho com vocês dois me presenteando com esse aplicativo dos deuses. Algo que eles não desconfiem.

— Estou realmente impressionado, Bryan — Adryan admitiu.

— Podem me agradecer depois que for um sucesso.

Amy começou a rir até ter uma crise, Priscila e os outros tentavam se segurar.

— Podem debochar, um dia alguém vai desenvolver esse aplicativo e tenho certeza de que vocês vão se arrepender por não terem me escutado.

— Estou impressionado é com o fato de Angelina deixar você cuidando deles — Adryan concluiu.

— Imagine então quando ela voltar a viajar. — Mike completou.

— Ela vai voltar a viajar? — Amy perguntou, mais recomposta do seu acesso de riso.

— Não falamos sobre isso ainda. Não quero colocar pressão, é a carreira dela, Angelina quem deve decidir.

— Mas ela pode levar os bebês — Mike sugeriu.

— Deve ser muito cansativo — Amy completou.

— Se bem que... — Priscila até tentou, mas foi interrompida por Adryan.

— Que Bryan disse que é Angelina quem irá decidir e esse assunto não diz respeito a nós. — Adryan, sendo sensato, finalizou o assunto com todos sorrindo sem jeito.

Um dos gêmeos chorou e Angelina voltou para a sala e a conversa voltou a ser sobre o parto e bebês.

Após algumas horas, eles se despediram, e quando Amy se aproximou de Angelina, ouvi Angie pedindo desculpas por tudo que houve no lançamento do livro. Foi algo sutil, mas sincero, e me senti feliz por isso. Amy sorriu, um sorriso que eu conhecia bem, dizendo que aquilo já havia ficado no passado e que não desejava nada além de felicidade a nós. Foi exatamente nesse clima de amabilidade que os acompanhei até o carro.

Mike e Priscila foram os primeiros a irem embora, e enquanto Adryan prendia Bia na cadeirinha, Amy se aproximou.

— Obrigado por ter perdoado Angelina — disse, ainda emocionado.

— Vocês são uma família agora, Bryan, e desde que o conheci, você sempre foi tão gentil e sincero comigo, é o mínimo que eu poderia fazer. E

falo com sinceridade quando digo que não desejo nada além de felicidade a vocês. Nós te amamos muito. — Me abraçou. — E falando em perdão, Erika conversou comigo...

Respirei fundo, desviando o olhar.

— Eu sou grato a ela, Amy, muito, por tudo que me fez e ajudou. Seria hipócrita se dissesse que não sou capaz de perdoá-la, sabe que já o fiz, mas é complicado. Angelina acabou de ter nossos filhos, e é lindo, mas também é estressante lidar com recém-nascidos, porque estamos aprendendo com eles. Sei que um dia vamos conversar, Erika e eu merecemos essa chance, colocar as coisas em ordem, mas não será agora. Angie precisa e merece toda a minha atenção no momento. Ela e meus filhos são minha prioridade, e todo estresse que eu puder evitar, vou evitar.

— Você está certo, Bryan, vou falar com ela e pedir para dar tempo ao tempo.

— Agradeço, Amy.

Ela sorriu, eu a abracei e nos despedimos.



Conforme os dias se tornaram semanas, Theo e Vincent passaram a dormir mais durante a noite, e cada dia ao lado deles era uma dádiva. Recebemos muitas outras visitas de amigos, até Lizzie e Ben. E se Adryan e Amy não notaram que estava rolando algo entre eles, para mim e Angelina ficou evidente. Angie até a chamou para ser madrinha dos gêmeos, a garota surtou por isso, e eu, retribuindo o convite, chamei Adryan para ser o padrinho de Theo, e Mike para Vincent.

Eram as primeiras férias que eu passava em casa e poderia dizer com convicção que eram as melhores que eu poderia tirar em minha vida. Angelina não falou abertamente com Charlie sobre a carreira, mas disse que era certo de que não voltaria a viajar enquanto estivesse amamentando, que seria até os seis meses, depois dez e agora nem ousava chutar. Quando eles completaram o primeiro mês, meus pais voltaram para a casa, e eu, com a ajuda de uma equipe contratada por Jane, concluí meu projeto de altar debaixo da casa da árvore.

— Está faltando uma semana para o nosso segundo casamento. Eu já escolhi meu vestido, tem certeza de que quer mesmo fazer isso? — ela perguntou em um sussurro quando nós dois, depois de colocarmos os gêmeos no berço, nos deitamos na cama.

— Se houvesse a chance de me casar com você todos os dias, eu certamente o faria.

— E o que planejou para a nossa lua de mel? — ela perguntou, com certa malícia, provocando. Sexo? Já tinha meses que não sabíamos o que era isso.

— Eu sou um homem de família, não tente me seduzir antes do casamento, controle seu fogo até sábado — revidei e ela riu, então nos beijamos.

Quando o sábado finalmente chegou, com o sol da tarde oferecendo seus últimos raios iluminando o céu, lá estávamos nós. Eu de frente para o altar, com todos os meus amigos sentados nos bancos, esperando a noiva. Olhei para Theo e Vincent no colo dos meus pais, tão lindos e espertos, em seguida, me virei para os convidados, pensando se todos entendiam o que realmente significava estar ali para nós dois. Olhei até mesmo para John e Dayse, que vieram, apesar de o convite não ter sido feito com entusiasmo.

Como disse que viria, Angelina veio montada em Cristal, e se eu já não estivesse tão apaixonado, esse seria o momento em que aconteceria. Ela, tão linda, em seu vestido branco de renda, desceu da égua com elegância, então todos se levantaram sorrindo. Jane ajeitou o vestido e lhe entregou o buquê de lírios.

Angie sorriu para mim e nós dois estávamos em lágrimas. Invadidos por lembranças do primeiro beijo, o primeiro eu te amo. Um Bryan

adolescente, apaixonado, uma Angie inocente, tímida e apaixonada. E agora estávamos aqui, crescemos com nosso amor, amadurecidos o suficiente para viver toda uma vida juntos. Fui até a metade da nave e a beijei, então seguimos juntos para o altar.

— Agora eu entendo. Eu precisava te ver em um vestido de renda — sussurrei. Ela sorriu, com as lágrimas ainda escorrendo em seu rosto lindo. — Eu te amo.

— Eu também te amo.

Ouvir todas as palavras do reverendo foi emocionante, mas a melhor parte foi olhar em seus olhos antes de colocar o anel em seu dedo e declará-la minha esposa.

— Angie, eu poderia dizer como foi quando eu a vi pela primeira vez, ou mesmo nosso primeiro beijo. E poxa, eu poderia dizer tantas coisas sobre o que vivemos, mas o amor vai bem além de uma paixão adolescente. Ele não é sobre os momentos felizes, porque não são só os momentos felizes que definem o quanto ele é forte e até onde é capaz de chegar. As pessoas descrevem o amor como algo mágico, lindo e sagrado, mas assim como ouro que precisava ser forjado no fogo, nosso amor também teve que passar por tempestades tão fortes que quase nos fizeram querer abandonar o barco. Mas tão valioso como ouro, o nosso amor foi provado e hoje eu sei

que te amo agora, em um dia lindo como esse, mas sou capaz de te amar muito mais quando vier outra tempestade. Eu te amei ontem, te amo hoje, e convicto dos meus sentimentos, sei que vou te amar para sempre. — Ela enxugou as lágrimas, emocionada. — Me perdoe por nossos filhos serem minha cópia, se pudesse escolher, deixaria que fossem mais parecidos com você. — Todos riram e ela me chamou de bobo. — Então, aceita ser a minha esposa pela segunda vez? Lembrando-se que essa pode não ser a única vez que tenha que fazer isso. — Ela junto a todos voltaram a rir.

— Ah meu Deus, eu tinha escrito algo, mas parece tão insignificante depois de tudo que me disse. — Ela respirou fundo. — Havia um motivo para que eu sonhasse desde que o conheci em ser sua esposa, e só agora, depois de anos, é que eu entendi a real razão por trás desse sonho. Há uma sutil diferença entre ter um lugar para passar a noite e ter um lar, mas essa diferença eu só entendi depois que dormi todos os dias ao seu lado. Você é meu lar, minha felicidade, nosso pilar. Theo e Vincent ainda não fazem ideia da sorte que têm por tê-lo como pai, e que sorte a minha o ter como marido. Eu te amei ontem, te amo hoje e te amarei eternamente. Eu aceito.

Nos beijamos, e pela segunda vez fomos declarados marido e mulher.



Voltamos ao rancho para a nossa festa. Após termos nossa dança, recebemos as felicitações dos convidados. No momento em que Angelina anunciou que jogaria o buquê, todas as candidatas a pegá-lo se organizaram a certa distância da noiva. Me aproximei da mesa onde estavam Adryan e Amy com Mike e Priscila, que não parecia em seu melhor momento.

— Não vai tentar a sorte, Priscila? — perguntei. Adryan deu um sorriso de canto, enquanto Mike desviava o olhar. — Então vai lá, Mike, pega pra ela — brinquei, me sentando com eles.

Fiquei boquiaberto quando Mike fez o que eu tinha sugerido. Foi uma comédia ver Mike entre Cibelly, Evelyn e até mesmo Sarah e Jane, além de algumas convidadas de Angelina. Sendo ele o mais alto, acabou tendo vantagem e pegando o buquê. Quando voltou à mesa, Priscila parecia tão irritada que virava uma taça de champanhe atrás da outra.

— Se chegar com essas flores perto de mim, te faço engolir uma por uma — Priscila disse assim que Mike se aproximou, fazendo menção de entregar o buquê a ela.

Ele sorriu, parecendo bem sem graça.

— Qual o problema dessa vez? — Adryan se adiantou.

— Nenhum. — Mike tentou finalizar.

— Mike editou uma foto minha me transformando em uma coreana e mandou para os pais dele. Acredita nisso?

— O quê? — eu e Amy falamos juntos.

— Priscila, eu já pedi desculpas. Acontece que é outra cultura e meus pais são tradicionais. Aos poucos, eu ia editando a foto até voltar a ser você de novo.

— Você é tão ridículo, Mike. Quando te apresentei ao meu pai, apesar de ele ser coronel do exército e ter te achado um frouxo, eu disse que você era realmente frouxo, mas eu gostava de você mesmo assim.

— Agora está explicado por que ele me encara daquele jeito bizarro.

— Ao menos eu não editei você para ser aceito.

— Eu só tenho algo a dizer sobre isso — ressaltei.

— O quê, Bryan? — ambos perguntaram.

— Pode me enviar a foto da Priscila Coreana? — perguntei.

Nem mesmo Adryan e Amy conseguiram segurar o riso.

— Você consegue ser ridículo até no seu casamento, Bryan. — Priscila revidou, com raiva.

Antes que o assunto prosseguisse, Ben e Lizzie se aproximaram para se despedirem. Segundo explicaram, ela tinha uma festa da faculdade para

ir e Ben a acompanharia.

— Que bom que eles se tornaram amigos — eu disse quando os dois se afastaram.

— Ben joga no meu time. Ele sabe como Lizzie é ingênua, então fica de olho para nós. Com isso, eu e meu pai ficamos tranquilos e ela acha que tem mais liberdade — Adryan explicou.

Acabei rindo com malícia e Mike fez o mesmo. Só mesmo Adryan para não perceber nada.

Angelina se aproximou perguntando se poderia me roubar por um minuto. E após pedir licença aos nossos amigos, nos afastamos.

— E então, está pronto para roubar a noiva? — disse, provocativa.

— E eu poderia levá-la para onde? — revidei com desejo.

— Talvez a uma casinha no meio da floresta. — Acabei rindo. — Mas adianto que a noiva só tem duas horas antes dos seus filhos quererem seus seios para sugarem todo o leite que ela conseguir produzir.

— Sabe que para esse lobo mal aqui duas horas não é nada, não é?

Essa era a parte que eu adoraria dizer que mostrei a ela toda a minha potência. Cristal nos levou à casa sem que ninguém nos visse, e chegando lá, apesar de todo meu jogo de sedução, a maneira atrevida como tirei seu

vestido, os beijos insanos que distribuí por todo o seu delicioso corpo, bastou apenas começar a penetrá-la para que, louco de desejo, eu gozasse.

Porra, demoramos mais para chegar à casa da árvore do que para eu gozar. Não levei nem dois minutos e me senti muito frustrado por isso. Angelina riu muito da minha performance.

— Antes de me julgar por isso, lembre-se que eu sou seu marido pela segunda vez, e que fiz com você as pessoinhas que você mais ama nesse mundo — brinquei.

Ela mordeu os lábios, segurando o riso antes de me beijar.

— Foi ótimo, bebê, como sempre é com você.

— Se acha isso ótimo, não sei como teve coragem de se casar comigo novamente — debochei.

Ela riu e se virou, sentando-se por cima de mim. Iniciando beijos provocativos, seduzindo, me enlouquecendo, nos provando que ainda que a nossa primeira vez não tivesse sido perfeita, a segunda sempre seria, porque nos amávamos e sempre seríamos um do outro. Quando voltamos ao rancho, não havia mais sinal dos convidados, mas dois bebês chorões berrando no andar de cima deixavam claro a nossa nova realidade. E como planejamos desde o início, a felicidade agora era plena.

CINCO MESES DEPOIS

Angelina Paytron anuncia aposentadoria das passarelas

A modelo mais bem paga do mundo, que embolsou US$ 47 milhões no último ano segundo a revista Forbes, vai se dedicar à família.

“Essa agora é a minha prioridade”, disse a modelo.

Os rumores sobre sua aposentadoria começaram a circular após o nascimento dos gêmeos. E na última quarta-feira, sua equipe anunciou que Angelina fará seu último desfile durante o evento da semana da moda em Paris, que homenageia Bianco Antoinette, falecido há dois anos depois de lutar bravamente contra o câncer. O estilista, além de ter sido seu mentor no mundo das passarelas, era um amigo íntimo. Todos os lucros do evento serão revertidos para a luta contra o câncer.

Apesar de o mundo da moda lamentar sua precoce aposentadoria, Após adotar o sobrenome do marido, Angelina Claret concedeu uma entrevista exclusiva à revista Focco, no rancho onde mora com o marido, os gêmeos, Theo e Vincent, e seus muitos cavalos. Com um sorriso largo no rosto, a modelo disse que se sente realizada e pronta para se dedicar ao maior e mais gratificante trabalho da sua vida, criar seus filhos ao lado do marido, o empresário Martin Claret. Mesmo sabendo que sua presença

marcante fará falta nas passarelas, desejamos à supermodelo toda a felicidade do mundo. Mas Angelina já garantiu à nossa equipe que ela o é.

Parabéns, Angelina Claret, você deixou sua marca nas principais passarelas e nos corações dos seus milhões de fãs. Seja muito feliz.

FIM.

Outras Obras



MEU VÍCIO

Elena Tyner é uma garota comum de dezenove anos que cursa psicologia. Devido a uma criação tradicional, assim como a sociedade em sua maioria, ela possui preceitos e preconceitos contra usuários de drogas, passando até ter repúdio pelos mesmos. Mas tudo muda quando ela faz uma entrevista com um usuário, se envolve e passa a ver o outro lado da história.

Nesse drama é relatado de forma clara e espontânea a amarga experiência que é conviver, amar, e presenciar uma pessoa entregar sua vida para as drogas... Um caminho obscuro e muitas vezes sem volta...

Falar sobre dependência química é muito forte, muito atual e de suma importância. Mostrar todo sofrimento do dependente e de todos ao redor de forma tão realista e interessante, faz com que a gente vivencie o sofrimento

junto com Maycon e Elena. E sinta o amor surgindo no meio das trevas, da dúvida. Um amor puro e sincero, porém não aceito.

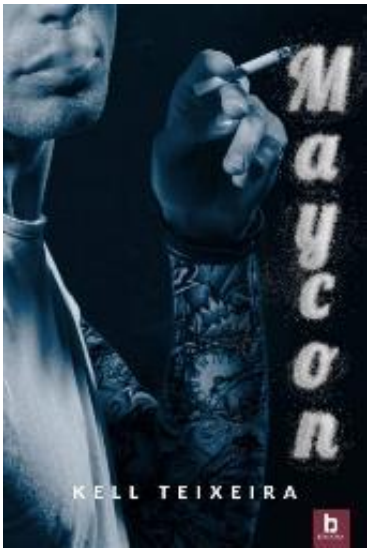


MEU VÍCIO: DEPOIS DO AMOR

"A cocaína foi o pior vício do Maycon, e ele, meu pior vício. Amá-lo é aquela mistura de dor e prazer. Olho em seus olhos, ambos estão machucados, nós nos machucamos e as feridas ainda estão sangrando, posso ver isso bem claro. Mas o destino resolveu brincar conosco, ele fez duas pessoas improváveis se amarem e aqui estamos nós, cheios de razões e com orgulho ferido, mas engolindo tudo com uma dose alta de prazer. Parece insano, nos acostumamos à dor, e por mais que eu queria correr, nunca dou de fato um passo para longe dele".

Nessa sequência, a luta ainda é obscura e velhos fantasmas perseguem Maycon. Eles estão casados e têm um filho. Além de enfrentarem os problemas diários do casamento, tem a abstinência do Maycon e a

insegurança da Elena. Eles se amam e apesar de toda a loucura, isso é algo notório. Mas Maycon, na falta da droga, se vê atormentado pelos demônios do passado. Meu vício - depois do amor, traz o enredo e dramas do primeiro livro, contudo revela um amadurecimento necessário para o casal que se encontra em situações complexas e lutam para se manterem unidos. Será que continuaremos a presenciar os milagres do amor?



MAYCON: LIVRO 1

Maycon trilhava um caminho de autodestruição, apenas esperando o dia em que iria esbarrar na esquina que o faria dar o último suspiro.
Em alguns momentos a sua dor era gritante, mas não se tratava mais da dor de problemas reais, foram eles que o fizeram escolher esse caminho sem volta e ele acreditava que era por isso que o escolheu, porque sabia que nunca pretendia voltar.

Seus pais deixaram claro que estavam cansados das suas desculpas e, ao que parecia, seus únicos amigos estavam a um passo de fazer o mesmo.

O problema era que a realidade só lhe trazia solidão, e com isso Maycon nunca iria se acostumar.

Ele acreditou que era mais um louco, um viciado pronto para abraçar o seu destino e se tornar mais um número na estatística, mas na vida você dá as cartas hoje e rasteja pela próxima jogada amanhã. A adrenalina da autodestruição bastava, era um caminho que ele gostava de percorrer. Durante anos, a cocaína foi o seu maior vício. Até conhecer Elena.

A droga da garota que se tornou outro vício para ele. Aquele que o levava do paraíso ao inferno em questão de segundos, fazendo com que odiasse e amasse ao mesmo tempo. Mas ao contrário de todas as outras garotas, Elena não aceitava o seu mundo de vícios, fazendo-o confrontar as suas escolhas.

Dizem que todo viciado está condenado a morrer pela sua droga.
Esse seria o destino de Maycon também? Ser mais um viciado em cocaína ou o amor traria a sua redenção?

Conheça Maycon, a história por trás de Meu Vício.

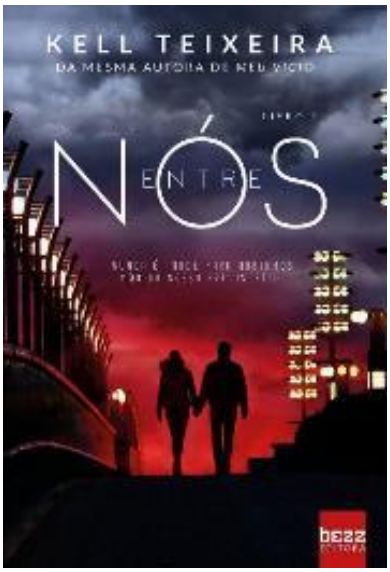


MAYCON: LIVRO 2

Ao ser confrontado por Elena, Maycon finalmente aceita buscar tratamento para o seu vício, ainda que não acredite que possa viver sem os seus demônios.

Durante o período de internação, Maycon é forçado a encarar os seus medos e todos os sentimentos que durante muitos anos ele ignorou ao recorrer às drogas. Vulnerável e se sentindo só, a cada recaída ele sente que a sua chance de ser feliz com a Elena está cada vez mais distante. Um acontecimento inesperado faz com que Maycon questione se o amor que o uniu a Elena será capaz de ajudá-lo a ultrapassar todos os problemas e obstáculos.

Suas inseguranças e seus medos estão expostos, e a sua luta constante contra o vício faz com que todos os sentimentos sejam revelados. O amor pode vencer tantos problemas? Acompanhe a trajetória de superação e determinação de Maycon, e o desfecho do casal que ousou enfrentar o impossível para viver uma grande história de amor



ENTRE NÓS

E talvez o meu maior preconceito seja te amar incondicionalmente, e, na mesma proporção, lutar contra esse amor!

Após se formar no Ensino Médio, Ísis Fernandes, mesmo tendo sido aprovada em uma Universidade Federal, convenceu a si mesma e a seus pais de que precisava de um tempo para decidir qual profissão queria seguir. Porém, agora, depois de dois anos curtindo sua então chamada "férias", e tendo colocado um fim em um relacionamento de anos com o namorado de adolescência, achou nesse momento tenso a oportunidade perfeita para retomar os estudos.

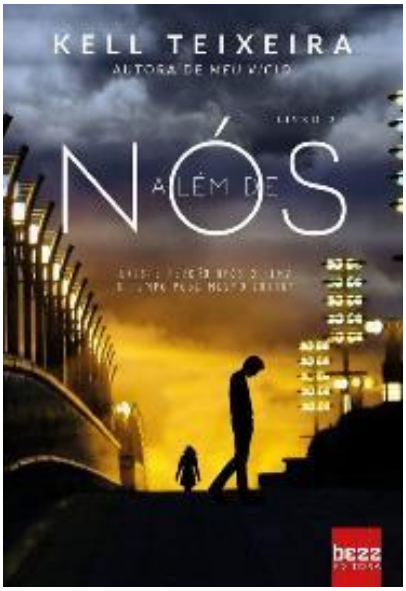
Ísis esperava tudo dessa nova fase em sua vida, só não esperava que o verdadeiro amor batesse à sua porta. No entanto, estará ela disposta a viver esse amor que a fará encarar o preconceito de frente, indo além de um amor impossível? Esse sentimento será mesmo capaz de vencer todas as vozes que o consideram loucura? E bem mais que isso, seu amor é mais forte que o seu próprio preconceito?

Felipe sempre seguiu as regras e a principal era nunca deixar alguém se aproximar muito. Ele já conhecia bem a dor que isso traria e não estava disposto a senti-la. Porém, quando o amor faz as suas escolhas, há como fugir?

Uma coisa é certa, o amor tem o poder de nos iludir, mas não nos deixa imune aos males da vida...

Nunca é tarde para abrirmos mão dos nossos preconceitos.

(Henry David Thoreau)



ALÉM DE NÓS

Você já teve a sensação de pós-morte? Viu a sua vida passar diante dos seus olhos sem poder interferir em nada? Já se perguntou se um coração consegue bater mesmo depois de ser dilacerado? Ou mesmo sobreviver apenas com a sombra da felicidade que um dia chegou a sentir?

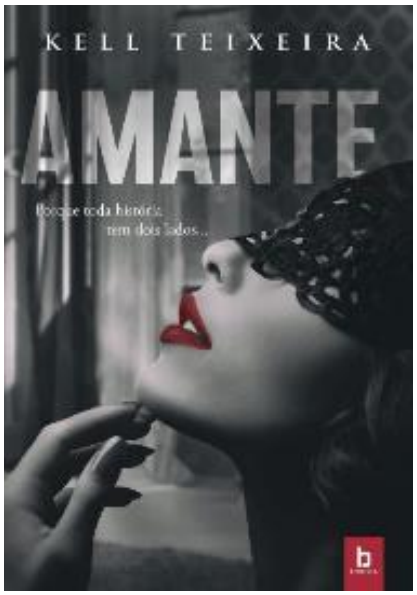
Se você passou por tudo isso, sabe que não tem saída, que não se trata de seguir em frente, mas de sobreviver lentamente um dia de cada vez.

Por anos, Felipe tentou se reerguer buscando a resposta de como juntar os pedaços após ter sido destruído por completo.

Ísis acreditou que estava fazendo um sacrifício em nome do amor.

Existe perdão após o fim? O tempo pode curar?

Ela tem as respostas das perguntas que para ele já deixaram de existir.



AMANTE

Ao receber uma proposta de emprego irrecusável de sua amiga Alexia, Kaylin Olsen achou ter encontrado a luz no fim do túnel para sua vida caótica. Mergulhada em dívidas e louca para encontrar a solução, ela esperava tudo desse novo emprego, menos estar tão próxima do marido da amiga.“Nada poderia dar errado”, foi o que pensou. Seria apenas um

emprego temporário para ajudá-la a reorganizar a vida, e assim que o fizesse ela procuraria por outro. E nada daria errado se esse homem, cujo coração e corpo pertenciam a sua amiga, não lhe despertasse desejos íntimos e pecaminosos, e o pior, era recíproco...“Tudo o que ele queria era extrair de mim o que não tinha dela. Mas sabendo disso, ao invés de resistir, meu corpo queria apenas se entregar.”(Kaylin)Não estava nos planos de Pietro contratar uma nova assistente, muito menos uma que fosse amiga da sua esposa, porém, por insistência da sua doce Alexia, ele acabou cedendo a vaga a uma desconhecida que sequer teve o trabalho de enviar um currículo. Não era do seu feitio empregar desconhecidos, mas Alexia sabia bem como convencê-lo, e, segundo sua esposa, ela precisava muito ajudar a amiga. E, obviamente, era através dele que ela faria isso. Apesar de odiar a ideia, não seria um contrato eterno, ele poderia aceitá-la para agradar Alexia, mas na primeira oportunidade dispensaria a tal amiga. “Nada poderia dar errado”, foi o que ele disse a si mesmo. E nada daria se ele, ao conhecer a linda Kaylin, não se visse completamente atraído por sua nova assistente.Em um jogo perigoso, ambos permitem que o imenso desejo que sentem seja consumado, dando assim início a uma turbulenta e pecaminosa história onde o amor nem sempre dará as cartas.

Livro recomendado para maiores de 18 anos.